

# plura

revista de estudos de religião

JOURNAL FOR THE STUDY OF RELIGION





# plura

revista de estudos de religião

JOURNAL FOR THE STUDY OF RELIGION



## **Associação Brasileira de História das Religiões**

### **Diretoria Executiva (2019-2021)**

Presidente: Me. Diego Omar da Silveira, Universidade do Estado do Amazonas  
Secretária de divulgação: Dra. Bruna Marques Cabral, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

### **Comissão Científica**

Dr. Emerson José Sena da Silveira, Universidade Federal de Juiz de Fora  
Dra. Leila Marrach Basto de Albuquerque, Universidade Estadual Paulista  
Dra. Mabel Salgado Pereira, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora  
Dra. Sandra Duarte de Souza, Universidade Metodista de São Paulo Dr.  
Wellington T. da Silva, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

### **Comissão de Redação (2020-2021)**

Dr. André Dione Fonseca, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, editor chefe  
Dr. Bruno da Silveira Albuquerque, Associação Brasileira de História das Religiões, editor colaborador  
Paulo Sérgio Raposo da Silva, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, editor colaborador  
Silvio Lucas Alves da Silva, Universidade Federal do Oeste do Pará, estagiário

### **Conselho Editorial**

Dr. André Droogers, Vrije Universiteit Amsterdam, Holanda  
Dr. Artur Cesar Isaia, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
Dr. Dain Borges, University of Chicago, EUA  
Dr. Jean-Pierre Bastian, Université de Strasbourg, França  
Dr. Joanildo Burity, Faculdade Joaquim Nabuco, Brasil  
Dr. Luís Henrique Dreher, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil Dr.  
Paul Freston, Wilfrid Laurier University e Balsillie School of International Affairs, Canadá  
Dr. Pedro A. Ribeiro de Oliveira, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil  
Dra. Rosalind I. J. Hackett, University of Tennessee, EUA

PLURA, Revista de Estudos de Religião  
Associação Brasileira de História das Religiões  
v. 12, n° 1, 2021  
287p.  
Semestral  
ISSN: 2179-0019

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1>

**Foto da capa:** Jeyaratnam Caniceus

## Sumário

### Apresentação

- 07** Nem só de vírus é feita a contaminação por COVID-19:  
Religiões em tempos de pandemia

*Waldney de Souza Rodrigues Costa e Emerson José Sena da Silveira*

### Entrevista

- 15** Os estudos da religião em tempos de covid-19.  
Entrevista com Rodrigo Toniol

*Waldney de Souza Rodrigues Costa, Emerson José Sena da Silveira e  
Diego Omar da Silveira*

### Dossiê temático: Religiões em tempos de pandemia

- 30** Theology, Religious Studies & the Covid-19 Pandemic: 'Theology in  
English' goes global

*Graham Gerald McGeoch e Mariana Elise Thomas*

- 43** Liturgia online na pandemia: reflexões sobre as práticas religiosas de  
católicos e luteranos no Brasil

*Júlio César Adam e Moisés Sbardelotto*

- 61** A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos  
templos para as casas e para as mídias

*Valdir Stephanini e Julio Cezar de Paula Brotto*

- 80** A Peste Negra e o imaginário religioso nas obras de Jean Delumeau

*Sergio Luiz Marlow e Wanderley Pereira da Rosa*

- 99** Culturas visuais e pandemias: aproximações warburgianas aos  
motivos da Dança da morte e das Vanitas

*Helmut Renders*

- 121** Redes de cuidado: enfrentamento da Covid-19 nas religiões afro-  
brasileiras

*Daniela Calvo*

- 136** A Pandemia e a Igreja Católica no Brasil: Algumas reflexões sobre a postura do episcopado Brasileiro para o enfrentamento da pandemia do covid-19

*Reuberson Rodrigues Ferreira*

- 154** Pandemia no Século XXI: o discurso religioso e científico em periódicos adventistas

*Carlos Antônio Teixeira e Francisco Luiz Gomes de Carvalho*

- 177** Diaconia, crises e COVID-19: da adversidade à transformação

*Dionata Rodrigues de Oliveira e Márcia Eliane Leindecker da Paixão*

- 198** Economias morais evangélicas e governo Bolsonaro em tempos de pandemia

*Silas Fiorotti*

- 218** Igreja, “serviço essencial”? Compreendendo argumentos de parlamentares evangélicos

*Emanuel Freitas da Silva*

- 244** Pós-Editorial: Covid-19 e religião: sindemia, sindemônio e o desafio de compreender o religioso

*Emerson José Sena da Silveira e Waldney de Souza Rodrigues Costa*

#### **Artigos de temática livre**

- 258** Interface entre Mídiação e Mercado Religioso a partir do estudo da emissora católica Rádio São José

*Antonio Carlos Sardinha, Marcos Vinícius de Freitas Reis e Danilo Silva de Oliveira*

#### **Resenha**

- 283** Religião, política e pandemia

*Kamisson Danyel de Azevedo Silva*

- 286** **Pareceristas**

**Apresentação**  
**Nem só de vírus é feita a contaminação por COVID-19:**  
**Religiões em tempos de pandemia**

COVID-19 contamination cannot live by viruses alone:  
Religions in times of pandemic

Waldney de Souza Rodrigues Costa\*

Emerson José Sena da Silveira\*\*

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-1>

Quando em 2020 abrimos a chamada para este dossiê *Religiões em Tempos de Pandemia*, tínhamos dois objetivos. O mais óbvio era oferecer aqui na Plura um panorama dos principais eixos de discussão sobre as diferentes expressões religiosas do cenário que enfrentamos, mas também mantínhamos um interesse secundário em apresentar como o próprio estudo geral das religiões, praticado na Ciência da Religião ou nas Ciências Humanas como um todo, comportou-se em meio a esse contexto. Algo que pretendíamos captar entrevistando alguma liderança nesse campo de estudos e anexando a resenha de uma obra publicada no período. O que de fato ocorreu. Será possível encontrar tanto na entrevista cedida por Rodrigo Toniol, quanto na resenha que Kamisson Azevedo fez do livro *Religiões em Tempos de Crise*, lançado em 2020.

Em entrevista, Toniol compartilha as suas impressões no cenário recente e a experiência de estar à frente de uma comunidade científica nessa conjuntura, a Associação de Ciências Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM). Comenta fatos que envolveram diferentes religiões, indica temas que possivelmente serão destaque nos próximos trabalhos e explica o impasse da realização da *20ª Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina*, que estava prevista para acontecer em julho de 2020, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

---

\*Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor e chefe do Departamento de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: professorordney@gmail.com.

\*\* Doutor em Ciência da Religião, antropólogo, professor associado do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: emerson.pesquisa@gmail.com.

E Kamisson Azevedo, em sua resenha, comenta o resultado do projeto *Religando: Cursos de Extensão da Quarentena*, desenvolvido pelo professor Frederico Pieper e sua equipe na UFJF, ligada ao Grupo de Estudo em Teorias da Religião (ETER) do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR). O livro, organizado por Pieper e Danilo Mendes (2020), é uma coletânea de textos produzidos a partir dos primeiros módulos dos cursos promovidos em tempos de crise, como seu títulos sugere. Na resenha, Azevedo destaca que as condições sanitárias que nos exigiram adaptações acabaram por oportunizar a reinvenção criativa das práticas acadêmicas. A obra é fruto disso.

Ainda assim, esses não são os únicos momentos em que os estudos de religião se tornaram eles mesmos o assunto em questão nesse dossiê. De forma inusitada, recebemos o texto *Theology, Religious Studies & the Covid-19 Pandemic: 'Theology in English' goes global (Teologia, Ciências da Religião e a pandemia da Covid-19: 'Teologia em Inglês' se torna global)*, de Graham Gerald McGeoch e Mariana Elise Thomas, dedicado a apresentar as transformações criativas que o programa *Theology in English*, desenvolvido no âmbito da Faculdade Unida de Vitória (FUV), no Espírito Santo, experimentou no contexto da Pandemia, especialmente com a possibilidade de envolver pessoas oriundas de diferentes locais. Embora esse artigo não estivesse no escopo dos temas que inicialmente compunham a chamada para o dossiê, coadunava com a proposta que tínhamos em mente como objetivo secundário. Na leitura será possível perceber as afinidades entre a reinvenção das práticas de ensino na FUV e a reinvenção das práticas de extensão na UFJF, além de uma aproximação com o que nos relatou Toniol.

Com isso, escolhemos esse texto para abrir o dossiê, como uma espécie de ponte entre a entrevista e os demais textos do número.

Com a chamada para o dossiê *Religiões em Tempos de Pandemia*, tínhamos o objetivo de abarcar as mais diferentes dimensões do componente religioso do cenário gerado com o surgimento do novo coronavírus, sem perder de vista a presença desse componente em situações passadas, quando a humanidade enfrentou conjunturas semelhantes. Esperávamos aglutinar nesse número da Plura principalmente temas como as transformações das práticas religiosas que tiveram que ser suspensas para a redução da contaminação, os dramas em torno da impossibilidade dos rituais de luto, o lugar da espiritualidade no cenário de incerteza causado pela pandemia, as formas como diferentes religiões interpreta-

ram novas doenças – incluindo a COVID-19, o engajamento de instituições e grupos religiosos na assistência social às camadas que mais sofreram o efeito econômico do necessário isolamento social, as tensões entre o discurso religioso e o discurso científico, o papel do lobby religioso no desenho de políticas públicas de saúde adotadas e a capelania hospitalar antes, durante e depois da pandemia. Cumprimos em grande medida o objetivo. Apesar de não conseguirmos nenhum artigo mais focado nos rituais de luto ou na capelania hospitalar, todos os demais temas propostos constam nesse dossiê.

Logo após o primeiro artigo sobre as transformações no estudo das religiões, temos os artigos sobre a reinvenção das práticas religiosas em si. No texto *Liturgia online na pandemia: reflexões sobre as práticas religiosas de católicos e luteranos no Brasil* será possível encontrar uma reflexão sobre o desafio que a necessária prática litúrgica em formatos alternativos impôs às instituições religiosas.

Os autores Júlio Adam e Moisés Sbardelotto, a partir de documentos oficiais católicos e luteranos emitidos em 2020, apresentam a “inculturação digital” como algo que depende de revisão teológica. Algo semelhante ao que discutem Valdir Stephanini e Julio Cezar Brottono artigo *A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos templos para as casas e para as mídias*. Os autores recuperam a história de importantes pandemias enfrentadas pela humanidade para relatar como se tornaram oportunidades de revisão da liturgia em instituições cristãs, não só para responder às demandas sociais em geral, como também atender às suas próprias comunidades. Entendem os autores que, assim como foi com a peste negra (1346 a 1352) e a gripe espanhola (1918 a 1920), a situação vivida com a Covid-19 tende a gerar mudanças profundas em termos culturais, práticos e de ideias.

No dossiê constam mais dois artigos que recuperam a memória da peste negra como enfermidade de proporções enormes e multissistêmicas. São textos atravessados pelo tema da interpretação religiosa das doenças. O primeiro é *A Peste Negra e o imaginário religioso nas obras de Jean Delumeau*, de Sergio Luiz Marlow e Wanderley Pereira da Rosa. Os autores julgaram esse momento que vivemos com a Covid-19 oportuno para recuperar a memória da peste tal como aparece nas obras de um dos mais importantes historiadores do cristianismo, que faleceu justamente em 2020, aos 93 anos. O texto, que é um exame do tra-

balho de Jean Delumeau visando recuperar o imaginário religioso da peste negra, é também uma homenagem por ocasião de sua morte. Ele é seguido do artigo *Culturas visuais e pandemias: aproximações warburgianas aos motivos da Dança da morte e das Vanitas*, de Helmut Renders, que versa sobre o reflexo da constante convivência com a morte na arte religiosa da Renascença. Esse artigo de certa forma também se conecta ao tema da espiritualidade no cenário de incerteza, por conta de tocar a questão da necessidade de domesticar as angústias que surgem diante de um contexto aparentemente indomável. O autor destaca o lugar das imagens em meio a isso.

Em todo caso, seja nas situações passadas ou na mais recente, da interpretação religiosa dos fatos dependem as respostas das comunidades de fé à crise que se estabelece. Elas podem variar bastante. Há casos em que ganha ênfase engajamento na assistência social e esse é um dos principais tópicos do artigo *Redesdecuidado: enfrentamento da Covid-19 nas religiões afro-brasileiras*, de Daniela Calvo. Destacando o posicionamento imediato de instituições como a *Federação das Religiões Afro-Brasileiras (AFROBRAS)* e a *Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (RENAFRO Saúde)*, a autora descreve o papel de terreiros no enfrentamento da crise gerada pela Covid-19, chamando a atenção para a colaboração com o Sistema Único de Saúde (SUS) e todo o trabalho de confecção de máscaras e montagem de cestas básicas para distribuição.

Contudo, há também o caso em que lideranças religiosas não se portam de maneira tão ativa. Essa é a interpretação que Reuberson Ferreira dá aos arcebispos católicos brasileiros, no texto *A Pandemia e a Igreja Católica no Brasil: Algumas reflexões sobre a postura do episcopado Brasileiro para o enfrentamento da pandemia do Covid-19*. Analisando as notas oficiais das Arquidioceses, o autor repara que a postura foi muito mais de sujeição a decretos públicos do que de livre iniciativa de contenção da contaminação. As posturas mais incisivas só vieram com o agravamento do quadro.

Há que se considerar que o desenho das respostas à crise pode esbarrar nas frequentes tensões entre o discurso religioso e o discurso científico. Uma das formas de lidar com isso é apresentada por Carlos Teixeira e Francisco Carvalho no artigo *Pandemia no Século XXI: o discurso religioso e científico em periódicos adventistas*. Analisando as edições de abril de 2020 de revistas ligadas de alguma maneira à Igreja Adventista do Sétimo Dia, os autores encontraram a veicula-

ção do discurso científico e religioso sobre a Covid-19 em um movimento pendular que, ora enfatizava informações científicas relevantes para conter o contágio, ora enfatizava uma interpretação escatológica dos fatos. Ao final, perceberam uma política editorial que visava familiarizar o fiel leitor com o conhecimento científico de forma a atenuar possíveis entrechoques com as questões da fé professada. Mas os níveis de tensão entre esses discursos só se agravam com os textos que vêm a seguir.

No artigo *Diaconia, crises e COVID-19: da adversidade à transformação*, de Dionata Rodrigues e Márcia Paixão, temos o inusitado caso em que a solidariedade espontânea praticada por religiosos de confissão luterana só pode ser realizada no enfrentamento do discurso religioso do qual se vale Bolsonaro, ao presidir o país durante a crise, praticando uma espécie de cristofascismo, tal como é caracterizado no texto. Essa solidariedade, que no âmbito luterano é chamada de diaconia, assemelha-se ao que foi discutido por Daniela Calvo anteriormente. No entanto, o texto se diferencia por enfatizar não apenas a atuação, recuperando o histórico da assistência, como também a necessidade de luteranos, que também são evangélicos de certa forma, lidarem com o discurso hegemônico evangélico em apoio ao presidente.

O texto *Economias morais evangélicas e governo Bolsonaro em tempos de pandemia*, de Silas Fiorotti, é uma oportunidade para aprofundar essa discussão. Partindo da reflexão sobre a emergência de uma espécie de cultura pública evangélica no Brasil, o autor analisa discursos evangélicos proferidos pelos seus grupos hegemônicos durante a crise de saúde pública e percebe afinidades entre a concepção de liberdade religiosa irrestrita contida nesses discursos e a concepção de liberdade individual defendida por Bolsonaro em seu governo, que, longe de assumir uma forma ditatorial, atenta contra as instituições republicanas para enfraquecê-las no sentido de favorecer sua família e seus aliados mais próximos. A liberdade religiosa reivindicada nos discursos analisados se encontra com a liberdade promovida pelo governo Bolsonaro na irresponsabilidade.

Nessa mesma toada segue o artigo de Emanuel Silva, intitulado *Igreja, “serviço essencial”?* *Compreendendo argumentos de parlamentares evangélicos*, com a diferença do destaque à questão do lobby religioso no desenho das políticas públicas de saúde. Ele analisa os argumentos mobilizados por deputados estaduais evangélicos do Ceará com o intuito de colocar os templos no rol dos

serviços essenciais cujo funcionamento era permitido durante os períodos em que era necessária uma maior reclusão para conter o avanço da Covid-19. A contextualização feita para a análise revela que os deputados são uma peça de uma trama maior, em que o lobby é realizado por diferentes figuras de alguma maneira ligadas ao coletivo evangélico. Para o autor do artigo, ao firmar os templos como serviço essencial, os agentes não miravam apenas o momento urgente, mas também situações futuras, em outras crises de saúde que virão, e teriam esse tipo de forma e condicionamento. E cabe destacar que o que se viu no Ceará também aconteceu em muitas localidades ao redor do país.

Ao final, esse número da Plura ainda conta com o artigo livre, *Interface entre Mídiação e Mercado Religioso a partir do estudo da emissora católica Rádio São José*, de Marcos Vinicius de Freitas Reis, que analisa uma estação católica de rádio no Amapá que se detém na comunicação institucional com certa fragilidade, sem explorar as muitas potencialidades comunicacionais. É nesse momento que pensamos: quão diferente é o mundo evangélico! Com tamanha expertise no trabalho com mídias, são os grupos com maior capacidade de operar adaptações como as que são apresentadas no início do dossiê. Porque é justamente da vertente religiosa que possui o maior potencial de adaptação que emergem as vozes mais irresponsáveis com a contaminação por Covid-19? Esse é um problema cuja resposta talvez não esteja nesse conjunto de textos, mas eles com certeza ajudarão a produzi-la.

Diante de tudo o que encontramos nesse dossiê, fica um tanto evidente que a contaminação por Covid-19 não acontece apenas por uma fração de RNA que se espalha entre humanos, afetada por alguns fatores sociais. Os fatores que excedem a esfera biológica não são só fatores, mas parte integrante do enredo dessa contaminação, sem a qual ela não só poderia acontecer de outra forma, mas talvez nem aconteceria. O que temos aqui não são fatores religiosos condicionantes e isolados, mas aspectos religiosos da contaminação que é uma trama tecida com fios biológicos e fios da política, da gestão pública, da negação, das variadas expressões de fé... Fios inseparáveis na realidade. Não é eficiente abordar essa doença, e outras, isolando um tipo de fio, de forma a individualizar algum aspecto, perdendo de vista a imensa trama. Sem entender isso, não conseguiremos lidar bem com a Covid-19.

Essa constatação nos aproxima do conceito de sindemia, de Merrill Singer (2009). Desde os anos 1990, esse antropólogo, que também é médico, tem se de-

dicado a uma melhor compreensão da frequência e da distribuição das doenças nas populações humanas. A ideia de sindemia advém do reconhecimento, através de várias pesquisas interdisciplinares realizadas nas últimas décadas, da fusão de determinantes biológicos e socioculturais na realidade dos processos de adoecimento. Conceitualmente, ela é caracterizada pela interação entre pelo menos duas doenças em determinada população em um contexto peculiar, ou seja, que vive de uma forma específica (SINGER, 2009).

Em termos gerais, uma das grandes implicações desse conceito para profissionais da saúde é na forma de lidar com as afecções. Geralmente, cada doença é tratada de uma maneira. Ainda que um paciente seja acometido por duas enfermidades ao mesmo tempo, cada uma recebe o seu trato específico. Uma tentativa de ultrapassar essa abordagem comum é a ideia de comorbidade, usada quando se percebe que uma enfermidade anterior facilitou o agravamento de uma adquirida mais recentemente. Porém, a noção de sindemia defendida por Singer (2009) vai além. Entende-se que há enfermidades que se agravam mutuamente, de forma que quem contrai as duas não está com dois problemas, mas também está com um terceiro, que é a potencialização dos outros dois. Isso possui várias implicações para a área da saúde, mas a mais importante para as pesquisas em Ciências Humanas vem a seguir. De acordo com Singer (2009), uma sindemia ocorre quando pessoas que vivem de determinada forma, em certas condições, estão em maior propensão a sofrer da interação entre essas duas doenças a ponto de fazê-las, juntas, atingirem proporções pandêmicas.

Nesse ponto é importante destacar que se trata apenas de um conceito, uma palavra com determinada finalidade. Singer (2009) alerta para o fato de que epidemiologistas vivem reclamando das imprecisões entre os termos epidemia e pandemia, de forma que, se pandemia é uma epidemia que atingiu proporções globais, há muitas doenças cuja disseminação ultrapassou o território de um país ou continente, tornando difícil a sua classificação, como uma ou outra coisa. Em todo caso, são termos determinados no uso, de forma que é útil chamar uma epidemia de pandemia quando se quer tomar providências que diante de epidemias geralmente não são tomadas. Com sindemia não é diferente.

Se em todo o dossiê aqui apresentado o termo pandemia é o mais encontrado, ao final da leitura, ficamos com a impressão de que talvez fosse útil interpretar como sindemia aquilo que ocorre com a Covid-19 em interação com as afecções que se popularizaram como “comorbidades”. Toda essa disseminação só

se realiza em uma população que vive com suas crenças e não crenças, praticando certas religiões de maneiras específicas que se tornam, ao final, parte integrante dessa experiência coletiva de contaminação, sendo decisiva em seu agravamento ou não. A quem quiser conhecer um pouco dessa parte, fica o convite à leitura dos textos e a essa reflexão. Com a sensibilidade que o tempo atual exige, será possível chegar a conclusões semelhantes às que chegamos e julgamos melhor não acoplar a essa introdução para não estendê-la além do necessário, optando por consolidá-las no texto pós-editorial *A Covid-19 e a Religião: sindemia, sindemônio e o desafio de compreender o religioso*, apresentado como um comentário de fechamento do dossiê.

### **Referências bibliográficas**

PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo (org.). *Religiões em tempo de crise*. São Bernardo do Campo, SP: Ambigrama, 2020. Disponível em: [https://www2.ufjf.br/ppcir/wpcontent/uploads/sites/145/2020/09/Religiao\\_e\\_m\\_tempos\\_de\\_Crise-li-vro-final.pdf](https://www2.ufjf.br/ppcir/wpcontent/uploads/sites/145/2020/09/Religiao_e_m_tempos_de_Crise-li-vro-final.pdf). Acesso em 25 de março de 2021

SINGER, Merrill. *Introduction to syndemics: a critical systems approach to public and community health*. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.

## Os estudos da religião em tempos de covid-19.

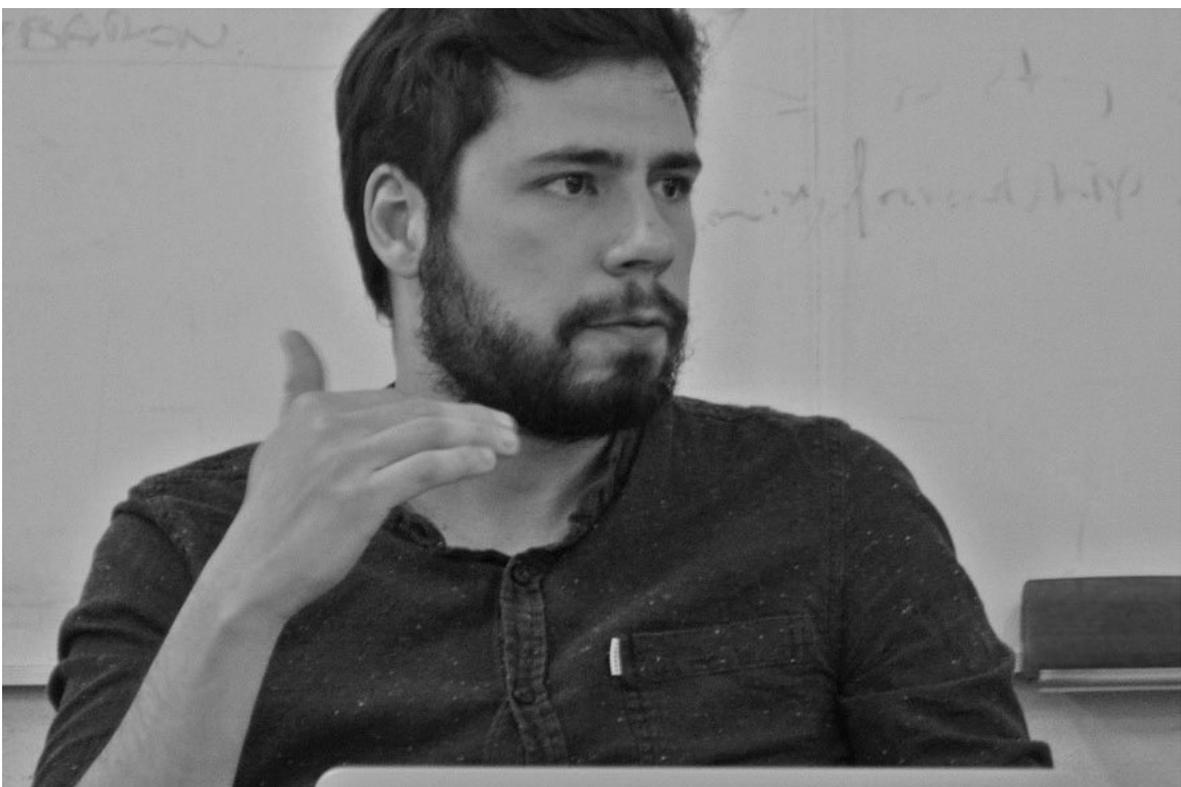
Studies of religion during the covid-19. Interview with Rodrigo Toniol

Waldney de Souza Rodrigues Costa\*

Emerson José Sena da Silveira\*\*

Diego Omar da Silveira\*\*\*

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-2>



Como sugeriu Emerson Giumbelli em seu texto publicado no *Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus*, “para quem pesquisa a presença pública das religiões, a epidemia do coronavírus vem trazendo um instigante conjunto de situações a

---

\*Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor e chefe do Departamento de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: professorordney@gmail.com.

\*\* Doutor em Ciência da Religião, antropólogo, professor associado do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: emerson.pesquisa@gmail.com.

\*\*\* Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: diegomarhistoria@yahoo.com.br.

acompanhar” (Giumbelli, 2020, p. 506). Situações inusitadas, ainda em curso, dadas pelo necessário isolamento social, têm imposto tanto às religiões quanto aos seus analistas a necessidade de repensar o papel dos vínculos pessoais na organização dos cultos e na manutenção dos templos abertos, tanto quanto a caracterização das Igrejas como “serviço essencial” implica no reconhecimento implícito, em geral por parte do Estado, de que as religiões estão no “fundamento da sociedade” – um tipo de equação que não está isenta, é claro, de consequências políticas e nem mesmo sanitárias, já que as aglomerações são responsáveis pela transmissão acelerada do vírus.

Esses temas, bem como os desafios de manter ativas as redes de pesquisadores do campo religioso brasileiro e latino-americano, estão na conversa que tivemos, por e-mail, com Rodrigo Toniol, professor adjunto do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre e doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Toniol tem se destacado pelo excelente trabalho de edição na revista *Debates do NER* e pelo esforço de estreitar os vínculos entre a academia e a sociedade, empreendimentos que o levaram à presidência da Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM) e a tornar-se colaborador da plataforma *Estado da Arte*, ligada ao jornal paulista *O Estado de São Paulo*. Além disso, têm publicado nos últimos anos um relevante conjunto de artigos em periódicos acadêmicos nacionais e internacionais e organizado coletâneas, como *Cientistas sociais e o Coronavírus* (ANPOCS, 2020), *Como as coisas importam: uma abordagem material da Religião – Textos de Birgit Meyer* (Editora da UFRGS, 2019) e *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos* (Editora da Unicamp, 2018). Foi também co-editor da *Encyclopedia of Latin American Religions* (Springer, 2015).

Na entrevista, que buscamos manter em uma linguagem bem acessível e coloquial, ele nos contou um pouco de sua trajetória e de seus interesses atuais de pesquisa, muito embora, como os leitores notarão, a situação com a Covid-19 tenha ocupado o centro de nossas atenções.

**Waldney Costa, Emerson Silveira e Diego Omar:** Rodrigo Toniol, como tem sido sua trajetória de estudos na área de religião nos últimos anos?

**Rodrigo Toniol:** Considerando os últimos 5 anos, tenho me dedicado a explorar um universo que me parece fascinante e ainda pouco investigado pelos estudiosos da religião. Meu ponto de partida mais geral, no entanto, é quase um lugar comum na área: as articulações entre religião e saúde. Certamente esse é um campo vigoroso na área, com uma longa tradição e vasta bibliografia, tanto internacional quanto nacional. Em uma mirada mais geral, esse campo de debates parece ter se concentrado em dois grandes universos. De um lado, a análise de sistemas de saúde-doença próprios de grupos religiosos. Os sistemas de tratamento e cura da umbanda, do espiritismo, do catolicismo carismático, das religiões de matriz africana e do pentecostalismo já foram objeto de inúmeras investigações, por exemplo. De outro lado, sobretudo a partir da década de 1990, observamos o aumento no interesse em um campo que atraiu a atenção de muitos pesquisadores, a chamada Nova Era. Caracterizada por um intenso processo de desinstitucionalização da religião e, ao mesmo tempo, de dispensa da mediação religiosa, os debates sobre Nova Era também ampliaram a circulação de uma categoria que é chave para minhas pesquisas mais recentes, espiritualidade. Nesse caso, espiritualidade seria distinta da religião justamente por um traço pouco institucional – contrário à religião. A atenção à Nova Era também colocou na pauta do dia as chamadas terapias alternativas, que durante algum tempo foram interpretadas como um fenômeno associado.

Meus interesses de pesquisa atuais fazem um giro nesse campo da religião e saúde, colocando foco no que tenho chamado de “espiritualidades institucionalizadas”. Em um primeiro momento estive interessado na oficialização das terapias alternativas no SUS. Portanto, o que estava em jogo era a consolidação de uma política de saúde que colocou um fenômeno que vinha sendo descrito pela literatura como marcadamente das classes médias, urbanas, escolarizadas e ‘nova ericadas’, em postos de saúde da periferia e do interior do país. Em sequência, e essa é a chave de pesquisa sobre a qual eu ainda me dedico, passei a me concentrar no interesse das ciências médicas pela “espiritualidade”. Tenho feito pesquisa, junto a um grupo muito animado de estudantes e pesquisadores convidados, em: 1) laboratórios de médicos pesquisadores que investigam os impactos da espiritualidade na saúde; 2) os usos clínicos da espiritualidade; 3) a mobilização da categoria espiritualidade em políticas oficiais de saúde. Interesse-me, portanto, por essa categoria difícil, “espiritualidade”, no campo da saúde – não em contextos marginais ou alternativos, mas no *mainstream*, como em hospitais universi-

tários, na Organização Mundial da Saúde e em grupos de pesquisas registrados no CNPq. Este é um projeto apoiado pela Fapesp e, individualmente, o tema de minha própria bolsa de produtividade no CNPq.

É claro que como especialista em religião, assim como outros colegas, eu também me vi impelido a contribuir com o debate público sobre religião e política. Por dever do ofício também tenho feito intervenções nesse campo. Algumas dessas intervenções em artigos acadêmicos, mas muitos outros na grande imprensa, principalmente na coluna regular no jornal *O Estado de São Paulo* que assino desde 2019. Essa é uma experiência ainda nova e desafiadora para mim, mas que me sinto na responsabilidade de manter ativa.

Para terminar, tenho que dizer que o cargo de presidência da Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM) me colocou também diante da necessidade de atuar em política científica, fazendo articulações e mergulhando em realidades distintas da academia brasileira. Esse tem sido um aprendizado marcante e que também tem dado o tom de minha atuação no campo da religião nos últimos anos.

**Waldney Costa, Emerson Silveira e Diego Omar:** Em textos publicados no Jornal *O Estado de São Paulo*, em especial no *Além do vírus* (Toniol, 2020), você tem defendido que, embora o vírus seja um agente biológico, a pandemia é resultado de uma série de fatos que extrapolam em muito esse recorte. Algo que vemos como próximo ao conceito de sindemia, de Marrill Singer (2009). Que fatos religiosos você destacaria como mais evidentes componentes da pandemia ou sindemia de covid-19?

**Rodrigo Toniol:** Quero começar fazendo um comentário sobre esse conceito de sindemia. Ele parece apontar para uma dimensão necessária na intervenção das ciências sociais no debate público sobre a pandemia. Pelo que compreendo, fundamentalmente o que ele indica é que a pandemia é resultante de um conjunto de sinergias. Isso é, resultado de uma espécie de alinhamento de um amplo conjunto de fatores, relacionados com questões da biologia do vírus, mas também com dimensões bastante alheias a isso. Neste mesmo texto que vocês citaram esse foi o meu argumento. O artigo foi publicado logo no início da pandemia no Brasil, na segunda semana de março [de 2020], quando nem meia dúzia de casos haviam sido identificados no país. Quando o escrevi, no entanto, eu estava ter-

minando uma temporada de três meses como pesquisador visitante na Universidade de Utrecht, na Holanda. E por lá desde fevereiro a tensão com relação à iminência da pandemia já estava instaurada.

Basicamente o que argumentei naquele texto foi que a materialização da pandemia não depende apenas da atividade do vírus em si, mas que sua existência como um fato social depende da associação de elementos bastante dispersos: pareceres da OMS, pronunciamentos da comunidade científica, atitudes de governos nacionais, voos transatlânticos, etc. Com isso não estou querendo jogar água no perigoso moinho de algum construcionismo raso, não se trata de negar a realidade da pandemia, mas de situá-la como um fato social, na complexidade que isso carrega. Em certo sentido, portanto, qualquer pandemia é também uma sindemia. Afinal, não há univocidade nos eventos, eles sempre são múltiplos.

Com relação à parte da religião no evento da pandemia, consigo reconhecer alguns elementos. Antes mesmo da pandemia ganhar força no Brasil uma notícia que nos colocou diante de uma situação envolvendo religião foi a de uma igreja evangélica no Coréio do Sul, identificada como um dos espaços-chaves na disseminação do vírus, segundo o rastreamento feito pelo governo. No Brasil, não temos nenhuma informação quanto ao rastreamento do contágio e o possível papel que eventos religiosos tenham tido nisso. Ainda assim, as religiões tiveram papel ativo na construção da nossa experiência de pandemia. E digo isso pensando em pelo menos três dimensões. Primeira, a suspensão dos serviços religiosos é, em si, um dos fatos mais marcantes do campo religioso nas últimas décadas. Quais serão os seus efeitos e como as obrigações religiosas têm sido realizadas mesmo diante deste cenário são questões ainda a serem respondidas. A segunda dimensão está relacionada com o ímpeto negacionista por parte de alguns líderes religiosos, sobretudo no início da pandemia, que nos colocou diante de um cenário catastrófico e que rapidamente ganhou ainda mais densidade com a atuação de políticos que tentaram garantir as igrejas abertas. Certamente esse foi/tem sido um novo capítulo dos debates sobre religião, política e espaço público no país. Por fim, destaco as leituras escatológicas da pandemia. As formas religiosas de interpretação deste evento constituem outro aspecto que certamente podem render pesquisas aprofundadas em um futuro próximo.

**Waldney Costa, Emerson Silveira e Diego Omar:** Muitos fatos relacionados ao cristianismo evangélico ganharam destaque no Brasil. Essa vertente religiosa tem

inclusive uma presença destacada na seção *Religião* do livro *Cientistas Sociais e o Coronavírus*, que você organizou com a Miriam Grossi. Mas você podia comentar mais sobre outras vertentes em relação à COVID-19? O que você destacaria, por exemplo, no campo católico e nas religiões *new age*?

**Rodrigo Toniol:** Desde a década de 1980 diversos pesquisadores da religião começaram a atentar para a mediatização do pentecostalismo e do catolicismo brasileiro. As contribuições do próprio Emerson Sena são demonstrações desse interesse. Tenho a impressão de que a situação colocada pela pandemia nos impôs a necessidade de retomar essas pesquisas e avaliar o novo patamar de mediatização religiosa que atingimos. Cultos e missas transmitidas virtualmente, grupos de oração no *Facebook*, comunidades religiosas no *WhatsApp*, são apenas os exemplos mais imediatos que me ocorrem deste novo momento. As adaptações ritualísticas, as acomodações litúrgicas e as próprias escolhas de enquadramento e do que deve ser transmitido em *lives* por parte de sacerdotes e pastores me parecem um prato cheio para novas pesquisas.

Nocampocatólico, a pandemia ganhou contornos imagéticos com acena tão sedutora quanto melancólica do Papa Francisco atravessando a Praça de São Pedro até o altar, sozinho, cercado por um vazio retumbante. O vazio, as ausências e todo aquele cenário foi preparado para produzir as sensações que provocou. Aquele vazio é uma forma estética, manejada pela Igreja Católica cuja relevância na formação estética do Ocidente eu nem preciso comentar. Adriano Godoy (2020) escreveu um belo texto sobre isso para o site do LAR/Unicamp (Laboratório de Antropologia da Religião).

Quanto à Nova Era, embora não tenha conseguido acompanhar muito de perto, chegaram até mim práticas que também merecem nossa atenção, como as de interpretação do mapa astral do coronavírus, as leituras que associaram a própria pandemia com uma etapa importante da Era de Aquário, a popularização de canais no *YouTube* de cartomantes e por aí vai.

Também me sinto impelido a destacar a relação das religiões de matriz africana com a pandemia, que também ainda me parece pouco explorada. Afinal, como cumprir com as obrigações rituais dos terreiros em tempos de isolamento social? 2020 foi ano de Xangô, um orixá de justiça, como esse fato está relacionado com o que vivemos e como isso tem sido elaborado nas casas?

A pandemia trouxe consigo uma verdadeira agenda de pesquisa, espero que tenhamos fôlego para explorá-la.

**Waldney Costa, Emerson Silveira e Diego Omar:** Nesse contexto, o estudo das religiões produzido pelas Ciências Humanas não deveria ser levado mais a sério?

**Rodrigo Toniol:** Sem dúvidas, mas essa afirmação deve trazer consigo um conjunto de questões difíceis. Como isso pode ser revertido? Quanto dessa afirmação pode ser colocada na conta de uma onda mais recente de anti-intelectualismo? Por um lado, é preciso reconhecer que nunca tivemos tantos programas de pós-graduação na área de ciências humanas fortes como temos agora. Nunca a produção de artigos acadêmicos e também de livros escritos por acadêmicos para um público mais amplo foi tão fácil. Por outro lado, essa sensação de que as ciências humanas não são ouvidas é uma constante.

De minha parte, continuo apostando que a ampliação de cursos em ciências humanas tanto no nível de graduação quanto de pós-graduação dará frutos apenas daqui alguns anos. Está claro que nem todos esses novos profissionais permanecerão na carreira acadêmica, mas descobrirão novas formas de atuação profissional, de inserção nos debates nacionais. Tenho a impressão de que a emergência de novas plataformas de informação como o jornal virtual *Nexo*, cujas editoras e muitos dos contribuidores têm trajetórias vinculadas às ciências sociais, serão cada vez mais comuns. Isso não é desprezível.

Ao mesmo tempo, aqueles que como nós estão na carreira acadêmica, também precisam ampliar a disposição de intervenção no debate não especializado. E isso passa tanto pela presença na grande mídia, como na criação de estratégias de comunicação diversificadas. A experiência do boletim *Cientistas Sociais e o Coronavirus* me parece ser um exemplo claro. Na política editorial da publicação nós insistimos em duas características que para nós eram fundamentais: os textos deveriam ser curtos (no máximo 1.000 palavras) e seriam publicados sempre com uma imagem atrativa. Nosso objetivo com isso era bastante específico, a viabilidade desses textos circularem nas redes sociais. O retorno foi imediato. Alcançamos um público leitor que raramente acessa os resultados de nossas pesquisas quando publicadas em periódicos científicos, usualmente com linguagem mais hermética e de difícil acesso para quem

não é do meio. Uma coisa não substitui a outra, apenas me parece claro que é hora de também investir nesses novos formatos.

**Waldney Costa, Emerson Silveira e Diego Omar:** Diante da COVID-19, várias organizações acadêmicas dedicadas ao estudo das religiões, como a ANPTECRE, a AMAR, a SOTER e a própria ABHR, têm se esforçado para ser parte da solução e não da própria pandemia/sindemia. Você pode nos falar um pouco sobre os desafios que enfrentou à frente da ACSRM e o impasse da realização da 20ª Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina?

**Rodrigo Toniol:** Adiar a Jornada foi uma decisão difícilíssima de ser tomada. Eu assumi a presidência da Associação por um mandato de dois anos, que se encerraria justamente no evento que realizaríamos no Brasil. Nós já havíamos recebido mais de 500 inscrições e possivelmente teríamos um recorde de participação. Os conferencistas já estavam confirmados, as mesas-redondas retomavam temas mais clássicos, mas também garantimos um amplo conjunto que trazia debates bastante recentes do campo. Quando assumimos a direção da Associação recebemos a incumbência de formalizar uma mudança grande, inclusive rebatizando-a como Associação dos Cientistas Sociais da Religião da América Latina. Efetivamente a Associação já é latino-americana e em São Paulo celebraríamos essa amplitude. No entanto, justamente por conta deste perfil internacional da Associação, a Jornada dependia da possibilidade das pessoas circularem livremente, da liberação das fronteiras, da disponibilidade de voos, enfim, não havia possibilidade de manter o evento. Adiá-lo também significava manter a diretoria empossada por mais um mandato de dois anos, já que decidimos ser prudentes e deixar o evento para 2022.

Diante desse quadro, o desafio que se impôs foi o de tentar continuar promovendo encontros e diálogos entre pesquisadores latino-americanos. Foi tendo isso em vista que criamos a série de seminários virtuais, que realizamos mensalmente e transmitimos pelo Facebook da Associação. Com esse espírito nós também passamos a apoiar outras iniciativas de associações parceiras, como a própria ABHR, disponibilizando a infraestrutura virtual que tivemos que criar para viabilizar essas atividades.

Particularmente eu não tenho dúvidas de que os encontros presenciais são insubstituíveis, mas depois de quase um ano de experiência utilizando essas

soluções digitais também ficou mais clara a possibilidade de mantermos aquecido um espaço de debate. Além disso, há um claro efeito de divulgação dos nossos debates, que no formato digital consegue alcançar pessoas que dificilmente atingiríamos e também obter números muito expressivos de audiência. Nossos seminários virtuais, por exemplo, uma semana depois de publicados em nossa página atingem uma média de 2.000 visualizações.

**Waldney Costa, Emerson Silveira e Diego Omar:** Sabemos que ainda há pouco diálogo entre os estudiosos brasileiros e latino-americano no campo dos estudos de religião. No entanto, é fundamental aproximarmos e lermos mais uns aos outros. Nos últimos anos, a ACSR, entre outras associações, tem procurado superar essas distâncias. Como você avalia o diálogo entre os estudos de religião no Brasil e na América Latina? Quais os destaques? E em quais áreas ou linhas de pesquisa dos estudos de religião há pouco diálogo entre Brasil-América Latina?

**Rodrigo Toniol:** Por mais duro que dizer isso seja, não consigo responder a essa pergunta sem sustentar que minha impressão é que nós, pesquisadores brasileiros da religião, vivemos numa espécie de estado dissociativo. Todos estamos dispostos a reconhecer a relevância do diálogo com colegas da América Latina, de afirmar os ganhos disso, de identificar a vitalidade intelectual do continente no campo da religião. Ao mesmo tempo, quando nos propomos a observar efetivamente como esse diálogo ocorre o resultado é decepcionante. Há uns três anos a Associação realizou um levantamento interessante reunindo programas de cursos de graduação e de pós-graduação dedicados à religião ministrados em universidades de toda América Latina. Em linhas gerais, o dado mais gritante foi que o Brasil é o país com maior oferta de cursos, algo certamente relacionado com o tamanho de sua estrutura universitária, ainda que essa não seja a única explicação possível para isso. O fato é que sim, temos uma forte tradição em estudos de religião no país. Na lista dos países com oferta significativa de cursos, Argentina e México também merecem destaque. Ocorre que quando mergulhamos no conteúdo desses cursos, o que vemos por parte dos brasileiros é a quase completa ausência de autores latino-americanos como leitura obrigatória. Nós ensinamos ciências sociais da religião ou a partir de nossos conterrâneos ou de textos de autores do Norte global. Argentinos e mexicanos, por outro lado, parecem estar muito mais dispostos a dialogar entre si e com intelectuais brasileiros do que nós. Claro que poderíamos levantar a

questão da barreira linguística, mas essa é uma explicação frouxa diante da contundência do dado que mencionei.

O mesmo que eu disse sobre os programas se aplica com relação aos artigos e textos que produzimos, basta olhar a bibliografia dos últimos artigos de brasileiros publicados por *Religião e Sociedade*, pela *Plura*, por *Debates do NER* e pela própria revista da Associação, a *Ciências Sociais e Religião*.

Certamente a Associação e outras entidades científicas têm contribuído para melhorar esse quadro, mas confesso que minha sensação neste quesito é de uma insuficiência sistemática. Por isso eu não me sinto sequer confortável para apontar uma ou outra área na qual essa escassez de diálogo seja mais notável. Te-nho a sensação de que esse é um problema bastante generalizado.

**Waldney Costa, Emerson Silveira e Diego Omar:** É possível articular política e espiritualidade? Como você vê essas duas dimensões que, em geral, estão bem separadas nos estudos de religião, mas que, na verdade, possuem profunda ligação?

**Rodrigo Toniol:** De saída, concordo que nos estudos de religião os vínculos entre política e espiritualidade são pouco explorados ou mesmo recusados. Quero tomar dois caminhos para responder a essa questão.

O primeiro tem a ver com o próprio modo pelo qual a categoria espiritualidade tem sido tratada pelas ciências sociais. Apesar da larga trajetória histórica dos debates acerca da categoria espiritualidade na filosofia clássica e na teologia, no campo da antropologia a análise pormenorizada dos usos e das apropriações da “espiritualidade” é um tema pouco frequente e sistematizado. Por um lado, o caráter impreciso e pouco estruturado do termo não inibe sua recorrência em narrativas etnográficas, por outro, no mesmo passo que testemunhamos essa constância também constatamos uma espécie de marginalidade das reflexões sobre a categoria, muitas vezes descrita, simplesmente, como uma forma de negação da religião institucionalizada ou como sinônimo de uma religiosidade centrada unicamente na intimidade do sujeito.

Ainda nos falta uma leitura mais sistemática e consequente dessa categoria. Espiritualidade é um termo moderno, que emergiu junto com as noções de religião e de secular. Ocorre que, ao contrário dessas duas últimas, espiritualidade ainda não foi tratada a partir de sua genealogia – embora algumas tentati-

vas recentes de um conjunto de pesquisadores mereçam destaque. O efeito dessa falta de depuração genealógica é que a noção de espiritualidade permanece coberta pela aura de um termo sem vínculos históricos e sem consequências políticas. Enquanto isso não for visibilizado, dificilmente poderemos avançar nas reflexões sobre espiritualidade e política.

Para destacar um ponto sobre isso que estou dizendo, basta chamar a atenção para o fato de que espiritualidade é um termo fortemente associado ao encontro colonial, tendo operado como categoria de mediação, muitas vezes carregada de violência epistêmica, da relação que estabelecemos com práticas características da Índia e da China, por exemplo.

O outro caminho possível de ser tomado para responder a essa pergunta re-toma os textos de Foucault sobre espiritualidade política. Vou me deter um pouco mais sobre esse aspecto e começo com algumas provocações: Quem pode duvidar da força disruptiva de uma revolta? Quem hesitaria em reconhecer a revolução francesa, maio de 68 ou a primavera árabe como marcos relevantes da história? Apesar de convergirmos diante dessas questões, elas nos remetem a outras cuja unanimidade é muito menos segura: afinal, o que é uma revolução? O que nos permite associar eventos temporalmente tão distantes e processos históricos tão distintos quanto a decapitação de Luís XVI na França e a pauta difusa de estudantes em protesto quase 200 anos depois?

Muita tinta já foi gasta sobre o tema. De Tocqueville a Marx, pensadores que contribuíram para a consolidação da própria matriz analítica das ciências sociais, a pergunta “O que move uma revolução?” ocupou o centro de muitos debates. A onda de protestos espalhados pelo mundo nesta última década nos carregou de volta para esse tema. E curiosamente é nesse contexto que reencontramos o livro *O enigma da Revolta*, de Michel Foucault, no qual o autor faz um importante exercício de vínculo entre espiritualidade e política.

Em 1978 Foucault já havia publicado algumas de suas principais obras: *As palavras e as coisas*, *Vigiar e Punir* e o primeiro volume de *História da Sexualidade*. Nesse mesmo período, no Irã, uma onda de protestos e um ciclo ascendente de violência perpetrada pelo exército abalaram o regime do Xá Pahlevi, no poder desde 1941, e ampliaram o apoio ao Aiatolá Khomeini. Crescente nacionalismo, reação à influência dos Estados Unidos na política e no cotidiano do país, aliados à demanda pela ampliação da visibilidade do islamismo, criaram as con-

dições para o crescimento dos protestos, que culminaram com a queda do regime.

Assim como outros intelectuais franceses, Foucault se interessou pelos acontecimentos. Mais do que isso, foi até Teerã em duas ocasiões para acompanhar os eventos. Em seu regresso escreveu uma série de textos, que chamou de *Reportagem das Ideias*, publicada pelo jornal italiano *Corriere della Sera*. A reação aos textos foi imediata. Sua análise foi considerada como um ato de condescendência e simpatia ao aiatolá Khomeini, incapacidade de diagnosticar a gravidade da situação e mesmo ingenuidade política. No centro do debate estava uma noção particular, que Foucault havia elaborado a partir daquelas observações e que bem descreve no trecho final de um de seus textos: “Qual o sentido, para os homens que moram no Irã, de buscar, ao preço mesmo de suas vidas, esta coisa cuja possibilidade nós esquecemos, desde o Renascimento e as grandes crises do cristianismo? Uma *espiritualidade política*. Eu já ouço os franceses rirem, mas eu sei que eles estão errados” (*apud* Foucault, 2019, p. 12). Foucault passou os anos seguintes tendo que explicar em entrevistas e textos o que queria dizer com essa noção. O livro *O enigma da Revolta* compila alguns desses materiais. A noção de espiritualidade política é apenas superficialmente polêmica, mas mais importante do que isso é a luz que joga sobre nossa própria imaginação acerca do Estado e de processos políticos modernos como fundados sob o terreno da laicidade e um horizonte secular. É a partir do processo revolucionário no Irã, mas não limitado a ele, que Foucault produz suas reflexões, cujo endereço, a ironia com o riso dos franceses não nos deixa enganar, também é o Ocidente.

A reação mais imediata à noção de espiritualidade política como elemento explicativo da Revolução Iraniana foi a acusação de que com ela, Foucault não problematizava a aproximação entre o religioso e o político, e ainda reforçaria a estratégia do aiatolá de legitimar um regime autoritário a partir de um avatar religioso. Foi nessa chave que Claude e Jacques Broyelle, por exemplo, reagiram aos textos de Foucault, afirmando que teriam servido para apoiar o governo de Khomeini por meio da noção de espiritualidade política, desconsiderando que “essa espiritualidade que vigia e pune não passava de um governo islâmico que a cada dia prova por meio de balas seu ilegalismo” (*apud* Foucault, 2019, p. 11). As considerações dos Broyelle além de explicitarem a falta de entendimento sobre o que Foucault estava elaborando, também denunciam a dificuldade da intelectualidade francesa daquele período em lidar com articulações entre religião e política.

ca, sem recorrer ao enquadramento histórico que projeta modernidade, política e religião como terrenos distantes. A modernidade, como nas décadas seguintes o antropólogo Talal Asad ajudou a compreender – não por acaso também refletindo a partir de contextos islâmicos – não instaura o fim da relação entre religião e Estado, mas, pelo contrário, institui um regime a partir do qual a religião passa a ser tema de Estado, afinal, é nesse momento que se torna necessário marcar quais são os limites, qual é o lugar e, em alguma medida, o que é religião. Foucault não aborda a revolução em si, mas tangencia a genealogia do próprio princípio revolucionário. E é aí, nas origens históricas de um processo político marcadamente moderno, que o filósofo reconhece a importância do que chama de espiritualidade.

O atalho para essa ideia, seguindo o caminho delineado por Foucault, é o livro *O princípio esperança*, de Ernst Bloch. Esse trabalho aborda como se deu a consolidação da percepção coletiva de que a realidade das coisas não está definitivamente instaurada e estabelecida, mas que pode haver, no interior mesmo do nosso tempo e da nossa história, uma abertura, um ponto de luz e de atração que nos dá acesso, desde este mundo, a um mundo melhor. É o estabelecimento dessa forma específica de percepção da história que nos remete aos vínculos entre a própria ideia de revolução e um princípio de origem religiosa. Afinal, foram fundamentalmente grupos religiosos dissidentes do cristianismo que, a partir de tensionamentos teológicos, passaram a sustentar a ideia de que, no interior mesmo do mundo em que se vive, algo como uma revolução, seria viável. Foi nesse período que se instaurou como horizonte possível e desejável, a transformação do mundo aqui e agora. O ideal político da revolução e a convicção de sua potência emerge de um debate escatológico, isso é, de um debate sobre o destino do mundo. Se antes, até os séculos XII e XIII, mas especialmente XV e XVI, a transformação do mundo estava condicionada ao seu próprio fim, com a intervenção divina, a partir de então, a esperança revolucionária deste mundo tornou-se possível de ser imaginada. A reforma protestante é o exemplo e a própria realização desse ato revolucionário que Foucault, em diálogo com Bloch, tenta cercar.

Espiritualidade, nesses textos, é a potência transformadora, aquilo que faz agir e transformar o futuro do mundo em que se vive, em um outro futuro. É por isso que espiritualidade, para Foucault, é uma prática de deslocamento de horizonte. As religiões, nas palavras do próprio filósofo francês, são ao mesmo tempo uma espécie de estrutura de acolhimento para essas formas de espiritualidade e

prescritoras de projetos de futuro daqueles que querem transformar a si mesmo. Religiões seriam, nesse caso, apenas uma das formas codificadoras da espiritualidade.

Seja pela necessidade de realizar uma espécie de genealogia da noção de espiritualidade, seja para retomar Foucault, como podem ver, o tema espiritualidade e política me mobiliza bastante.

**Waldney Costa, Emerson Silveira e Diego Omar:** E uma espiritualidade política libertadora, que leve em consideração as mais profundas desigualdades sociais e econômicas que vivemos, no Brasil e no mundo, também é possível?

**Rodrigo Toniol:** Se seguirmos a interpretação de espiritualidade política de Foucault, que descrevi anteriormente, diria que espiritualidade carrega uma potência. Nesse caso, não necessariamente libertadora, “apenas” uma potência. Como essa potência será ou pode ser dirigida é outra questão. O que estou querendo dizer, adotando a prudência como norte, é que espiritualidade política não é um valor em si e que seria perigoso concebê-la assim. O Brasil tem em sua história exemplos do que podemos chamar de espiritualidade política libertadora, as CEBs certamente foram demonstrações disso. Mas talvez seja necessário reinventar essas experiências.

### Referências bibliográficas

*Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus.* Disponível em <http://www.anpocs.com/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2325-boletim-semanal>

FOUCAULT, Michel. *O enigma da revolta: entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana.* São Paulo: n-1 edições, 2019.

GIUMBELLI, Emerson. Religiões em tempo de pandemia. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo (org.). *Cientistas sociais e o Coronavírus.* São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 506-509.

GODOY, Adriano. Papa e o vazio. In: *LAR Unicamp, Covid-19, Crônicas de Pesquisa, Novidades*, 29 mar. 2020. Disponível em <https://www.larunicamp.com.br/novidades/papa-e-o-vazio/>. Acesso em 27/01/2021.

SINGER, Merrill. *Introduction to syndemics: a critical systems approach to public and community health.* San Francisco: Jossey-Bass, 2009.

TONIOL, Rodrigo. Além do vírus: Não existe pandemia sem Estado. In: *O Estado d São Paulo, Estado da Arte.* São Paulo, 23 de março de 2020. Disponível em

<https://estadodaarte.estadao.com.br/alem-do-virus-pandemia-estado/>. Acesso em 27/ 02/2021.

**Livros publicados por Rodrigo Toniol:**

GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo (org.). *Cientistas sociais e o Coronavírus*. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (org.). *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

TONIOL, Rodrigo. *Do espírito na saúde: oferta e uso de terapias alternativas/complementares nos serviços de saúde pública no Brasil*. São Paulo: Libertart, 2018.

ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo (org.). *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

STEIL, Carlos Alberto; CASTELLANOS, Renée de la Torre; TONIOL, Rodrigo (org.). *Entre trópicos: Diálogos de estudios Nueva Era entre México y Brasil*. Cidade do México: Casa Chata Editorial – Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, 2018.

SOUZA, André Ricardo; SIMÕES, Pedro; TONIOL, Rodrigo (org.). *Espiritualidade e espiritismo: reflexões para além da religiosidade*. São Paulo: Porto de Ideias, 2017.

TONIOL, Rodrigo; STEIL, Carlos Alberto. *Nos rastros da natureza. A conversão da experiência rural em ecológica a partir de uma política de Estado*. Curitiba: Appris, 2016.

TONIOL, Rodrigo; STEIL, Carlos Alberto. *On the Nature Trail. Converting the rural into the ecological through a state tourism policy*. New York: Nova Science Publishers, 2015.

# **Theology, Religious Studies & the Covid-19 Pandemic: 'Theology in English' goes global**

Teologia, Ciências das Religiões e a pandemia da Covid-19:

'Teologia em Inglês' se torna global

*Graham Gerald McGeoch\**

*Mariana Elise Thomas\*\**



<https://doi.org/10.29327/256659.12.1-3>

## Abstract

During the Covid-19 global pandemic, Faculdade Unida de Vitoria (like many higher education institutions) turned to online teaching as a component part of its response to the exceptional circumstances. This included Unida's pioneering program, 'Theology in English'. Normally offered on-campus to students and the wider public in the greater Vitoria metropolitan area, an online version of the course enabled Unida to reach new audiences. People participated from 16 different states in Brazil, and there were participants from the USA, UK, Germany and Mozambique. A professor at Unida, and a graduate student from Princeton Theological Seminary co-led the course. It was originally planned as a weekly on-campus class. The global pandemic forced the course to be co-led from Vitoria, Brazil and Chicago, USA. This is an evaluation of the development of 'Theology in English' in light of Covid-19.

Keywords: 'Theology in English'. Content language Integrated Learning. Internationalization. Covid-19.

## Resumo

Durante a pandemia global da Covid-19, a Faculdade Unida de Vitória (igual a muitas instituições de ensino superior) começou usar aulas remotas (*online*) como uma parte integrante da sua resposta às circunstâncias excepcionais. Isto incluiu o programa pioneiro na Unida, 'Teologia em Inglês'. Normalmente, oferecido nas instalações da Unida aos estudantes e público geral da grande Vitória, a versão remota (*online*) possibilitou a Unida alcançar novas audiências. Pessoas participaram de 16 estados no Brasil, e houve participantes dos EUA, Reino Unido, Alemanha e Moçambique. Um professor da Unida, e uma graduada da *Princeton Theological Seminary* co-liderou o curso. Originalmente, foi planejado como uma aula semanal nas instalações da Unida. A pandemia global forçou o curso a ser coliderado de Vitória, Brasil e Chicago, EUA. Esta é uma avaliação do desenvolvimento de 'Teologia em Inglês' à luz da Covid-19.

Palavras-chave: 'Teologia em Inglês'. Aprendizagem Integrada e Conteúdo de Língua. Internacionalização. Covid-19.

---

\*Teaches Theology and Religious Studies at Faculdade Unida de Vitória.

\*\*Graduate of Princeton Theological Seminary and a candidate for ministry with the PC(USA).

## **Background**

In January 2019, the Faculty Senate at Faculdade Unida de Vitoria approved the creation of an International Relations Co-coordinator with two specific aims: (I) to develop international relations between Unida and other educational institutes and faith-based organizations; (II) to accompany the internationalization program established by CAPES.<sup>1</sup> Unida already enjoys formal academic partnerships with higher education institutions in four countries (USA, Germany, Switzerland and UK). The first aspect of the Senate's decision relates to the deepening of these partnerships and the opening of new academic partnerships. The second aspect of the decision – internationalization – is related to the accompaniment of the Institutional Program of Internationalization (PrInt) published by CAPES in November 2017.<sup>2</sup>

PrInt has a variety of objectives. It includes an emphasis on strategic institutional planning in relationship to international networks of research, support for widening of internationalization at post-graduate level, exchange programs for faculty and students alike, and the creation of an international academic environment. Across the globe, a key component of 'internationalization' in higher education institutions has been an offering of courses and publications in the English language. This is technically called 'Content Language Integrated Learning' (CLIL). In the case of Unida, the proposal is that students and the wider public learn Theology and have exposure to the English language. The program is called 'Theology in English'.

'Theology in English' began during the first semester of 2019 (April-May). Each class lasted 1 hour 30 minutes. It offered students and the wider public free access to Theology and English language in a classroom setting. 'Theology in English' followed the principles of CLIL. Forty-one people enrolled in the class. Eight texts were made available prior to each class.<sup>3</sup> There was a focus on authors not widely published in Portuguese. The authors also represented theology from eight different countries (Ghana, China, Palestine, UK, Greece, Croatia, Norway, Jordan). By the conclusion of the 8-week course, seven students had demonstrated a fluency with the English language with excellent comprehension and communication skills. For this group, the class became a discussion forum based on each read text.

Attendance fluctuated widely amongst those with poorer comprehension. However, a core group of about 10 people participated regularly. The em-

phasis amongst this group was to build confidence and interest in the English language. By the conclusion of the 8-week course, every participant was able to read a full paragraph of a suggested text in a group setting. Participants were also able to locate key words in English texts, highlight theological concepts and identify the different theologians under discussion in each text. Verbal communication skills were prioritized alongside reading comprehension.

During the inaugural course of ‘Theology in English’, the final evaluation recorded some of the overwhelmingly positive participant feedback. One student said, “‘Theology in English’ provided an opportunity to get to know fellow students from different year groups and form new friendships”. For some students it was good to know who shared an interest in English language and reading texts in English. Amongst the students with fluency, the course increased confidence in speaking English (overcoming embarrassment) and exposed participants to wider theological possibilities. A young Black woman student underlined the importance of Mercy Amba Oduyoye’s text to her. Oduyoye’s text described and documented the work of African women Pentecostals.

Among those with more limited comprehension, the course served as a great incentive to continue studying English. It was suggested by participants that the course should continue in future semesters. A particularly helpful suggestion from participants was for those with good English language skills to help to lead the course, rather than relying on a Professor. Those with fluency demonstrated willingness to assume more responsibility in the classroom in terms of preparing and leading the classes.

A practical outcome from the inaugural course was the recording of short video reflections related to each text. Students with greater proficiency in the English language recorded a series of short videos during the course. Each student chose a text and reflected in English on the theologian and text. The videos are available on the YouTube channel of Unida.<sup>4</sup> Attendance was recorded during the 8 weeks. An electronic certificate (participation) was awarded to those who participated in a minimum 75% of the classes.

### **Theology in English III**

‘Theology in English III’ was the third instalment of the programme. It was planned in January 2020 during an exchange visit of students and pro-

fessors from Princeton Theological Seminary to Unida. The original concept was for one of Princeton's students, now a graduate, to co-lead the on campus course for 8 weeks during the first semester of 2020. Each class was to be one hour. The course was based on four texts.<sup>5</sup> The selected texts were all from north-American based theologians who exert a degree of influence on theology in the English-speaking world. Like the inaugural version of the course, the texts were selected with a focus on authors not widely published in Portuguese.

The format was simple. A specially created link made available four texts prior to class. Each week, one or two people were selected to 'present' the chosen text to the class, having up to 10 minutes to do so. Differently from the inaugural version of 'Theology in English', the texts were distributed amongst students of Unida, graduates of Unida, and indeed participants with no link to Unida. One of the co-leads (from Chicago) offered some reflections on the text and a previous participant observation for up to 10 minutes. The class then opened out to others with invitations for comments or questions. Those who had presented the texts took the lead in the discussion and responses to questions.

With the advent of the global pandemic of Covid-19, it was decided to pursue an online version of the course.<sup>6</sup> The initial excitement of a co-led course on-campus in Vitoria, ES, was due to the rapport established between students of Unida and exchange students from Princeton Theological Seminary in January 2020. There were great theological conversations, and new conversation partners made during the exchange program. Nevertheless, as concerns for the spread of Covid-19 started rising and flights back to the USA became slim to none, one co-leader decided to return to the USA, which originally meant she would no longer be able to participate in the eight-week course in Vitoria, ES.

The decision to return to the USA was not unusual as many people cut short their times abroad as the pandemic forced cities, states and countries to close around the world. Because of these closures and the stay-at-home orders that ensued, educational institutions were forced to think of other creative ways to abide by the new laws while also continuing their educational plans for the year. Therefore, online classes became the new order of the day. This was not an easy switch for schools like Unida, which may offer some on-

line courses or certificates through distance learning programs, but also value the in-person classroom experience.

The tension between an in-person classroom experience and online teaching is an important point to explore in relation to CLIL, in other words a learning and teaching experience in a second (or third, etc.) language. This article is not the place to fully explore this important topic. Instead, with the transition of the 'Theology in English' course to online, this meant that the co-lead in Chicago could participate again. But some questions presented themselves in the preparation for the switch from in-person to online: Would the experience be as rich as it would have been in person? When students come to the same classroom every week, in the same place, with the same colleagues and professors, feelings of comfort, safety and comradery are engendered which gives depth to the educational experience as people feel more open to share and discuss their viewpoints. Would we be able to create a learning environment that would replicate the openness of the in-person classroom experience particularly because the class would be taught in English, which is not most of the students' native language? It is already a daunting experience trying to read, speak and learn in a language other than your native tongue, but then to center the course on the deeply personal and taboo subject matter of religion and theology brings added challenges. How could we create an environment in which people felt that they could share their opinions openly and comfortably engage in English at whatever their current level?

If we were in a Unida classroom in Vitoria, ES, perhaps our pedagogical approach to these concerns would have been more straightforward. For example, we could have students break into smaller groups to practice their English or talk to them one-on-one during the breaks of class if they were struggling. So, the question became, how does one replicate the comfort and openness of in-person classroom experience online? Despite the increasing use and capabilities of technologies for teaching, it is still not clear that an in-person classroom experience can be fully replicated online. On-campus and distance learning are fundamentally different modes of learning and teaching.

However, it is possible to find other creative pedagogical ways of engagement. For example, in every class we reminded the students that they could use the chat function to type their questions or comments in English if they did not want to speak with the microphone function to the online class in

English. The option to type into a chat box as a way to participate in class would not have been an option in an in-person environment but it was helpful for those who were more comfortable writing than speaking in English. Another pedagogical decision was the intentional encouragement of participation from female students. Often times male students would ask questions or respond to comments freely, but female students would not speak at all.

In order to increase the participation of female voices, we invited female students to lead the ten-minute discussion on the course reading of the day. Furthermore, during the discussion part of the course, we would call on specific female students who we knew wanted to share but may have felt silenced by the male students. In-person we may have found other ways to create a classroom environment that would have encouraged female student engagement but with the limitations of online platforms we did the best we could and did get women to feel comfortable enough to participate in our class sessions. The change to an online platform forced us to be creative pedagogically which opened up new possibilities for our class including more international involvement in the course that would not have been possible if it was taught on campus at Unida.

With the shift from in-person to an online class, 'Theology in English' became a global classroom in which we had intercultural conversations on theology. Two hundred people signed up for the course (through Unida's webpage).<sup>7</sup> Participants were from 16 states in Brazil<sup>8</sup> and there were participants from the USA, UK, Germany and Mozambique. These students from all over the world actively contributed to 'Theology in English' making comments and observations or asking questions through the use of the microphone function on the online platform used to make the class available in real time.

The vision for 'Theology in English' was always to be a course that facilitated a cultural exchange on the topic of theology. For example, the theological canons in the Portuguese and English languages are very different. Therefore, it was always our intention to expose Unida students to English speaking theologians. In addition, with the participation of an African American queer woman and recent graduate of Princeton Theological Seminary, whose theological viewpoints would also add a particular nuisance to the cultural exchange.

Exposure to English-speaking theologians predominately from the United States with the presence of an African American co-teacher, already made

the in-person class global and intercultural on some level. However, with the shift to the online course, students who were not from Unida were invited to participate in the class, which greatly expanded the conversation from Vitoria, ES, to all over the world. Our classroom had active participation of students from all over Brazil, Mozambique, the UK, Germany and the United States which would not have been possible or even considered prior to the Covid-19 pandemic.

The online platform shifted the course to a global classroom, which meant that the exposure to different theological perspectives increased dramatically. For example, in the sixth week of our course we invited four Princeton Theological Seminary alumni to join our class in order to have an intercultural dialogue about theology with our students. In our conversation the Princeton alumni shared with the class how theological education shaped them. One in particular explained that her time in seminary gave her the theological framework for her current work as a community organizer. Another expressed how theological education expanded her understanding of God and herself as she became more grounded in her identity as a queer person during her time in seminary. In addition, the Princeton alumni expanded our students perspective on possible career opportunities with a theological degree as the Princeton alumni who joined the class included the community organizer, a minister to children and youth, an admission's officer at a leading theological institute and a religious ethics PhD student.<sup>9</sup> Furthermore, all four of them identified as Black in the United States, which nuanced some of the theological opinions offered by the Chicago-based co-teacher demonstrating the diversity even within Black American theological perspectives.

Thus, that particular class was nothing short of a rich, beautiful, intellectually stimulating exchange in which everyone engaged questions about the academic discipline of theology as well as the praxis of theology in ministry. Through this intercultural dialogue, theological scholars who may never have encountered each other became thought partners who challenged and encouraged each other's different perspectives. We may have had staunchly differing views on God or the text we were reading that day, but we were able to consider perspectives we had not encountered before, try to get some understanding of our differences and honor the other's perspective. In any in-person classroom talking across differences is not easy let alone on an online platform, in

another language, with people from all over the world. Somehow, we were able to have rich intercultural dialogues on theology and in the moments of deep understanding we encountered Divine mediation and interpretation in our global classroom.

It was an amazing dialogue that may not have transpired in the same ways if not for the Covid-19 pandemic that forced what was supposed to be an in-person course taught at Unida to become an online class. The spirit and depth of the conversation of that day was not an anomaly for our class. In fact, it exemplified what had been happening for the previous six weeks as we read various theologians in English. Although the Covid-19 pandemic disrupted some of our original plans for the course, switching to an online platform forced us to engage creative pedagogies that enhanced the vision of 'Theology in English'. The online course became a global classroom in which we facilitated intercultural conversations on theology. Furthermore, 'Theology in English' became sacred ground for the class but particularly for me (co-teacher from Chicago) as the weekly engagement in the spiritual discipline of study helped me transition back to my life in the USA after returning early from Brazil because of Covid-19.

### **Some personal reflections on Theology, Religious Studies & the Covid-19 Pandemic**

Co-teaching this course during the Covid-19 pandemic became a spiritual discipline that centered me (co-teacher from Chicago) during my abrupt transition back to the USA. As aforementioned, I was in Brazil when Covid-19 became a pandemic. I had been in Brazil for three months traveling to various parts of the country doing research and intended to conclude my time in Vitória, ES. However, my plans in Brazil were interrupted by Covid-19 and I came back to my home city of Chicago. The experience of leaving so quickly and feeling like my time in Brazil was un-finished was extremely disorientating and painful. I grieved the life I had lived in Brazil and it was difficult to try to pick up the pieces of my life in Chicago.

'Theology in English' spiritually grounded me in the midst of a chaotic transition. Ellen Charry in her chapter on "Study as Spiritual Formation" suggests that the act of study is a form of devotion to God in which we come into a deeper knowledge of God, ourselves, others and the world around us.<sup>10</sup>

Therefore, studying to prepare for class every Monday became a spiritual discipline for me in which, even within my time of disorientation, I was forced to focus on how other people experienced God. Reading other scholars work and hearing from the people in the class kept me spiritually grounded in the truth that even in the chaos in my own life and around the world, God was still present with us. I experienced God's presence every week in our class dialogues.

In a time when I cannot physically go to church, our course became a place for me to gather with God's people to worship God with our minds and hearts as we discussed the text of the week which became a springboard to talk about our concerns of chaos and changes created in the world because of Covid-19. For example, our course became sacred ground where from our own places in the world we could discuss the struggles and triumphs of the global Church in the midst of the pandemic. We could also dialogue about the relevance and challenges of the future of theological education. Coming back to Charry's chapter, she emphasizes that every aspect of theological education is formational. She writes, "It [ministry] happens in every interaction with every person every day. Ministry happens in every email, every meal in the refectory, every conversation, every gesture, every smile offered, every glance given, every tweet and Facebook posting one propels into the world" (Charry, 2019, p. 52). Charry wants to make clear that every aspect of the theological educational experience is forming the student for ministry from the mundane to the extraordinary. But her claim is based on a pre-Covid-19 educational model where students come to campus to sit in lecture halls, then go to the cafeteria to eat lunch and go to the library in the evening to study. So now in a post Covid-19 world where most of the educational experience has shifted entirely online or is socially distanced, one of the many questions we pondered in class was how will theological education maintain its relevancy if the purpose of theological education is to shape and form students for ministry in every interaction on campus?

While we pondered this and similar questions, global unrest began to answer our questions for us. As the protests at the killing of George Floyd, Breonna Taylor and other African Americans rippled throughout the world, we talked about similar experiences of violence by police against Black Brazilians. These discussions were happening in real time as we were teaching a theology

course attached to a theological institution with students who were pastors, laypersons or people considering going into parish ministry from various ethnic backgrounds. Our classroom discussions bridged the gap between the academy and the “real world” as we were constantly bringing our reflections on the current state of the world into our theological dialogues. As we tried to make sense of God’s presence or lack thereof in the world today, we saw anew the relevancy of theological work.

The commitment to the global scale of our discussion was a direct result of us being online with various conversation partners from around the world. Often times in the academy we can focus on our own silos and forget to consider the rest of the world. Yet, when the class is not in a room on campus but becomes a global classroom online, the temptation to focus only on our own corners of the world decreases significantly.

As a scholar, I am forced to think outside my communities and myself as I listen to not only one person’s experience from one other country but multiple people’s experiences from very different countries and locations within those countries. Each and every participant of our course was expanded as a person in his or her thinking because of our global classroom that facilitated an intercultural exchange on theology. This course impacted me deeply and did what Ellen Charry says is the point of theological education that is to form us into “beautiful” people who understand God, ourselves, people and creation more deeply which makes us more loving people (Charry, 2019, p. 52). We learned in this course that even though theological education has shifted to online platforms, it is still spiritually forming students for ministry as they are made keenly aware in new ways that our current global crises demand the work of theologians. The world needs people who are trained to see God even in the direst of circumstances and that is one of the reasons why online theological education remains relevant. Therefore, we are better people and theologians who are ready to serve the world because of the theological dialogues we had during a pandemic where we understood one another better and saw God in each other in the process.

## **Conclusion**

‘Theology in English’ began in April 2019 at Faculdade Unida de Vitoria as an initiative by the Faculty Senate introducing Content Language Inte-

grated Learning (CLIL) to expose Unida students to the English language. As a direct result of the Covid-19 pandemic, 'Theology in English' expanded beyond the Unida campus to become an enriching intercultural learning experience for students of theology around the world. With the use of video-conferencing technology the in-person course – in real time – became an online global classroom from which students from 16 states in Brazil, the UK, Germany, the USA and Mozambique engaged with theological texts in English on a weekly basis for eight weeks. Although the on-set of the pandemic made the course an enriching global and intercultural experience, the pandemic forced one of the co-teachers to return to the USA which made the teachers become creative with their pedagogy for the course. For example, the co-teachers used the chat function on the online platform to build confidence in using the English language in written form when verbal usage was limited or uncomfortable. Other intentional pedagogical decisions were made, like the aforementioned, in an attempt to replicate an in-person classroom experience on an online platform. In addition, 'Theology in English' had great personal impact on the students as well as the co-teachers as the course became sacred ground for theological scholarship and communal encounters with the Divine. In conclusion, 'Theology in English' has become a dynamic theological and intercultural exchange for students all around the world as a direct result of the Covid-19 pandemic forcing the original in-person course to move to an online platform. The course will continue to build on the pedagogies developed during the pandemic to further enrich students at Unida as well as the global theological community.<sup>11</sup>

### **Bibliographic References**

CHARRY, Ellen. "Study as Spiritual Formation". In: FERGUSSON, David & McCORMACK, Bruce (eds). *Schools of Faith: essays on theology, ethics and education*. London: T & T Clark, 2019 p. 47-58.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Decree N° 220, 3rd November 2017. *Diário Oficial da União*. Seção 1. Brasília, ed. 214, p. 20. Available at: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/08112017-PORTARIA-N-220-DE-3-DE-NOVEMBRO-DE-2017.pdf>. (Accessed 24th July 2020).

DOUGLAS, Kelly Brown. *Stand Your Ground: Black Bodies and the Justice of God*. Maryknoll: Orbis Books, 2015.

MASALHA, Nur. "Civil Liberation Theology in Palestine: Indigenous, Secular-Humanist and Decolonising Experiences" In: ISHERWOOD, Lisa & MARSALHA, Nur. *Palestine Liberation Theology Moves On*. Winchester: Institute for Theological Partnerships Publishing, 2015, p. 51-84.

MILLBANK, John, WARD, Graham, PICKSTOCK, Catherine. "Suspending the Material: The Turn of Radical Orthodoxy" In: MILLBANK, John et al. *Radical Orthodoxy: a new theology*. New York: Routledge, 2002, p. 1-20.

ODUYOYE, Mercy Amba. "We are Women, Africans and Faithful Christians: Women's Contributions to ongoing Christian Witness in Africa". In: EZEKIEL, Lesmore Gibson & KEUM, Jooseop. *From Achimota to Arusha: An Ecumenical Journey of Mission in Africa*. Geneva: WWC Publications, 2018, p. 32-39.

PUI-LAN, Kwok. "Discovering the Bible in the non-Western World". In: GOTTWALD, Norman K. & HORSLEY, Richard A. *The Bible and Liberation*. Maryknoll: Orbis Books, 1993, p. 17-30.

TANNER, Kathryn. "Cultural Theory" In WEBSTER, John, TANNER, Kathryn, TORRANCE, Iain (eds). *The Oxford Handbook of Systematic Theology*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 527-542.

TONSTAD, Linn Marie. *God and Difference: the Trinity, Sexuality, and the transformation of finitude*. New York: Routledge, 2016.

VOLF, Miroslav & CROASMUN, Matthew. *For the Life of the World: theology that makes a difference*. Grand Rapids: Brazos Press, 2019.

VOLF, Miroslav, BIN MUHAMMAD, Ghazi e YARRINGTON, Melissa. *A Common Word: Muslims and Christians on Loving God and Neighbor*. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.

VOLF, Miroslav. *After our Likeness: the Church as the image of the Trinity*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

ZIZIOULAS, John. *The One and the Many: studies on God, Man, the Church and the World Today*. Alhambra: Sebastian Press, 2010.

---

<sup>1</sup>Senate Decree N° 01/2019, 21st January 2019.

<sup>2</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Decree N° 220, 3rd November 2017. Diário Oficial da União. Seção 1. Brasília, ed. 214, p. 20. Available at: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/08112017-PORTARIA-N-220-DE-3-DE-NOVEMBRO-DE-2017.pdf>. (Accessed 24th July 2020).

<sup>3</sup>(1) ODUYOYE, 2018. (2) PUI-LAN, 1993. (3) MASALHA, 2015. (4) MILLBANK; WARD; PICKSTOCK, 2002. (5) ZIZIOULAS, 2010. (6) VOLF, 1998. (7) TONSTAD, 2016. (8) A COMMON WORD BETWEEN US AND YOU. In: VOLF, 2010.

<sup>4</sup>[https://www.youtube.com/watch?v=7gvp650i2\\_s&list=PLfu\\_FQxhzSvYdP9DxCltPmgWkRKGrcT4t&index=5](https://www.youtube.com/watch?v=7gvp650i2_s&list=PLfu_FQxhzSvYdP9DxCltPmgWkRKGrcT4t&index=5). Accessed 24th July 2020.

<sup>5</sup> (1) VOLF, Miroslav & CROASMUN, Matthew. *For the Life of the World: theology that makes a difference*. Grand Rapids: Brazos Press, 2019. (2) CHARRY, Ellen. "Study as Spiritual Formation" In FERGUSSON, David & McCORMACK, Bruce (eds). *Schools of Faith: essays on theology, ethics and education*. London: T & T Clark, 2019. (3) TANNER, Kathryn. "Cultural Theory" In WEBSTER, John, TANNER, Kathryn, TORRANCE, Iain (eds). *The Oxford Handbook of Systematic*

---

*Theology*. Oxford: Oxford University Press, 2007. (4) DOUGLAS, Kelly Brown. *Stand Your Ground: Black Bodies and the Justice of God*. Maryknoll: Orbis Books, 2015.

<sup>6</sup> During the Covid-19 Pandemic, Unida followed orientations from the Ministry of Education, Ministry of Health, and the State Government of Espírito Santo (Decree n° 343, 17<sup>th</sup> March 2020).

<sup>7</sup> www.fuv.edu.br

<sup>8</sup> Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe.

<sup>9</sup> The Princeton Theological Seminary alumni who joined our class were Minister Sheena Rolle, the Deputy of Campaigns at Faith in Florida a community organization, Minister TauVaughn Toney, writer and Minister to Children, Teens and Young Adults at Trinity Baptist Church of Columbus, Ohio, Lydia Tembo, Assistant Director of Recruitment at Princeton Theological Seminary and Michelle Bostic, a PhD student of Religious Ethics at the University of Virginia.

<sup>10</sup> CHARRY, 2019, p. 48.

<sup>11</sup> A 'Theology in English IV' took place as 'Liberation Theology in the Americas' in June 2020. It built on the global classroom experience from 'Theology in English III', with guest academics from across the Americas joining class to be interviewed by participants. Participation in the weekly class reached four continents – Africa, Americas, Europe and Asia – with over 100 people, including leading academics, actively participating in the course.

*Recebido em 14/10/2020*

*Aceito para publicação em 05/03/2021*

# **Liturgia online na pandemia: reflexões sobre as práticas religiosas de católicos e luteranos no Brasil**

Online liturgy in the pandemic: reflection on  
Religious practices of Catholics and Lutherans in Brazil

*Júlio César Adam\**

*Moisés Sbardelotto\*\**

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-4>

## Resumo

Com a pandemia da Covid-19 e fechamento dos espaços de culto no Brasil, as diferentes igrejas buscaram atender seus membros principalmente através da oferta de cultos e serviços religiosos online. Diante desse cenário, este artigo reflete sobre as práticas religiosas e litúrgicas da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) e da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). São descritos e analisados as mensagens e documentos emitidos durante o período pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), no caso da ICAR, e as cartas pastorais emitidas pela presidência da IECLB entre março e julho de 2020. Por fim, conclui-se que a pandemia levou as igrejas a refletirem sobre o sentido teológico e pastoral da prática litúrgica em outros formatos, reconhecendo o digital também como “lugar teológico”. Daí a necessidade de fazer teologia das redes, para as redes e nas redes, assumindo o desafio de promover uma “inculturação digital”.

Palavras-chave: Práticas religiosas. Liturgia. Culto. Internet. Ambiente digital. Inculturação digital.

## Abstract

With the Covid-19 pandemic and the closing of worship spaces in Brazil, the different churches sought to serve their members mainly by offering online religious services. In front of this situation, this paper reflects on the religious and liturgical practices of the Roman Catholic Apostolic Church and the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil. It describes and analyzes the messages and documents issued during the period by the National Conference of Bishops of Brazil (CNBB), in the case of ICAR, and the pastoral letters issued by the IECLB presidency between March and July 2020. Finally, it is concluded that the pandemic led the churches to reflect on the theological and pastoral sense of liturgical practice in other formats, recognizing the digital also as a “theological place.” Hence the need to do the theology of the networks, for the networks, and on the networks, taking on the challenge of promoting a “digital inculturation.”

Keywords: Religious practices. Liturgy. Cult. Internet. Digital environment. Digital inculturation.

---

\* Doutor em Teologia pela Universidade de Hamburgo, Alemanha e professor adjunto de Teologia Prática na Faculdades EST (São Leopoldo, RS). E-mail: julio3@est.edu.br.

\*\*Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com estágio de pesquisa doutoral na Università di Roma “La Sapienza”, em Roma. É membro do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). E-mail: m.sbar@yahoo.com.br.

## **Introdução**

Vivemos uma pandemia com consequências ainda não vistas pela maioria das gerações contemporâneas. Altamente contagiosa e muito prejudicial para determinados grupos de pessoas, a Covid-19 se espalhou a partir da China, no fim do ano de 2019 e início de 2020, sem dar tempo aos órgãos de saúde e governos para desenvolver uma vacina ou mesmo medicamentos para combater a doença. O único meio de frear seu avanço e evitar o colapso dos sistemas de saúde foi o isolamento físico (OPAS, 2021). Alguns países sofreram mais com a pandemia que outros. O Brasil foi um dos mais afetados. Mesmo com medidas de isolamento adotadas no país, até meados de fevereiro de 2021 mais de 228 mil pessoas haviam perdido suas vidas no Brasil por causa da Covid-19.

Certamente são vários os motivos, muitos inclusive desconhecidos, que levaram países como Brasil a enfrentar a pandemia com resultados tão drásticos. Cremos que dois motivos, porém, parecem ter contribuído para tal resultado. A situação de precariedade e vulnerabilidade social da maioria da população brasileira, somada à falta de suporte social adequado por parte do Estado, tornou o distanciamento e o isolamento inviáveis para muitas pessoas, principalmente as mais pobres. O segundo motivo tem relação com a postura de negação da pandemia e suas consequências adotada pelo governo federal. Esta postura gerou e reforçou a confusão na orientação da população com respeito às medidas de proteção e o tratamento adequado da doença. O presidente Jair Bolsonaro se posicionou contrário ao seu próprio Ministério da Saúde, inclusive demitindo dois de seus ministros, e até mesmo às orientações da própria Organização Mundial da Saúde (OMS).

Inclusive em relação ao fechamento ou não dos espaços de culto havia posições diferentes. Enquanto o governo federal, pressionado por determinadas igrejas, defendia a continuidade dos cultos, governos regionais e o setor da saúde determinaram o seu fechamento. Gerou-se diante da pandemia uma polarização política, algo muito evidente no país desde as eleições de 2018. Defender o isolamento social e as medidas de proteção significava se posicionar contra o governo.

Apesar das diferentes posições e da polarização, igrejas e espaços religiosos foram interditados a partir de março até meados de setembro de 2020. Diante desta determinação, as diferentes igrejas buscaram atender seus membros das mais diferentes formas, principalmente através da oferta de cultos e serviços religiosos online.

Este texto pretende descrever essa situação considerando especialmente as práticas religiosas e litúrgicas da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) e da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) ao longo do período mais crítico da pandemia em 2020. Com isso, buscaremos entender como cada igreja respondeu, no contexto brasileiro, à inédita experiência de “confinamento-litúrgico” mundial provocado pela Covid-19. No caso da ICAR, serão analisados principalmente as mensagens e documentos emitidos durante o período de quarentena pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), instância máxima da Igreja no país. No caso da IECLB tomar-se-á como base principal as cartas pastorais emitidas pela presidência da igreja entre março e julho de 2020. No último ponto, apresenta-se uma breve reflexão sobre a liturgia e práticas religiosas pós-pandemia.

### **O contexto religioso e eclesial brasileiro**

O contexto brasileiro é marcado pela religião e por práticas religiosas, sendo o culto uma das principais formas de expressão dessa realidade. A religião faz parte da cultura, da sociedade, da intimidade, da política e da economia, da cultura pop, do cotidiano.

Quanto às denominações cristãs, podemos organizar as igrejas da seguinte forma: com o maior número de fiéis, temos a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), com variadas formas eclesiais, como o catolicismo popular, presente no contexto desde a colonização portuguesa e espanhola; em seguida temos o complexo e diverso grupo das denominações pentecostais e neopentecostais, surgidos no início do século XX; no terceiro grupo estão as igrejas do protestantismo histórico, de origem missionária ou de imigração, que efetivamente entraram em cena a partir do século XIX (Adam, 2016, p. 12).

A Igreja Católica Apostólica Romana confunde-se com a história do Brasil atual, desde o início da colonização portuguesa, no século XVI. A Igreja chegou junto com os missionários que acompanhavam os exploradores da então “Ilha de Vera Cruz”. Os colonizadores chegaram ao atual Brasil no dia 22 de abril de 1500, e poucos dias depois, no dia 26, foi celebrada a primeira missa por Henrique de Coimbra, frade e bispo português. Desde o início da colonização, o catolicismo teve uma importância fundamental no país, funcionando como um verdadeiro terceiro poder, ao lado do poder espiritual do papa e dos clérigos e do poder temporal do rei e seus conselheiros, arraigando-se na vida pública e social em geral (Hoornaert, 1974).

Atualmente, o Brasil é considerado o maior país do mundo em número de católicos nominais. Em termos quantitativos, os dados apontam para uma redução histórica do número de católicos no território brasileiro: em 1872, 99,7% da população brasileira era católica; já em 2010, 64,6% dos brasileiros permaneceram católicos (dados mais recentes segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (IBGE, 2010). Apesar dessa queda, ainda hoje a Igreja Católica continua sendo a mais numerosa do país.

Entretanto, para além dos dados estatísticos, o importante é “distinguir a evidência dos números sobre os católicos da tradição e presença do catolicismo como referência cultural no Brasil”, porque, apesar da diminuição da população católica, “não se pode afirmar que o catolicismo deixou de figurar como uma das referências religiosas estruturantes da nacionalidade e da cultura nacionais” (Steil; Toniol, 2013, p. 224). Em seu interior, contudo, o catolicismo no Brasil apresenta uma grande complexidade e diversidade. O traço constitutivo de sua configuração é a pluralidade: não dá para situar o catolicismo brasileiro em um quadro de homogeneidade (Teixeira, 2005, p.17).

Para Faustino Teixeira, “existem muitos ‘estilos culturais de ser católico’, como vêm mostrando os estudiosos que se debruçam sobre esse fenômeno. São malhas diversificadas de um catolicismo, ou se poderia mesmo falar em catolicismos” (Teixeira, 2005, p.17). Segundo o autor, as principais “malhas do catolicismo” são um catolicismo “santorial”, voltado ao culto aos santos e às devoções populares; um catolicismo “erudito ou oficial”, que se encontra em crise atualmente; um catolicismo dos “reafiliados”, marcado pela inserção em um “regime forte” de experiência religiosa, como a Renovação Carismática Católica (RCC) e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs); e um catolicismo midiático, com forte presença nos principais meios de comunicação social, e um de seus principais frutos são os chamados “padres cantores”, com grande visibilidade midiática no país (dentre eles, poderíamos destacar o Pe. Marcelo Rossi e o Pe. Fábio de Melo, com milhões de cópias de CDs, DVDs e livros vendidos).

Já a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) faz parte do chamado protestantismo histórico e entra neste contexto através de um movimento migratório da Alemanha para o Brasil, a partir da primeira metade do século XIX. (IECLB, 2020a) A IECLB se organiza a partir de comunidades e sínodos em 1968. A igreja é hoje minoritária no contexto brasileiro, contando com a

aproximadamente 700 mil membros, organizados em 1800 comunidades, contando com em torno de 800 ministros pastores, diáconos, catequistas e missionário, em 18 sínodos (IECLB, 2020b). Como resultado do movimento migratório, a maior parte de seus membros está concentrada na região sul do Brasil.

Em especial, na década de 1970, a IECLB passou por uma mudança paradigmática, na qual se buscou deliberadamente ser uma igreja brasileira, assumindo desafios sociais e a aproximação com outras denominações cristãs. Na década de 1980, impulsionado por movimentos de renovação litúrgica, principalmente do Conselho Mundial de Igrejas e da Federação Luterana Mundial, se deu início a um criterioso processo de renovação da liturgia com o intuito de torná-la mais relevante, viva, ecumênica, contextual e inculturada (Adam, 2017, p. 1-13).

Diante desse contexto, vejamos como cada igreja aqui abordada respondeu à pandemia em suas práticas litúrgicas e religiosas.

### **Práticas litúrgicas e religiosas na pandemia na IECLB**

J. J. von Allmen defende a tese de que o culto é o coração da vida da Igreja (Allmen, 2006). Tudo que uma igreja faz, parte de seu culto e retorna a ele. Dito de outra forma, a igreja pode prescindir de várias de suas atividades, grupos, projetos, mas não consegue não celebrar. Esta tese se tornou muito verdadeira nos tempos de pandemia e isolamento social. Para muitos cristãos e cristãs, era inconcebível não celebrar a Páscoa, evento fundante da Igreja cristã. Justamente diante de tamanha crise humana e social, como a pandemia, tornava-se ainda mais necessário, para diversas lideranças cristãs, promover momentos de escuta da Palavra de Deus, de comunicação do Evangelho, de oração em comunidade. Tornava-se ainda mais urgente nas comunidades a necessidade e de buscar a Deus e a religião diante da tragédia da Covid-19. No caso do culto cristão, era imperativo acompanhar as comunidades na experiência do amor cristão para atravessar esse “vale da sombra da morte” (cf. Salmo 23). A religião tem um papel fundamental em situações de crises sociais e traumas coletivos, como a pandemia. Justamente por causa do distanciamento social este papel precisou ser desempenhado de outra maneira.

Diante dessa necessidade e dessa urgência, no caso da IECLB, lideranças, ministros e ministras, musicistas e liturgistas, lançaram mão dos recursos de

mídia para celebrar a vida, cuidar das pessoas e comunicar o Evangelho. Deve-se dizer que o uso de recursos midiáticos tecnológicos na IECLB era até então algo muito discreto e que muitos ministros e ministras não só não tinham formação para o uso desses recursos, como resistiam ao seu uso. Diante disso, o principal centro de formação teológica da IECLB, a Faculdades EST, lançou em meados do mês de abril um curso online para ministros e ministras da igreja com reflexão e instruções litúrgicas, práticas e técnicas de como realizar celebrações online (EST, 2020). O curso teve uma adesão muito ampla das lideranças ministeriais. Surpreendentemente em semanas e meses as ofertas de serviços online como cultos, mensagens, *lives*, *podcasts* inundaram a rede, levando, inclusive, a uma discussão sobre a qualidade teológica e pastoral desses recursos.

A presidência da igreja, em conjunto com os pastores e pastoras sinodais, reuniu-se a partir de março de 2020 semanalmente para deliberar sobre o funcionamento da igreja frente ao desenvolvimento da pandemia, se pronunciando principalmente em relação à prática dos cultos e serviços litúrgicos. Isso foi feito através da emissão de cartas pastorais às lideranças eclesiais e às comunidades.

Estas cartas além de orientar sobre os cultos e atividades, se posicionam claramente a favor do isolamento social e pelo cancelamento dos cultos e atividades presenciais, algo complexo em um contexto de polarização política como o do Brasil. Já numa das primeiras cartas emitidas, em 17 de março, se percebe claramente esta posição: “Diante do agravamento do quadro, Presidência, Pastoras Sinodais e Pastores Sinodais da IECLB orientam a suspensão imediata, e por tempo indeterminado, de todas as atividades comunitárias que envolvem encontro presencial de pessoas, sejam elas de qualquer idade.” (IECLB, 2020c, p. 1). Diante da falta de informações claras do governo, a carta traz explicações sobre a Covid 19, como uma forma de justificar a determinação da suspensão das atividades:

É tempo de incerteza, cautela e cuidado. Suspender atividades não é exagero, mas é atitude de responsabilidade com a vida. A propagação do vírus acontece através da proximidade e do contato físico. Suspendemos as atividades presenciais para evitar consequências desastrosas e trágicas. Agir preventivamente é tarefa de todas as pessoas, comunidades e lideranças. Reforçamos que as orientações e os decretos de qualquer instância governamental a este respeito devem ser obedecidos (IECLB, 2020c, p. 1).

Nesta carta, a igreja também orienta sobre como proceder nos serviços religiosos, incentivando a oração, o culto doméstico e em pequenos grupos, cultos online, visitação através de aparato tecnológico. No caso dos sepultamentos, orienta a obedecer às determinações das autoridades locais (IECLB, 2020b, p. 1-2).

Já no dia 23 de março, a igreja emite uma nova carta pastoral, desta vez orientando especificamente sobre o sepultamento. A carta reconhece que velórios e sepultamentos são um dos momentos mais importantes para mostrar a solidariedade da comunidade às pessoas enlutadas, mas que com a pandemia a atuação dos membros terá que ser restrita (IECLB, 2020c, p. 1). Seguem-se, então, orientações de como proceder. Em primeiro lugar a carta determina a “seguir as deliberações dos órgãos de saúde e de vigilância sanitária em todas as instâncias (nacional, estadual, municipal)” (IECLB, 2020d, p. 1).

Nas orientações gerais de como proceder, a carta fala em realizar quando possível os ritos fúnebres em locais arejados, se possível ao ar livre, com número limitado de pessoas, priorizando o núcleo familiar, observando-se medidas de higiene e evitando contato físico, uso de material como Bíblias, hinários, folhas de liturgia ou canto, além de buscar realizar as celebrações de forma abreviada (IECLB, 2020d, p. 1-2). A carta também traz orientação de higiene aos ministros e ministras e reforça que estes observem a legislação local (IECLB, 2020d, p. 2).

No início de abril, o tema da Eucaristia é tratado. Nesse momento, vários cultos online estavam sendo disponibilizados às comunidades, sendo a liturgia organizada a partir de elementos da liturgia de abertura, liturgia da Palavra e de encerramento. A pergunta pela Eucaristia online e algumas tentativas de realizá-la fizeram a igreja emitir a carta afirmando não haver estudo, condições e elementos suficientes para a celebração online do sacramento.

A situação de crise levantou a pergunta acerca da celebração da Ceia do Senhor através de transmissão online. O assunto foi debatido na reunião virtual entre Presidência, Pastoras Sinodais, Pastores Sinodais e Secretaria Geral da IECLB. Entendemos a preocupação de transmitir a comunhão, o perdão dos pecados e o conforto desse sacramento. Analisamos aspectos favoráveis e adversos à luz da tradição bíblica, da confessionalidade luterana e das transformações sociais advindas com as novas tecnologias. O assunto é complexo e requer amplo estudo. Concluímos que não há condições e elementos suficientes para aderir a esta modalidade de administração do sacramento.” (IECLB, 2020e, p. 1).

Diante dessa impossibilidade, a igreja orienta a comunidade a “reforçar a comunhão através da oração, do anúncio da Palavra e de gestos diaconais com as pessoas necessitadas.”(IECLB, 2020e, p. 1). Dois dias depois, na Semana Santa, uma nova carta pastoral traz orientação sobre a celebração da Páscoa.

A carta inicia com uma difícil constatação: “Pela primeira vez, não poderemos nos reunir presencialmente nos templos e nos salões de culto. Na melhor das hipóteses, iremos nos encontrar com as pessoas que convivem dentro da mesma casa. [...] Não será possível a Ceia do Senhor na manhã de Páscoa.” (IECLB, 2020f, p. 1). Em seguida, a carta desafia a pensar adiante: “Será diferente, mas não será menos relevante, menos significativo ou menos importante. Deus não está preso a um lugar; sequer está preso ao tempo. Deus está em todo lugar e em todo tempo.”(IECLB, 2020f, p. 1)

Neste período do ano, a Covid-19 havia chegado efetivamente no Brasil e os números de pessoas infectadas e de mortes não paravam de crescer. Dentro e fora da igreja pessoas ainda continuavam negando a gravidade da doença e questionando a necessidade das medidas de proteção. Por isso, a carta reforça também informações sobre a pandemia, tomando uma posição muito clara contra os pronunciamentos e posturas do governo:

Não bastasse a pandemia em si – que vem se anunciando com uma tragédia para o Brasil – tanto social quanto economicamente, ainda precisamos nos ocupar com o entendimento bastante anti-científico de parte do governo brasileiro, o que tem se revelado extremamente perigoso do ponto de vista da epidemiologia. Felizmente, a maior parte das organizações segue as orientações das ciências da saúde (IECLB, 2020f, p. 1).

A carta reforça a determinação pela proibição de reuniões e cultos presenciais nas comunidades de todo o país e enaltece as muitas iniciativas de reuniões, cultos e serviços organizados em formatos digitais, virtuais, áudio-videofônicos (IECLB, 2020f, p. 2).

Boa parte dos mais de 800 Ministros e Ministras que atuam nas 1800 Comunidades tem se esforçado em manter contato com seus membros, através de chats, telefonemas, WhatsApp e outros meios. Suas celebrações, orações, cantos e intercessões têm inundado as redes. Muita gente tem sido alcançada, inclusive para além da própria IECLB(IECLB, 2020f, p. 2).

No final de abril, a igreja emite uma nova carta reforçando a determinação de suspensão de cultos e reuniões de grupos comunitários (IECLB, 2020g, p. 1). Novamente aqui, a carta pastoral informa as pessoas sobre a situação da pandemia, o que aponta para a confusão de informações que a sociedade estava enfrentando.

O número de casos continua crescendo, que a capacidade de testagem é limitada, que há subnotificação de casos e mortes por Covid-19, que a nossa estrutura hospitalar é frágil e não há tratamento 100% eficaz, a alternativa mais prudente e responsável no momento é manter a suspensão por mais um período. O critério fundamental que seguimos é o cuidado com a vida (IECLB, 2020g, p. 2).

Nesta carta se fala da pressão que autoridades tem sofrido para manter ou suspender atividades públicas. Também ministros e ministras sofrem pressão de seus membros.

Na IECLB, sempre incentivamos a participação no culto e nas demais atividades. Muitas iniciativas foram desenvolvidas para trazer pessoas afastadas ao convívio comunitário. Agora experimentamos o paradoxo de recomendar que as pessoas fiquem em casa, que não venham aos cultos, que não participem de encontros presenciais (IECLB, 2020g, p. 1).

Aqui se constata também que muitas pessoas não estão sendo assistidas com os cultos ou serviços religiosos porque não têm acesso à internet ou a recursos tecnológicos (IECLB, 2020g, p. 2). Também se lança o questionamento se, caso atividades presenciais sejam retomadas, se haveria condições de cumprir todos os protocolos de higiene e proteção e se seria adequado realizar atividades impossibilitando a participação de determinados grupos e pessoas (IECLB, 2020g, p. 2).

A carta de julho é uma carta ampla (sete páginas) de orientação, onde são retomados temas abordados nas cartas anteriores e temas ainda não tratados. A direção da igreja reforça a necessidade do distanciamento social como medida de proteção. Em algumas regiões do país o retorno gradual a atividades presenciais é facultado. Nesta carta fala-se pela primeira vez do Batismo e outros ofícios, como a Bênção Matrimonial, orientando sua realização “avaliar a realização de ofícios e Sacramentos levando em conta sua base teológica e confessional e, ao mesmo tempo, considerando a nova realidade, os anseios, as angústias e neces-

sidades existenciais das pessoas.” (IECLB, 2020h, p. 1) Sobre a Eucaristia, apresenta-se elementos da base confessional da igreja sobre o sacramento e reforça-se a ideia de que a Ceia Virtual carece de estudo: “Acerca dos pedidos por “Ceia Virtual”, consideramos que a questão deve ser refletida sob perspectiva teológica, confessional e pastoral, e a matéria encaminhada à decisão conciliar.” (IECLB, 2020h, p. 2).

Em seguida, a carta traz orientações para comunidades onde o culto presencial for possível. A sugestão da carta é que os cultos sejam breves (em torno de 30 minutos), com pregações breves, com redução do canto comunitário (IECLB, 2020i) e distanciamento físico. Além disso, a carta fala sobre a moldagem da liturgia do culto, reforçando que o culto seja estruturado a partir da liturgia da Palavra. A carta apresenta os principais elementos litúrgicos com uma breve explicação sobre cada um.

### **Práticas litúrgicas e religiosas na pandemia na ICAR**

No caso da Igreja Católica, a presidência da CNBB manifestou-se com uma mensagem logo no início da pandemia no Brasil, ainda no dia 14 de março de 2020 (CNBB, 2020a). No texto, ao manifestar a sua palavra de esperança e de solidariedade, a CNBB afirmava que “as indicações práticas estão sendo emitidas em cada diocese, considerando e respeitando a realidade”, e que tais indicações sobre o modo de celebrar a fé “cabem aos bispos em cada diocese”. Entretanto, como órgão representativo da colegialidade episcopal no país, a CNBB também recomendava “atenção e consideração irrestrita às orientações dos especialistas de saúde e autoridades competentes”, reconhecendo que “todas as normas visam à proteção das pessoas, buscando evitar a contaminação e preservar a vida”.

A mensagem reiterava a necessidade de “evitar aglomerações” como uma das “regras que precisam ser seguidas por todos, com irrestrita atenção e cuidados, a partir da própria consciência, regida pelo bom senso e pela fraternidade”. Isso dizia respeito diretamente às celebrações litúrgicas. E a mensagem assumia isso, ao afirmar que “algumas restrições mexem com o nosso jeito de conviver e celebrar, pois somos um povo que traz em si o desejo de sempre estar juntos, tanto nos momentos alegres quanto tristes”. Consciente das “restrições ao convívio”, a presidência da CNBB reconhecia que “são muitos os recursos tecnológicos ao nosso dispor atualmente. Eles podem ajudar a suprir a distância física nesse período de cautela”.

Portanto, como órgão máximo da Igreja Católica no país, a CNBB não emitiu nenhuma normativa geral, mas deixou nas mãos de cada bispo local a decisão a ser tomada sobre as celebrações litúrgicas, abrindo-se à possibilidade de recorrer aos “recursos tecnológicos” para suprir as limitações do distanciamento. Nesse sentido, várias dioceses brasileiras publicaram notas e decretos dispensando os fiéis da obrigatoriedade de “participar fisicamente” das celebrações dominicais em suas comunidades. A própria CNBB divulgou que, até o dia 26 de março de 2020, 38 arquidioceses e 134 dioceses já haviam suspenso as missas com a presença dos fiéis. Segundo o órgão, “a indicação é acompanhar as celebrações transmitidas pelos meios de comunicação, como televisão, rádio e internet” (CNBB, 2020b).

Diante do ineditismo desse “confinamento litúrgico”, a resposta quase automática de inúmeras dioceses, paróquias e movimentos católicos foi, justamente, promover mais transmissões de missa ou outros momentos de reflexão, formação e oração via TV, rádio e internet. Um dos fenômenos mais fortes nesse sentido foram as chamadas “lives” via redes sociais digitais, com momentos de formação e oração. Em muitos casos, percebeu-se um esforço muito grande, por parte de padres, religiosos/as ou leigos/as, muitas vezes diante de várias limitações tecnológicas nas comunidades e regiões locais, para que tais ambientes de encontro pudessem ser oferecidos e, assim, se conseguisse superar o isolamento e encurtar as distâncias.

Como a pandemia chegou ao Brasil em pleno tempo de Quaresma, a CNBB, por meio de sua Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia, também passou a disponibilizar, semanalmente, em formato PDF, um roteiro de “Celebrações em Família do Dia do Senhor”. Tais subsídios foram um convite aos fiéis e às famílias, impossibilitados de participar das celebrações em suas comunidades de fé como um dos meios de combate à disseminação do coronavírus, a celebrar o Dia do Senhor em seus lares, “uma vez que pela dignidade do Batismo somos todos um Povo Sacerdotal”(CNBB, 2020c). De acordo com o Pe. Leonardo Pinheiro, assessor da comissão, “acompanhar as missas pela televisão é um dos meios que temos à nossa disposição neste momento, mas celebrar a fé através da Celebração da Palavra de Deus é um meio eficaz de nos unirmos como Igreja neste momento tão difícil e, ao mesmo tempo, cheio de esperança em preparação para a Páscoa” (CNBB, 2020c).

O roteiro reconhece que o tempo litúrgico da Quaresma “é um forte tempo de oração, escuta da Palavra de Deus e práticas de caridade em vista da celebração da Páscoa do Senhor”. Porém, como esse tempo estava sendo vivido “de forma bastante diferente por conta do combate à disseminação do Covid-19”, a Comissão de Liturgia explicava que, “acolhendo a orientação das autoridades civis e sanitárias, nossos bispos no Brasil orientam os fiéis a permanecerem em suas casas, evitando aglomeração de pessoas e, conseqüentemente não participando das celebrações eucarísticas”. Por isso, a CNBB convidava a “celebrar o Dia do Senhor como Igreja doméstica, com nossos familiares, em nossas casas”.

O subsídio também resgatava as “Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora na Igreja do Brasil”, documento que norteia as ações de evangelização da Igreja Católica no Brasil, no qual se afirma que “a casa, enquanto espaço familiar, foi um dos lugares privilegiados para o encontro e o diálogo de Jesus e seus seguidores com diversas pessoas”. Assim, continuava a explicação da Comissão de Liturgia da CNBB,

Desejamos oferecer esta sugestão de Celebração da Palavra de Deus para ser celebrada em sua casa, com seus familiares neste triste momento da pandemia. São muitos os horários de transmissão de missas em nossos canais católicos que podemos acompanhar, mas vivendo a dignidade de povo sacerdotal que nosso batismo nos conferiu podemos não só acompanhar, mas celebrar com nossas famílias o Dia do Senhor. Escolha em sua casa um local adequado para celebrar e rezar juntos. Prepare sua Bíblia com o texto a ser proclamado, um crucifixo, uma imagem ou ícone de Nossa Senhora, uma vela a ser acesa no momento da celebração. (CNBB, 2020d).

Tais subsídios continuavam sendo disponibilizados até o momento em que este artigo foi finalizado, em fevereiro de 2021.

Na primeira fase da pandemia, a mesma Comissão de Liturgia da CNBB também publicou algumas indicações sobre “como se preparar para a missa em casa durante a quarentena imposta pelo coronavírus” (CNBB, 2020e). Sugere-se, por exemplo, preparar a própria casa e criar um “ambiente celebrativo” e se convidar a participar “ativa e efetivamente” da liturgia transmitida pelos meios de comunicação. Essa conscientização é importante, pois a mera conexão não significa necessariamente participação. Não se trata de uma ação automática: para

participar, é preciso agir ativamente, conscientemente. E, para isso, é preciso educar pedagogicamente os fiéis para essas novas formas de participação.

Segundo o texto da CNBB, as missas nos meios de comunicação “se tornam, ainda mais neste momento, instrumentos eficazes de “reunir’ todos, cada um em suas casas, sobretudo os idosos, em torno da Palavra de Deus”. Dada a centralidade da comunhão física da hóstia consagrada para a fé católica, o convite durante a pandemia foi a fazer a “comunhão espiritual”. Segundo o Padre Leonardo José Pinheiro, assessor da Comissão de Liturgia da CNBB,

Todos são chamados, mesmo não comungando concretamente como fariam se estivessem nas celebrações, a fazer sua comunhão espiritual, isto é, no momento da comunhão em suas casas unirem seu coração com toda a igreja cultivando no coração o desejo de estar recebendo o corpo do Senhor e juntando sua prece às preces de toda a Igreja, sobretudo para que se supere logo este momento da pandemia que estamos enfrentando. Estaremos assim unidos pela força da fé e pelas ondas dos meios de comunicação.(CNBB, 2020e)

Destaca-se ainda que “uma forma de estar em oração e em sintonia com a Igreja é por meio da meditação da Liturgia Diária sozinho ou em família”. E, especialmente no tempo da Quaresma que a Igreja estava vivendo, “além da liturgia do dia, é possível intensificar a leitura e meditação da Palavra de Deus, o terço e a Via Sacra”.

Já a Equipe de Análise de Conjuntura Eclesial da CNBB também divulgou um documento intitulado “Pandemia e pós-pandemia: dez pontos para reflexão” (COSTA, 2020). O documento reconhece o “tempo difícil da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19), em que parece custoso ver a presença do Senhor junto a nós”. Baseando-se na narrativa dos discípulos de Emaús, reafirma que, “nas noites escuras da vida e da história, o Senhor permanece conosco, Ele caminha conosco”. E, a partir disso, propõe alguns elementos de reflexão sobre o “processo de volta” e o “pós-pandemia”. Nesse sentido, o texto afirma, de modo introdutório:

Este tempo grave de Pandemia fechou as portas de nossas igrejas, mas a Igreja não está fechada, ela continua alimentando seus filhos e filhas através da oração, da Palavra, das celebrações transmitidas pelas TVs Católicas, rádios e mídias sociais, continua assistindo aos pobres e mais necessitados pela caridade e criando redes de solidariedade. [...] É preciso, vivermos com res-

ponsabilidade este momento, incentivando o nosso povo ao cuidado com a própria vida e com a vida do próximo. (COSTA, 2020)

E o primeiro dos dez pontos para reflexão é precisamente sobre a importância da comunicação e das mídias sociais. O texto indica:

Este tempo de Pandemia nos fez estar presentes nas casas e na vida das pessoas de uma forma nova: por meio das mídias sociais. Já as usávamos como meio de comunicação, de evangelização, de missão e de solidariedade. Este tempo acelerou o processo de uso das mídias sociais para reuniões, trabalhos, aulas, missas, etc., tudo on-line. Descobrimos uma nova forma de nos fazermos presentes nas casas, nas famílias e na vida das pessoas. E as pessoas descobriram este novo modo de presença, de participação na vida da comunidade. Este caminho deve continuar a ser trilhado: quantas *lives*, inclusive com transmissão de celebrações, terços, orações, etc. A PASCOM (Pastoral da Comunicação) tornou-se uma pastoral fundamental na vida das Dioceses, Paróquias e Comunidades. É um passo que foi dado e que não poderá retroceder. [...] Por isso, o uso das mídias sociais deverá continuar a ser um grande elemento da presença da Igreja, de evangelização, de missão, de oração com o nosso povo, de promoção da caridade e solidariedade. Este caminho exigirá maior investimento nas PASCOM, na aquisição de materiais e de formação de pessoas especializadas. (COSTA, 2020).

Assim, percebe-se um forte reconhecimento por parte da Igreja do papel da comunicação digital. Além disso, reafirma-se a complementariedade entre as diversas linguagens eclesiais e litúrgicas: “Não há oposição entre a assembleia litúrgica presencial e a transmissão virtual, pois existe uma absoluta primazia do presencial. Trata-se de uma forma de continuar atingindo tantas pessoas que ainda não se despertaram para a importância de viver e partilhar a fé em comunidade” (COSTA, 2020).

Com a gradual reabertura das igrejas e a retomada de algumas celebrações presenciais, será necessário entender e discernir como se explicitará essa complementariedade. Embora não havendo “oposição” entre tais ambientes e linguagens, há diferenças a serem reconhecidas e respeitadas, inclusive do ponto de vista litúrgico. Nesse sentido, se o período de pandemia foi um momento de “aprender a celebrar a distância”, o pós-pandemia será também um período de “reaprender” a celebrar presencialmente e também a distância, resguardando as especificidades de cada tempo e lugar.

### **Perspectivas para o pós-pandemia**

A experiência vivida durante a pandemia e as potencialidades trazidas pelo processo de midiatização contemporânea articularam de forma complexa, seja na IECLB, seja na ICAR, como vimos, apresentando benefícios e também riscos para a vida de fé e as práticas religiosas. Em certos momentos, houve o fomento de um certo automatismo e simplismo das respostas pastorais diante de um cenário sem precedentes como o provocado pela pandemia.

No afã de transmitir celebrações e ritos, por um lado, corre-se o risco de transformar a celebração religiosa em um mero espetáculo, em uma “encenação” a ser exibida, produzindo uma espetacularização da liturgia, chegando até a um “clericalismo midiático”. Por outro lado, desponta o risco de esquecer que há uma pessoa do outro lado das telas, e a transmissão deve possibilitar que os fiéis também possam viver a celebração e participar dos ritos religiosos em rede. Isso demanda repensar algumas concepções teológico-litúrgicas dentro da conjuntura contemporânea, conhecer as modalidades de conexão, dominar os recursos das plataformas e as linguagens digitais e, também, formar as pessoas para as novas possibilidades de participação.

Mais do que um foco estreito na transmissão, é preciso levar em conta o processo comunicacional que se estabelece especialmente no ambiente midiático, especialmente digital. Isso não significa menosprezar a qualidade técnica da transmissão: pelo contrário, ela é fundamental para auxiliar o fiel a vivenciar o rito e a experimentar a graça de Deus. Contudo, mais importante ainda é possibilitar a construção de relações interpessoais em rede, e não apenas reunir “pessoas para ouvir” e “pessoas para ver”. Particularmente em tempos de crise como a pandemia, é preciso ousadia e criatividade pastorais, mas sempre voltadas para o bem do outro e da comunidade. É melhor evitar avançar tecnologicamente se isso significa retroceder teológica e eclesialmente, por falta de discernimento.

Durante o período de distanciamento e isolamento, a relação que as Igrejas viveram com suas comunidades de irmãos e irmãs de caminhada de fé também ganhou uma nova importância. Foi possível evidenciar mais claramente que uma comunidade é mais do que uma mera congregação de indivíduos ou fruto de um mero “individualismo conectado”.

Assim, tendo em vista o pós-pandemia, é importante levar em conta as novas formações comunitárias que o período de distanciamento trouxe à tona. A

Igreja da América Latina do século passado ofereceu ao mundo um dos principais frutos do Concílio Ecumênico Vaticano II, as comunidades eclesiais de base (CEBs), um novo modo de ser Igreja e de experimentar a comunidade. Hoje, poderíamos dizer que estamos diante do surgimento de verdadeiras “comunidades eclesiais digitais” (ou CEDs), que atualizariam, com outros “meios” e em outros “ambientes”, a mesma busca e necessidade de experiência religiosa, de vínculo interpessoal e também de cidadania eclesial (SBARDELOTTO, 2017).

As CEDs, assim como as CEBs históricas, apontam para uma eclesialidade “nova-ainda-não-experimentada” em meio às variações históricas das formas comunitárias da Igreja. O ambiente digital, assim, diante do ineditismo deste momento histórico para a Igreja, possibilita novas formações eclesiais e comunitárias em rede, muitas vezes, ultrapassando as configurações espaço-temporais da estrutura eclesiástica local (paróquia, diocese etc.). Isso aponta para uma busca de relações outras em ambientes outros, criando e até inventando, positivamente, experiências de vivência e comunicação da fé.

Em suma, a pandemia, com seu somatório de tensões, levou igrejas como a IECLB e a ICAR a refletirem profundamente sobre o culto, o sentido teológico, confessional e pastoral da prática litúrgica em outros formatos, em especial dos sacramentos e ofícios. A pandemia revelou às igrejas a necessidade de reconhecer cada vez mais o próprio digital como um “lugar teológico”. Em rede também é possível encontrar a Deus e o “outro”, o irmão e a irmã de fé. Também é possível viver experiências de comunhão e de comunidade. Mas, para isso, é preciso discernir as possibilidades e os limites da cultura digital, suas luzes e sombras, suas riquezas e pobreza. Faz-se necessário fazer teologia das redes, para as redes e nas redes. O desafio é, precisamente, promover uma “inculturação digital”, que permita atualizar a evangelização nas linguagens e ambientes da comunicação contemporânea.

### **Referências bibliográficas**

- ADAM, Júlio C. Liturgical Formation, Liberation Theology and Latin American Culture. *Studia Liturgica*, v. 47, n. 1, 2017. pp. 1-13,
- ADAM, Júlio C. Pregação em trasição: uma perspectiva homilética desde América Latina e Brasil. *International Journal of Homiletics*, n. 1, 2016. pp. 11-20.
- ALLMEN, J. J. von. *O culto cristão: teologia e prática*. 2º ed. São Paulo: Aste, 2006.

BRASIL. IBGE (org.). *Censo 2010: mundo católico*. Mundo Católico. 2010. Disponível em: <http://migre.me/ddYsQ>. Acesso em 19 de outubro de 2020.

CNBB. *Celebrar em Família o Dia do Senhor – IV Domingo da Quaresma – Ano A*, 21 de março de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3mWVaTJ>. Acesso em 15 de outubro de 2020.

CNBB (Brasil). *Mensagem: tempos de esperança e solidariedade*. 2020a. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cnbb-emite-mensagem-na-qual-pede-observacao-ir-restrita-as-orientacoes-medico-sanitarias/>. Acesso em: 15 de março de 2020.

CNBB (Brasil) (org.). *Mais dioceses brasileiras suspendem missas com participação dos fiéis e investem na internet*. 2020b. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/mais-dioceses-brasileiras-suspendem-missas-com-participacao-dos-fieis/>. Acesso em 23 de março de 2020.

CNBB (Brasil) (org.). *CNBB disponibiliza roteiro da celebração familiar do 4º Domingo da Quaresma*. 2020c. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cnbb-disponibiliza-roteiro-da-celebracao-familiar-do-4o-domingo-da-quaresma-2/>. Acesso em 21 de março de 2020.

CNBB (Brasil). *Como se preparar para a missa em casa durante a quarentena imposta pelo coronavírus?* 2020e. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/confira-dias-e-horarios-das-missas-transmitidas-pelas-emissoras-de-tv-de-inspiracao-catolica/>. Acesso em 20 de março de 2020.

DOM PAULO CEZAR COSTA (Brasil). Diocese de São Carlos (org.). *Pandemia e pós-pandemia: dez pontos para reflexão*. dez pontos para reflexão. 2020. Equipe de Análise de Conjuntura Eclesial. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-05/pandemia-e-pos-pandemia-dez-pontos-para-reflexao.html> Acesso em 08 de maio de 2020.

FACULDADES EST (Brasil) (org.). *Curso de Extensão: comunidades em rede*. Comunidades em Rede. 2020. Disponível em: <http://www.est.edu.br/comunidade-desemrede/>. Acesso em 19 de outubro de 2020.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro, 1550-1800: ensaio de interpretação a partir dos oprimidos*. Petrópolis: Vozes, 1974.

IECLB (Brasil). IECLB. *A caminho em terras brasileiras: a criação de comunidades evangélicas no Brasil*. A criação de comunidades evangélicas no Brasil. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/a-caminho-em-terras-brasileiras>. Acesso em 19 de outubro de 2020a.

IECLB (Brasil) (org.). *Comunidades juntas no caminho*. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/comunidades-juntas-no-caminho>. Acesso em 19 de outubro de 2020b.

IECLB (Brasil). *Carta da Secretaria Geral da IECLB nº 281.455/20, 12/06/2020c*.

IECLB (Brasil). *Carta Pastoral da Presidência da IECLB nº 281849/20, 06/07/2020d*.

IECLB (Brasil). *Carta Pastoral da Presidência da IECLB nº 280034/20*, 17/03/2020e.

IECLB (Brasil). *Carta Pastoral da Presidência da IECLB nº 280035/20*, 23/03/2020f.

IECLB (Brasil). *Carta Pastoral da Presidência da IECLB nº 280273/20*, 04/04/2020g.

IECLB (Brasil). *Carta Pastoral da Presidência da IECLB nº 280274/20*, 06/04/2020h.

IECLB (Brasil). *Carta Pastoral da Presidência da IECLB nº 280365/20*, 24/04/2020i.

OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde. *Folha informativa COVID-19 – Escritório da OPAS e da OMS no Brasil*, 03/02/2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em 05 de fevereiro de 2021.

SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital*. São Paulo: Paulinas, 2017.

STEIL, Carlos A.; TONIOL, Rodrigo. O catolicismo e a Igreja Católica do Brasil à luz dos dados sobre religião no Censo de 2010. *Debates do NER*. Porto Alegre: UFRGS, ano 14, n. 24, julho-dezembro de 2013. Disponível em: <http://goo.gl/MRGaoc>. Acesso em 15 de outubro de 2020.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista USP*. São Paulo: USP, n.67, setembro-novembro de 2005. Disponível em: <https://bit.ly/30dhEpT>. Acesso em 15/10/2020.

*Recebido em 19/10/2020*

*Aceito para publicação em 05/02/2021*

# **A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos templos para as casas e para as mídias**

The breaking of religious paradigms in times of pandemic:  
from temples to homes and the media

*Valdir Stephanini\**

*Julio Cezar de Paula Brotto\*\**

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-5>

## Resumo

Este artigo se propõe a fazer uma reflexão sobre a relação que há entre a pandemia do novo corona vírus e a quebra de paradigmas nas religiões, sobretudo das igrejas cristãs. A partir do conceito de paradigma, proposto por Thomas S. Khun, busca-se mostrar que, mais do que tragédias, as principais pandemias vividas pela humanidade na era cristã impuseram a necessidade das igrejas cristãs quebrarem paradigmas a fim de atenderem as demandas da sociedade e, sobretudo, as demandas das próprias comunidades. O objetivo central do artigo é mostrar que a quebra de paradigmas é também uma oportunidade que as igrejas tem de rever suas convicções e suas práticas, especialmente na superação do templocentrismo e na utilização das novas tecnologias que permitem acesso às novas mídias disponíveis na sociedade contemporânea. A questão problema que se tenta responder é até que ponto as igrejas cristãs estão aproveitando esses momentos de crise aguda, vivido pela humanidade, para resgatar paradigmas perdidos, presentes no cristianismo primitivo e implementar novos paradigmas diante das oportunidades que se abrem com as novas tecnologias. A primeira seção fará uma abordagem histórica, pontuando alguns acontecimentos vividos pela humanidade na pandemia conhecida como peste bubônica ou peste negra (1346 a 1352) e na grande gripe, conhecida também como gripe espanhola (1918 a 1920). Na segunda seção serão apresentados alguns conceitos de paradigma e a necessidade da quebra de paradigmas nas pandemias, sobretudo naquela vivida pela humanidade nesse início do século 21. Na terceira seção serão mostradas algumas medidas tomadas pelas igrejas cristãs das diversas denominações, em virtude da pandemia da COVID-19, relacionada com a quebra de paradigmas.

Palavras chaves: Pandemia.Paradigma.Igrejas cristãs.Casas e mídias.

---

\* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória (FUV). E-mail: valdir@fuv.com.br.

\*\* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória (FUV). E-mail: julio.brotto@fuv.com.br.

## Abstract

This article proposes to reflect on the relationship that exists between the pandemic of the new coronavirus and the breaking of paradigms in religions, especially in Christian churches. Based on the concept of paradigm, proposed by Thomas S. Khun, we seek to show that, more than tragedies, the main pandemics experienced by humanity in the Christian Era imposed the need for Christian churches to break paradigms in order to meet the demands of society and, above all, the demands of the communities themselves. The main objective of the article is to show that breaking paradigms is also an opportunity that churches have to review their convictions and practices, especially in overcoming tempocentrism and in using new technologies that allow access to new media available in contemporary society. The problem question we are trying to answer is the extent to which Christian churches are taking advantage of these moments of acute crisis, experienced by humanity, to rescue lost paradigms, present in primitive Christianity and implement new paradigms in the face of the opportunities that are opened up with new technologies. The first section will take a historical approach, highlighting some events experienced by humanity in the pandemic known as bubonic plague or black plague (1346 to 1352) and in the great flu, also known as the Spanish flu (1918 to 1920). In the second section, some paradigm concepts and the need to break paradigms in pandemics will be presented, especially in that experienced by humanity at the beginning of the 21st century. In the third section, some measures taken by the Christian churches of the different denominations will be shown, due to the COVID - 19 pandemic, related to the paradigm break.

Key words: Pandemic. Paradigm. Christian churches. Houses and media.

## Introdução

A pandemia da COVID-19, doença causada pelo vírus SARS-Cov2, da família de coronavírus descoberta nos anos 1960, pegou todo mundo de surpresa e alterou significativamente a rotina de todas as pessoas, causando apreensão, medo, angústia, perdas, muito sofrimento e forçou a quebra de paradigmas em todos os níveis da sociedade, inclusive nas religiões, preponderantemente nas igrejas cristãs.

Habitadas a utilizarem espaços específicos dedicados aos seus rituais, as religiões, sobretudo as igrejas cristãs, foram forçadas, de um momento para outro, sem planejamento algum, a quebrar paradigmas e a se reinventarem na busca do atendimento de seus fiéis, passando a utilizar as casas e as novas tecnologias para manter seus membros unidos e atender as demandas trazidas pela pandemia.

Certamente o grande diferencial, se comparada com as pandemias anteriores, está sendo a utilização das mídias, por parte das religiões, no processo de comunicação, caminhando assim para um novo paradigma que deve se manter no período pós-pandemia.

A última grande pandemia vivida pela humanidade havia ocorrido há mais de um século, conhecida como gripe espanhola, apesar de ter se manifestado na

Filadélfia, tendo aparecido em 1918 e se mantido até 1920, “matando mais pessoas do que qualquer outro surto de doença na história da humanidade” (Barry, 2020, p. 12). Claro que naquela pandemia também as religiões precisaram se adaptar, mas não contavam com as novas tecnologias presentes na realidade da pandemia da COVID-19.

Segundo Peter Berger (1995, p. 15): "Toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento". Sendo assim, num tempo de pandemia, em que toda a humanidade é afetada, as religiões acabam tendo um papel importante, tanto positiva quanto negativamente, quando promovem redes de solidariedade para o suprimento das demandas da população sofrida, ou quando fazem uma leitura negacionista da realidade, colocando os fiéis em risco ao manterem suas reuniões e promoverem aglomerações proporcionando a disseminação do vírus com muito mais intensidade.

Esse artigo se propõe a mostrar que, além de todas as dificuldades e sofrimentos causados pela pandemia da COVID-19, esta se constitui numa oportunidade para que as religiões quebrem seus paradigmas e busquem novas formas de agir e interagir com a sociedade.

### **As religiões diante das pandemias ao longo da história**

Embora esteja causando danos irreversíveis em todo o mundo, a pandemia da COVID-19 não é a primeira a ser vivida pela humanidade. Dentre as muitas pandemias que foram enfrentadas ao longo da história, duas serão destacadas nesse artigo: A Peste Bubônica e a Gripe Espanhola.

#### **A Peste Bubônica**

A pandemia Peste Bubônica, também conhecida como Peste Negra, em virtude dos corpos das vítimas assumirem coloração escura (Barry, 2020, p. 246; Martino, 2017, p. 32), embora esse termo só tenha sido utilizado a cerca de duzentos anos depois do fim da pandemia (Martino, 2017, p. 30), assolou a Ásia e a Europa entre os anos de 1346 a 1352 e matou “um terço da população, ou seja, cerca de 25 milhões de pessoas” (Martino, 2017, p. 90). Embora tenha desaparecido em 1352, “porém até o século XVIII, a peste permaneceu em estado endêmico na Europa, retornando sem muita violência de tempos em tempos, até que as

peçoas, finalmente, conseguiram desenvolver anticorpos para se defender da doença” (Martino, 2017, p. 90).

Tratava-se de uma doença contagiosa, que atingiu grande parte da população já penalizada com a escassez de alimentos, uma vez que trinta anos antes milhares de europeus tinham morrido de fome em virtude do excesso de chuvas que haviam comprometido as colheitas. Os resultados foram desastrosos. “Os negócios paralisaram-se e muitos comerciantes faliram. Escolas e universidades fecharam as portas, por falta de pessoal capaz de dirigir. [...] Grande número de aprendizes deixou de concluir sua aprendizagem resultando num empobrecimento profissional” (Martino, 2017, p. 31-32). Martino cita o médico muçulmano Ibn Al-Khatib que teria descrito a peste como sendo: “uma doença aguda, acompanhada de febre em seu início, de essência tóxica, que atinge o coração, através do ar, espalha-se pelas veias e corrompe o sangue, e confere a certos humores característica venenosa, o que gera a febre e a expectoração de sangue” (2017, p. 32).

Nesse tempo de pandemia, a religião Católica era predominante na Europa e a Igreja comandava as ações da sociedade em toda e qualquer circunstância. Acreditava-se que a vida terrena era apenas um detalhe, porque o mais importante era a vida eterna. Praticamente todas as pessoas acreditavam na existência de um Deus bom e misericordioso e na existência de uma vida depois da morte. Mesmo assim, “quando ocorria alguma calamidade, como a peste negra, acreditava-se que era Deus quem estava punindo os homens ou os provando. Para aplacar a sua cólera, as pessoas deviam jejuar, fazer penitências, orar e realizar atos de caridade” (Martino, 2017, p. 28).

Quando a pandemia alcançou o continente europeu, em 1347, era Clemente VI quem liderava o mundo cristão, não de Roma, mas de Avignon, para onde a sede do papado havia sido transferido recentemente. Ele foi aconselhado pelo seu médico particular a abandonar a cidade e refugiar-se no campo, numa tentativa de se livrar da peste, prática seguida pela população que achava que refugiando-se no interior, estariam livres da doença, o que na verdade era ilusão, pois a enfermidade atingiu também a zona rural. (Martino, 2017, p. 31, 32 e 38).

As interpretações acerca do que estava acontecendo eram muitas e descontraídas. As especulações sobre as causas para tamanha tragédia iam desde a crença de que Deus estava punindo a população por causa dos seus pecados, o fato de a sede do governo papal ter sido transferida de Roma para Avignon até a

presença dos judeus em terras europeias, ajudados pelos leprosos (Martino, 2017, p. 32). Como os médicos podiam fazer muito pouco em favor dos pacientes e ninguém sabia com certeza como a doença se expandia e, muito menos, como se livrar dela, restava para o povo apearem-se aos santos de sua devoção.

Segundo Martino, “foi o cientista suíço Alexandre Yersin quem primeiro descreveu corretamente o bacilo da peste. [...] O vetor do bacilo *Yersinia pestis* é a pulga do rato-preto, a *Xenopsylla cheopis*, que é muito resistente e pode viver um ano inteiro sem encontrar um rato hospedeiro” (2017, p. 34). Foram identificadas pelo menos três maneiras de ataque da doença: a peste pneumônica, que atinge os pulmões, a peste septicêmica, que se manifesta na corrente sanguínea e a peste bubônica, nome derivado dos bubões, espécie de tumores escuros que apareciam, principalmente na região das axilas e virilhas. (Martino, 2017, p. 36).

As narrativas do que aconteceu nesse período é impactante. Doentes infectados não eram tratados porque as pessoas tinham medo de se contaminarem. Muitas vezes eram abandonados e acabavam morrendo sozinhos. Em outras situações, os doentes eram jogados para fora dos muros das cidades, a exemplo do que se fazia com os leprosos. Como não se sabia exatamente como tratar a doença, diversas iniciativas eram tomadas, desde acender fogueiras nas ruas, piras nas residências e queimar galhos secos que tivessem cheiro forte como pinho, alecrim, louro, cipreste e videira e, como não poderia deixar de ser, “os padres aconselhavam portar amuletos religiosos” (Martino, 2017, p. 42).

O destino que se dava aos defuntos era desesperador. Num primeiro momento, enquanto eram poucos os infectados, a população manteve os rituais de sepultamento, sempre que possível, enterrando os corpos em covas bem fundas para não correr o risco de contaminar outras pessoas. Quando o número de óbitos se multiplicou, esses rituais foram abandonados.

Os cadáveres eram simplesmente recolhidos de manhã em carretas que circulavam pelas ruas das cidades a fim de levar os doentes que haviam falecido durante a noite, para serem sepultados em cemitérios, em vala comum [...] emplilhando-se um defunto por cima do outro sem sequer lhes envolver os corpos em uma mortalha. [...] Os coveiros tornaram-se insuficientes para dar conta de tanto trabalho, sem dizer que eles também iam morrendo, como o restante da população (Martino, 2017, p. 48).

São poucas as informações sobre a maneira que a Igreja Católica enfrentou a pandemia, até porque vivia um momento de crise profunda, com a sede do papado localizada em Avignon, na França, sob a liderança de um papa que se

preocupava mais com sua própria segurança e em desfrutar dos benefícios que o papado lhe oferecia (Martino, 2017, p. 77).

### **A Gripe Espanhola**

Mais de 500 anos depois do fim da pandemia que vitimou milhares de pessoas, outra pandemia se instala e veio a se tornar mais letal em número de vítimas fatais. Claro que nesse período intermediário ocorreram muitos eventos epidêmicos ao redor do mundo, especialmente na Europa (Martino, 2017, p. 90). Barry registra o início da pandemia do início do século XX, conhecida como gripe espanhola, da seguinte maneira:

Em 1918, surgiu um vírus influenza – provavelmente nos Estados Unidos – que se espalharia pelo mundo, e uma de suas primeiras aparições em forma letal ocorreu na Filadélfia. Antes de desaparecer em 1920, essa pandemia mundial mataria mais pessoas do que qualquer outro surto de doença na história da humanidade.

A humanidade ainda vivia na sombra de uma guerra mundial e agora precisava enfrentar uma enfermidade desconhecida que ameaçava a todos/as pela rapidez com que se espalhava e a letalidade com que dizimava aqueles/as que eram contaminados/as. Segundo Barry, “a estimativa mais baixa de fatalidades dessa pandemia em todo o mundo é de 21 milhões de pessoas [...]. Os epidemiologistas de hoje estimam que a gripe provavelmente causou ao menos cinquenta milhões de mortes em todo o mundo, e, possivelmente, até cem milhões” (2020, p. 12).

Um dado interessante sobre a pandemia da gripe espanhola é que, ao invés de atingir principalmente idosos e crianças, “aproximadamente metade dos que morreram eram homens e mulheres jovens no auge da vida, na faixa dos vinte aos trinta anos” Barry, 2020, p. 13). Uma explicação plausível sobre isso seria pelo fato de que o vírus espalhou-se especialmente nos aglomerados de soldados que participavam da guerra, mas isso é apenas uma especulação.

Outro detalhe interessante é a rapidez com que o vírus se espalhou e o número de vítimas fatais que ocasionou. Barry afirma que

Embora a pandemia de gripe tenha se prolongado por dois anos, talvez dois terços das mortes tenha ocorrido em período de 24 semanas, e mais da metade dessas mortes se deu em menos tempo, de meados de setembro a início de dezembro de 2018. A gripe matou mais pessoas em um ano do que a peste bubônica da Idade

Média em um século; matou mais pessoas em 24 semanas do que a AIDS em 24 anos (Barry, 2020, p. 13).

As narrativas dos fatos que marcaram a pandemia da gripe espanhola na cidade de Filadélfia, que era um retrato do que acontecia no restante do mundo, ganha contornos de desespero trágico.

Os corpos foram postos em funerárias, ocupando cada área dessas instalações e se acumulando em alojamentos; em necrotérios de hospitais, já invadindo os corredores; nos necrotérios da cidade, já invadindo as ruas. E havia corpos nas casas também. Estavam na varanda, no armário, nos cantos do chão, nas camas. As crianças fugiam da vista dos adultos para observá-los, tocá-los.; as mulheres deitavam ao lado do marido morto, sem querer mexer no corpo ou deixá-lo. Os corpos, lembretes da morte e responsáveis por trazer terror e dor, repousavam sobre o gelo a temperaturas semelhantes às do verão na Índia. A presença deles era constante, um terror desmoralizante para a cidade; um horror do qual não era possível escapar (Barry, 2020, p. 372).

Além de todos os dramas inerentes à pandemia, pairava no ar uma disputa entre a concepção da ciência e da religião sobre o que poderia ser feito para inibir a disseminação do vírus e determinar o fim da pandemia. “Foi o primeiro grande choque entre uma força natural e uma sociedade com indivíduos que se recusavam a se submeter a essa força ou a simplesmente implorar por salvação através da intervenção divina” (Barry, 2020, p. 14). De positivo a se destacar foi a iniciativa da Igreja Católica em se unir as autoridades públicas a fim de recolher os corpos dos mortos. O fato é que somente os agentes públicos não conseguiam dar conta desse desafio. Os coveiros não davam conta de enterrar os mortos

e as próprias famílias dos mortos pegavam a enxada e escavavam a terra, os rostos marcados por suor, lágrimas e areia. [...] Seminaristas se voluntariaram para ser coveiros, mas ainda não conseguiam alcançar o ritmo. A cidade e a arquidiocese recorreram a equipamentos de construção usando pás a vapor para escavar valas comuns destinadas a enterros em massa. [...] O arcebispo Denis Dougherty enviou padres para as ruas a fim de remover os corpos das casas” (Barry, 2017, p. 372).

O isolamento tornou-se ainda mais dramático quando a empresa de telefonia ampliou o isolamento impedindo que 1800 funcionários ficassem sem trabalhar, exigindo que as chamadas fossem atendidas de maneira aleatória, impedindo assim uma comunicação que já era precária entre as pessoas. Barry cita Clifford Adams que afirmou: “As pessoas foram impedidas de se comunicar, de ir

a igrejas, as escolas fechadas [...] todos bares fechados [...] tudo estava quieto” (Barry, 2020, p. 374).

### **A mudança de paradigmas como elemento de renovação das religiões**

Esta seção tratará do conceito de paradigmas e analisará a necessidade de mudança de paradigmas para a renovação das religiões, sobretudo das igrejas cristãs, objetos desse artigo. Será observado também que as pandemias, particularmente a pandemia do novo corona vírus, representam boas oportunidades para a quebra de paradigmas e consequente renovação das instituições religiosas.

### **O significado de paradigma**

Desde que Tomas S. Kuhn utilizou a expressão em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, publicado pela primeira vez em 1962, que passou a ser referência no trato do assunto, o termo vem sendo utilizado, pensado e re-pensado. Para Kuhn, um paradigma pode ser visto em dois sentidos diferentes:

de um lado, indica toda aconstelação de crenças, valores, técnicas etc., partilhadas pelos membros de umacomunidade determinada. De outro, denota um tipo de elemento dessaconstelação: as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas comodelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como base para asolução dos restantes quebra-cabeças da ciência normal(Kuhn, 2013, p. 187).

Pensando em termos de comunidades religiosas cristãs, paradigmas podem ser entendidos como o conjunto de doutrinas e práticas que tem sido por elas adotadas ao longo dos séculos, a partir das doutrinas e práticas das primeiras comunidades do movimento cristão, registradas nas Escrituras dos discípulos e discipulas de Jesus Cristo como também nas construções históricas desse movimento ao longo desses dois mil anos.

Outro teórico a conceituar paradigmas foi Joel Arthur Barker. Para ele, trata-se do “conjunto de regras e regulamentos (explícitos e não explícitos) que fazem duas coisas: 1)estabelecem limites ou fronteiras; 2) nos dizem como devemos nos comportar dentro destes limites de forma a sermos bem sucedidos” (1992, p. 32). A partir do conceito de Barker, os paradigmas cristãos são as regras e regulamentos que foram estabelecidos ao longo da história e que representam limites até onde se pode ir ou não a fim de cumprir a missão estabelecidas pelo Cristo.

Ed René Kivitz, que faz uma aplicação do conceito de paradigma para a realidade do cristianismo, entende paradigma como sendo

A fronteira dentro das quais o sucesso deve ser construído e as soluções dos problemas devem ser encontradas. Paradigmas são limites de possibilidades. Paradigmas são “verdades” que se fixaram na mente e que indicam um jeito de ser, viver ou fazer as coisas. Novos paradigmas surgem quando alguém descobre um jeito diferente de encarar ou fazer algumas coisas. (Kivitz, 2002, p. 12).

Conquanto aconteçam sem planejamento e sem intencionalidade, as pandemias se constituem oportunidade para que as comunidades religiosas descubram maneiras diferentes de encarar e de fazer algumas coisas, abrindo espaço para novos paradigmas. Afinal, segundo Edgar Morin, “quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e ideias, em vez de deixar o fato novo entrar a força na teoria incapaz de recebê-lo” (2001, p. 30). Isso nos leva a pensar na quebra de paradigmas religiosos proporcionado pelas pandemias.

### **A quebra de paradigmas nas pandemias**

Ao analisar os acontecimentos vivenciados pelos cristãos nas grandes pandemias, percebe-se que, em função do tamanho das crises, paradigmas religiosos cristãos foram quebrados, em função do período de excepcionalidade que se instalou na sociedade.

Nos anos da peste negra, por exemplo, pode-se mencionar a mudança nos rituais fúnebres, de cunho religioso, praticado pelos cristãos. Antes da chegada da peste, depois de um período de lamento feito pelas mulheres mais próximas ao defunto,

o falecido era conduzido à igreja que escolhera momentos antes de morrer. Os seus pares levavam-no aos ombros, com pompa fúnebre, de velas e de cantos. Tais cerimônias quase se extinguíram, no todo ou parcialmente, quando principiou o furor da peste. E muitas novidades vieram a substituí-las. [...] Fazia-se raro o caso daqueles que tinham, indo para a igreja, para o cortejo de dez ou doze de seus vizinhos. O féretro destes era carregado, não por honrados e prestimosos cidadãos, porém por uma espécie de padioleiros, que se originaram da gente mais humilde, que recebiam o título de coveiros, e que apenas usavam seus préstimos por um preço combinado com antecedência. [...] Os padioleiros caminha-

vam atrás de quatro ou cinco clérigos, com raras velas; as mais das vezes iam mesmo sem nenhum clérigo (Martino, 2017, p. 48).

Ainda que se tenha poucas informações de outras práticas que foram quebradas pelos cristãos nesse período, a prática da alteração dos rituais de sepultamento serve como exemplo de que em períodos de excepcionalidade, como o vivido pela humanidade na Idade Média, a quebra de paradigmas religiosos, não só se configura como tal, como significa e identifica uma oportunidade para a reflexão sobre a real importância destes paradigmas na vida das comunidades. Poder-se-ia questionar se a quebra de paradigmas religiosos ou a quebra de paradigma das comunidades religiosas tem importância na vida destas comunidades ou até mesmo de outras comunidades? É provável que a afirmação possa ser sim na medida em que toda quebra ou ruptura gera novas possibilidades hermenêuticas de compreensão da vida e também da morte. Heidegger afirma que a base fundamental da linguagem não se encontra na lógica nem na gramática, e muito menos no potencial do aparelho fonador do animal racional, mas baseia-se na composição existencial do ser-aí, isto é, na abertura do ser-no-mundo. (Heidegger, 1998, p. 35).

Na pandemia da gripe espanhola, além de serem impedidos de se reunirem nas igrejas, os cristãos e as cristãs se envolveram de maneira extraordinária na tentativa de amenizar o sofrimento das famílias e resolver os problemas relacionados aos enfermos e aos falecidos. Como exemplo dessa mudança, pode-se mencionar o que aconteceu com as freiras, que antes enclausuradas com regras rígidas de comportamento, agora foram liberadas para deixar a clausura e quebrar os votos dantes feitos. Barry menciona que, numa atitude desesperada para ajudar “o arcebispo liberou freiras para trabalharem nos hospitais, incluindo os hospitais judeus, e permitiram que elas violassem as regras das ordens religiosas de passar a noite fora do convento e quebrar votos de silêncio” (2020, p. 374).

Mesmo fora das pandemias, Kivitz propõe a necessidade da quebra de quatro paradigmas que se encontram cristalizados nas comunidades cristãs contemporâneas e que deveriam ser modificados para sua renovação, resgate do genuíno conceito de Igreja e cumprimento de sua missão no mundo. Segundo ele há uma “mentalidade vigente, uma certa maneira de pensar a igreja, que se torna representativa da grande maioria das comunidades cristãs, que pode ser identificada à luz de quatro grandes paradigmas, a saber: culto, clero, domingo e templo” (2002, p. 39). Segundo Kivitz esses quatro paradigmas têm causado danos ao cristianismo porque “viciaram a mente do cristão a compreender a Igreja como

um acontecimento semanal” (2002, p. 39-40). Kivitz defende a tese de que “o ensinamento bíblico é que a Igreja do Senhor Jesus está desafiada a viver além dos limites do culto-clero-domingo-templo” (2002, p. 40).

Num momento de pandemia, como a vivenciada nesse momento com a COVID-19, a rotina das Igrejas precisou ser alterada. Com atividades concentradas aos domingos e centralizadas nos templos, as Igrejas precisaram se adequar ao momento, obedecendo às recomendações das autoridades de saúde, tendo que fechar os templos e utilizar estratégias alternativas para atender as demandas dos membros das comunidades.

Um dos movimentos que acabou acontecendo, mesmo que de maneira forçada, foi a valorização das casas, motivada pela quarentena, retornando a uma prática muito comum entre os cristãos nos primeiros séculos, como se lê nas narrativas das Escrituras: “E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam com alegria e singeleza de coração” (Atos 2, 46). As casas dos membros das igrejas eram utilizadas pelos discípulos e discipulas de Jesus Cristo para reunir-se e celebrar a comunhão cristã. “E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de anunciar Jesus Cristo” (Atos 5, 42).

Howard Snyder afirma que “cristãos judeus continuaram cultuando por algum tempo no templo, mas essa prática foi cessando gradativamente. E o templo foi destruído em 70 d.C.” (1977, p. 70). Segundo Snyder, “teologicamente, a igreja não precisa mais de templos. Edifícios não são essenciais para a verdadeira natureza da igreja, pois o tabernáculo simbolizava a habitação de Deus, e Deus já habita dentro da comunidade humana dos crentes cristãos” (1977, p. 70). A necessidade de templos passou a ser sentida depois de 200 anos de história do movimento cristão (Snyder, 1977, p. 74). Isso significa dizer que, embora os espaços conhecidos como templos tenham sua utilidade prática, é perfeitamente possível as igrejas cristãs existirem e cumprirem sua missão, mesmo sem as tradicionais reuniões aos domingos, dirigidas por um pastor, num culto, no templo. E isso tem sido evidenciado nesse período de pandemia, em que as igrejas passaram a utilizar as casas como refúgio para os seus membros e as mídias como estratégia para a divulgação do Evangelho e as orientações às comunidades, como será exaustivamente demonstrado na próxima seção.

### **Ações e reações das religiões diante da pandemia da COVID-19**

Em busca de mudanças e adequações neste tempo de pandemia, as religiões, por meio do arcabouço e dinâmica própria de cada uma, assumiram vultosa intensidade no ciberespaço por meio das tecnologias, gerando uma enorme pandemia de transmissões religiosas: doutrinas, ritos, valores, celebrações, estudos, comunicações etc. Neste panorama de mudanças rápidas nas atividades religiosas impostas pela pandemia da COVID-19, o distanciamento físico em busca de boas práticas higiênicas, demandou das lideranças religiosas alternativas para manterem os laços relacionais e religiosos e assistirem religiosamente os fiéis.

Embora essa prática não seja inédita, uma vez que “em geral, as igrejas nunca rejeitaram as mídias, pelo contrário” (Cunha, 2017, p. 27) as tem utilizado em profusão desde suas origens, não resta dúvidas de que a pandemia intensificou essa utilização e consolidou a quebra do paradigma do templo, uma vez que, segundo Freire,

os milhares de sites, blogs e perfis em redes sociais que tem a religião como tema fundador, oferecem, basicamente, discursos nos formatos mais diversos, desde textos e vídeos até aplicativos e imagens animadas, porém, em nossa percepção, os espaços virtuais que mais caracterizam os ciber-templos seriam as páginas que possibilitam a participação e interação com os fiéis (Freire, 2017, p. 148).

A partir do início da pandemia do novo coronavírus, no início de 2020, com a necessidade de fechamento dos templos em função dos riscos de contaminação, os meios midiáticos vêm sendo utilizados pela maioria dos líderes religiosos ao redor do mundo, para darem continuidade às atividades religiosas, possibilitando os fiéis, até os que não têm acesso aos recursos tecnológicos por uma variedade de razões, com o objetivo de minimizar a falta das celebrações nos espaços sagrados clássicos. Em busca de proximidade que se contraponha ao distanciamento físico, os exercícios religiosos fraternos e solidários incentivam à caridade e ações solidárias palpáveis em benefício da coletividade (McLaughlin, 2020, p. 20-21).

Boa parte das lideranças e dos fiéis envidaram esforços para alcançar condições de adaptabilidade e estão seguindo as restrições e orientações sanitárias de manter e ampliar o distanciamento físico e social com o objetivo de conter o avanço da COVID-19 (Nunes, 2020). Contudo, alguns líderes religiosos assumiram posturas resistentes em mudar os hábitos e costumes religiosos, desde a-

queles que negavam com veemência a existência do vírus, até aqueles que profetizaram sua cura por meio de recursos muitas vezes contrários à ciência.

A resistência em fechar as igrejas encontra eco no Congresso. Presidente da Frente Parlamentar Evangélica, o deputado Silas Câmara (Republicanos-AM) solicitou a reabertura de templos religiosos que foram fechados em outros Estados por recomendação de Governos sob a justificativa de “acolher os desesperados” nos refúgios contra o que chama de “pandemia maligna”. Igrejas desafiam recomendação de suspender missas e cultos diante da pandemia do coronavírus (Pires, 2020).

Vários líderes religiosos assumiram uma postura negacionista enquanto outros optaram por uma postura reducionista como é possível ser atestado em diversos pronunciamentos de líderes religiosos, ora negando ou minimizando a gravidade da COVID-19, levando as vidas dos fiéis e as suas próprias vidas a situações de risco de contaminação da doença, com a possibilidade de aumentar a disseminação do novo coronavírus. Um exemplo de postura negacionista foi a do Pr. Silas Malafaia que afirmava já no início da pandemia, em março de 2020, que não fecharia a igreja por causa do coronavírus (Barreto Filho, 2020).

### **A postura negacionista**

A postura negacionista sempre vem apoiada em teorias e discursos incoerentes e sem aprofundamentos, em clara oposição aos dados científicos. Assim espalharam o vírus da desconfiança, apoiados em princípios ético-morais que de fácil assimilação para os fiéis já habituados com uma linguagem religiosa fundamentalista. Essa postura alargou e aumentou o fenômeno de desinformação, não apenas por meio de informações falsas, *fake news*, como também ambíguas e inconclusivas. O espaço religioso é um espaço fértil para a divulgação de informações, pois são tidos como espaços confiáveis, não somente em função da liderança, como um rabino, pastor(a), padre, imã, monge(a), mas em função dos próprios fiéis, dada a fraternidade, o apoio e a confiabilidade (Porreca, 2020, p. 231-234).

Assim como se deu em outros segmentos da sociedade como campo político, por exemplo, também no campo religioso houve resistências relacionadas à admissão da realidade e da gravidade da pandemia do novo coronavírus e isso acabou trazendo consequências desastrosas, com disseminação do vírus, contaminação em massa e morte inclusive de lideranças religiosas.<sup>1</sup>

## Segundo Porreca:

nem todas as lideranças e adeptos religiosos seguiram as restrições e orientações sanitárias de manter e ampliar o isolamento social ou seguir os protocolos para a volta gradual para conter o avanço do SARS-CoV-2. Alguns líderes religiosos hindus, judeus, cristãos, muçumanos e budistas em especial, assumiram e mantiveram inúmeras resistências em mudar os hábitos e costumes religiosos, desde aqueles que negavam veementemente a existência do vírus, até aqueles que garantiram a sua cura (Porreca, 2020, p. 236).

Em artigo publicado no dia 20 de maio de 2020, o *Jornal A Gazeta*, de Vitória (ES), Nunes (2020), publicou uma série de depoimentos de lideranças religiosas expressando a visão de cada grupo por elas representado, diante da pandemia da COVID-19. Entre os depoimentos estão aqueles que demonstram uma postura negacionista do fenômeno, entendendo simplesmente como o cumprimento das profecias narradas nas Escrituras, apontando como saída apenas que os fiéis devem buscar mais a Deus, ao invés de reconhecer a gravidade do momento e orientar os membros das comunidades em como se proteger do vírus e como podem contribuir para que o vírus não se propague. No mesmo artigo é dito também que é preocupante o fato de que algumas lideranças religiosas estão mais preocupadas com os templos vazios em função da ausência da contribuição do dízimo do que com a vida e o sofrimento dos fiéis.

Para Edebrando Cavalieri, o sentido de religião passa, em boa medida, por essa atitude de acolhimento nos tempos difíceis, mas que não é praticado por todas as lideranças. 'Nessa pandemia, algo que acho perverso é ver alguns líderes que deixam transparecer maior preocupação com os templos vazios em função da ausência da contribuição do dízimo, do que com a vida dos fiéis', lamenta (Nunes, 2020).

Embora tenha sido citado por um pesquisador e não por um líder religioso, a observação é digna de nota e revela uma percepção relevante para o presente artigo.

## **A postura reducionista**

Outra postura pode ser descrita como reducionista, na qual a gravidade da situação era questionada e houve a disseminação da noção de que somente a fé pela fé, uma fé sobrenatural, que se empenha na busca das certezas e das

verdades, é capaz de superar os medos, as dúvidas e as angústias. Aqui, percebe-se um afastamento da racionalidade humana e a afirmação de que a ciência é ineficaz para alcançar as verdades sobre a pandemia da COVID-19 e que apenas a fé poderia livrar e proteger as pessoas de qualquer vírus, principalmente este novo vírus. Essa postura reducionista afirma a impotência do ser humano e sua total incapacidade de se proteger da doença, pois somente alguém superior a estes ser humano poderia protegê-lo e livrá-lo. Logo, não haveria contaminação desde que as pessoas exercitassem pura e simplesmente a fé. Associada à noção da fé, afirmavam que caso fossem utilizados os recursos da vigilância sanitária, o ser humano estaria demonstrando sua desconfiança no Ser Superior e na sua proteção advinda do mesmo, e, deste modo, seriam infiéis e ingratos (Porreca, 2020, p. 236-241).

Apesar de reconhecer que existe algo diferente acontecendo no mundo, um líder religioso afirmou para um jornal da cidade que, “embora seja um momento diferente vivido pela humanidade, para sua religião não há nada de excepcionalidade. Trata-se apenas de uma transição planetária” (Nunes, 2020, p. 2).

Embora admitindo que a humanidade vivia um momento diferenciado no início de 2020, posturas de resistência ao isolamento social foram tomadas por variados grupos de líderes religiosos, incluindo lideranças de igrejas cristãs, entendendo que não havia motivos para um isolamento total. Em função disso, assumiram e rejeitaram *o quê e como* lhes mais convinham, em relação ao isolamento social e às práticas de prevenção, negando-se, inclusive de tomar as medidas protocolares orientadas pelas autoridades sanitárias. Esses grupos resistiram parcialmente às mudanças, não as contrapunha de forma clara e autêntica, tinha consciência da gravidade da contaminação e da doença, era cauteloso e mantinha as mesmas atividades religiosas, sem conflitos e, de maneira não explícita, procurava brechas sanitárias e religiosas para manter o que, ideologicamente individual, impunha como prática religiosa comum (Porreca, 2020, p. 238).

### **A postura consciente**

Há também aquelas religiões que entenderam a gravidade do momento e buscaram alternativas interessantes para superar o isolamento e distanciamento imposto pela pandemia da COVID – 19. Segundo Porreca, “a maioria das religiões presentes no mundo procuraram adaptar-se e reinventar-se vertiginosamente

frente às mudanças de escala global geradas pelo novo Coronavírus(SARS-CoV-2)” (2020, p. 229).

Seguindo as orientações das autoridades de saúde que alertaram para o perigo das aglomerações e a necessidade de isolamento e distanciamento social, muitas comunidades religiosas optaram por fechar as portas de seus ambientes de culto e orientar seus membros a permanecerem em suas casas, enquanto as lideranças foram em busca de alternativas para continuar o contato com os integrantes das comunidades. A grande maioria das religiões, sobretudo as Igrejas Cristãs, reconhecendo a gravidade do problema e os riscos que seria a manutenção dos encontros públicos, tomaram providências no sentido de suprir as necessidades dos membros de suas comunidades utilizando as novas tecnologias e desenvolvendo redes de solidariedade. Fabiano Santos, presidente da Fraternidade Espírita, (Nunes, 2020) afirmou que sua comunidade está ensinando seus membros a fazerem *lives*, palestras públicas, atendimentos a distância, como utilizar os encontros virtuais para evangelizar, etc. (Nunes, 2020). Felizmente a maioria dos líderes religiosos entrevistados pela reportagem do jornal entende que o momento vivido pela humanidade nesse momento de profunda crise espiritual, social e econômica e, em função disso, tem se adaptado para ajudar as pessoas em todas as áreas possíveis, desde a transmissão *on line* de suas atividades até a mobilização de redes de solidariedade visando suprir as demandas mais primárias das pessoas que, em função da pandemia, perderam seus empregos ou estão impedidas de trabalhar (Nunes, 2020).

Não resta dúvidas de que esse movimento de retorno para casa e de fechamento dos lugares públicos de encontros religiosos trouxe e ainda trará desdobramentos, quebrando paradigmas e promovendo mudanças na rotina das comunidades e na vida das pessoas. Porreca afirma:

A novidade de se rezar fora do templo, da mesquita ou sinagoga; de se celebrar uma páscoa sem missa; realizar um exorcismo em casa; ter ritos funerários diminuídos; não se comemorar o fim do Ramadã; não realizar as costumeiras peregrinações e rituais de purificação em rios; cancelar cerimônias de casamentos e outras situações religiosas inusitadas e inesperadas, mesmo após a diminuição da disseminação do vírus e com os protocolos de retorno gradual às celebrações ou aos ritos presenciais que acontecem timidamente, impactaram as religiões. (2020, p. 229).

Esse impacto constitui-se também numa oportunidade para a revisão de determinadas práticas e também em sua teologia gerando “um movimento tecnológico e teológico nas antigas estruturas e dinâmicas religiosas, convencionalmente institucionalizadas, obrigando a reconstrução de diferentes estilos de vida e formas de se exercer a religiosidade” (Porreca, 2020, p. 230). Claro que isso custa um alto preço para as pessoas que têm nos lugares destinados aos rituais religiosos um espaço de encontro, tanto com as divindades como também com o próximo, lugares de pertença, de suprimento de suas necessidades multidimensionais, indo dos aspectos da espiritualidade até as necessidades básicas de alimentação e higiene (Porreca, 2020, p. 232).

Outro dado importante que serve de subsídio para uma reflexão no período da pandemia e pós-pandemia foi o caso das religiões que demandam de mediação de líderes. Como Porreca destaca:

As Religiões mediadas por um(a) líder tiveram que se adaptar a um novo modelo, cuja estrutura, de certa forma, precisou ser re-dimensionada, concedendo aos adeptos um considerável protagonismo e autonomia nas celebrações e nos ritos que eram assistidos em casa e no gerenciamento de muitas atividades religiosas. Os adeptos tiveram que assumir para si mesmos papéis diferentes e assumir incumbências religiosas, que antes eram atribuídas aos líderes religiosos (Porreca, 2020, p. 234).

O que em princípio se constituiu num problema desafiador para os membros das comunidades pode se transformar numa descoberta interessante que servirá de aprendizado e aquisição de novas posturas a partir do fim da pandemia, diante do reconhecimento da competência de cada indivíduo no desenvolvimento de sua própria espiritualidade com liberdade e autonomia, o que na teologia cristã protestante se entende por sacerdócio universal dos santos (Kivitz, 2002, p. 49). Embora a dimensão comunitária da fé tenha relevância vital para os cristãos, reconhece-se que cada discípulo/a de Jesus Cristo tem autonomia para desenvolver um relacionamento íntimo e pessoal com o divino.

### **Considerações finais**

A crise sanitária e social desencadeada pela COVID-19 não só proporcionou mudanças nas atividades religiosas como também estimulou as religiões a repensarem seus modelos estruturais. Permitiu divisar as atividades religiosas

mais no campo tecnológico e menos centradas e dependentes da liderança religiosa. Em tempos pandêmicos de distanciamento físico e social, a casa voltou a ser um espaço sagrado, “um lugar religioso, um espaço celebrativo para o encontro com a(s) divindade(s), chancelada pelas lideranças religiosas” (Porreca, 2020, p. 238).

As ações e reações religiosas nesse tempo impensado de pandemia da COVID-19, com contornos limítrofes para a existência humana, deveriam provocar profunda reflexão com relação à convivência com o outro. Afinal, individual e coletivamente, nós, seres humanos, podemos ser uma companhia de risco, ao adotarmos posturas negacionistas ou reducionistas. “Promover a desinformação, o fundamentalismo e o desprezo à ciência é uma atitude, no mínimo, irresponsável, à medida que, neste cenário de pandemia, ações como essas colocam em risco toda a coletividade” (Porreca, 2020, p. 238).

Ao invés de negar ou reduzir a importância do impacto da pandemia da COVID-19 a recomendação é que as lideranças religiosas aproveitem a oportunidade para avaliar a relevância das doutrinas e práticas de suas comunidades, abrindo espaço para novos paradigmas, que possibilitem novas crenças e novas práticas, mais alinhadas com as demandas da sociedade contemporânea.

### **Referências bibliográficas**

BARKER, Joel A. *Paradigms*. Nova York: Harper Business, 1992.

BARRETO FILHO, Herculano. Silas Malafaia diz que não vai fechar igreja por causa do coronavírus. *Uol*. Rio de Janeiro, 14 de março de 2020. Disponível em: [https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/14/silas-malafaia-diz-que-nao-vai-fechar-igreja-por-causa-do-coronavirus.htm?cmpid=copia\\_ecola2020](https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/14/silas-malafaia-diz-que-nao-vai-fechar-igreja-por-causa-do-coronavirus.htm?cmpid=copia_ecola2020). Acesso em 22 de fevereiro de 2021.

BARRY, John M. *A grande gripe: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 2º ed. São Paulo: Paulus, 1995.

CUNHA, Magali do N. *Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital*. Curitiba: Prisma, 2017.

FREIRE, Adriana do A. *Quando o fiel vira fã: celebridades religiosas e interações no Facebook*. Tese (doutorado em Comunicação). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

- KIVITZ, Ed René. *Quebrando paradigmas*. 5º ed. São Paulo: Abba Press, 2002.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 13º ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- MAQBOOL, Aleem. Coronavírus: pastor que chamou epidemia de 'histeria' morre após pregar em carnaval. *BBC News*. Washington, 07 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52193957>. Acesso em 22 de fevereiro de 2021.
- MARTINO, José. *1348: a peste negra*. Atibaia: Excalibur, 2017.
- McLAUGHLIN, Levi. Japanese religious responses to COVID-19: a preliminary report. *The Asia-Pacific Journal*, v.18, n. 3, 2020. pp. 1-23. Disponível em: <https://repository.lib.ncsu.edu/bitstream/handle/1840.20/37530/McLaughlin%20-%20Japan%20COVID.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 17 de outubro de 2020.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3º ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.
- NUNES, Aline. A fé explica: as respostas das religiões sobre a pandemia do coronavírus. *Jornal a Gazeta*. Vitória, 23 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/a-fe-explica-as-respostas-das-religioes-sobre-a-pandemia-do-coronavirus-0520>. Acesso em 22 de fevereiro de 2021.
- PIRES, Breiller. Igrejas desafiam recomendação de suspender missas e cultos diante da pandemia do coronavírus. *El País*. São Paulo, 19 de março de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-20/igrejas-desafiam-recomendacao-de-suspender-missas-e-cultos-diante-da-pandemia-do-coronavirus.html>. Acesso em 22 de fevereiro de 2020.
- PORRECA, Wladimir. As religiões e a COVID-19: enfrentamentos e adaptações. In: GUIMARÃES, Ludmila de Vasconcelos M.; CARRETEIRO, Teresa Cristina; NASCIUTTI, Jacyara Rochael (org.). *Janelas da Pandemia*. Belo Horizonte: Instituto DH, 2020. pp. 229-241.
- SNYDER, Howard. *Vinho novo, odres novos: vida nova para a igreja*. São Paulo: ABU, 1977.

---

<sup>1</sup> Ao longo da pandemia foram comuns manchetes em jornais semelhantes a esta: "Coronavírus: pastor que chamou epidemia de 'histeria' morre após pregar em carnaval" (Maqbool, 2020).

Recebido em 20/10/2020

Aceito para publicação em 16/02/2021

# **A Peste Negra e o imaginário religioso nas obras de Jean Delumeau**

Black Pest and religious imaginary in the works of Jean Delumeau

*Sergio Luiz Marlow<sup>1</sup>*

*Wanderley Pereira da Rosa<sup>\*\*</sup>*



<https://doi.org/10.29327/256659.12.1-6>

## Resumo

O ano de 2020 é um ano sem paralelos na história recente da humanidade tendo em vista a Pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19). Neste sentido, torna-se oportuna a reflexão sobre outra importante epidemia que assolou a humanidade, principalmente entre os séculos XIV e XVIII: a Peste Negra. O ano de 2020 também marca o falecimento do historiador francês Jean Delumeau, especialista em História das mentalidades e História da Igreja Cristã. O presente artigo, desta forma, faz uma homenagem ao célebre historiador destacando suas principais obras sobre o assunto (1989; 1993; 2003), bem como analisando suas contribuições sobre o imaginário e a religiosidade medieval em face da Peste Negra. A reflexão sobre epidemias que assolaram a humanidade também contribui para pensarmos a vida pós-pandemia do Tempo Presente.

Palavras-chave: Imaginário medieval. Religiosidade. Epidemias.

## Abstract

2020 is a year unparalleled in recent human history in view of the New Coronavirus Pandemic (Covid-19). In this sense, it is opportune to reflect on another important epidemic that struck humanity, especially between the 14th and 18th centuries: the Black Death. The year 2020 also marks the death of French historian Jean Delumeau, an expert on the history of mentalities and the history of the Christian Church. The present article, in this way, pays homage to the celebrated historian, highlighting his main works on the subject (1989; 1993; 2003), as well as analyzing his contributions on medieval imagery and religiosity in the face of the Black Death. Reflection on epidemics that plagued humanity also contributes to thinking about the post-pandemic life of the Present Time.

Keywords: Medieval imaginary. Religiosity. Epidemics.

---

<sup>1</sup>Pós-doutor em História junto ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Faculdade Unida de Vitória (FUV). E-mail: sergio@fuv.edu.br.

<sup>\*\*</sup> Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Docente de História do Cristianismo e Diretor-Geral da Faculdade Unida de Vitória (FUV). E-mail: wanderley@fuv.edu.br

*Eu me abandono em Ti. Entrarei na terra.  
Contudo, que meu último pensamento seja o da confiança*  
Jean Delumeau (1923-2020)

## **Introdução**

O ano de 2020 será lembrado na história da humanidade como o ano da Pandemia de um novo Coronavírus descoberto no final de 2019, na China, que “recebeu o nome oficial de Covid-19, em 11 de fevereiro [de 2020]: um acrônimo do termo ‘doença por corona vírus’ em inglês (corona vírus diseased 2019)” (Fio-cruz, 2020). Apesar das recomendações de quarentena e isolamento social e os reflexos disso na vida das pessoas em sociedade, presenciamos diariamente a triste informação de milhares de vidas perdidas. Tomando como referência dos dados a data de 10 de agosto de 2020, aproximadamente cerca de 736 mil pessoas morreram em decorrência da Covid-19 no planeta, sendo o Brasil o segundo maior país atingido, com aproximadamente 100 mil mortes, atrás apenas dos Estados Unidos da América.

Provavelmente, nenhum outro evento de 2020 será páreo para a Pandemia da Covid-19 e as devastadoras consequências na vida da população mundial do Tempo Presente. Nota-se, aliás, referências à realidade que surge para a humanidade, especialmente através do termo “novo normal”, ou seja, uma série de ações e comportamentos que irão nortear o ser humano em suas relações cotidianas em tempos pós-pandêmicos.

No entanto, além do catastrófico número de vítimas fatais do vírus, também o ano de 2020 marca o falecimento de um dos grandes historiadores do século XX e do Tempo Presente: o francês Jean Delumeau. Bruno Leal Pastor de Carvalho, em site especializado na área de História, assim informa: “morreu nesta segunda-feira, 13 de janeiro [de 2020], o historiador Jean Delumeau. [...] o pesquisador francês estava com 96 anos de idade e deixa como legado diversos livros e artigos no campo da História do Cristianismo e da História das Mentalidades” (Carvalho, 2020, p. 1).

Na revista online do Instituto Humanitas Unisinos, encontramos uma breve biografia do historiador Jean Delumeau, assim apresentado:

Nascido em 1923, o historiador e acadêmico francês **Jean Delumeau** é ex-aluno da **École Normale Supérieure**, professor titular de História, membro da **Escola Francesa de Roma** e doutor em Letras. Ensinou história na **Escola Politécnica**, na **Universidade**

**deRennes II**, na **Escola Prática de Altos Estudos** na **Universidade de Paris I**. No **Collège de France**, ocupou de 1975 a 1994 a cadeira de **História das Mentalidades Religiosas no Ocidente Moderno** (*Revista IHU online*, 2020a, grifos do autor).

Conforme o artigo *Jean Delumeau: um historiador entre o medo e a esperança*, Delumeau continuou trabalhando até os seus últimos dias, pesquisando, escrevendo e, inclusive, comparecendo às reuniões da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, em Paris (*Revista IHU online*, 2020b). Várias gerações de historiadores reconhecem Jean Delumeau como um dos grandes professores que revitalizou as pesquisas relacionadas à história religiosa da Europa entre fins do Medievo e início da Idade Moderna, ampliando o leque de perspectivas na área (*Revista IHU online*, 2020b).

O também historiador Peter Burke, ao analisar as principais linhas de pesquisa histórica dentro da 3ª geração da Escola dos Annales, destaca a influência de Delumeau nas pesquisas relacionadas à história das mentalidades e da religião, com especial atenção para a questão do medo e da culpa no período Medieval. Segundo Burke,

Jean Delumeau, que iniciara a carreira como historiador socioeconômico, transferiu suas preocupações com a produção de *alumm* nos estados papais para o problema da história cultural. Sua primeira tentativa foi no sentido da história da Reforma [Protestante] e da denominada “descristianização” da Europa. Mais recentemente, Delumeau voltou-se para a psicologia histórica no sentido febvriano do termo, e escreveu uma ambiciosa história do medo e da culpa no Ocidente, discriminando “os medos da maioria (o mar, fantasmas, pragas, pestes e fome) dos medos da ‘cultura dominante’ (satã, judeus, mulheres – principalmente feiticeiras)” (Burke, 1997, p. 84).

Também conforme Pieroni (2011), Jean Delumeau escreveu mais de vinte obras relacionadas, além da questão do Medo e da Peste Negra que aqui serão abordados, ao Cristianismo e a vários de seus dogmas, como o Paraíso e o Juízo Final.

Delumeau, em produções historiográficas no século XX, notabilizou-se por algumas das mais importantes obras relativas a outra notável epidemia que ceifou grande quantidade de vidas humanas, especialmente entre os séculos XIV e XVIII: “mais frequentemente, na Europa, tratou-se da Peste, sobretudo durante quatro séculos que correm entre 1348 e 1720” (Delumeau, 1993, p. 107). O refe-

rido historiador dedicou atenção à Peste Negra e às consequências desta terrível epidemia na vida de milhares e milhares de pessoas nos séculos antes mencionados.

Queremos, então, abordar a produção historiográfica deste respeitabilíssimo historiador francês a respeito da Peste Negra que grassou parte da Europa e do Oriente, destacando os acontecimentos ocorridos na Peste entre os anos de 1348-1350, mas também abordando os vários ciclos da epidemia que ocorreram em décadas e séculos posteriores. Buscaremos compreender a análise realizada por Delumeau em três de suas principais obras: *Nascimento e afirmação da Reforma*, traduzida para a língua portuguesa no ano de 1989; *História do medo no Ocidente (1300-1800), uma cidade sitiada*, traduzida para a língua portuguesa na edição de 1993, e *O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)*, traduzida para a língua portuguesa em dois volumes no ano de 2003.

Desta forma, o presente artigo tem por objetivo compreender, nas pesquisas de Jean Delumeau, o imaginário medieval e, de maneira singular, o imaginário religioso daquela época, desta feita, homenageando também este importante historiador. Ao mesmo tempo em que vivemos uma época de Pandemia, queremos refletir sobre outra epidemia que assolou séculos no mundo, a epidemia da Peste Negra, destacando-se então de que forma Jean Delumeau precisou historicamente este acontecimento e os reflexos no imaginário religioso das pessoas que viviam nos tempos do Medievo.

### **Seria a Reforma Protestante consequência da Peste Negra?**

Utilizamos especialmente duas das obras de Delumeau, acima mencionadas, como referências para a compreensão da Peste Negra na Europa Medieval, na perspectiva do historiador, enfatizando o imaginário religioso das pessoas envolvidas nesta epidemia. Além destas, há outra premissa levantada por Delumeau, de que a Peste Negra também colaborou para que o processo religioso desencadeado no século XVI – a Reforma Protestante – se concretizasse, visto que havia, por grande parte da população europeia, uma “angústia coletiva” provocada por vários fatores, entre eles a epidemia da Peste Negra.

Tal reflexão é levantada por Delumeau em outra importante obra de sua autoria, *Nascimento e afirmação da Reforma*, na qual descreve com grande competência o processo histórico que culminou na Reforma Protestante a partir da Alemanha no século XVI, expandindo-se por grande parte da Europa, bem como

a Contrarreforma proposta pela Igreja Católica Apostólica Romana em defesa de sua doutrina e fé.

No capítulo introdutório desta obra, Delumeau questiona o “porquê da Reforma Protestante” e, em especial, os motivos de ter ocorrido no século XVI. O que teria levado a esse acontecimento, de contraposição a ensinamentos e práticas da igreja oficial do Sacro Império Romano Germânico – a Igreja Católica Apostólica Romana – pelo então frei agostiniano Martinho Lutero (1483-1546), desencadeando o processo de reforma da Igreja em pleno século XVI?

Delumeau, por exemplo, questiona o fato de se levantar como motivo principal da Reforma Protestante os abusos que ocorriam na igreja da época. Afirma Delumeau: “A tese segundo a qual os Reformadores teriam deixado a Igreja romana porque ela estava repleta de devassidões e impurezas é insuficiente” (Delumeau, 1989, p. 59). Em séculos anteriores à Reforma Protestante, abusos de toda a ordem na Igreja já ocorriam e nem por isso resultaram em um processo de ruptura tão dramática como o ocorrido a partir do anúncio e divulgação das noventa e cinco Teses de Martinho Lutero.

Delumeau, então, responde o porquê de a Reforma Protestante ter tido êxito a partir do século XVI. Segundo Delumeau, uma série de eventos contribuiu ao que chamou de “a resposta religiosa a uma grande angústia coletiva” (Delumeau, 1989, p. 60), da qual fazia parte a Peste Negra:

Se tantas pessoas na Europa, de níveis culturais e econômicos diferentes, optaram pela Reforma, foi por esta ter sido em primeiro lugar uma resposta religiosa a uma grande angústia coletiva. A guerra dos Cem Anos, **a Peste Negra**, numerosas crises, a loucura de Carlos VI, o Grande Cisma que se prolongou durante trinta e nove anos ante à estupefação indignada do mundo cristão, as guerras das Duas Rosas, as guerras hussitas, o desaire do grande Estado burguinhão com a morte trágica de Carlos, o Temerário, a ameaça turca crescente contra a qual se põem a rezar todos os dias o Ángelus, tantos acontecimentos que abalaram e desorientaram os espíritos (Delumeau, 1989, p. 60, grifo nosso).

É verdade que Delumeau, na obra sobre o nascimento e afirmação da Reforma Protestante, não se detém nestes eventos históricos que antecederam o processo religioso, político, social, cultural que ocorreu a partir do século XVI, de forma pormenorizada, mas sim nas consequências de todos estes episódios, na medida em que produziram, nas pessoas daquela época, um sentimento de culpa, visto que “a indivíduos e sociedades pesaram as cons-

ciências e se sentiram culpados. Só o pecado poderia explicar tantas desgraças” (Delumeau, 1989, p. 60).

Surgia a ideia de que o juízo final e o castigo do inferno estavam cada vez mais próximos da realidade em que viviam os homens do Medievo. Mas, mais do que isso, todos estes acontecimentos, inclusive evidentemente a Peste Negra, reforçavam que seria “mais ainda do que o juízo final e o inferno, a morte [...] o grande tema da iconografia da Idade Média a findar. Incessantemente ressoa através da vida o apelo do *memento mori*” (Delumeau, 1989, p. 62).

Antes, porém, de avaliar a relação existente entre a iconografia medieval com a questão dos infortúnios pelos quais passavam os homens daquela época, tema que será caro a Delumeau, na medida em que procura analisar com exemplos a clara relação entre a epidemia e a iconografia da época, na obra *O pecado e o medo – a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)*, volume 1, Delumeau procura o lugar que se deve atribuir à Peste Negra na história da Europa entre os anos de 1348 a 1351.

Nesta obra, Delumeau (2003, p. 181) afirma que não se deve sugerir que todos os eventos históricos sejam necessariamente consequência única e exclusiva da Peste Negra, pensando também, conforme acima sugerido, na Reforma Protestante. Por outro lado, o impacto da Peste Negra na sociedade da época foi bastante expressivo, culminando na angústia coletiva de boa parte da população atingida e resultando em ações como as que ocorreram na reforma religiosa do século XVI. A respeito da primeira premissa, afirma Delumeau:

No século 19 e no início do 20, houve tendência a explicar tudo por ela [a peste]: as fraturas do sistema feudal, a crise da Igreja e, portanto, a trajetória para a Renascença e a Reforma. Em nossos dias, pelo menos na França, certos historiadores procuram antes minimizar o impacto da Peste Negra, sendo verdade, por um lado, que a erosão do sistema feudal e a deterioração da conjuntura econômica e social tinham começado antes, e por outro lado, que a civilização ocidental continuou sua marcha para frente a despeito desse violento ataque da doença (Delumeau, 2003, p. 181).

No entanto, Delumeau não minimiza a influência da Peste Negra na sociedade medieval. A fim de esclarecer a importância que a Peste Negra teve na vida em sociedade e no imaginário medieval, Delumeau elenca quatro ponderações que considera úteis no processo de compreensão da realidade da época, explicitados a seguir.

Em primeiro lugar, destaca a impressionante severidade da epidemia, visto que “as estatísticas mais sóbrias para 1348-1351 levam a estimativa de mortalidade variando segundo locais de 25 a 40%” (Delumeau, 2003, p. 182). Em segundo lugar, enfatizando o estudo da história das mentalidades, na verdade, conta mais o choque e a apreensão nos espíritos daquela época à possível morte eminente do que propriamente o número de mortos. Em terceiro lugar, a peste poderia ser considerada mais um dos dramáticos acontecimentos do conjunto de desgraças que ocorriam ente os anos de 1348 a 1648. E, por fim, em quarto lugar, apesar de todo o infortúnio, a civilização europeia continuou a inovar em todos os seus domínios – no entanto, apesar dos avanços do século 16 – nada tenha se comparado efetivamente com o século das luzes ou a segunda metade do século 19 (Delumeau, 2003, p. 182).

Delumeau entende, desta forma, que a Reforma também pode ser compreendida envolta de todos estes eventos anteriores que colaboraram em seu processo de formação e contestação, sendo que, no entanto, não se pode atribuir a apenas uma causa – a Peste Negra – todo o processo reformista. Por outro lado, é evidente que também a Peste colaborou no imaginário medieval, na medida em que as mentes humanas, nestes tempos de calamidade, buscavam se aproximar de Deus e da salvação por ele oferecida. Isto especialmente se concretizou através de uma iconografia que destacava as agruras e também a possível salvação através do Filho de Deus, Jesus Cristo, para o ser humano que passava por tamanho infortúnio.

### **A Peste Negra no Medievo na visão de Jean Delumeau e as consequências na religiosidade da época**

Apesar de dedicar especial atenção à questão da história das mentalidades, procurando descrever o imaginário medieval sobre a Peste Negra, Delumeau não se isenta de informar, especialmente no capítulo 3, *Tipologia dos comportamentos coletivos em tempos de peste* da obra *O Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*, todo o processo histórico no qual a doença da Peste Negra atingiu a humanidade no tempo do Medievo.

Delumeau periodiciza o evento da Peste Negra que surge a partir do século VI da Era Cristã, avançando com grande força a partir do século XIV e estendendo-se com expressiva mortandade até o século XVIII, visto que, neste último século, “o mal se tornara mais esporádico e localizado, e depois de 1721 desapare-

ceu do Ocidente” (Delumeau, 1993, p. 108). Para referenciar a ideia da presença constante da Peste Negra, lembra da citação de Bennassar: “[a Peste Negra é] um grande personagem da história de ontem” (Delumeau, 1993, p. 108).

A respeito destes ciclos que marcaram a presença da Peste Negra, Delumeau assim descreve:

Uma leitura mais atenta dos textos da alta Idade Média permitiu recentemente concluir que a peste fora virulenta na Europa e em torno da bacia mediterrânica entre os séculos VI e VIII, com espécie de periodicidade dos surtos epidêmicos cujos picos se situavam a cada nove a doze anos. Depois ela pareceu desaparecer no século IX, mas para reaparecer brutalmente em 1346 nas margens do mar de Azov. Em 1347, atingiu Constantinopla e Gênova e logo toda a Europa, de Portugal e da Irlanda a Moscou. As devastações da “morte negra” estenderam-se pelos anos de 1348-1351, eliminando, assegura Froissard, “a terça parte do mundo” (Delumeau, 1993, p. 107).

Durante praticamente todo o século XIV até o limiar do século XVII, a peste continuou a ceifar a vida das pessoas na Europa Ocidental com relativa frequência. No entanto, pondera Delumeau que “a primeira peste geral ocorreu em 1348 e foi a mais forte” (Delumeau, 1993, p. 107). Ao mesmo tempo, Delumeau (1993, p. 108) destaca que, tomando Biraben por referência, se fôssemos acompanhar a história da peste, perceberíamos que, a cada oito, dez ou mesmo quinze anos, violentos surtos ocorriam e devastavam, em algumas situações, até mesmo cerca de 40% da população local. Refletindo sobre a população que foi atingida pela peste, Delumeau (1993, p. 108) declara que poderia se pensar que, aproximadamente, 1/3 de toda a população da Europa foi atingida pela peste, ressaltando-se a severidade no número de mortos, principalmente na Itália, na França e na Inglaterra.

Delumeau também descreve a concepção que as pessoas do Medievo tinham a respeito da Peste Negra – quanto à sua forma de contágio e a maneira como pensavam em proteger-se da epidemia. Na visão da grande maioria das pessoas que viviam nestes tempos de epidemia da Peste Negra, a doença era consequência do ar contaminado, sendo que, somente no século XIX, houve compreensão mais apropriada dessas questões.

Até o final do século XIX, ignoraram-se as causas da peste que a ciência de outrora atribuía à poluição do ar, ela própria ocasionada seja por funestas conjunções astrais, seja por emanções pú-

tridas vindas do solo ou do subsolo. Daí as precauções, aos nossos olhos inúteis, quando se aspergia com vinagre cartas e moedas, quando se acendiam fogueiras purificadoras nas encruzilhadas de uma cidade contaminada, quando se desinfetavam indivíduos, roupas velhas e casas por meio de perfumes violentos e de enxofre, quando se saía para a rua em período de contágio com uma máscara em forma de cabeça de pássaro cujo bico era enchido com substâncias odoríferas (Delumeau, 1993, p. 110).

Segundo descreve Delumeau (1993, p. 110), raramente as crônicas antigas e a iconografia indicavam como possíveis agentes de infecção as pulgas de ratos. No entanto, esclarece que “a história dessa doença desde às origens permanece ligada à do rato. Mas, em inúmeras epidemias de peste bubônica, [...] o principal agente de transmissão teria sido não o parasita murídeo, mas a pulga do homem passando de um hospedeiro agonizante para um hospedeiro são” (Delumeau, 1993, p. 111). A Figura 1 ilustra a realidade do enfrentamento da Peste Negra em conformidade com a citação de Delumeau (1993).

Figura 1: Médico com máscara antipeste negra



Fonte: Wikimedia Commons. Acesso em 10 de agosto de 2020

Da mesma forma, Delumeau descreveu os principais sintomas da Peste quando atingia a população, sob a sua forma bubônica: “descrição dos ‘carbúnculos’, localização dos bubões, destaque dado, no quadro clínico, à língua intumescida, à sede ardente, à febre intensa, aos calafrios, à irregularidade do pulso, aos delírios muitas vezes violentos, às perturbações do sistema nervoso, às cefaleias, ao olhar fixo” (Delumeau, 1993, p. 110-111).

É importante se observar que, à semelhança do que ocorre no Tempo Presente com a Covid-19, também nas epidemias da Peste Negra a ordem deveria ser o isolamento, a fim de conter o contágio. No entanto, conforme descreve Delumeau, enquanto boa parte da população menos instruída procurava seguir à regra essa orientação, aqueles considerados eruditos recusavam-se a crer no contágio. “E foram afinal as medidas cada vez mais eficazes de isolamento que fizeram regressar o flagelo” (Delumeau, 1993, p. 111).

A respeito do surgimento da doença, os atingidos pela Peste entendiam que três poderiam ser as explicações para sua origem e proliferação. Para o grupo dos chamados “eruditos”, a peste era provocada por fenômenos celestes (a aparição de cometas, a conjunção de planetas, entre outros fenômenos astrais), ou por emanções pútridas que infestavam o ar, ou mesmo por ambas as situações: “Quanto aos eruditos, por vocação e deformação profissionais, insistiam nas explicações ‘naturais’ pelos astros e pelo ar viciado, rejeitando por isso mesmo obstinadamente a noção de contágio (século XVI)” (Delumeau, 1993, p. 138). O mesmo sentimento ainda era compartilhado no século XVII pela maioria dos médicos da época.

Mas havia outra explicação “natural” para a epidemia da Peste Negra, desta vez, atrelada ao que se depositava na terra. É pertinente, desta feita, a observação da contaminação do ar, seja vinda do céu, seja vinda da terra:

a outra explicação “natural” (de resto não contraditória com a precedente) fazia derivar a peste de exalações malignas emanadas de cadáveres não enterrados, de depósitos de lixo, até das profundezas do solo. Todo um aspecto de profilaxia posto em obra pelas autoridades estava fundado na dupla teoria do ar viciado por cima, e por baixo que acabamos de lembrar: fogos e perfumes, máscaras protetoras, isolamento dos doentes e das casas contaminadas, limpeza das ruas, afastamento apressado de cadáveres, morte dos animais considerados suspeitos (Delumeau, 1993, p. 139).

Uma segunda sugestão de como se daria a contaminação da Peste Negra era usualmente divulgada pela multidão anônima. Nesta lógica, conforme explica

Delumeau (1993, p. 138), a doença era espalhada de forma voluntária, sendo necessário identificar os responsáveis e puni-los. Delumeau (1993, p. 140) elenca uma lista de possíveis culpados da propagação da Peste Negra, segundo a massa da população da época. Nesta lista figuravam, em especial, todos aqueles que não estavam plenamente inseridos na sociedade, por exemplo, os estrangeiros, os viajantes, os marginais. Destaque se dava a judeus e leprosos: “[estes] foram efetivamente acusados, em 1348-1350, de terem espalhado a Peste Negra” (Delumeau, 1993, p. 140).

A respeito dos judeus, ocorreu grande perseguição, sendo estes acusados de “envenenar” o ar e a água para prejudicar a saúde dos demais moradores das aldeias e cidades.

A Peste Negra eclodiu então em uma atmosfera já carregada de antissemitismo. Tratando do resto da Europa e especialmente do império, o relato de Jean de Venette, onde a ordem dos fatos encontra-se modificadas em relação à realidade, fornece-nos a prova de que a opinião comum viu cada vez mais nos judeus os maiores responsáveis pela “morte negra”. A ideia de que a morte provinha de uma infecção do ar e da água fez imputar aos judeus a corrupção dos poços, das águas e do ar. As pessoas insurgiram-se então cruelmente contra eles, a tal ponto que na Alemanha, e em outras partes onde habitavam judeus, numerosos milhares de judeus foram mortos, massacrados e queimados pelos cristãos (Delumeau, 1993, p. 140).

Apesar da forte perseguição a judeus como propagadores da Peste Negra, Delumeau (1993, p. 141) nota que, no seio da Igreja Cristã, não havia essa certeza. Muito pelo contrário, descreve, por exemplo, que o papa Clemente VI, em bula lançada em 26 de julho de 1348, invalida a ideia de contaminação proposital realizada pelos judeus, na medida em que também judeus eram atingidos pela epidemia ou que a peste assolava cidades, independente da presença de judeus residentes na localidade.

Por fim, ainda nessa visão a respeito dos culpados pela peste, recaíam muitas vezes desconfianças de que, no próprio interior da comunidade, pessoas poderiam ser semeadores voluntários da peste: “Qualquer um, a partir daí, pode ser considerado como um inimigo, e a caça aos feiticeiros e às feiticeiras escapava a todo o controle” (Delumeau, 1993, p. 143).

Um terceiro e último grupo composto por parte da multidão e pelos homens da Igreja via a peste como consequência de um Deus irritado com os pecadores.

dos de toda a população: “São inúmeros os testemunhos que exprimiram através das eras esse discurso religioso sobre a desgraça coletiva segundo o qual todo mundo é culpado e não apenas alguns bodes expiatórios” (Delumeau, 1993, p. 144). Delumeau, inclusive, afirma ser esse o pensamento de Lutero que dizia ser a Peste “um decreto de Deus, um castigo enviado por ele” (Delumeau, 1993, p. 144).

Segundo Delumeau (1993, p. 145), em face desta realidade, da Peste como um castigo de Deus, restava ao bom cristão ter duas atitudes em especial: em primeiro lugar, deveria estar ciente de sua pecaminosidade, aceitando com docilidade a punição imposta por Deus, ou seja, não deveria ter medo de morrer. Em segundo lugar, o ser humano, a fim de aplacar a “justa ira” de Deus em face do seu pecado, deveria ter duas atitudes em especial: corrigir a sua vida e fazer penitência a Deus.

No entanto, iniciativas individuais não eram suficientes, visto que se entendia que a culpa era de todos os moradores da cidade atingidos pela peste. Dentro desta lógica, Delumeau lembra que as procissões impressionavam quantitativamente, haja vista o número expressivo de pessoas que participavam de tais atos religiosos, bem como reflete sobre o que a ela estava diretamente ligado:

tais procissões impressionam por vários aspectos [...] constituem cerimônias penitenciais: uma população inteira confessa suas faltas e implora perdão. O clero canaliza e controla as manifestações expiatórias que, no tempo da Peste Negra, tinha dado lugar às históricas e sangrentas vagueações dos flagelantes (Delumeau, 1993, p. 147).

Como as procissões necessitavam percorrer todas as ruas e como comparia uma multidão de pessoas, duravam longo período do dia. Mas, segundo Delumeau, esse tempo, acima de tudo, antes de representar somente uma profunda reflexão e arrependimento diante de Deus, por parte daqueles que estavam envolvidos, também denotava a ideia de que: “é preciso que uma cerimônia religiosa seja longa. [...] uma súplica em tal perigo só tem possibilidade de ser escutada pelo Céu se se prolonga suficientemente para forçar a atenção e a compaixão do Juiz encolerizado” (Delumeau, 1993, p. 148).

Em face de um perigo tão grande e ameaçador, as pessoas recorriam a todas as possibilidades de proteção, especialmente Maria e seu Filho, Jesus Cristo. É interessante, no entanto, pontuar, que Delumeau reflete a ideia de que as pessoas do Medievo muitas vezes compreendiam que Jesus estivera ligado mais à

ideia de “ira divina” do que necessariamente de compaixão. Diferente era a opinião sobre Maria, visto que “as pessoas se persuadiam de que Maria jamais participa da cólera divina e de que só intercede para abrandar a justiça rigorosa de seu Filho” (Delumeau, 1993, p. 150).

Também se recorriam aos santos a fim de que intercedessem em favor dos homens diante do Deus Altíssimo. Em especial, eram considerados os santos antipestilentos: São Sebastião e São Roque. Delumeau (1993, p. 150) descreve a confiança que se tinha em São Roque, visto que, na lenda a respeito de sua qualificação de santo, encontrava-se a descrição: “*eris in pestis patronus*”, traduzida por “tu serás na peste o protetor”. Acrescente-se que a São Roque e São Sebastião, ainda cerca de outros cinquenta santos antipestilentos de menor envergadura poderiam ser invocados.

Porém, Delumeau conclui que, apesar desta expressão de fé, havia, por parte dos fiéis abatidos pela Peste Negra, um sentimento denominado por ele de “incúria do abatimento”, ou seja, “preces, missas, votos, jejuns e procissões não podiam tudo. Se a epidemia continuava igualmente virulenta, as pessoas se instalavam doravante numa espécie de torpor, já não tomavam precauções, negligenciavam seu aspecto: era a incúria do abatimento” (Delumeau, 1993, p. 150).

### **O imaginário religioso e a Peste Negra na iconografia medieval**

Delumeau, em seus textos sobre o imaginário medieval e sua relação com os diversos acontecimentos que marcaram a época, inclusive a Peste Negra, descreve a importância de uma iconografia marcante que simbolizava e expressava a “angústia coletiva” das pessoas, especialmente relacionadas com a temática da morte.

Na iconografia medieval, a figura da morte está sempre presente. Delumeau (1989, p. 62) identifica algumas figuras que personificavam a morte no Medievo, por exemplo: um “sinistro velho” carregando uma ampulheta no mundo indicando o pouco tempo de vida do ser humano; uma “megera” com asas de morcego; ou um esqueleto “caricato” com foice ou flechas num carro puxado por bois.

Surgia também toda uma literatura baseada no “conto dos três vivos e dos três mortos”. Segundo Delumeau, “no fim do século XIII tinha nascido na Itália o tema dos Três mortos e dos três vivos: três jovens nobres ricamente vestidos encontram bruscamente três mortos já roídos pelos vermes que lhes contam sua

grandeza passada e anunciam aos moços seu próximo fim” (Delumeau, 1989, p. 62).

Entendeu Delumeau também que toda uma iconografia personificada com as chamadas “danças macabras” – ver Figura 2 – que se avolumaram, principalmente no século XV, evidenciavam a preocupação que o ser humano tinha com o seu destino final. Tal relação não se dava apenas na pintura e escultura, mas na literatura da época também.

A dança macabra não foi somente pintada e gravada. Ela foi executada também. [...] A Igreja se esforçou por dar ênfase, numa sociedade perseguida pelo temor da morte, ao momento em que se trava o último combate da vida terrena em que se decide a sorte eterna da alma. Assim se explicam as numerosas edições (uma centena entre 1465 e 1500) da *Ars moriendi* [...]. O moribundo aparece aí rodeado pelos anjos e demônios. Estes se afadigam à volta do moribundo debilitado. Querem fazê-lo duvidar, induzi-lo ao desespero, prendê-lo uma última vez às riquezas que se escapam, levá-lo a blasfemar, depois a se refugiar na suficiência e orgulho. Mas os anjos ajudam o paciente a resistir a estas [...] tentações (Delumeau, 1989, p. 63).

Figura 2: A dança macabra



Fonte: <https://tendimag.com/tag/danca-macabra/>.  
Acesso em 10 de agosto de 2020

Desta feita, a peste acabava sendo incorporada em uma cronologia do macabro: “Ela se integra numa mesma explicação global em que confluem o discurs-

so culpabilizador, o pavor diante dos infortúnios acumulados e a violência presente em toda a parte” (Delumeau, 2003, p. 179).

Outras formas de como a peste era representada na iconografia medieval possuíam grande relevância no imaginário da Idade Média, sendo assim lembrada e analisada por Delumeau:

A Peste comparável a outros dois flagelos tradicionais: a fome e a guerra. A peste é então uma “praga” comparável a que atingiu o Egito. É ao mesmo tempo identificada como uma nuvem devoradora vinda do estrangeiro e que se desloca de país em país, semeando a morte à sua passagem. É ainda descrita como um dos cavaleiros do Apocalipse, como um novo “dilúvio”, como um “inimigo” formidável e sobretudo como um incêndio frequentemente anunciado no céu pelo rastro de fogo de um cometa (Delumeau, 1993, p. 112).

No entanto, acima de tudo, para os religiosos da época e para os artistas do Medievo, a representação que mais definia o significado da Peste Negra podia ser visualizada através de uma chuva de flechas abatendo-se sobre os homens, apontando para um Deus irado e encolerizado com a decadência humana. Essa representação, na verdade, não era algo novo, visto que, já no final do século XII-I, temos a representação da visão “de São Dominique percebendo do céu o Cristo irado que bradava três lanças contra a humanidade culpada de orgulho, de cupidez e de luxúria” (Delumeau, 1993, p. 113).

Delumeau (1993, p. 114) entende que tanto o clero quanto os fiéis, de modo geral, acabaram, ao longo dos séculos, absorvendo a ideia da punição de Deus, através de flechas lançadas do alto. Variantes desse pensamento eram encontradas também na iconografia, em que, ao invés de Deus, as flechas eram lançadas pela própria morte.

Também as representações dos santos que morriam por ferimentos causados por flechas contemporizavam a ideia de serem santos protetores contra a peste, visto ser um mal lançado dos céus. Delumeau lembra o exemplo de um dos principais santos antipestilentos da época, São Sebastião, quando afirma:

Porque São Sebastião morrera crivado de flechas, as pessoas convenceram-se de que ele afastava de seus protegidos as da peste. Desde o século VII, ele foi invocado contra as epidemias. Mas foi depois de 1348 que seu culto ganhou um grande impulso. E desde então, no universo católico até o século XVIII inclusive, quase

não houve igreja rural ou urbana sem uma representação de São Sebastião crivado de flechas (Delumeau, 1993, p. 116).

Delumeau entende que a força que a Peste Negra teve na sociedade daquela época, sintetizada através de uma iconografia marcante, não apenas simbolizava o sofrimento humano e a punição divina, mas que também identificava a morte como o agente central desse processo. Citando Millard Meiss, Delumeau entendeu que a “Peste Negra foi um ‘evento cultural’, em particular no domínio da pintura religiosa” (Delumeau, 2003, p; 182) que se evidencia pelo retrato da morte em questão.

Delumeau, em seus trabalhos sobre a Peste Negra e a iconografia da época, enfatizou uma série de exemplos, destas representações da morte. Lembra do “célebre afresco do Campo Santo de Pisa (por volta de 1350) que cumula triunfo da Morte, na lenda dos três mortos e três vivos, julgamento e inferno” (Delumeau, 2003, p. 182).

Os vínculos entre a Peste Negra e as danças macabras, por exemplo, foram inúmeros. Segundo Delumeau, “Aos olhos dos contemporâneos, três características das epidemias de peste deviam aparecer expressas pelas danças macabras: o aspecto punição divina, a brutalidade do ataque mortal e a igualdade na morte que reduzia à mesma sorte ricos e pobres, jovens e velhos” (Delumeau, 2003, p. 185).

No entanto, mais que simplesmente a representação da morte, entende Delumeau (2003, p. 185) que a grande mensagem da iconografia medieval a respeito da Peste Negra e suas consequências na vida das pessoas daquela época pode ser identificada numa iconografia do Triunfo da morte. Para tanto, a obra que melhor expressa essa realidade, segundo Delumeau, pode ser identificada na pintura *O Triunfo da morte*, de Peter Brueghel:

Mas é a Brueghel, o Velho, que se deve a mais poderosa evocação do *Triunfo da Morte* (por volta de 1562, Prado) [...]. A moralidade é sempre aquela das danças macabras e da lenda dos três mortos e três vivos: prazeres, riqueza e glória não contam mais quando a vida se extingue. Mas a demonstração é dada por uma alucinante e fervilhante visão do pesadelo (Delumeau, 2003, p. 185).

Figura 3: O Triunfo da Morte – autor: Pieter Brueghel



Fonte: <http://warburg.chaa-unicamp.com.br/obras/view/6005>.

Acesso em 10 de agosto de 2020

A Peste que ceifou a vida de milhares de pessoas nos tempos de Medieval, por certo, em determinado momento cessou. O que fizeram os homens do medieval, que viviam “uma grande angústia coletiva” quando esse momento se encerrou? Delumeau cita interessante apontamento feito por Jean de Venette que assim afirmou sobre a pós-epidemia de Peste Negra na Europa Medieval.

Quando a epidemia, a pestilência e a mortalidade tinham cessado, os homens e as mulheres que restavam casavam-se sucessivamente. As mulheres sobreviventes tiveram um número extraordinário de filhos [...]. Ai!, dessa renovação do mundo, o mundo não saiu melhorado. Os homens foram depois ainda mais cúpidos e avaros, pois desejavam possuir bem mais do que antes; tornados mais cúpidos, perdiam o repouso nas disputas, nos ardis, nas querelas e nos processos. Tinha-se esquecido o medo; mas por quanto tempo? (Delumeau, 1993, p. 150).

Essa mesma pergunta soa atual, no Tempo Presente, quando a humanidade se prepara para viver a pós-pandemia da Covid-19. No “novo normal”, se-

remos melhores pessoas, haverá uma nova mentalidade na sociedade contemporânea? Voltaremos a incorrer na vida normal “sendo homens cúpidos e avaros”?

### **Considerações finais**

Neste artigo, procurou-se compreender a visão que um dos grandes historiadores da História da Igreja e das mentalidades, Jean Delumeau, possuía a respeito de questões relacionadas ao medo no Ocidente, neste caso, resultante da Peste Negra. Delumeau, de forma magistral, levou-nos à consciência das pessoas do medievo, em face de tão grande desgraça que atingiu as vidas humanas, e que foi representada numa iconografia deveras importante.

Concordamos, desta feita, com Delumeau em seus estudos sobre a importância que a iconografia medieval teve na compreensão do pensamento a respeito da Peste Negra e de suas consequências na vida do medievo. As representações que apontavam para um Deus irado e principalmente para a vitória da morte retratavam a percepção que se tinha sobre os trágicos eventos históricos pelos quais os homens daquela época passavam, reflexos de um período de grande angústia coletiva.

Concluimos, assim, com as palavras de Jean Delumeau, em sua obra *À espera da Aurora: Um Cristianismo para o amanhã*, lançado em língua portuguesa no ano de 2007. Nesta obra, Delumeau, um cristão católico e um historiador-cientista, não trata da Peste Negra, mas sim das implicações do Cristianismo no Tempo Presente. No entanto, a mesma “angústia coletiva” da época do medievo pode ser visualizada em novas formas, como a própria pandemia da Covid-19, o terrorismo, a violência, a discriminação, entre outras.

Para todos nós, após sua partida neste icônico ano de 2020, Delumeau deixa uma palavra: “Pois, segundo o cristianismo, os homens são irmãos de Cristo e co-herdeiros com ele do reino de Deus. Em razão disso, fundamentalmente, todos são iguais; todos eles são chamados ao mesmo destino da divinização última. E Jesus avisou solenemente que ele se identificava com os doentes, os pobres e os prisioneiros” (Delumeau, 2007, p. 206).

### **Referências bibliográficas**

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

CARVALHO Bruno Leal Pastor de. Morre o historiador francês Jean Delumeau, autor do clássico “História do Medo no Ocidente” (notícia). In: *Café História* – História feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/morre-o-historiador-jean-de-delumeau>. Acesso: 10 de agosto de 2020.

DELUMEAU, Jean. *À espera da aurora: Um cristianismo para o amanhã*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989.

DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)*. vol. 1, Bauru: EDUSC, 2003.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Por que a doença causada pelo novo vírus recebeu o nome de Covid-19? Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Como Jean Delumeau via o futuro do cristianismo. *Revista IHU online*. Unisinos, 22 de janeiro de 2020. Disponível: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595790-como-jean-delumeau-via-o-futuro-do-cristianismo>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Jean Delumeau: um historiador entre o medo e a esperança. *Revista IHU online*. São Leopoldo: Unisinos, 31 de janeiro de 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596038-jean-delumeau-um-historiador-entre-o-medo-e-a-esperanca>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

PIERONI, Geraldo. Jean Delumeau: historiador do passado e do presente cristão. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

*Recebido em 19/10/2020*

*Aceito para publicação em 23/02/2021*

## **Culturas visuais e pandemias: aproximações warburgianas aos motivos da Dança da morte e das Vanitas**

*Visual cultures and pandemic: a Warburgian approximations  
of the Dance of the death and the Vanitas*

*Culturas visuales y pandemia: aproximaciones warburgianas  
a los motivos de la Danza de la muerte y las Vanitas\**

Helmut Renders\*\*



<https://doi.org/10.29327/256659.12.1-7>

### Resumo

Entre os séculos XIV e XVII, a expectativa de vida das populações do Europa central era de 32 anos para homens e 27 anos para mulheres, resultado da mortalidade infantil alta, das pandemias, de guerras e da falta de alimento. A essa presença contínua da morte corresponde, nos países do norte dos Alpes, a criação de no mínimo duas formas da cultura visual religiosa: no século XIV, “A dança da morte” ou a “A dança dos mortos”, e no século XVII, as “vanitas” ou, inicialmente, o “*memento mori*”. Considerando o tempo da criação desses motivos, as épocas da Renascença e da Modernidade, propõe-se nesse artigo testar uma leitura warburgiana desses dois motivos, como parte da criação de um “*Andachtsraum*”, um espaço de contemplação e autorreflexão, entendido como uma forma de exteriorizar, nomear e articular medos existenciais para apreender lidar com eles; em distinção da leitura que afirma a sua função como educativa ou moralista ou de imagens impactantes para, essencialmente, angustiar e controlar as pessoas na manutenção da ordem religiosa estabelecida. Justifica-se essa leitura pela sua maior consideração do sujeito religioso na Renascença e a escolha do método por ser criada especificamente para a interpretação da cultura visual dessa época. A originalidade desse exercício está na aplicação do método de Aby M. Warburg à arte religiosa. Espera-se contribuir para uma compreensão mais rica da criação e do papel da arte religiosa na vida das pessoas em geral e, em especial, nas épocas da Renascença e do início da Modernidade.

Palavras-chave: Cultura visual religiosa; Aby M. Warburg; *Andachtsraum*; espaço de contemplação e autorreflexão; Dança dos mortos; *vanitas*.

### Abstract

---

\* Essa pesquisa conta com um financiamento CNPq como “projeto universal”.

\*\* Professor da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e no curso de graduação em Teologia. Coordenador do grupo de pesquisa RIMAGO – Cultura Visual Religiosa. E-mail: [helmut.renders@metodista.br](mailto:helmut.renders@metodista.br).

Between the 14th and 17th centuries, the life expectancy of the populations of Central Europe was 32 years for men and 27 years for women, the result of high infant mortality, pandemics, wars and lack of food. This continuous presence of death corresponds, in the countries of the northern Alps, to the creation of at least two forms of religious visual culture: in the 15th century, “The dance of the dead”, and in the 17th century, the “*vanitas*” or, initially, “*memento mori*”. Considering the time of the creation of these motifs, the times of the Renaissance and Modernity, it is proposed in this article to test a Warburgian reading of these two motifs, as part of the creation of an “*Andachts-raum*”, a space for contemplation and self-reflection, understood as a way of externalizing, naming and articulating existential fears to learn to deal with them; in distinction of and addition to a reading that affirms the function of these reasons in educational or moralistic terms or the use of impacting images to, essentially, distress and control people in maintaining the established religious order. This reading is justified by its greater consideration of the religious subject in the Renaissance and the choice of method as it was created specifically for the interpretation of the visual culture of that time. The originality of this exercise lies in the application of Aby M. Warburg's method to religious art. It is expected to contribute to a richer understanding of the creation and role of religious art in the lives of people in general and, especially, in the times of the Renaissance and the beginning of Modernity.

Keywords: Religious visual culture; Aby M. Warburg; *Andachtsraum*; space for contemplation and self-reflection; Dance of the dead; *vanitas*.

#### Resumen

Entre los siglos XIV y XVII, la esperanza de vida de las poblaciones de Europa Central era de 32 años para los hombres y de 27 años para las mujeres, resultado de la alta mortalidad infantil, las pandemias, las guerras y la falta de alimentos. Esta presencia continua de la muerte corresponde, en los países de los Alpes del norte, a la creación de al menos dos formas de cultura religiosa visual: en el siglo XV, “La danza de los muertos”, y en el siglo XVII, las “*vanitas*” o, inicialmente, “*memento mori*”. Considerando la época de la creación de estos motivos, el Renacimiento y la Edad Moderna, se propone en este artículo probar una lectura warburguiana de estos dos motivos, como parte de la creación de un “*Andachtsraum*”, un espacio de contemplación y autorreflexión, entendido como una forma de exteriorizar, nombrar y articular los miedos existenciales para aprender a afrontarlos; a diferencia de y además de una lectura que afirma la función de estos motivos en términos educativos o moralistas o el uso de imágenes impactantes para, esencialmente, angustiar y controlar a las personas en el mantenimiento del orden religioso establecido. Esta lectura se justifica por su mayor consideración del tema religioso en el Renacimiento y la elección del método ya que fue creado específicamente para la interpretación de la cultura visual de esa época. La originalidad de este ejercicio radica en la aplicación del método de Aby M. Warburg al arte religioso. Se espera que contribuya a una mejor comprensión de la creación y el papel del arte religioso en la vida de las personas en general y, en particular, en la época del Renacimiento y el comienzo de la Modernidad.

Palabras clave: Cultura visual religiosa; Aby M. Warburg; *Andachtsraum*; espacio de contemplación y autorreflexión; Danza de los muertos; *vanitas*.

## Introdução

Em situações extraordinárias procuram-se palavras para desconstruir, canalizar ou domesticar as angústias diante do inesperado, incontrolável e incompreensível que impõe sobre as vidas novas agendas, temporalidades, ênfases e prioridades um tanto imprevisíveis. Guerras armamentistas e econômicas – como na Síria e no Afeganistão –, catástrofes naturais – como os incêndios no estado da Califórnia nos Estados Unidos ou os recentes terremotos no Haiti e no Chile – e pandemias – com SARS, Ebola e Covid19 – criam estas situações e sensações extraordinárias do estar no mundo. A fúria do ser humano e dos elementos, a perda de confiança no chão que se pisa, pratica – e metaforicamente, levanta a pergunta em relação a um “novo normal”, um radicalmente diferente depois do antes costumeiro. Esse texto se refere à parte na ementa do dossiê que menciona a “relação entre pandemias e religiões em situações passadas”, mais especificamente, o desenvolvimento de linguagens religiosas visuais em tempos de pandemias. São duas expressões da cultura visual religiosa, criadas em tais tempos que, de fato, se oferecem de imediato, já que se mantiveram ao longo do tempo tão emblemáticas, que elas prevaleceram no imaginário humano até hoje, sendo elas citadas inúmeras vezes nas mais diferentes artes: o motivo renascentista da *Dança dos mortos* e o motivo moderno das *Vanitas*, inicialmente, *Memento mori*. Propõe-se fazer isso, entretanto, não ressaltando a sua suposta função clássica pedagógica e religiosa, da qual se diz que ela usa aquilo que assusta em doses mais ou menos fortes, com o objetivo de ou alertar o ser humano sobre o perigo de viver uma vida não aprovada por Deus, ou chocar o ser humano, basicamente, para forçá-lo a se submeter à ordem religiosa estabelecida e para manter essa ordem. Diferentemente, sugere-se uma leitura na perspectiva daquilo que o historiador de arte, cientista de cultura e da religião Aby M. Warburg denominou como a criação de *Denk-* ou *Andachtsräumen* – “espaços para pensar”, espaço para contemplar<sup>1</sup> – por meio do qual, segundo ele, o ser humano cria um caminho a não ser dominado pelo, inicialmente, indominável.

Assim, explorar-se-á, na primeira seção, o motivo da *Dança dos mortos*, na segunda, o motivo das *Vanitas* e, no terceiro, o conceito do *Andachtstraum*. Finalmente, na quarta seção, se fará alguns apontamentos a respeito da presença do motivo de super-heróis na cultura visual da crise Covid 19 – e o que ela eventualmente nos diz sobre o *homo religiosusurbanus* no século XXI.

## O motivo da dança dos mortos

A origem do motivo da *Dança dos mortos* não é plenamente esclarecida. Sabe-se que é predominantemente presente na arte religiosa francesa e alemã – as duas candidatas mais cogitadas como ponto inicial –, mas, não ausente na Espanha e na Itália. Ulrike Wohler (2018, p. 221) lembra das poesias francesas “*vado-mort*” – eu me preparo para morrer – e a lenda dos três mortos e três vivos, de origem oriental (ZYMLA, 2011, p. 51-82),<sup>2</sup> mas conhecida em toda Europa da época,<sup>3</sup> outros do retrato da morte como um dos *Trionfi* do famoso poeta pré-renascentista Francesco Petrarca, publicado entre 1351 e 1374 (BERGDOLT, 2011, p. 98) e a tradição de danças populares (MASSIP, 2004 e 2011, p. 137-161; ZYMLA, 2015, p. 75-120)<sup>4</sup>. Finalmente, apontam alguns que a expressão *Dança macabra*, ou pelo viés francês, ou pelo viés espanhol, pode ter uma origem árabe - já que *maqâbir*, o plural de *maqbara*, significa “cemitérios” - ou latina, remetendo a *Machabaeorum chorea*, a dança dos Macabeus, a narrativa dos sete irmãos mortes, sua mãe e Eleazar, de 2 Macabeus 6 e 7.

Figura 1: Carl Julius Milde. *Dança dos mortos*, 1834 [desenho do original]



Fonte: [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)

Como os mais antigos exemplos desses murais mencionam-se, normalmente, a *Danse macabre* nos muros do Cemitério dos Inocentes, Paris, França (1424),<sup>5</sup> e da Basileia, na Suíça (1440),<sup>6</sup> seguidas por exemplos de Lübeck, na Alemanha (1463) (fig. 1),

Figura 2: A *dança dos mortos* na Igreja de Maria em Lübeck



Fonte: [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)

do qual dependem versões em Reval ou o atual Talin, Estônia (1470), na Igreja Santa Maria de Berlim (1484) e de Inkoo (1501), na Finlândia. Muitos, como o de Lübeck. Todos esses grandes murais e afrescos são do final da época medieval e do início da época da renascença na Europa do Norte. Em geral, a presença desse motivo é entendida como uma reação à pandemia da peste. Conhecida é a peste do tempo do imperador Justiniano, mas, de fato, relevante para o nosso motivo é a peste que devastou a Europa entre 1347 e 1351, 1370-1376 e 1380-1383 e que matou cerca de um terço da sua população.

Mas não terminou com isso, até que provocou entre 1565 e 1600 o nascimento de um gênero literário inicialmente protestante, os tratados teológicos sobre a peste bubônica, inspirados por uma obra do próprio Martinho Lutero, de 1527<sup>7</sup> (BERGDOLT, 2011, 44 e 50).<sup>8</sup> Na Itália morreram ainda milhares em 1589, entre 1629 e 1636 e 1665; Londres sofreu nos anos 1603, 1625 e 1636; e a última vez que a catástrofe alcançou uma cidade como Hamburgo, na Alemanha, foi 1813 (BERGDOLT, 2011, 76 e 87). Por causa disso, surgem novas versões do motivo da *Dança dos mortos* ainda no início do século XVIII, inclusive em capelas protestantes como de Wagenaste (BUSKE, 1998)<sup>9</sup>. Enquanto a peste retornava cada 20 anos, outras doenças como tifo, sífilis, sarampo e varíola e guerras, como a guerra dos cem anos (1337-1443) na França, a guerra dos 80 anos (1568-1648) nos Países Baixos, a guerra dos camponeses (1524/25) e a guerra dos 30 anos (1618-1648) na Alemanha, continuaram matar muitas pessoas.

Quais são então, os elementos iconográficos do motivo da *Dança dos mortos*? Apesar de que a composição possa variar, trata-se em termos gerais de uma representação de diversas classes sociais, especialmente o urbano: na frente o papa, seguido pelo rei, cargas religiosas, administrativas, profissões e a juventude até os nenéns, sempre intercalados por um esqueleto, às vezes, retratados com alguns atributos – em forma de vestimentas ou objetos – dos respectivos grupos sociais (figuras 1 e 2).<sup>10</sup> Os esqueletos seguram com a sua mão esquerda “seu” representante do grupo particular e tocam com a sua mão direita no ombro da figura humana ao seu lado direito. Enquanto as pessoas olham para o observador sem indicação de um movimento qualquer, as pernas dos esqueletos parecem estar em movimento, levantados do chão, virados. São a posição das mãos e das pernas dos esqueletos que lembram de gestos parecidos de danças, de danças de roda, porém, em forma de fila que, já que não se gira em círculos, avança na direção do seu destino. Quem dança, então, não são as pessoas; diferentemente, elas são integradas e levadas pelos esqueletos dançantes, fazendo a festa em seu momento de triunfo,<sup>11</sup> levando consigo cada um e uma<sup>12</sup>.

Mas quem representam os esqueletos? Três teorias são discutidas. Primeiro, pensa-se numa dança “da” morte, um tipo de multiplicação do motivo do triunfo da morte que, *in personam*, acompanha cada grupo social dos três estados da sociedade medieval “pessoalmente”. Segundo, pensa-se em uma dança “dos” mortos, como uma referência à lenda dos três mortos e dos três vivos, ou da dança dos Macabeus, ou seja, cada grupo é representado vivo e morto ao mesmo tempo. Isso seria mais provável no caso que os esqueletos tivessem certos atributos dos grupos representados, o que em alguns ciclos, é o caso. Certamente, não se trata de uma mera reprodução de danças populares, já que não se dança ao redor dos túmulos, mas, em direção ao túmulo. Entretanto, as danças populares certamente contribuíram para a criação do motivo como todo, inclusive no seu novo estado de desenvolvimento como dança dos mortos.

### **O motivo das Vanitas**

Todas estas ocorrências pandêmicas dos séculos 16 e 18 representam também o pano de fundo da ascensão do segundo motivo, as *Vanitas* ou, inicialmente, os *Memento mori*,<sup>13</sup> mais uma vez, um motivo encontrado em toda Europa, porém, com um centro localizado agora nas províncias dos Países Baixos na parte protestante. Segundo a enciclopédia britânica trata-se de um

um gênero das naturezas-mortas que floresceu na Holanda no início do século XVII. Uma pintura *vanitas* contém coleções de objetos que simbolizam a inevitabilidade da morte e a transitoriedade e vaidade das realizações e prazeres terrenos; exorta o espectador a levar em consideração a mortalidade e a se arrepender. As *vanitas* evoluíram de imagens simples de crânios e outros símbolos de morte e transitoriedade frequentemente pintados no verso de retratos durante o final da Renascença. Ele adquiriu um status autônomo ao redor de 1550 e em 1620 tornou-se um gênero popular. Sua criação até seu declínio, por volta de 1650, foi centrado em Leiden, nas Províncias Unidas da Holanda, uma sede importante do Calvinismo, que afirmou a depravação total da humanidade e avançou um código moral rígido (AUGUSTYN, 2020, [s.p.]).

Essa introdução resume o que se enfatiza geralmente: Trata-se, técnica- e formalmente, de um subgênero das naturezas-mortas, um gênero que originalmente, nasce na Itália,<sup>14</sup> mas que foi muito apreciado nos Países Baixos e, confessionalmente, na sua grande maioria de obras oriundas do ambiente calvinista. O anexo 1 menciona artistas que se destacaram ou por obras específicas ou por produzir series desse subgênero, como era o caso de Gerrit Dou (1613-1675), Johannes Jan Vermeulen (1638-1674) e, especialmente, Edwaert Collier (1640-1707).<sup>15</sup>

Figura 3: Edwaert Collier. *Vanitas*, 1662

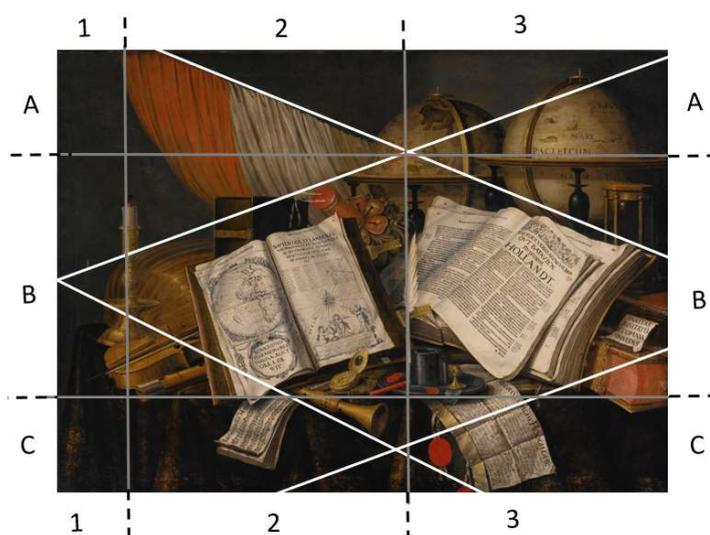


Fonte: [www.wikipedia.com](http://www.wikipedia.com)

Observe-se que o período alto da produção das *Vanitas* acompanha exatamente a *Gouden Eeuw*, a Era Dourada dos Países Baixos (1582 a 1676), com a exceção de Edwaert Collier, que transferiu seu negócio em 1793 para Inglaterra, o país que nessa época assumiu o lugar da primeira economia do mundo, substituindo os Países Baixos. A obra de Collier marca, então, a exuberante fase final desse subgênero artístico. Na sua obra articula tudo o que fez os Países Baixos prosperarem na Era Dourada: as ciências, em especial, pela universidade de Leiden, as artes, o poder militar, os negócios, a construção de navios, a filosofia<sup>16</sup>. A pintura escolhida trata da base econômica dos Países Baixos, fonte da sua na época, posição única no mundo e da causa da Guerras dos Oitenta Anos.

A composição da obra é dominada por diagonais que formam um losango que contorna os dois objetos centrais: dois livros. Este losango, entretanto, não ocupa exatamente o centro da obra, mas é levemente deslocado para a parte direita inferior, uma indicação sutil de que aquilo que

está no centro está perdendo seu lugar. As linhas verticais acompanham esse deslocamento, passando pela vela (linha entre os segmentos B1 e B2) e pela pena (linha entre os segmentos B2 e B3); mas, linhas horizontais que acompanham o “equador” do globo terrestre (linha entre os segmentos A3e B3), a ponta de uma flauta (linha entre os segmentos B2 e C2) e os cantos de três livros (linha entre os segmentos B2 e



Análise de composição de H. Renders

C2, B3 e C3) são perfeitamente centralizadas. Aparentemente, o aspecto religioso (vertical) está nesse mundo econômico, levemente “fora do lugar”, considerando também que na pintura tradicional, o lado esquerdo é mais iluminado para representar a luz que venha da direita<sup>17</sup> de Deus.

Quanto aos motivos, identifica-se inicialmente uma ausência: a pintura não integra um crânio, requisito, normalmente, *sine qua non* do gênero das *vanitas*, ocupando, geralmente, um lugar de central, inclusive pelas suas dimensões em relação a ou-

tros objetos retratados na pintura.<sup>18</sup> A omissão desse elemento aumenta o caráter sutil da pintura. A composição é dominada por dois livros (segmento B2 e B3), ocupando a posição central e destacados pela claridade, que por sua vez é contrastada pelas margens pretas da pintura (segmentos A1-C1; A3-C3; A1-A3; C1-C3). Mais cinco objetos são majoritariamente retratados numa tonalidade branca – as notas musicais (segmento C2), um documento (segmento C3), um lema (segmento B3),<sup>19</sup> na verdade uma citação bíblica, a parte central da bandeira holandesa (segmento A2) e uma vela (na linha entre os segmentos B1e B2). Ao lado dos dois livros, essa vez pelas suas dimensões, chamam mais a atenção um globo terrestre e um globo celestial, e a bandeira holandesa. Já mais escondida, atrás do livro esquerdo, encontra-se uma almofada de renda (segmentos B1 e B2), que lembra do artesanato de alto padrão ou de uma mercadoria de alto valor de mercado (e produzido pelas mulheres). Vistos juntos, representam os objetos em destaque, a então dominância holandesa na economia mundial, navegando por todos os mares, fonte de prestígio e riqueza. O globo direito aponta, corretamente, o Pacífico com domínio Holandês, lembrando das rotas para Japão e de lá, para China. O mapa no livro esquerdo reproduz na sua página esquerda o Pacífico e a América do Sul e na sua página direita lemos: “Seleção das ilhas e principais cidades localizadas no leste inferior no Atlântico Médio”. Um desses territórios era Coração, uma ilha sob domínio holandês onde todas flotilhas espanholas, saindo de Cartagena das Índias, precisavam passar. Integrados nessa opulenta apresentação de poder econômico em todas as suas extensões globais, são símbolos da transitoriedade, fragilidade e finitude da vida: uma vela, quase ao seu fim se apaga (entre os segmentos B1 e B2), uma bandeira não no vento, mas fora do seu lugar, sem brilho (segmento A2); uma ampulheta (segmentos A3 - B3), lembrando que o tempo “corre” em uma só direção; os instrumentos musicais (segmentos B1 - B2 e C3), sinalizando o caráter efêmero da vida; um relógio de bolso (segmento B2), aberto como no momento de anotar o tempo, com uma minúscula miniatura humana, ou uma imagem, ou um reflexo (segmento B2).

### **A dança dos mortos e as Vanitas como elementos de *Andachtsräumen* do ser humano**

Avança-se agora para a discussão da função dessas duas narrativas visuais com qualidade de [sub]gêneros em uma perspectiva warburguiana, ou antropocêntrica. Warburg sugeriu que a arte ajuda articular e identificar o que incomoda o ser humano, já que dessa forma e exterior a ele ou ela, cria-se a necessária distância para observá-

lo, estudá-lo e, finalmente, aprender a lidar com aquilo que ela representa. Isso é, segundo Aby Warburg, uma função fundamental da arte renascentista, tese elaborada por ele durante os seus estudos do *quattrocento* italiano, observando seus ricos e diversificados, mas também ecléticos, empréstimos da linguagem artística da antiguidade, com suas referências mitológicas e legendárias.

Segundo Peter Koefler (2006, p. 64):

para Warburg, a criação de imagens [...] permite que as pessoas objetivem seus próprios medos, entrem em um relacionamento revelador com eles e os banem no ato de nomear. Dessa forma, toda formação de símbolo é um passo no caminho para a dominação do pensamento prudente. “Adquirir a sensação de distância entre sujeito e objeto”, escreve Warburg, “é a tarefa da chamada formação. [...] A história cultural pode ser entendida como uma extensão progressiva da distância; da incorporação, pelo apreender até o compreender; da mágica, via o mito para o logos.

Formação, em alemão, *Bildung*, contém a palavra *Bild* ou imagem. Literalmente, *Bildung*, parte da ideia de criar uma imagem, no sentido mais amplo, de formar uma ideia. Na tríade magia, mito e *logos*, segundo Warburg, ocorre uma passagem do dionisíaco para o apolíneo, da exposição à fúria ou força incontrolável, via a interlocução e a dominação via nomeação. Nesse processo, representações visuais tem um papel fundamental, por serem parceiras criadas pelo ser humano para articular o que não cabe dentro dele ou dela. Nossa tese é que os dois motivos da *dança dos mortos* e do *memento mori* ou dos *vanitas*, também foram criadas para dominar o indominável, ou como Warburg disse: “*Du lebst und tust mir nichts* [você vive e não mexe comigo, o autor]”, já que “imagens são criadas em dimensões que variam entre empatia e distância, magia e lógica, euforia e horror” (FREYBERG, BLÜHM, 2014, p. 51-67), o que Warburg justamente dominava como seus aspectos apolíneos e dionisíacos, que

[...] teve um papel nesse desenvolvimento ambivalente: suas fórmulas de expressão e representação (o *Pathosformeln*, no vocabulário warburgiano) poderiam ajudar a consolidar a amplitude do *Denkraum* alcançada pelo pensamento lógico, mas, [...] pelas imagens, a arte contém também o poder de despertar fascinações características da magia (WARBURG, 1966, p. 338, 364-365).

Não se refere aqui a um poder mágico, mas, ao poder de imagens da inevitabilidade da morte que também precisa ser contido para poder tocar a sua vida. Enquanto em *as Vanitas* o aspecto autorreflexivo se oferece de imediato como linha de interpretação, isso não se impõe com a mesma certeza e facilidade ao gênero artístico religioso da *Dança dos Mortos*. Mas, quanto a localização e o patrocínio dessas obras, há aspectos distintos a serem observados. Em Paris e na Basileia, por exemplo, era no muro do cemitério. Em Lübeck, era numa capela lateral onde se faziam as confissões. Em Wengenast, ele se encontrava numa capela fúnebre. Ou seja, a *Dança dos mortos* não era uma iconografia que dominava, pela sua mera extensão, como uma narrativa única as naves principais das igrejas.<sup>20</sup> Nessa direção também aponta sua segunda forma de divulgação mais comum, a gravura. Essas gravuras eram já pelo seu alto custo na criação de tamanhos menores, como por exemplo, as gravuras de Holbein (1497-1543). Elas não eram produzidas para “embelezar” casas particulares ou centros religiosos, mas serviam como meios de contemplação mais privada. De formato “monumental”, na verdade, em proximidade aos tamanhos reais das pessoas, em pinturas em lugares públicos destinados aos enterros ou às confissões, de formato menor para seu uso em locais particulares, estas imagens articularam a morte como algo inevitável e imprevisível, inegociável e independente de *status* social, em síntese, quase igualitária, no mínimo entre o papado, a monarquia e a burguesia urbana. Mesmo assim, são muitas vezes compreendidos como uma narrativa da educação cristã e religiosa, usando um certo efeito de choque para lembrar cada um e uma os seus deveres religiosos, ao lado dos seus deveres cívicos, e no sentido de um *Memento Mori*, de uma mimese ou memória da mortalidade como parte da condição humana.<sup>21</sup> Certamente há convergências de interesses e objetivos, não por último, porque enquanto as danças dos mortos aparecem, predominantemente em muros de cemitérios – o caso dos mais antigos, em Paris e Basileia e dentro de igrejas e capelas; o caso de Lübeck, Reval ou Tallin, Berlim, etc. –, já se trata de espaços da igreja ou de ordens religiosas. Mas, há observações adicionais a serem feitas.

Primeiro, deve se considerar a questão do patrocinado. Em Basileia, são os dominicanos os responsáveis pela arte religiosa no seu cemitério; em Lübeck, são os *Patrizier* da cidade<sup>22</sup> que tinham encomendados o ciclo em sua *Stadtkirche*, sua igreja da cidade. Já a circulação do motivo em forma de gravuras nas casas de famílias, acadê-

micos e aristocratas, dependia de uma aquisição pessoal, não de uma exposição pública. Eles compraram as obras de arte, por exemplo, o ciclo completo ou folhas avulsas de Hans Holbein. Aqui não se trata de um uso público, mas, privado, eventualmente, em família e, provavelmente, não se pendurava as gravuras relativamente pequenas em série – eram entre 33 e 40, dependendo da série – em molduras numa parede, mas manteve-se as mesmas em livros com coletâneas de gravuras, para estudá-las e lê-las, para contemplá-las.

Figura 4: HOLBEIN, Hans.  
*O negociante*, 1523-1526



Fonte: [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)

Entretanto, chama a atenção que estes ciclos já são da época renascentista e não mais da Alta Idade Média; acredita-se, então, que eles já representam o diálogo humano com as ondas de choque que o mundo medieval não somente abalou, mas, ultimamente, desconstruiu e substituiu. No período da criação das *Danças dos mortos*, não somente cada sujeito se sabia da proximidade da morte, também perceber-se-ia lentamente que, a época inteira estava prestes a mudar, e a morte dançava com ela e que essa dança expressava, inclusive, uma nova vontade humana. Os afrescos monumentais das *Danças dos mortos*, então, parecem-nos corresponder aos medos profundos da época, 200 anos antes do que o barroco ia sinalizar e promover um sentimento oposto, mais confiante e alegre. Muito daquilo que ia ainda sugerir, as então novas imagens já anteciparam. A ênfase no aspecto igualizador da morte, carregava uma crítica implícita em relação às instituições, ao clero, à aristocracia e ao sistema ruralista e feudal.

Muitos desses aspectos valem ainda mais para as *Vanitas*; porém, novamente, há mudanças significativas. Continuam existindo gravuras cuja utilização segue o uso acima discutido. Porém, surge, em sequência das naturezas-mortas, o formato de pinturas maiores e de prestígio. O lugar vivencial dessas pinturas poderia ser um escritório, um corredor, uma sala de espera de visitantes, uma parede em um prédio público, uma biblioteca particular ou uma sala numa casa burguesa. Se os murais em cemité-

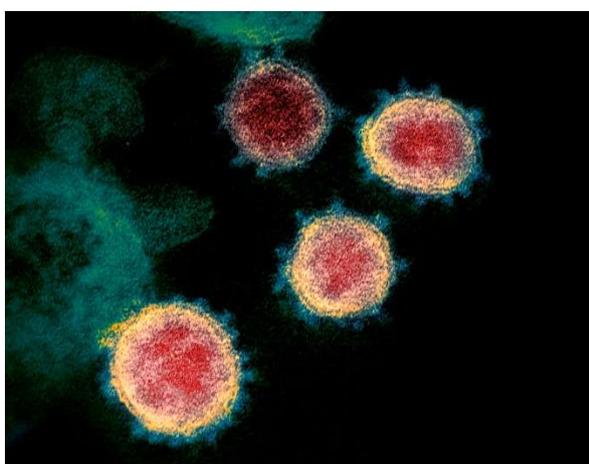
Muitos desses aspectos valem ainda mais para as *Vanitas*; porém, novamente, há mudanças significativas. Continuam existindo gravuras cuja utilização segue o uso acima discutido. Porém, surge, em sequência das naturezas-mortas, o formato de pinturas maiores e de prestígio. O lugar vivencial dessas pinturas poderia ser um escritório, um corredor, uma sala de espera de visitantes, uma parede em um prédio público, uma biblioteca particular ou uma sala numa casa burguesa. Se os murais em cemité-

rios e igrejas são lugares públicos e o lugar de uso de gravuras privadas, as pinturas ocupam um lugar “entre”, com potencial para ambos, sinalizado o entrelaçamento entre o privado e o público em termos religiosos, uma compreensão que tanto o calvinismo holandês como o catolicismo espanhol compartilharam. Entretanto, as *Vanitas*, pelo seu papel autorreflexivo, articulam além da angustiante noção da fragilidade da vida em meio de tanta prosperidade ou da sua suposta superação pela prosperidade, uma desconstrução das razões primárias do conflito “religioso” entre calvinistas e católicos[as], a procura da dominância econômica pelo controle dos seus meios, a navegação como acesso aos negócios em países distantes.

A pergunta é se isso afeta e, se for o caso, em que medida, o seu potencial de funcionar como *Andachtsbild* no sentido de Warburg. Acredita-se que não. Quanto mais uma imagem é pública, pode-se pensar em um *Andachtsraum* coletivo, quanto mais privada, em um *Andachtsraum* privado. A exposição não define *per se* essa função e a exposição pública, eventualmente, sedimenta esse efeito, já que a permissão não contestada da representação do aspecto igualador da mortalidade como parte da condição humana em espaço público diante de toda comunidade ganha ainda em grau de veracidade. Considerando, ao redor das representações materiais, ainda os costumes de danças populares, pode-se imaginar no conjunto ritos, textos e imagens como formas de lidar com o aguilhão da morte, quase em sintonia com o estilo íntimo como o texto de 1 Coríntios 15.55 se dirige à propria morte: “Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?” Além disso, as *Vanitas* reorganizam radicalmente a sua linguagem em comparação com as *Danças da morte* e a pintura aqui interpretada faz isso ainda de forma potencializada pela ausência “obrigatória” do crânio: ela projeta, em um primeiro nível, a glória dos demais empreendimentos humanos, de tudo que se escuta alguém a se gloriar... no segundo plano, porém, não “entre as linhas” escritas, mas entre as linhas desenhadas, aparece uma sábia inteligência – que, vindo de *interlegere* significa saber ler entre as linhas –, dessa vez, não como forma de dominar o horror, mas de dominar o engano, reestabelecendo ou reconsiderando a liminaridade da vida como algo que não pode ser ignorado. A integração do horror da morte *per se* representa também uma forma de lidar com ele.

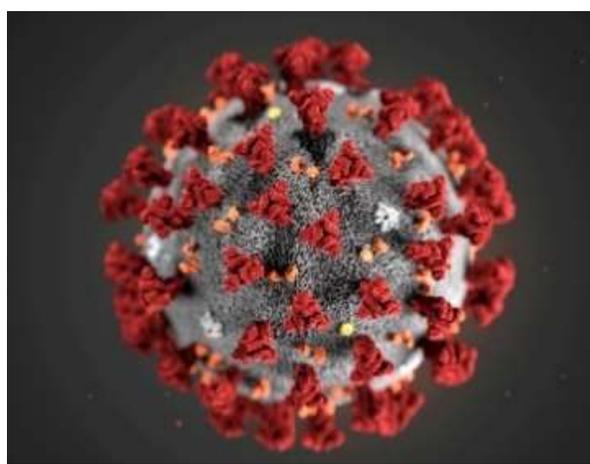
Na atual iconografia do Coronavírus parece nos ocorrer algo parecido. Chama a atenção a reprodução visual em escala ampla do próprio vírus.

Figura 5: Fotografia do Covid 19 por um microscópio eletrônico, posteriormente colorida



Fonte: U.S. National Institutes of Health (NIAID-RM)

Figura 6: Modelo girado a partir das fotografias dos microscópios eletrônicos



Fonte:  
<https://phil.cdc.gov/Details.aspx?pid=23311>

A produção de imagens do micro e macrocosmo e popularizar os resultados é um assunto discutido como parte da virada icônica (BOEHM, 1994), *pictorial* (MITCHELL, 1994; BOEHM e MITCHELL, 2009, p. 103-121) ou *visual* (BREDEKAMP, 2011) e normalmente, é entendido em sua dimensão informativa de gerar conhecimento para poder integrá-lo em nossa imaginação. Sem dúvida, são essas duas fronteiras do conhecimento espacial acessíveis mediante as imagens, no caso, imagens técnicas. O cosmo, enquanto visível, sempre era objeto de temor e de fascinação e parte da busca de desvendar os mistérios da vida; os retratos do microcosmo acabaram assumindo um lugar parecido ao lado destas visualizações. No caso da figura 5 revela o olhar para esse microcosmo o formato e a existência do coronavírus. Ao lado, na figura 6, encontra-se um modelo desse vírus, baseado nas fotografias. Nas referências nas mídias vi-

suais, a segunda imagem ou o modelo feito pelo ser humano substituiu a primeira e está hoje quase onipresente: em nenhuma notícia a respeito do vírus seu “retrato” modelo falta, e não se fala dele, sem retratá-lo. A morte anônima, tem uma cara, uma cara modelada por mãos humanas; e é esta modelagem – não a sua fotografia – que se vê dia e noite na TV em todos os canais e nas páginas da internet.

Primeiro se retrata a dança da personificação da morte – o vírus – entre as unidades elementares da vida humana – as células –, vivas, mas condenadas a morrer pela presença desse vírus. Nessa primeira fase, o objetivo era identificar o vírus, tirá-lo do anonimato, caracterizá-lo, nomeá-lo para entendê-lo e, dessa forma, dominar os próprios medos referentes a ele, uma inversão da proibição religiosa de fazer imagens. Já essa primeira fase da busca por uma representação do vírus, pode-se entender como um dos elementos que compõem um *Andachtsraum*. As primeiras fotografias são as primeiras pinturas, inclusive, desde o início, manipuladas pelo ser humano, usando cores. Na segunda fase, aumenta-se o grau da abstração e da manipulação ou do domínio visual sobre o vírus. Quando se olha para essas imagens trazidas do mundo microscópico e recriadas por seres humanos, pensa-se na frase de Aby Warburg: “*Du lebst und tust mir nichts*”, “você vive, e não mexe comigo” (BREDEKAMP, 1991, p. 1-7; GOMBRICH, 1970, p. 71). O indominável – o vírus ou a morte e o medo causado por ele –, se torna dominável, por meio da sua visualização, uma obra de arte fotográfica, um artefato.

### **Considerações finais**

Este artigo tinha como propósito de interpretar a criação de motivos como a *Dança dos mortos* e as *Vanitas*, inclusive do coronavírus como partes da construção de *Andachtsräumen* segundo Aby M. Warburg. Esse viés mais psicológico<sup>23</sup>, certamente não explora todo espectro possível de interpretação do papel ou até da vida de imagens, da sua atuação como da sua apropriação pela e na vida dos seres humanos. Mesmo assim, abre essa perspectiva possibilidades para a compreensão da sua contínua reprodução, releitura e, aparentemente, apreciação durante séculos, inclusive dos séculos XIX e XX.<sup>24</sup>

Apesar dos seus conteúdos visuais diferentes, as linguagens visuais religiosas da *Dança dos mortos* e das *Vanitas* (e do vírus) representam e articulam formas de li-

dar com essa pandemia e oferecem um olhar precioso como o ser humano lida com esses momentos por meio da cultura visual. A letalidade das pandemias continua sendo real, imprevisível e indominável, mas, para os artistas da Era Dourada dos Países Baixos, o mundo já era diferente do medieval e feudal. O tema da imanência da finitude continua presente, mas, ela é, a partir de uma nova autopercepção e tratado diferente. De certo modo, esse olhar luta pelo seu espaço em um mundo que aparentemente quer esquecer essa realidade. As *vanitas* colocam em dúvida esse desejo de esquecimento. À tanta opulência, prosperidade e sucesso que a Era Dourada oferece, e que “rouba as cenas”, as naturezas-mortas, subgênero, *vanitas*, num primeiro momento, parecem-se render. Mas, em segundo plano, de forma mais sutil, por uma linguagem alegórica, o cotidiano, animais, plantas, objetos falam uma segunda língua, sensível à finitude e a fragilidade da vida, revelam uma outra visão do mundo que desafia a ideia de tanta ostentação como sentido único e último. Se os retratos da dança da morte procuram dominar o medo diante da finitude, os retratos das *Vanitas* desafiam o medo diante do autoengano. Finalmente, serve a onipresença do retrato do vírus em todas as mídias visuais também como um primeiro passo de superação. A morte retratada, em suas dimensões microscópicas, dançando entre as formas da vida mais elementares, as células, células indo na direção da sua aniquilação, procura, mais uma vez, enfrentar o que parecia no início como indominável.

### **Referências bibliográficas**

- AUGUZN, Adam. “Vanitas” (verbete). In: *Encyclopaedia Britannica*(versão on-line), [s.p.]. Disponível em:<https://www.britannica.com/art/vanitas-art>. Acesso em 20 de agosto de 2020.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Thames & Hudson, 1976.
- BETTELHEIM, Bruno. *Kinder brauchen Märchen*. Trad. de Liselotte Mickel U. Brigitte Weitbrecht. Stuttgart: Deutsche Verlagsanstalt, 1977.
- BETTELHEIM, Bruno. *The uses of enchantment: the meaning and importance of fairy tales*. New York: Alfred A.Knopf, 1976
- BERGDOLT, Klaus. *Die Pest: Geschichte des schwarzen Todes*. 3º ed. München: Verlag C.H.Beck, 2011.
- BRANDES, Stanley. *Skulls to the living, bread to the dead: The day of the dead in Mexico and Beyond*. MAIDEN, MA, & Oxford: Willey-Blackwell, 2008.
- BOEHM, Gottfried (ed.). *Was ist ein Bild?*München, 1994.

- BOEHM, Gottfried e MITCHELL, W.J.T. "Pictorial Versus Iconic Turn: Two Letters". In: *Culture, Theory and Critique*, vol. 50, n. 2-3, p. 103-121 (2009).
- BREDEKAMP, Horst. *Theorie des Bildakts: Über das Lebensrecht des Bildes*, Frankfurt/M.: Suhrkamp Verlag 2011.
- BREDEKAMP, Horst. "Du lebst und tust mir nichts". Anmerkungen zutr Aktualität Aby Warburgs". In: Ibidem; DIERS, Michael; SCHOELL-GLASS, Charlotte (eds.). *Aby Warburg: Akten des internationalen Symposiums Hamburg 1990*. Weinheim: VCH Verlags-gesellschaft, 1991. p. 1-7.
- BUSKE, Norber. *Der Wolgaster Totentanz*. Schwerin: Thomas Helms Verlag, 1998.
- CALHEIROS, Luís. "Entradas para um Dicionário de Estética: *Vanitas Vanitas et Vanitatem - Vanitas Vanitatum: Vanitas Vanitattis et Omnia Vanitas*". In: *Millenium: Journal of Education, Technologies and Health*, Viseu, Portugal, v. 4, n. 13 (jan. - mar. 1999). Disponível em: < [https://www.ipv.pt/millenium/pers13\\_4.htm](https://www.ipv.pt/millenium/pers13_4.htm) >. Acesso em: 20 ago. 2020.
- CHARELS, Victoria. *Die Kunst der Renaissance*. New York: Parkstone International, 2014.
- CZACHESZ, István. *The grotesque body in early Christian literature: hell, scatology and metamorphosis*. Cambridge: Cambridge University Press & Routledge, 2014.
- D'ALLEVA, Anne. *Methods and theories of art history*. 2011.
- FREYBERG, Sascha; BLÜHM, Kaharina. "Bildakt demystified: remarks on philosophical iconology and empirical aesthetics." In: MARIENBERG, Sabine; TRABANT, Jürgen. *Bildakt at the Warburg Institute*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2014. p. 51-67.
- FREYTAG, Hartmut (ed.). *Der Totentanz in Lübeck und der Nikolaikirche in Reval* (Tallin). Köln: 1993).
- GOMBRICH, Ernst H. *Aby Warburg. An Intellectual Biography: With a Memoir on the History of the Library by F. Saxl*. London: Warburg Institute, University of London, 1971.
- GOSCILO, Helena. "The mirror in art: vanitas, veritas, and vision". In: *Studies in 20th & 21st Century Literature*, Manhattan, Kansas, EUA. vol. 34, n. 2, p. 282-319 (2010).
- GARCIAGODOY, Juanita. *Digging the days of the dead: a reading of Mexico's días de muerto*. NIWOT, Colorado: University Press Colorado, 1998.
- HOLBEIN, Hans. *Der Totentanz*. Vierzig Holzschnitte von Hans Holbein dem Jüngeren. Faksimile-Nachbildungen der ersten Ausgabe mit einer Einleitung von Hans Ganz. München: Holbein-Verlag, 1914.
- HAINDL, Ana Luisa Haindl U. *La danza de la Muerte*. [s.l.; s.a.]. Disponível em: [http://www.edadmedia.cl/docs/danza\\_de\\_la\\_muerte.pdf](http://www.edadmedia.cl/docs/danza_de_la_muerte.pdf). Acesso em 20 de agosto de 2020.

- HERBERMANN, Charles; WILLIAMSON, George. "Dance of Death". In: *The Catholic Encyclopedia*, v. 4. New York: Robert Appleton Company, 1908. p. 25.
- JONES, Gerard. *Killing Monsters: why children need fantasy, superheroes, and make-believe Violence*. Com uma introdução de Lynn Ponton. Basic-Books, 2003.
- KAISER, Gert. *Der tanzende Tod: mittelalterliche Totentänze*, Frankfurt a. M.: Insel-Verlag, 2002.
- KIRSCHNER, Gottfried. *Fortuna in Dichtung und Emblematis des Barock: Tradition und Bedeutungswandel eines Motivs*. Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der Philosophischen Fakultät der Johannes Gutenberg-Universität zu Mainz. Mainz: Johannes Gutenberg-Universität zu Mainz, 1969.
- MACK, Stevie. WILLIAMS, Kitty. *Day of the dead folk art*. Layton, Utah: Gibbs Smith, 2015.
- MARCHI, Regina M. *Day of the dead in the USA: the migration and transformation of a cultural phenomenon*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 2009.
- MASSIP, Francesc; y L. KOVÁCS, Lenke. *El baile, conjuro ante la muerte: presencia de lo macabro en la Danza y la Fiesta Popular*. Ciudad Real, CIOFF, 2004.
- MASSIP, Francesc. "Huellas de oriente en las representaciones macabras de la Europa medieval: el caso catalán". In: Cuadernos del CEMYR, n. 19, dez. de 2011. pp. 137-161.
- MITCHELL, W. J. T. *Picture Theory: Essays on verbal and visual representation*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.
- PROSKE, Ruediger. *Die deutsche Geschichte*, vol. 2 (1348-1755). Augsburg: Verlagsgruppe Weltbild, 2001.
- ROSS, Leslie. *Language in the visual arts: the interplay of text and imagery*, Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, 2014.
- SAUGNIEUX, Joel. *Les danses macabres de France et d'Espagne et leur prolongements littéraires*. Paris: Les Belles Lettres, 1972.
- OOSTERWILK, Sophia. *'Fro Paris to Ingland'? The danse macabre in text and image in late-medieval England*. Leiden: Leiden University Press, 2009.
- SOLÀ-SOLÉ, Josep Maria. *La Dança General de la Muerte*. Barcelona, Puvill, 1983.
- TURNER, Jan (ed.). *The Grove Dictionary of Art*. From Rembrandt to Vermeer: 17th-century Dutch Artists. New York: Saint Martin's Press, 2000.
- WHITE, Florence. *The Dance of Death in Spain and Catalonia*. Baltimore: Waverly Press, 1931.
- WOHLER, Ulrike. "Totentanz". In: HIEBER, L. (ed.). *Gesellschaftsepochen und ihre Kunstwelten*. Wiesbaden: Springer VS, 2018.

WUNDERLICH, Uli Wunderlich: *Der Tanz in den Tod*. Totentänze vom Mittelalter bis zur Gegenwart. Freiburg: Eulen Verlag, 2001.

ZYMLA, Herbert González. “El encontró de los tres vivos y los tres muertos”. In: *Revista Digital de Iconografía Medieval*. Madrid, Espanha, v. 3, n. 6, 2011. pp. 51-82.

ZYMLA, Herbert González. “Los códigos indumentarios como signo de identidad socio-estamental en la iconografía de la danza macabra”. In: *Diseño de Moda: Teoría e historia de la indumentaria*. Madrid, Espanha, 2015. pp. 75-120.

ZYMLA, Herbert González. “La iconografía de lo macabro en Europa y sus posibles orígenes clásicos y orientales. Algunas manifestaciones en el arte español de los siglos XIV, XV y XVI”. *Revista Digital de Iconografía Medieval*. Madrid, Espanha, v. 11, n. 21, 2019. pp. 1-53.

### Referências iconográficas

COLLIER, Edwaert. *Vanitas*, 1662. Disponível em: [https://de.wikipedia.org/wiki/Evert\\_Collier#/media/Datei:EDWAERT\\_COLLIER\\_VANITAS\\_STILL\\_LIFE.jpg](https://de.wikipedia.org/wiki/Evert_Collier#/media/Datei:EDWAERT_COLLIER_VANITAS_STILL_LIFE.jpg). Acesso em 20 de agosto de 2020.

HOLBEIN, Hans. “Der Kauffman” [o negociante]. In: *The Project Gutenberg EBook of Der Totentanz, by Hans Holbien*. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/23775/23775-h/23775-h.htm>. Acesso em 20 de agosto de 2020.

MILDE, Carl Julius. Lübecker Totentanz von Bernt Notke, desenho. 1832. In: *www.wikipedia.org*. Disponível em: [https://de.wikipedia.org/wiki/L%C3%BCbecker\\_Totentanz#/media/Datei:Milde\\_Fragment\\_Totentanz.jpg](https://de.wikipedia.org/wiki/L%C3%BCbecker_Totentanz#/media/Datei:Milde_Fragment_Totentanz.jpg). Acesso em 20 de agosto de 2020.

S.N. “Vírus Covid 19”. In: *Public Health Image Library (PHIL).do Center for Disease Control and Prevention (CDC)*. Disponível em <https://phil.cdc.gov/Details.aspx?pid=2331>. Acesso em 20 de agosto de 2020.

---

<sup>1</sup>*Andachtsraum* é composto por dois substantivos; porém, a ideia é dinâmica, como em *Andacht halten*, “fazer uma devoção”. Um paralelo entre o conceito *Andacht* de Warburg e o significado original de devoção é que uma devoção sempre envolve algo externo ao ser humano. Enquanto no catolicismo se refere, por exemplo, a devoções à Santa Trindade, Maria ou Santos ou Santas, no protestantismo, a devoção envolve a “Sagrada” Escritura. Em Warburg, externo ao ser humano não são os Santos nem o texto bíblico, mas, as obras da arte. Em distinção à visão teológica, não se trata de meios de comunicação entre a esfera divina e o domínio humano, mas de uma materialização de uma projeção humana a partir do seu imaginário. A ideia de um “meio” também existe, mas não envolve divindades: considerando imagens como *Bilderfahrzeuge* – veículos de imagens – transparece a compreensão da imagem como meio de comunicação entre seres humanos, por exemplo, da Antiguidade e da Renascença que, eventualmente, também comunicam ideias religiosas, ou melhor, gestos e comportamentos apaixonantes oriundos da interação com ritos religiosos.

---

<sup>2</sup> A mais antiga representação ibérica, segundo Herbert Gonzáles Zyma (2011, p. 16) é do ano 1320, num afresco do convento de San Pablo de Peñafiel, Espanha. Logo depois, entre 1335-1340 foi criada a cena num capitel da porta ocidental de Santa María del Mar, Barcelona, Espanha.

<sup>3</sup> Na lenda, a mensagem dos mortos aos vivos é “*Quod fuimos estis, quod sumus eritis!* [O que você é, nós éramos; o que somos, você será].

<sup>4</sup> Uma tradição que nos morávios, grupo pietista luterano sob liderança do Conde Zinzendorf, aparece de forma modificada como dança nos túmulos para festejar a esperança da ressurreição.

<sup>5</sup> As conclusões de Joel Saugnieux (1972) em relação à origem parisiense dos murais ainda valem, já que até hoje não se sabe de um afresco parecido mais antigo. Uma dependência direta da iconografia inglesa é defendida também por Sophia Oosterwilk (2009), entretanto, deve-se anotar que Paris, entre 1420 e 1435, era ocupado por ingleses.

<sup>6</sup> A história da dança dos mortos de Basileia é complexa, já que existiam duas versões, uma num monastério Dominicano de Klingental, localizada em Basileia menor, e a outra em Basileia maior, ambas somente separadas pelo rio. Antigamente, cogitava-se para a versão de Klingental 1312 como data, hoje se sabe que antes de 1437 seria improvável.

<sup>7</sup> O título “*Ob man vor dem Sterben fliehen möge*”, Se se deve fugir da morte, discute o tema da seguinte forma: fugir não é pecado, mas administradores das cidades, padres e familiares que cuidam de doentes devem ficar. Trata de uma prova da fé, não de um castigo de Deus. A ajuda médica deve ser procurada, mas conforto somente Cristo oferece. Pessoas levemente doentes que mantêm contato com pessoas saudáveis de propósito e as infectam, ele qualifica como assassinos.

<sup>8</sup> A reforma nas cidades de Lübeck e Basileia levou a atualizações pontuais dos ciclos. Hug Huber (1536-1578?) restaurou o ciclo, originalmente, dominicano, incluiu no seu início o humanista e pregador reformado Johannes Oekolampadus (1482-1531) e ao seu final si mesmo e a sua família (BERGDOLT, 2011, p. 103). Algo parecido ocorreu em Lübeck onde ocorre uma troca da posição de lagunas das suas figuras, a modificação de algumas das profissões e uma atualização das legendas de um alemão medieval para um alemão mais moderno (FREYTAG, 1993).

<sup>9</sup> A série de pinturas nas laterais da capela parecem se inspirar na série de gravuras de Hans Holbein, o jovem, chamada “*Imagens da morte*”, criada em 1538. No início da reforma protestante ele estava na Basileia, onde ele certamente conhecia a pintura *Dança dos mortos*.

<sup>10</sup> Na *Dança dos mortos* chama a atenção que somente duas mulheres aparecem: a imperatriz, bem no início, e a mulher jovem e virgem no fim, diretamente ao lado do neném.

<sup>11</sup> A origem da aproximação dos elementos da dança com o elemento da morte não é plenamente esclarecida. Alguns alegam uma referência a ritos pagãos, criticando-os. Fato que os morávios, uma das vertentes do pietismo luterano alemão, tinham o costume de dançar sobre ou entre os túmulos dos[as] seus falecidos[as] para festejar a esperança da ressurreição.

<sup>12</sup> O seja, o oposto da linha de música “*deixa a vida me levar*”.

<sup>13</sup> “As mais remotas *vanitas*, ou melhor o seu ‘antepassado directo’, os *memento mori* (recorda a morte), a representação solitária da caveira, são ainda do século XV e flamengos, executadas em geral no verso dos trípticos, sendo depois acrescentadas com objetos do cotidiano em sugestivas composições (já verdadeiras *vanitas*), com a sua grande divulgação posterior ao Concílio de Trento e às convulsões reformistas e contra-reformistas, meados e finais do século XVI” (CALHEIROS, 1999, [s.p.]).

---

<sup>14</sup> Como criador do gênero, é cotado o italiano Jacopo de'Barbari e sua pintura em formato ainda-vida ou natureza morta "Perdiz e manoplas" de 1504.

<sup>15</sup>O último da lista, Collier, de fato, já estendeu seu negócio a partir de 1693 para Inglaterra, onde ele faleceu. A Inglaterra estava substituindo a Holanda como centro econômico do mundo e, curiosamente, isso aumentou o interesse nesse motivo.

<sup>16</sup>O destaque tem Rene Descartes (1596-1650), que viveu nos Países Baixos os últimos 20 anos da sua vida, durante os quais ele publicou todas as suas obras mais importantes; o judeu holandês, Baruch Spinoza (1632-1677); o educador tcheco, John Amos Comenius (1592-1670), um protestante que se refugiou nos Países Baixos depois de 1663. Lá criou Collier em 1696 uma *Vanitas* com o título "Vida morta com um emblema de Wither" que fica hoje no museu Tate. Infelizmente, o museu cobra caro pela reprodução dessa imagem em um artigo científico, o que me fez desistir de interpreta-la nesse artigo.

<sup>17</sup> Isso, no caso, se as *Vanitas* ainda acompanhem nesse aspecto, a iconografia católica, que constrói a imagem em perspectiva teocêntrica, "a partir de Deus" ou da imagem olhando para o[a] observador[a]. Nessa iconografia, Jesus sempre está sentado ao lado esquerdo de Deus Pai, na perspectiva do[a] observador[a]. Na renascença, porém, com a introdução da perspectiva, o foco vira para o[a] lado do[a] observador[a] humano[a], já que a perspectiva o[a] incluía como parte complementar dela mesma.

<sup>18</sup> "Gênero singular de natureza-morta [...] pretendendo expressar edificante sabedoria moral e imperativo aviso para reflexão radical, em que é feita a comparação por contraste total, entre a precaridade efêmera dos prazeres terrestres [...] e a realidade ameaçadora do triunfo final da morte tudo nivelando num nada fáctico, sendo representada a 'mofina' em evidência perturbadora, pelo seu emblema mais imediato e certo - a caveira - o crânio humano" (CALHEIROS, 1999, [s.p.]).

<sup>19</sup> O lema está em latim, escrita em letras maiúsculas: "VANITAS VANITATU[M] ET OMNIA VANITAS" – com um pequeno erro, aparentemente, consciente: o "m" do original é substituído por um traço ["-"], Vaidade de vaidades, tudo é vaidade, e cita Eclesiastes 1.2. A citação direta é incomum, no subgênero das *Vanitas*. De certo modo, serve a citação como título, em substituição do crânio ausente.

<sup>20</sup> Isso deve ser distinto de túmulos nas igrejas, cuja arte sacral, especialmente nos séculos XVII e XVIII incluía iconografias com esqueletos, crânios, ossos, ampulhetas etc.

<sup>21</sup> Veja, por exemplo: "O significado directo e último das *vanitas*, explícitas que são na sua referencialidade óbvia, é sobretudo o de uma advertência séria, severa, um verdadeiro aviso, uma repreensão lapidar sobre a ignorante leviandade das vaidades mundanas, a inconsciência alheada dos excessos e finitudes várias do Homem - os seus vícios e horrores, as suas paixões desonestas, desvairadas de cegas, funestas, os seus apetites venais insaciáveis, as suas perigosas irracionalidades, as suas pulsões inconfessáveis -; e, em geral, uma distância circunspecta por tudo o que se aprecia, sem freio e pudor, com desbragado hedonismo, neste mundo de carnalidades e materialismos primários, doentamente consumista e fetichista, inundado pelos prazeres mais desatinados. Que têm um fim! - é esse o aviso" (CALHEIROS, 1999, [s.p.]).

<sup>22</sup> O título remete, historicamente, a famílias da nobreza que governaram a cidade de Roma, mas descreve, nas cidades livres alemãs renascentistas, famílias burguesas que governaram as cidades.

<sup>23</sup> Ideias com certa proximidade foram apresentadas depois por Bruno Bettelheim (1976) e Gerard Jones (2003).

<sup>24</sup>A nossa pesquisa não pretendia responder quais das três formas corresponde melhor a noção da eminença da finitude. Outros possíveis horizontes, inclusive mais latino-americanos, como a celebração dos dias dos mortos em México (GARCIAGODOY, 1998; BRANDES, 2008; MARCHI, 2009; MACK e WILLIAMS, 2015), são possíveis horizontes para futuras aplicações de Warburg.

**Anexo 1:**

Os pintores que se dedicaram ao tema são:

<b>Dados de vida</b>	<b>Nome</b>	<b>Local<sup>24</sup></b>	<b>Obra</b>	<b>Observação<sup>24</sup></b>
<b>1500-1566</b>	Jan Sanders van Hemessen	Flamengo	<i>Vanitas</i> , 1535 ou 1540	Católico
<b>1584-1657</b>	David Bailly	Países baixos	<i>Vanitas</i> , 1651	Calvinista
<b>1587-1658</b>	Adriaen van Nieulandt		<i>Vanitas</i> 1636	Calvinista
<b>1597-1661</b>	Pieter Claesz	Países baixos	<i>Vanitas</i> , 1625	Calvinista
<b>1593-1682</b>	Willem Claesz Heda	Países baixos	<i>Vanitas</i> , 1628	Calvinista
<b>1606-1684</b>	Jan Davidszoon de Heem	Países baixos	<i>Vanitas</i> , 1629	Calvinista
<b>1610-1661</b>	Simon Luttichuijs	IT& PB	<i>Vanitas</i> , 1635-1640	Puritano
<b>1611-1678</b>	Antonio de Pereda	Espanha	Alegoria sobre a vaidade, 1632-1636	Católico
<b>1612-1656</b>	Harmen Steenwyck	Países baixos	Vaidades da vida humana, 1640	Calvinista
	N.L. Peschier	Países baixos	<i>Vanitas</i> , 1660	
<b>1613-1675</b>	Gerrit Dou	Países baixos	O pintor no seu estúdio, 1647	Calvinista
<b>1616-1681</b>	Pierfrancesco Cittadini	Itália	<i>Vanitas</i>	Católico
<b>1625-1685</b>	Jean-François de Le Motte	Flamengo	<i>Vanitas</i>	
<b>1628-1702</b>	Vincent Laurensz van der Vinne	Países Baixos	<i>Vanitas</i> , 1702	Calvinista
<b>1638-1674</b>	Johannes van der Molen [Johannes Jan Vermeulen]		<i>Vanitas</i> , 1654	Calvinista
<b>1640-1707</b>	Edwaert Collier	Pb& IT	<i>Vanitas</i> 1660-1704	Calvinista

\* Todas estas obras podem ser facilmente localizadas na internet.

*Recebido em 09/10/2020*

*Aceito para publicação em 03/04/2021*

# **Redes de cuidado: enfrentamento da Covid-19 nas religiões afro-brasileiras**

Care networks: coping with Covid-19 pandemic in Afro-Brazilian religions

Daniela Calvo\*

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-8>

## Resumo

Os membros das religiões afro-brasileiras reagiram de forma imediata e quase unânime à difusão da Covid-19 no Brasil, seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde. Suas estratégias se desenvolveram para enfrentar as diferentes necessidades de seus membros e da população que se apresentaram durante a crise (sanitária e socioeconômica). Intensificaram as comunicações por meio das redes sociais e da internet, ampliaram suas ações sociais nas áreas em que são inseridos e realizaram rituais e rezas para pedir proteção, cura e a expulsão da Covid-19 da Terra. Aceitação e valorização da ciência inserem-se numa racionalidade médica não exclusiva, baseada na cosmovisão e no modo de existência que são transmitidos e mantidos vivos nos terreiros.

Palavras-chave: Covid-19. Saúde. Religiões afro-brasileiras. Pandemia. Cuidado.

## Abstract

Members of Afro-Brazilian religions reacted immediately and almost unanimously to the spread of Covid-19 in Brazil, following the guidelines of the World Health Organization (WHO). Their strategies developed to face the different needs of their members and the population, that appeared during the crisis (sanitary and socioeconomic). They intensified communications through social networks and the Internet, expanded their social actions in the areas in which they are inserted and performed rituals and prayers in order to ask for protection, healing and expulsion of Covid-19 from the Earth. Acceptance and enhancement of science are part of a non-exclusive medical rationality, based on the cosmovision and on the mode of existence which are transmitted and kept alive in the *terreiros*.

Keywords: Covid-19. Health. Afro-Brazilian religions. Pandemic. Care.

## Introdução

Quando a imprensa brasileira, a partir do dia 11 de março de 2020, passou a noticiar que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou o risco de pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e quando os primeiros casos de foram registrados no Brasil, houve a reação imediata de muitas lideranças das

---

\* Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: dnl-clv7@gmail.com.

religiões afro-brasileiras, que divulgaram e adotaram as medidas de prevenção recomendadas pela OMS.

Em 13 de março, a *Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde* (RENAFRO Saúde)<sup>1</sup> já estava divulgando notícias sobre a difusão da Covid-19 no Brasil e as recomendações do Ministério da Saúde de adiar eventos com aglomerações de pessoas, e o 17 de março veio comunicar a suspensão de suas atividades e solicitar a prevenção, o autocuidado, a responsabilidade e a solidariedade para proteger a si mesmo, a própria família e a comunidade. Numa comunicação em sua página de Facebook<sup>2</sup> que data 16 de março, a *Federação das Religiões Afro-Brasileiras* (AFROBRAS) solicitou todos os responsáveis por templos religiosos para suspender suas atividades religiosas, em especial, as festas para os *orixás* e as sessões de umbanda, e para evitar aglomerações.

Desde então, vários pais e mães de santo e adeptos das religiões afro-brasileiras de todo o país começaram divulgar, mediante as redes sociais, sua decisão de cancelar as atividades do calendário litúrgico em seu terreiro, informar e orientar a população sobre as medidas para evitar o contágio. Essas postagens, que continuaram sendo replicadas, obtiveram um grande número de curtidas e comentários, em sua maioria, afirmando a importância de preservar a vida por meio do isolamento social e assumindo comportamentos responsáveis.

Numa primeira fase, as lideranças e os adeptos das religiões afro-brasileiras (sobretudo aqueles que trabalham na área de saúde) construíram uma intensa rede de comunicações pautadas nas informações e nas orientações da OMS e das autoridades de saúde, na medida em que, ao evoluir da crise (que se ampliou da esfera sanitária àquelas econômicas, sociais e políticas), outras iniciativas foram tomadas e os terreiros se tornaram centros de redes de diálogos, relações e cuidados mirados a enfrentar as dificuldades de seus membros, das comunidades em que estão inseridos e da população em geral. Medidas sanitárias, ações sociais, práticas tradicionais de cura e ritos religiosos se entrelaçam, motivam e ressignificam uns aos outros.

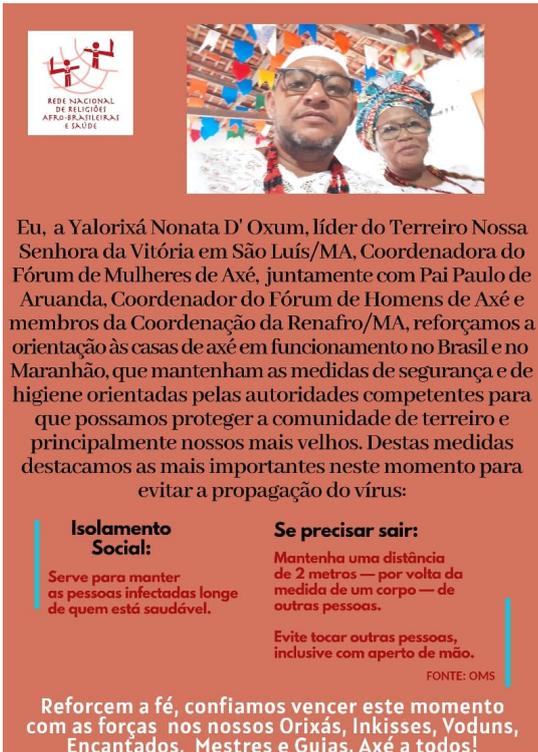
Objetivo deste trabalho é analisar as preocupações, os discursos e as ações com que, nos terreiros das religiões afro-brasileiras, se reagiu ao avanço da Covid-19 no Brasil, explorando sua articulação com a visão de mundo e o modo de existência que são transmitidos e mantidos vivos nos terreiros. Emprego como ferramentas de pesquisa as redes sociais, as conversas em grupos de WhatsApp

de que participo, publicações, artigos, áudios, vídeos e videoconferências divulgados nas redes sociais de redes de terreiros, terreiros, pais e mães de santo e membros das religiões afro-brasileiras do país.

### Do lado da ciência para cuidar da saúde

Marcando sua posição “do lado da ciência” e a responsabilidade de cada um na prevenção do contágio, muitas lideranças e muitos adeptos das religiões afro-brasileiras estão seguindo e recomendando o isolamento social, as práticas de higiene pessoal, um estilo de vida e uma alimentação saudáveis, aconselhando o uso do aplicativo CORONAVIRUS SUS, informando sobre o avanço da epidemia nos diferentes estados e cidades e divulgando notícias sobre a pandemia, as medidas de prevenção, as formas de tratamento e as vacinas da Covid-19.

Figura 1: Recomendação a respeitar as medidas de proteção da Covid-19 pelos líderes dos *Fórum Mulheres e Axé* e do *Fórum Homens de Axé* da RENAFRO Saúde



**REDE NACIONAL DE RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E SAÚDE**

Eu, a Yalorixá Nonata D' Oxum, líder do Terreiro Nossa Senhora da Vitória em São Luís/MA, Coordenadora do Fórum de Mulheres de Axé, juntamente com Pai Paulo de Aruanda, Coordenador do Fórum de Homens de Axé e membros da Coordenação da Renafro/MA, reforçamos a orientação às casas de axé em funcionamento no Brasil e no Maranhão, que mantenham as medidas de segurança e de higiene orientadas pelas autoridades competentes para que possamos proteger a comunidade de terreiro e principalmente nossos mais velhos. Destas medidas destacamos as mais importantes neste momento para evitar a propagação do vírus:

<p><b>Isolamento Social:</b></p> <p>Serve para manter as pessoas infectadas longe de quem está saudável.</p>	<p><b>Se precisar sair:</b></p> <p>Mantenha uma distância de 2 metros — por volta da medida de um corpo — de outras pessoas.</p> <p>Evite tocar outras pessoas, inclusive com aperto de mão.</p>
--	--

FORTE: OMS

**Reforcem a fé, confiamos vencer este momento com as forças nos nossos Orixás, Inkisses, Voduns, Encantados, Mestres e Guias. Axé a todos!**

Fonte: Pagina oficial da RENAFRO Saúde<sup>3</sup>

Observo que práticas de autocuidado de herança africana, como tomar banho ao voltar da rua, lavar as mãos, manter o ambiente limpo e privilegiar uma alimentação saudável, fazem parte do cotidiano dos terreiros das religiões afro-brasileiras, como ressaltado por Nunes (2009).

Em particular, a alimentação, baseada na tradição africana, resulta balanceada e completa do ponto de vista nutricional (Nunes, 2009); seu compartilhamento e sua distribuição (entre os seres humanos, com os *orixás*, os antepassados e os demais seres espirituais) são valores fundamentais das religiões de matriz africana, manifestos em todas as ocasiões de festa e de reunião. A comida, desde a escravidão, mesmo em situações de escassez, nunca cessou de ser compartilhada com os membros da comunidade, os necessitados, os *orixás* e os antepassados, já que se acredita que o *axé* (a força sagrada que está na base da vida) para poder crescer, deve circular e que o ato de comer juntos ou de comer a comida oferecida por alguém crie e reforce as relações de familiaridade e de aliança.

Nos terreiros, a centralidade dos valores ligados à comida se sobressai também nas ações sociais, na educação alimentar, na distribuição das cestas básicas à população carente, e nas reivindicações de “soberania alimentar.” Segundo *Iyá Dolores -iyálàse<sup>4</sup> do Àṣe IdasilẹỌḍe*, no Rio de Janeiro –a “soberania alimentar” nos terreiros de *candomblé* representa uma continuidade com a tradição dos próprios antepassados, que plantavam os vegetais e criavam os animais para comerem, e um direito que deve ser reconhecido.

O discurso de Baba Diba de Iyemonja, Coordenador Nacional da RENAFRO Saúde<sup>5</sup>, ao mesmo tempo, marca a importância de proteger a si mesmo, a própria família e toda a população por meio do isolamento social, e representa um ato político de denúncia e resistência ao extermínio de negros e pobres, que se manifesta também na vulnerabilidade social e na violência estrutural que leva a uma alta porcentagem de mortes por Covid-19 entre os negros.<sup>6</sup>

Segundo Baba Diba, prevenir o contágio é também uma forma de proteger as pessoas mais vulneráveis (idosos, crianças, diabéticos, hipertensos, pessoas com problemas respiratórios ou com deficiência imunitária) e uma forma de resistência à “vulnerabilidade social imposta pelo racismo que estrutura nosso Brasil”. Observo que, contrapondo-se aos protocolos criados para priorizar leitos nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI’s) em caso de lotação (na base da expectativa de vida do paciente, deixando, portanto, as pessoas mais idosas e mais vulneráveis no final da fila)<sup>7</sup>, as medidas de prevenção e cuidado promovidas nos terreiros visam proteger sobretudo os mais frágeis e afirmam a importância dos anciãos na cultura tradicional africana, sendo transmissores de memórias e sabedoria.

No site do *Fórum De Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos Tradicionais de Matriz Africana* (FONSANPOTMA),<sup>8</sup> há um artigo dedicado ao cuidado dos mais velhos, no qual a Dra. Kota Mulanji, coordenadora, sublinhou que “Os mais velhos são para nós os guardiões do conhecimento da vida. Os anciões são o verdadeiro foco de perigo neste período de crise”, convidando as pessoas a cuidarem deles: 1) pedimos que nossos mais velhos não sejam expostos, é a hora de oferecer de ir ao mercado, nos lugares que eles precisam. 2) Agora não pode deixá-los sozinhos, traga livros, os distraia e sobretudo faça uma escala de conversação. 3) Quem os visita deve pedir bênção batendo cabeça no chão e não pegando ou beijando a mão, explicar o porquê. 4) Se está faltando o álcool gel, o providencie com informações sobre como usá-lo. 5) Os faça tomar as vacinas para as outras gripes para evitar confusão. 6) Muita água para eles. A RENAFRO Saúde publicou em sua página de Facebook também artigos que denunciam o aumento das desigualdades raciais e sociais durante a pandemia; oferece assistência para o auxílio emergencial e outros benefícios econômicos e organiza coletas de alimentos e de produtos de higiene para serem distribuídos aos necessitados.

Muitas lideranças de terreiros reagiram também ao aumento de problemas psicológicos e emocionais durante a pandemia, já que o medo do contágio ou de perder familiares e amigos, o isolamento social, as incertezas e a precarização de diferentes aspectos da vida (como o trabalho e a situação econômica) e os conflitos familiares se apresentaram ou aumentaram a vida de muitas pessoas. Sacerdotes oferecem sua disponibilidade para conversar e confortar, ou ajuda espiritual à distância; psicólogos de diferentes terreiros e redes de terreiros estão à disposição para ajuda psicológica, por telefone ou videochamada, e as pessoas trocam mensagens e postagens de apoio, afeto, esperança, suporte emocional e disponibilidade de ajuda em caso de necessidade.

Observo que, nas religiões afro-brasileiras, o equilíbrio psicológico é considerado um aspecto fundamental da saúde e do bem-estar do ser humano e objeto de cuidados cotidianos e rituais. De fato, como observado em Calvo (2019), a parte mais importante e mais sagrada do ser humano é *oorí*, a cabeça, que representa a essência da personalidade, a base da percepção, da razão, de pensamentos e sentimentos e do destino, e o elo com o(s) próprio(s) orixá(s). O *orí* é objeto de rituais, rezas e oferendas voltados para a manutenção da saúde ou que fazem parte do processo iniciático.

### Rezas e rituais online

Durante a pandemia, diferentes lideranças das religiões de matriz africana marcaram horários para rezarem, ou em videoconferência, a fim de pedir aos orixás proteção, saúde e uma saída rápida da pandemia, e de trazer conforto a quem estava em isolamento social, afastado de seu terreiro. São invocados vários orixás, em particular Ọbalúaié/Omulu/Sakpata/Nsumbu – associado a São Lázaro ou São Roque – que tem, ao mesmo tempo, o domínio sobre a varíola, as epidemias e as doenças contagiosas e da cura, da vida e da morte, e é considerado “o médico dos pobres”. Ele, portanto, tem também o poder sobre a Covid-19 e pede-se a ele que proteja do vírus e o afaste da Terra.

Figura 2: Convocação para rezar e pedir juntos proteção da Covid-19



Fonte: Fanpage oficial do Terreiro *Tumba Junsara*<sup>9</sup>

Como relata um artigo do *Correio*,<sup>10</sup> Mãe Mariah de Oxum do terreiro *Raiz de Airá*, no Recôncavo Baiano, afirmou que “Omolu está sendo convocado 24 horas por dia pelo nosso povo de santo. Toda segunda-feira colocamos muito doburu,<sup>11</sup> pedindo sempre a ele misericórdia e compaixão, não somente para nós, mas para o mundo inteiro.”

Em setembro de 2020, diversos terreiros de Salvador organizaram um cortejo com a estátua de Ọbalúaié, que saiu do Pelourinho e percorreu diferentes bairros da cidade, para encerrar com o oferecimento de alimentos à população

em situação de rua na região do Largo dos Mares. De acordo com os organizadores, a ação foi um “clamado com fé, por proteção, saúde, cura, paz e esperança diante da pandemia do coronavírus.”<sup>12</sup> Os organizadores ressaltaram também que, por causa da pandemia, evitaram criar aglomerações durante o cortejo, de que participaram somente membros do grupo organizador. Nas redes sociais circularam diferentes vídeos desse cortejo, incluído um em que uma menina vestida de branco incorporou O balúaié durante a procissão, recebeu a pipoca e abençoou as pessoas.

Figura 3. Cortejo com imagem de Omolu em Salvador



Fonte: Jornal O Globo<sup>13</sup>

Outros orixás que são frequentemente invocados durante a pandemia são *Òsányìn*, orixá das folhas medicinais, para que ajude os médicos a encontrarem logo uma cura e uma vacina; *Oyá*, orixá dos ventos e das tempestades, para que libere a Terra da Covid-19; *Oxum*, orixá das águas doces, para que limpe a Terra do vírus; *Obatalá*, o grande orixá do pano branco que molda os seres humanos, para que traga calma e paz e, junto a *Yemanjá* (a grande mãe, orixá do mar, é a dona do *orí*, como seu esposo *Obatalá*), para que cuide da saúde mental das pessoas.

As celebrações anuais para os orixás foram canceladas ou realizadas de forma reduzida (limitando-se à louvação e às oferendas para os orixás e evitando a festa pública) e restrita a poucas pessoas (muitas vezes, somente aquelas que vivem no terreiro). Todavia, muitas dessas celebrações criam uma reunião de pensamentos e, em alguns casos, conexões e participações virtuais. Por exemplo, Mãe Wanda de Omulu, do *Ilê Ìyá Mí Òsún Mùtywá*, no Rio de Janeiro,<sup>14</sup> reza “do portão para dentro” todos os dias, às 10h e às 19h, em conexão com casas de

axé da Bahia, de Goiás e Pernambuco. A *Casa de Ôsùmàrè* de Salvador realiza as celebrações do calendário litúrgico de portas fechadas, anunciando-as em sua página de Facebook e pedindo que quem queira lhes comunique seus pedidos para que possam rezar aos orixás também em seu nome. Na mesma página de Facebook,<sup>15</sup> a *Casa de Ôsùmàrè* publicou o vídeo da fogueira de Xangô, acesa em junho em ocasião da sua festa.

### Ações de apoio à população

Durante a pandemia, as comunidades das religiões afro-brasileiras não só continuaram suas ações de apoio à população, mas intensificaram-nas para oferecer sua contribuição numa situação que agravou os problemas já existentes e criou novos. Desde o começo da pandemia, os terreiros reforçaram e ampliaram as ações de distribuição de cestas básicas, às quais foram adicionados também produtos de higiene, em muitos casos, colaborando com outros agentes sociais, tais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e associações de favelas e periferias urbanas. As costureiras dos terreiros passaram a produzir máscaras para distribuí-las aos hospitais e à população. Por exemplo, na página de Facebook da *Casa de Ôsùmàrè*<sup>16</sup> de Salvador, um vídeo mostra que as costureiras do terreiro converteram sua atividade, passando da produção de vestidos e adereços rituais à confecção de máscaras para os médicos e os enfermeiros dos hospitais da região e, depois, também para a população.

Figura 4. Alimentos, produtos de higiene e máscaras prontos para distribuição no *Ilê Omolu e Oxum* (Rio de Janeiro).



Fonte: Perfil de Facebook de Nilce Naira<sup>17</sup>

Os advogados de diferentes terreiros e associações de terreiros<sup>18</sup> ativaram um serviço de atendimento sobre os procedimentos para obter as ajudas econômicas do Estado. Durante a pandemia, se multiplicaram também os seminários e as discussões online sobre assuntos religiosos, a pandemia, a saúde, o racismo,

a intolerância religiosa, a educação, a violência doméstica e contra as mulheres e a população LGBT+, com o intento declarado de não só debater e informar sobre questões consideradas importantes (muitas dos quais faziam já parte da agenda política e social de muitos dos terreiros), mas também de manter as relações e um sentido de comunidade. Na cena pública, se reivindicou também o direito que as pessoas do candomblé mortas por Covid-19 recebam um enterro de acordo com seus valores tradicionais.<sup>19</sup>

As preocupações das lideranças dos terreiros com a preservação da saúde e da vida, não somente de suas comunidades, mas do país e do ecossistema mundial, baseiam-se em seus valores de solidariedade e caridade, na ideia de interconexão entre as pessoas (expressa no conceito bantu de *Ubuntu*) e numa concepção de “pessoa relacional” (Calvo, 2019), inserida numa malha de relações e de fluxos vitais que conectam os diferentes componentes da sociedade e do cosmo. Portanto, entre as duas possibilidades apontadas por Judith Butler<sup>20</sup> relativas à possibilidade de a pandemia mudar a sociedade – que se dá ou pela criação de fronteiras (internas e externas) ou pelo reconhecimento da interdependência global – o povo de santo escolheu a segunda.

### **Cuidado com a saúde do planeta**

O cuidado com a saúde das pessoas está *pari-passu* com a saúde do planeta e de seu ecossistema.

Os discursos de muitos ecologistas e intelectuais<sup>21</sup> em prol de uma mudança na economia e na relação com o meio ambiente e a interpretação da Covid-19 como consequência da exploração e degradação dos ecossistemas se refletem nas falas das lideranças dos terreiros, de cujas agendas fazem parte há muitos anos ações ecológicas de preservação da natureza.

Como ressaltado em Calvo e Monteiro (2020), no candomblé se atribui um caráter sagrado à natureza e a todos os seres: em sua ontologia, todos os seres se formaram a partir de um processo de subdivisão e molarização de *axé*, a força sagrada que flui do Ser Supremo, Olódùmarè. O equilíbrio de forças no universo e a circulação do *axésão* indispensáveis para a continuação da vida e para a saúde de todos os seres, que estão interligados mediante fluxos vitais.

A natureza é transmissora de vida através da alimentação e dos elementos empregados para o culto e os diferentes rituais, e o lugar onde se entra em con-

tato com as forças sagradas. Portanto, é importante que seja preservada e respeitada a fim de manter (e transmitir) sua força.

Pai Leandro de Xangô, zelador do *Centro de Umbanda Jequiriça de Sultão das Matas*,<sup>22</sup> interpretou a pandemia como uma possibilidade de análise e de transformação, sublinhando que:

Vejo o momento que estamos vivendo como uma grande oportunidade de melhoria. Vez ou outra na história, essas coisas acontecem quando há uma disparidade entre o avanço tecnológico e o avanço moral. Quando o homem esquece de valores importantes como Deus, espiritualidade, família, solidariedade e amor, vez por outra surge uma situação como essa, ao meu ver, para fazer o homem se refrear (Pai Leandro de Xangô).

Em suas postagens na página de Facebook do terreiro,<sup>23</sup> Pai Silvanilton Encarnação da Mata do *Ilé Ôsùmàrè Aràkà Àse Ôgòdó*, conhecido como *Casa de Ôsùmàrè*, em Salvador, solicitou os cuidados para conter o contágio por Covid-19 como “verdadeiros gestos de amor e responsabilidade social” e afirmou que:

Nossa confiança no amparo espiritual não pode justificar que descuidemos de nós mesmos, daqueles que amamos, nem do ambiente que habitamos. [...] Somos todos integrantes da mesma humanidade e coabitantes do planeta que nos acolhe. Aproveitemos este desafio para sermos mais humildes diante da natureza e mais generosos com os seres que nos rodeiam. (Pai Silvanilton Encarnação da Mata).

Em suas ações em prol da preservação e do respeito do ambiente, os membros das religiões de matriz africana dialogaram também com representantes quilombolas e com as lideranças indígenas, visando construir uma frente comum para combater a espoliação da natureza no país, sobretudo quando, desde meados de 2020, a emergência ambiental se manifestou de forma dramática com os incêndios no Pantanal. Observo que, nas religiões de matriz africana, a saúde da natureza é também indispensável para a saúde humana, já que:

no candomblé sobressai um pensamento ecológico e relacional do organismo-no-seu-entorno, que fundamenta a perspectiva do habitar o mundo proposta por Ingold (2000, 2008, 2012), uma antropologia através de linhas de vida, de linhas de crescimento, como um processo em aberto dentro de um campo contínuo de relações, a que participam seres humanos e não-humanos<sup>24</sup>. (Calvo, 2019, p. 204).

As malhas de relações e de fluxos vitais de que o ser humano faz parte (incluindo os outros seres humanos e os seres da natureza, os antepassados, os orixás e os demais seres espirituais) afetam seu equilíbrio, sua saúde e seu bem-estar e podem influenciar a realização de seu destino. Os seres humanos existem somente como parte de um destino comum com outros humanos e com os não-humanos (seres da natureza, seres espirituais e forças). Sâlâmi e Ribeiro (2015) salientam que:

toda pessoa é, em si, um microcosmo inserido num universo dinâmico. Mais fácil é intuir do que alcançar por vias racionais a enorme complexidade do jogo de forças biológicas, sociais, econômicas e políticas, continuamente carregadas de axé, cuja qualidade e cuja quantidade podem variar. E de fato variam (Sâlâmi; Ribeiro 2015, p. 148).

Segundo Bastide (1993), “precisa procurar a chave da realidade individual no conjunto das relações, que ligam o homem aos diferentes princípios constitutivos do Cosmo e ao conjunto das relações sociais (incluídos, claro, aqueles que ele nutre com os Mortos [e com diferentes seres espirituais])” (Bastide, 1993, p. 40). E, de acordo com Ribeiro (1996, p. 18), o universo é caracterizado por “correspondências, analogias e interações, ao qual o homem e todos os demais seres constituem uma única rede de força”.

### **Considerações finais**

O enfrentamento da crise gerada pela difusão da Covid-19 no Brasil confirmou o papel dos terreiros das religiões afro-brasileiras como agentes promotores da saúde e da vida. Integrando as interpretações e os tratamentos da biomedicina à sua racionalidade médica, as lideranças das religiões afro-brasileiras se serviram de diferentes estratégias para cuidar de si, da própria família, de suas comunidades e do planeta.

De fato, o cuidado da saúde (entendida como imbricação dos aspectos físicos, psicológicos, sociais e espirituais) é central nas religiões afro-brasileiras, que atuam práticas de cura (em que conhecimentos de medicina tradicional se combinam com aspectos rituais e sagrados) e diferentes ações em prol da saúde de seus membros e da sociedade em que estão inseridos<sup>25</sup> (incluindo campanhas de informação sobre saúde, alimentação, educação, luta à intolerância religiosa e ao racismo, colaboração com o SUS, assistência médica e legal à população, distri-

buição de cestas básicas). Como sustenta Rabelo (2014), no candomblé, o cuidado é o elemento central de uma ética que se constrói de forma tácita mediante práticas, sensibilidades e engajamentos com o outro.

Enraizadas em uma e em um modo de existência que foram mantidos vivos nos terreiros, as medidas de cuidado da saúde adotadas durante a pandemia mostram também a grande capacidade de adaptação e criatividade que permitiu que as religiões afro-brasileiras sobrevivessem ao longo da história e superassem diferentes situações e crises, como ressaltado por Bastide (1995). Por exemplo, durante a pandemia, Omolu adicionou a seus poderes aquele sobre a Covid-19 e, para sustentarem o isolamento social, as comunidades das religiões afro-brasileiras reforçaram e inventaram novas formas de manter conexões de cuidado e de afeto, de rezar e celebrar juntos os orixás.

### Referências bibliográficas

<https://www.nordesteusou.com.br/noticias/imagem-de-omolu-ganha-as-ruas-de-salvador-em-clamor-por-cura-e-saude-diante-da-covid-19/>. Acesso em 30/09/2020.

BARIFOUSE, Rafael. ‘Escolhemos quem terá mais chances’: a difícil decisão de quem terá acesso a UTI com saúde em colapso. *BBC News Brasil*. São Paulo, 19 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52717493>. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

BASTIDE, Roger. Le principe d’individuation (contribution à une philosophie africaine). In: *La notion de personne en Afrique Noire*. Colloques Internationaux du C.N.R.S. 544 (1973). Paris: L’Harmattan, 1993. pp. 33-44.

BASTIDE, Roger. *Les religions africaines au Brésil*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

BUTLER, Judith. Judith Butler sobre a Covid-19: O capitalismo tem seus limites. Trad. de Artur Renzo. *Blog da Boitempo*. 20 de março de 2020. Disponível em: [https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/?fbclid=IwAR3sKyOxuFi6RMXYO-KK-vMvt\\_smG0CY4L3gut9xCRidADRU80Dw6UuYx9w](https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/?fbclid=IwAR3sKyOxuFi6RMXYO-KK-vMvt_smG0CY4L3gut9xCRidADRU80Dw6UuYx9w). Acesso em 07 de maio de 2020.

CALVO, Daniela. ‘They agreed to kill us, we agreed not to die’: Acts of love and resistance to confront Covid-19 by Afro-Brazilian religions members. *Collecting COVID-19*. A crowd-sourced digital ethnography of the COVID-19 Pandemic. UCL Centre for Digital Anthropology, 2020. Disponível em: <https://anthrocovid.com/2020/06/05/they-agreed-to-kill-us-we-agreed-not-to-die-acts-of-love-and-resistance-to-confront-covid-19-by-members-of-afro-brazilian-religions/>.

CALVO, Daniela. *Cuidar da saúde com a força vital da natureza: tratamentos terapêuticos no candomblé*. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Rio de Janeiro: Universidade do Estado de Rio de Janeiro, 2019.

CALVO, Daniela; MONTEIRO, Marcelo Dos Santos. A sacralidade da natureza e a sacralização do espaço no candomblé. *Revista Senso*. Dossiê Espaço Sagrado. Belo Horizonte: Grupo Senso, n. 16, maio-junho de 2020. Disponível em: <https://revista.senso.com.br/zrs-edicao-16/a-sacralidade-da-natureza-e-a-sacralizacao-do-espaço-no-candomblé/>. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

FORTUNA, Maria. Mãe de santo Wanda d’Omolú afirma: ‘Essa doença vai demorar muito a passar’. *O Globo*. Rio de Janeiro, 08 de abril de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/mae-de-santo-wanda-domolu-afirma-essa-doença-vai-demorar-muito-passar-1-24359233>. Acesso em 13 de maio de 2020.

GOLDMAN, Márcio. Formas do Saber e Modos do Ser. Observações sobre Multiplicidade e Ontologia no Candomblé. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, vol. 25, n. 2, 2005. pp. 102-120.

GOMBERG, Estélio. *Hospital de Orixás: encontros terapêuticos em um terreiro de candomblé*. Salvador: EDUFBA, 2011.

GRAGNANI, Juliana. Por que o coronavírus mata mais as pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo. *BBC News Brasil*. Londres, 12 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53338421>. Acesso em 30 de setembro de 2020.

HORTÉLIO, Marina. Associação pede proibição de cremação de seguidores do Candomblé. *Correio*. Salvador, 03 de abril de 2020. Disponível em: [https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/associacao-pede-proibicao-de-cremacao-de-seguidores-do-candomblé/?utm\\_source=correio24h\\_share\\_facebook&fbclid=IwAR0PB9V\\_s6zI0gtJD2GrYQkAmp\\_KVzyl\\_KOxMjP2bghhadYkj2kddts9zTc](https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/associacao-pede-proibicao-de-cremacao-de-seguidores-do-candomblé/?utm_source=correio24h_share_facebook&fbclid=IwAR0PB9V_s6zI0gtJD2GrYQkAmp_KVzyl_KOxMjP2bghhadYkj2kddts9zTc). Acesso em 11 de maio de 2020.

INGOLD, Tim. *The perception of the environment*. London: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: UFRGS, ano 18, n. 37, janeiro-julho de 2012. pp. 25-44.

INGOLD, Tim. Tres en uno: cómo disolver las distinciones entre mente, cuerpo y cultura. In: SÁNCHEZ-CRIADO, Tomás (org.). *Tecnogénesis*. La construcción técnica de las ecologías humanas. vol. 2. Madrid: AIBR, 2008. pp. 01-33.

LOYOLA, Maria Andréa. *Médicos e curandeiros: conflito social e saúde*. Rio de Janeiro: Difel, 1983.

LUZ, Madel T. Cultura Contemporânea e Medicinas Alternativas: Novos Paradigmas em Saúde no Fim do Século XX. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro: UERJ, n. 15 (Suplemento), 2005. pp. 145-176.

LYRIO, Alexandre. Em isolamento, devotos do Candomblé evocam orixá da cura. *Correio*. Salvador, 11 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/em-isolamento-devotos-do->

candomble-evocam-orixa-da-cu-ra/?utm\_source=correio24h\_share\_facebook&fbclid=IwAR1BALjLAQUgw9OOPDRWYDXHLbyKxWYIZ1rSk3EyRQFNWE5XLdat\_bGvLo8. Acesso em 13 de maio de 2020.

NUNES, José Mauro Gonçalves. A Herança Africana do Auto-Cuidado: Saberes e Práticas Tradicionais dos Cuidados ao Corpo. In: MANDARINO, Ana Cristina de Souza; GOMBERG, Estélio (org.). *Leituras afro-brasileiras: territórios, religiosidades e saúdes*. Salvador: Editora UFS; EDUFBA, 2009. pp. 329-336.

RABELO, Miriam C. M. *Enredos, Feituras e Modos de Cuidado*. Dimensões da Vida e da Convivência no Candomblé. Salvador: EDUFBA, 2014.

REDAÇÃO NES. Imagem de Omolu ganha as ruas de Salvador em clamor por cura e Saúde diante da Covid-19. *Nordesteeusou*. Salvador, 2 de junho de 2020.

RIBEIRO, Ronilda. [Iyakemi]. *Alma africana no Brasil*. Os iorubás. Sumaré (São Paulo): Editora Odudwa, 1996.

SÀLÂMÌ, Síkírù [King]; RIBEIRO, Ronilda. I. *Exu e a ordem do universo*. São Paulo: Editora Oduduwa, 2011.

SOARES, João. Mulheres e negros são os mais afetados pela covid-19 no Brasil, aponta IBGE. *Deutsche Welle Brasil*. Berlim, 24 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/mulheres-e-negros-s%C3%A3o-os-mais-afetados-pela-covid-19-no-brasil-aponta-ibge/a-54303900>. Acesso em 30 de setembro de 2020

TV BAHIA. Cortejo com imagem de Omolu sai por ruas de Salvador para pedir saúde durante pandemia da Covid-19: ‘Senhor da Cura’. *O Globo*. Rio de Janeiro, 1 de junho de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/06/01/cortejo-com-imagem-de-omolu-sai-por-ruas-de-salvador-para-pedir-saude-durante-pandemia-da-covid-19-senhor-da-cura.ghtml>. Acesso em 30 de setembro de 2020.

---

<sup>1</sup> A RENAFRO Saúde, criada em 2003 a partir da colaboração de adeptos das religiões afro-brasileiras, gestores e profissionais da saúde, pesquisadores e lideranças do Movimento Negro, tem, dentre seus objetivos, estimular práticas de promoção da saúde, valorizar e potencializar o saber dos terreiros em relação à saúde, monitorar e intervir nas políticas públicas de saúde; estimular a relação entre as práticas de saúde realizadas nos terreiros e aquelas do SUS.

<sup>2</sup><https://www.facebook.com/Afrobras-Federa%C3%A7%C3%A3o-das-Religi%C3%B5es-Afro-Brasileiras-390649827621964/>. Acesso em 22 de maio de 2020.

<sup>3</sup><https://www.facebook.com/renafrosaudeoficial/photos/a.1024573947694780/1572432176242285/?type=3&theater> Acesso em 25 de maio de 2020.

<sup>4</sup> Mulher responsável de cuidar do terreiro.

<sup>5</sup><https://www.facebook.com/renafrosaudeoficial/> Acesso em 22 de maio de 2020.

<sup>6</sup>Ver, por exemplo, <https://www.dw.com/pt-br/mulheres-e-negros-s%C3%A3o-os-mais-afetados-pela-covid-19-no-brasil-aponta-ibge/a-54303900> e <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53338421> Acessos em 30 de setembro de 2020. Ver também Calvo (2020).

<sup>7</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52717493>. Acesso em 15/02/2021.

<sup>8</sup>[www.fonsanpotma.com.br](http://www.fonsanpotma.com.br). Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

<sup>9</sup><https://www.facebook.com/terreirosombajunsara/photos/a.1141076949364593/1689597817845834/?type=3&theater> Acesso em 15 de maio de 2020.

<sup>10</sup>[https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/em-isolamento-devotos-do-candomble-evocam-orixa-dacu-ra/?utm\\_source=correio24h\\_share\\_facebook&fbclid=IwAR1BALjLAQUgw9OOPDRWYDXHLbyKxWYI Z1rSk3EyRQFNWE5XLdat\\_bGvLo8](https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/em-isolamento-devotos-do-candomble-evocam-orixa-dacu-ra/?utm_source=correio24h_share_facebook&fbclid=IwAR1BALjLAQUgw9OOPDRWYDXHLbyKxWYI Z1rSk3EyRQFNWE5XLdat_bGvLo8). Acesso em 13 de maio de 2020.

<sup>11</sup> Pipoca, oferenda de Omolou, que tem a finalidade de purificar de todas as doenças e trazer a saúde.

<sup>12</sup><https://www.nordesteusou.com.br/noticias/imagem-de-omolu-ganha-as-ruas-de-salvador-em-clamor-por-cura-e-saude-diante-da-covid-19/> Acesso em 30/09/2020.

<sup>13</sup><https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/06/01/cortejo-com-imagem-de-omolu-sai-por-ruas-de-salvador-para-pedir-saude-durante-pandemia-da-covid-19-senhor-da-cura.ghtml>. Acesso em 30 de setembro de 2020.

<sup>14</sup><https://oglobo.globo.com/cultura/mae-de-santo-wanda-domolu-afirma-essa-doenca-vai-demorar-muito-passar-1-24359233> Acesso em 13 de maio de 2020.

<sup>15</sup><https://www.facebook.com/casadeoxumare/> Acesso em 25/06/2020.

<sup>16</sup><https://www.facebook.com/casadeoxumare/> Acesso em 12/05/2020.

<sup>17</sup><https://www.facebook.com/nilce.naira> Acesso em 25/05/2020.

<sup>18</sup> Como, por exemplo, o *Instituto de Defesa dos Direitos das Religiões Afro-Brasileiras* (IDAFRO).

<sup>19</sup> No candomblé, é fundamental que, ao morrer, a pessoa seja enterrada. A possibilidade de que o grande número de mortes por Covid-19 leve à lotação dos cemitérios e à cremação dos cadáveres suscitou grande preocupação entre o povo de santo. Ver: [https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/associacao-pede-proibicao-de-cremacao-deseguidores-do-candomble/?utm\\_source=correio24h\\_share\\_facebook&fbclid=IwAR0PB9V\\_s6zI0gtJD2GrYQkAmp\\_KVzyl\\_KOxMjP2bghhadYkj2kddts9zTc](https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/associacao-pede-proibicao-de-cremacao-deseguidores-do-candomble/?utm_source=correio24h_share_facebook&fbclid=IwAR0PB9V_s6zI0gtJD2GrYQkAmp_KVzyl_KOxMjP2bghhadYkj2kddts9zTc) Acesso em 11 de maio de 2020.

<sup>20</sup>[https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/?fbclid=IwAR3sKyOxuFi6RMXYO-KK-vMvt\\_smG0CY4L3gut9xCRidADRU80Dw6UuYx9w](https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/?fbclid=IwAR3sKyOxuFi6RMXYO-KK-vMvt_smG0CY4L3gut9xCRidADRU80Dw6UuYx9w) Acesso em 07/05/2020.

<sup>21</sup> Como, por exemplo, Bruno Latour, Philippe Descola, Achille Mbembe, Thomas E. Lovejoy, Ailton Krenak, Greenpeace, the Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services (IPBES), WWF International.

<sup>22</sup>[https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/em-isolamento-devotos-do-candomble-evocam-orixa-da-cu-ra/?utm\\_source=correio24h\\_share\\_facebook&fbclid=IwAR1BALjLAQUgw9OOPDRWYDXHLbyKxWYI Z1rSk3EyRQFNWE5XLdat\\_bGvLo8](https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/em-isolamento-devotos-do-candomble-evocam-orixa-da-cu-ra/?utm_source=correio24h_share_facebook&fbclid=IwAR1BALjLAQUgw9OOPDRWYDXHLbyKxWYI Z1rSk3EyRQFNWE5XLdat_bGvLo8) Acesso em 13 de maio de 2020.

<sup>23</sup><https://www.facebook.com/casadeoxumare/>. Acesso em 12 de maio de 2020.

<sup>24</sup> Entendendo, por não-humanos, não somente coisas e seres naturais, mas também seres espirituais e “forças”.

<sup>25</sup> Muitos terreiros estão localizados nas periferias das grandes cidades, onde há uma situação socioeconômica precária.

*Recebido em 30/09/2020*

*Aceito para publicação em 21/01/2021*

**A Pandemia e a Igreja Católica no Brasil:  
Algumas reflexões sobre a postura do episcopado Brasileiro para  
o enfrentamento da pandemia do covid-19**

The Pandemic and the Catholic Church in Brazil: Some reflections about  
posture of the Brazilian episcopate to face the covid-19 pandemic

*Reuberson Rodrigues Ferreira\**

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-9>

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apontar e refletir sobre a posição que o Episcopado brasileiro, mormente os arcebispos, em diferentes regiões do país adotou frente a pandemia do Covid-19. A proposta é interpretar como os arcebispos, via notas oficiais, reagiram as restrições de aglomerações. Quais caminhos eles apresentaram, que postura adotaram. Num primeiro momento buscar-se-á apresentar a cronologia dos documentos elaborados pelos arcebispos tentando revelar em que medida os prelados ouviram as recomendações sanitárias e quais foram suas decisões, a favor ou contra. Num segundo passo, apresentar o conteúdo das notas e os argumentos. Por fim, elencar modelos e propostas eclesiais que despontam a partir daquilo que os bispos escreveram e como isso pode ser catalisador de novas propostas pastorais.

Palavras-Chaves: Pandemia.IgrejaCatólica. Bispos do Brasil.Arquidioceses. Posicionamentos.

Abstract

The purpose of this article is to point out and reflect on the position that the Brazilian Episcopate, especially the archbishops, in different regions of the country has taken in relation to the pandemic of Covid-19. The proposal is to interpret how the archbishops, via official notes, reacted to the restrictions of agglomerations. What ways they took, what posture they took. At first, we will try to present the chronology of the documents written up by the archbishops trying to reveal to what extent the prelates heard the health recommendations and what were their decisions, for or against. In a second step, present the content of the notes and the arguments. Finally, list the disputes that were formed around episcopal decisions throughout the pandemic.

Keywords: Pandemic. Catholic Church. Bishops of Brazil. Archdioceses. Positions.

**À guisa de introdução: “Os lugares mais sombrios”**

Um dos maiores poetas da literatura italiana, nato na região da Toscana, Dante Alighieri, em sua clássica obra chamada por ele mesmo de “Comédia” e

---

\* Doutorando e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especialista em Teologia, História e Cultura Judaica pelo Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCEJ-SP) e em Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Educação São Luís. E-mail: reubersonferreira@yahoo.com.br.

batizada pelo poeta Boccaccio sob o invulgar epíteto de “A Divina Comédia”, reservou na descrição dos círculos do inferno, um tépido lugar para aqueles que se mantêm neutros em situações extremas. O escritor inglês, Dan Brow, interpretou essa ideia e atribuiu a Dante o seguinte axioma que adentrou os umbrais da literatura recente no seu livro intitulado “Inferno”, da seguinte maneira: “no inferno os lugares mais frios são reservados àqueles que escolheram a neutralidade em tempo de crise moral” (Brow, 2013, p. 9. 73. 230. 687).

De fato, na descrição do inferno de Dante, o oitavo círculo, Moleboolge, está reservado àqueles que faltam a verdade, dissimulam, enganam, mau orientam diante de uma crise, numa palavra, aos fraudadores (Alighieri, 2008, p. 127ss – Canto XVIII a XXX). Na interpretação dessa clássica obra, em tempos de crise, não é digno do céu, não merecem redenção, entres outros, aqueles que não tomam posições claras; aqueles que fornecem conselhos vãos e alimentam posturas obtusas em detrimento da vida de outrem (Alighieri, 2008 p. 181ss – Canto XXVII). *Mutatis mutantis*, a história hodierna, face a crise que foi gerada pela pandemia do vírus Sarcs-cov-2 exigiu uma postura de autoridades políticas e de lideranças religiosas. Quiçá não pelo medo do oitavo círculo do inferno e suas dez valas, mas pela sincera preocupação com o bem coletivo do povo a eles confiado, o Episcopado Brasileiro foi chamado a tomar posicionamentos. Apresentar, respaldado pela ciência, pelas autoridades sanitárias e por suas convicções pastorais, sua postura diante da crise.

Nesse sentido, o presente artigo pretende investigar a posição da Igreja Católica no Brasil diante da crise que afetou toda a humanidade sob o signo do contágio pandêmico. De modo particular, serão analisadas as posturas oficiais que foram tomadas pela administração das circunscrições eclesiásticas no Brasil - atualmente, duzentas e setenta e oito, entre bispados, eparquias e arcebispadados. Evidentemente, essas instituições não são monolíticas em suas decisões e, incluso, são autônomas para tomarem posturas próprias. Assim, pode-se observar uma variedade de notas oficiais que caminham entre a relativização da pandemia e a firme restrição de ofícios religiosos em decorrência do mal que o covid-19 seria capaz de consumir.

Por razões metodológicas e dado o número expressivo de circunscrições eclesiásticas, esta pesquisa restringirá sua análise as posições das Arquidioceses do Brasil (45). Esse fato porque elas ocupam lugar em todas as unidades da federação e por serem núcleos aglutinadores nas províncias eclesiásticas. Julga-se,

desse modo, que podem (ou não) gerar uma reação em cadeia e influenciar unidades menores: dioceses, prelazias e eparquias. Em sua divisão esquemática este texto buscará num primeiro momento apresentar a cronologia dos documentos redigidos pelos arcebispos, tentando revelar em que medida os prelados ouviram as recomendações sanitárias e quais foram suas decisões. Num segundo passo, apresentar o conteúdo das notas e os seus argumentos. Por fim, apontar que modelos e propostas eclesiais despontam a partir daquilo que os bispos escreveram e como isso pode ser catalisador de novas perspectivas pastorais. O ponto de vista deste artigo, não é fazer uma axiologia das notas e dos arcebispos, mas registrar as posições que os purpurados tomaram diante da pandemia e refleti-las em vista da construção de modelos eclesiológicos.

### **A cronologia das notas oficiais**

Nos dias iniciais do ano de 2020, constatou-se na China o surgimento de um novo tipo de coronavírus, nomeado pouco depois pela Organização Mundial de Saúde de Covid-19 (OMS, 2020). Menos de dois meses de sua origem, foi declarado uma pandemia mundial. Após contágio expressivo no país Asiático e larga difusão, na Itália, na Espanha, na França, na Alemanha e no Vaticano, entre outros, foram decretados estado de calamidade pública nesses países assolados por vertiginosas mortes. Face essa situação, a seu ritmo, a autoridade política em cada país decretou modalidades de quarentena. A Igreja, nessas regiões, seguiu o mesmo caminho, adotando normas de restrição de mobilidade e/ou inibição de aglomeração, em atenção aos seus governos, como testemunha, por exemplo, a posição do episcopado italiano (Conferenza Episcopale Italiana, 2020). No Brasil, o primeiro caso de Covid-19 foi detectado em vinte e seis de fevereiro (Brasil, 2020) e a primeira morte foi confirmada em quatorze de março do ano corrente (Ribeiro; Cambricoli, 2020). Nesse interim, as autarquias governamentais de saúde estaduais, municipais e federais iniciaram um processo de consolidação de normas para o enfrentamento da pandemia que havia se estabelecido no país. Malgrado a desarticulação entre os níveis de poder, ações de combate foram executadas. Entre o período da confirmação do primeiro diagnóstico e da primeira morte, os arcebispos brasileiros começaram a pronunciar-se. Eles se moviam entre medidas mais brandas que restringiam atos litúrgicos nas celebrações antes do anúncio do primeiro caso confirmado de covid-19 e outras ações mais restritivas à medida que as primeiras mortes foram constatadas. A complexidade e a

incerteza com que a pandemia se alastrava protagonizou ações diversas, por ora acertadas, por vezes, imprudentes.

Nos últimos dias de fevereiro, período em que se confirmou os primeiros casos de Covid-19, das quarenta e cinco Arquidioceses<sup>1</sup>, cinco expediram notas com orientações associadas a questões práticas das celebrações. Em geral, as notas consentiam a realização de celebrações, mas restringiam alguns aspectos litúrgicos e incentivavam cuidados paliativos. Ações como o abraço da paz; a comunhão na boca e dar as mãos durante a oração do Pai-nosso eram desaconselhadas. Recomendava-se, ainda, a disponibilização de álcool gel nas sacristias, o aumento de celebrações e o favorecimento da circulação de ar nas Igrejas (mantê-las abertas). Nomeadamente as Arquidioceses de Botucatu, Olinda-Recife, Diamantina, Londrina e Mariana foram pioneiras nessa postura. Entre elas, a Arquidiocese de Botucatu (Arquidiocese de Botucatu, 2020, p. 1), no interior do Estado de São Paulo e a de Olinda-Recife (Arquidiocese Olinda-Recife, 2020, p.1), em Pernambuco, em vinte e sete de fevereiro, foram as primeiras a adotar essas orientações. Dentro desse espectro de ação, a Arquidiocese de Brasília, em 18 de março, foi a última a aceder a medidas que, embora permitissem celebrações, restringiam contato físico e primavam por higienização, ventilação e suprimiam apenas aspectos do ato litúrgico.

Fato é que dos primeiros sinais do sars-cov-2 no Brasil até as vésperas da primeira morte, quase a totalidade dos bispos manifestaram-se. Eram notas que revelavam uma incompreensão daquilo que o vírus poderia resultar e de como ele poderia ser combatido. Ao mesmo tempo, o posicionamento exíguo e lento de algumas Arquidioceses, denunciavam a complexidade da tomada de decisão e uma parca confiança nas demandas das agências reguladoras de saúde. Em números concretos, de 27 de fevereiro a 14 de março, no Brasil já havia cento e vinte casos notificados de covid-19. Dado a subnotificação, presume-se que um número maior de pessoas, incluso, entre a fileiras das comunidades eclesiais, podiam já ter o coronavírus. As notas eclesiais não levaram em consideração, até o momento, esses números.

O avançar dos dias, confirmou novos casos de contaminação e, quando a primeira morte por Covid-19 foi constatada em quatorze de março, um crescente posicionamento das Arquidioceses foi notado. De certo modo, as circunstâncias forçavam as instituições eclesiais a apresentarem diretrizes mais claras e objetivas de suas ações para evitar a disseminação do vírus. Paulatinamente es-

sas circunscrições eclesiásticas foram demarcando conduta, aprofundando e esclarecendo notas que anteriormente já haviam sido publicadas.

Dentre as quarenta e cinco dioceses - particularmente as que forneceram material para esta pesquisa - partir da segunda quinzena de março, vinte e quatro circunscrições eclesiásticas, emitiram notas suspendendo toda e qualquer atividade religiosa. A Arquidiocese de Campinas, não por meio de nota oficial, mas através de vídeo em mídias sociais, em quatorze de março foi pioneira no Brasil, a suspender como medida protetiva contra a disseminação do covid-19, as funções religiosas com presença de público. Curioso, no caso desta arquidiocese, é que um dia antes, por meio de nota, foram apresentadas orientações de caráter brando, exigindo cuidado paliativos, mas não recomendando que não houvesse ritos públicos (Arquidiocese de Campinas, 2020, p.1). As Arquidioceses de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e de Feira de Santana, interior da Bahia, também coadjuvaram esse protagonismo em emitir decretos, suspendendo atividades religiosas. Em 16 de março, o arcebispado porto alegreense exarou nota, orientando a não realização permanente de reuniões do clero, da catequese e encontros formativos. Suspensão temporária de missas (de 17 de março a 03 de abril) e outros atos celebrativos (Arquidiocese de Porto Alegre, 2020). Na mesma data, a sede metropolitana situada no centro-norte baiano, suspendeu todas as celebrações, as atividades pastorais (catequese, reuniões, congressos, procissões, festas religiosas) e exortou os seus arquidiocesanos a permanecerem em suas casas, “mais unidos, dialogando e compartilhando a vida.” (Arquidiocese de Feira de Santana, 2020). As notas, publicadas na mesma data, em grande parte do conteúdo são similares. A diocese no nordeste brasileiro, contudo é mais incisiva, pois não estabelece prazo, particularmente para a retomada das missas presenciais, o que a do Rio Grande do Sul, faz. Incluso, Porto Alegre em maio, ainda num contexto instável, reabrirá as igrejas (Arquidiocese de Porto Alegre, 2020), sendo posteriormente obrigada a decretar o fechamento dos templos, em junho (Arquidiocese de Porto Alegre, 2020).

No extremo oposto - porém não muito após a decisão das três pioneiras Arquidioceses - as últimas sedes arquidiocesanas a tomarem decisões mais concretas acerca do enfrentamento do novo coronavírus foram, nessa ordem, Belém e Mariana. A última em vinte quatro de março e a primeira, um dia antes. Nesta altura, já eram registrados duas dezenas de mortes no Brasil pela covid-19. Um número um pouco maior de dois mil e duzentos novos casos no país eram regis-

trados, dentre os quais cento e trinta eram em Minas Gerais e treze no Pará, (Notícias, 2020) estados onde estão alocadas as duas circunscrições eclesiais.

A Arquidiocese de Belém até a data que lançou a nota restritiva, não havia tomado nenhuma decisão no espírito de suprimir aspectos litúrgicos das celebrações. A nota é, na verdade, uma missiva pastoral, na qual a Arquidiocese convoca os seus fiéis esperançosos a vencerem o covid-19, confiando-se a Deus e, ao mesmo tempo, exortando-os a unirem-se “apoiando concretamente quem se encontra em dificuldade” (Arquidiocese de Belém, 2020) Ela reconhece ainda que, as medidas sanitárias tomadas pelas autoridades devem ser respeitadas e seguidas, pois “tem como fundamento o bem comum, o que pede nossa adesão plena e obediência estrita” (Arquidiocese de Belém, 2020). Afirma ainda, que neste tempo, deve-se valorizar “as relações familiares, o diálogo, a oração, a leitura orante da Palavra de Deus” (Arquidiocese de Belém, 2020). Cabo dessa reflexão, é declarado suspensas reuniões, missas e todas as atividades religiosas pública com presença de fiéis naquela Arquidiocese (Arquidiocese de Belém, 2020).

A histórica Arquidiocese de Mariana, por seu turno, foi a última a tomar uma posição definitiva no sentido de fazer frente concretamente ao enfrentamento da Covid-19. Antes da nota emitida em vinte e quatro de março, a sede metropolitana, havia publicado dois outros comunicados. No primeiro, ainda nos momentos iniciais de pandemia, havia sugerido supressão de partes do culto litúrgico, sobretudo aquelas que favoreciam contato físico (Arquidiocese de Mariana, 2020). A intensificação de casos, fez com o arcebispado emanasse uma nova nota, desta vez, restringindo eventos religiosos e condicionando, a realidade dos municípios, a celebrações Eucarísticas e outros sacramentos (Arquidiocese de Mariana, 2020). Sua última nota, acerca das atitudes a serem executadas pela sede metropolitana era a total supressão de atividades de culto, encontros, formações e demais atos religiosos (Arquidiocese de Mariana, 2020).

As Arquidioceses tanto de Mariana quanto de Belém, a seu modo e a seu tempo, buscaram aportar seguras orientações para seus fiéis. Entre ambas, a diferença está no modo com que se faz a comunicação. Aquela que está ao norte do país, serve-se de um estilo pastoral, catequético e mistagógico, para apresentar suas orientações, ao passo que a que está no sudeste brasileiro, sem descuidar da preocupação pastoral é mais assertiva, canônica. Não foge a regra geral de todos os outros arcebispos.

Entre as primeiras e as últimas, há um grupo expressivo de Arquidioceses que foram expressando-se por meio de notas que apontavam a real preocupação com pandemia que cada vez mais se apresentava nociva e letal. Em 18 de março, entre outras, Arquidioceses como Sorocaba, Palmas, Montes Claros, Manaus, Botucatu, Natal e Brasília, publicaram suas determinações afirmando suspensão de atividades. Estas duas últimas sedes metropolitanas, gozam de uma singularidade. Natal, por ter emitido nota em conjunto com as dioceses que sufragam sua sede metropolitana (Caicó e Mossoró), e assim confirmando a ideia de que as Arquidioceses podem influenciar uma província eclesiástica (Arquidiocese de Natal, 2020) e revelam o interesse por um pastoral comum, coletiva. Brasília, sede da Capital Federal, destaca-se porque num período inferior a quarenta e oito horas, após ter apresentado uma nota que sugeria postura mais branda, contentando-se apenas com a supressão de partes do serviço religioso (Arquidiocese de Brasília, 2020a) teve que emitir nova nota, desta vez, suspendendo todas as suas atividades com presença de público em seu território (Arquidiocese de Brasília, 2020b) Esta nota motivada pelos decretos públicos, mas do que por uma deliberada opção. As demais Arquidioceses, dentre elas Palmas, Diamantina, Manaus (19/03); Cascavel (20/03); São Paulo, Porto Alegre (21/03) e Porto Velho precisaram de não mais que quatro dias após a primeira nota, para apresentarem posturas mais incisivas em favor de contribuir para colaboração da não propagação do vírus.

Dentro da cronologia das notas, chama a atenção o fato de bispo proporem prazos para que seus decretos expirassem e uma celeridade na busca por reabertura das Igrejas. Protagonizaram esse fato Arquidioceses como Passo Fundo (Arquidiocese de Passo Fundo, 2020, p.1), Porto Velho (Arquidiocese de Porto Velho, 2020), Porto Alegre (Arquidiocese de Porto Alegre, 2020) e Diamantina (Arquidiocese de Diamantina, 2020, p.1), Tal postura, sem as condições necessárias, redundou na emissão de novas notas, que prescreviam um isolamento mais severo. Subliminarmente, revelava o quão complexo era para o episcopado aquilatar a extensão da pandemia e mais ainda, decidir o que fazer. Salvaguardado as devidas proporções, a mesma confusão e indefinição vivida em cenários políticos, assombrou algumas instituições católicas.

Largos traços, os arcebispos brasileiros, dentro de suas competências seguiram uma cadência, nem célere tampouco morosa, em associarem-se os órgãos de saúde que solicitavam colaboração das várias instituições para evitar a propagação do Sarcos-cov-2. Foram quase trinta dias para que os bispos migrassem de

uma postura contemporizadora da grandeza do problema para uma ação mais afirmativa no que diz respeito a inibir ações que propagassem coronavírus, tal como revela o conteúdo das notas.

### **Notas oficiais: o conteúdo e os argumentos, suas semelhanças e diferenças**

As notas oficiais publicadas pelos diversos arcebispados, como apresentado anteriormente, gozam de uma cronologia e de uma densidade particular. O olhar, a seguir, portanto, voltar-se-á, sem excluir as precedentes, apenas para aquelas que no seu bojo foram mais incisivas no sentido de coibir ambientes que concorressem para a propagação do Covid-19. Normalmente, foram as últimas ou, quiçá, as únicas que muitas sedes metropolitanas exararam no período em que a pandemia se instaurou. Em geral de estrutura parecida e com linguagem similar, nelas é possível observar motivações, orientações e opções do episcopado.

Entre as motivações dos arcebispados para emitirem suas notas, além do perigo real que a pandemia passou a representar no Brasil, havia outras razões. De fato, quando a última diocese lavrou sua derradeira nota relativa ao processo de colaboração para contenção da disseminação do vírus, já havia no país mais de quarenta mortes confirmadas e já se beirava vinte mil falecidos no mundo, um perigo real. Associado ao perigo concreto, como fundamento das comunicações oficiais arquidiocesanas, estavam os decretos e as determinações das autarquias de saúde e das instituições de governo. Dentre as quarenta e cinco arquidioceses pesquisadas, nas notas encontradas, setenta e cinco por cento reportou-se aos decretos municipais, estaduais ou federais. Esse fato revela, a um só passo, dois elementos. De um lado a colaboração da Igreja com as autoridades públicas no enfrentamento a Covid-19; de outro lado, como aconteceu, à guisa de exemplo, na Arquidiocese de Aparecida, que somente por força da lei, particularmente no caso do Santuário Nacional de Aparecida, a Igreja acedeu a determinações sanitárias (G1, 2020). Ou ainda, como no caso da Arquidiocese de Brasília, quem em menos de quarenta e oito horas, teve que alterar suas orientações, decretando suspensão de suas atividades (Arquidiocese de Brasília, 2020b, p.1).

Assoma-se aos decretos das autarquias públicas e de saúde, nalgumas notas, elementos como a comunhão ao Papa Francisco, com a CNBB (Arquidiocese de Juiz de Fora, 2020, p.1), com o presbitério da Igreja particular (Arquidiocese de Manaus, 2020, p.1; Arquidiocese de Curitiba, 2020, p.1; Arquidiocese de Pal-

mas, 2020, p.1). Destaca-se com particular singularidade, para além de estar tacitamente dito por todas as arquidioceses, vide as decisões tomadas a fim de evitar a pandemia, a posturas das sedes metropolitanas de Belo Horizonte (Arquidiocese de Belo Horizonte 2020), Porto Alegre (Arquidiocese De Porto Alegre, 2020) e Botucatu (Arquidiocese de Botucatu, 2020), que para além dos decretos emanadas do poder público, fundamentam suas decisões no entendimento da explícita defesa da vida, esta entendida em sua totalidade. Ademais, o arcebispado de Uberaba, no triângulo Mineiro, agregou a suas motivações de limitar suas atividades, o caso concreto de ter sido anunciada a primeira morte em decorrência novo coronavírus entre os seus arquidiocesanos (Arquidiocese de Uberaba, 2020, p.1).

Além das razões que motivaram os Arcebispos e seus conselhos em suas decisões, há em concreto em cada nota, um corpo de determinações bem articulados que visam ser o instrumental dos Arcebispos para efetivar práticas que contivesse a disseminação do vírus. As primeiras notas, aquelas emanadas, como dito, no princípio da pandemia e antes das mortes, previam supressão de atos litúrgicos, como mecanismos eficazes de contenção do vírus. Assim, foi comum ver nessas notas, sugestões de redução do tempo das celebrações e supressão de elementos da liturgia tais como saudações na acolhida, o abraço da paz, dar as mãos durante a oração pai-nosso e comunhão diretamente na boca ou orientações para uso de álcool gel, ventilação de Igrejas, aumento de missas e limitação de público.

A complexidade da sarcs-cov-2 e os efeitos quase inócuo das primeiras notas, desencadeou a partir dos decretos dos poderes públicos, ações mais rígidas em vista de contribuir para não disseminação do vírus, por parte das autoridades eclesiais. Novas orientações, por isso, foram publicadas. Nestas, os bispos foram mais incisivos e, em geral, decretavam: fechamento das Igrejas; supressão de todos os sacramentos e de missas com presença pública de fiéis, bem como a desobrigação do preceito dominical de participar da Eucaristia; cancelamento de atividades eclesiais como reuniões de presbíteros, cursos, catequese, escolas de teologia, assembleias paroquiais e diocesanas, festas patronais, procissões e produções culturais.

Entre as notas, sobretudo pela repetição da mesma referência, chama a atenção que muitos arcebispos, preveem um tempo muito exíguo para a su-

pressão de atividades e para uma retomada das atividades. Sedes metropolitanas, como Porto Velho (Arquidiocese de Porto Velho, 2020, p.1), Pelotas (Arquidiocese de Pelotas, 2020, p.1), Passo Fundo (Arquidiocese Passo Fundo, 2020, p.1), Maringá (Arquidiocese de Maringá, 2020, p.1) Feira de Santana (Arquidiocese de Feira de Santana, 2020, s/p) e Diamantina (Arquidiocese de Diamantina, 2020, p.1), dispõe em suas notas entre treze e trinta dias como prazo de validade de suas determinações. Essa postura pode-se supor que revelam dois caminhos trilhados por esses arcebispos. De um lado, uma acuidade em avaliar a cada tempo os desdobramentos na pandemia e os encaminhamentos futuros; de outro lado, induzem a pensar que poderia haver uma subestimação da complexidade do vírus. Embora as duas hipóteses não se excluam, visto que todas as cinco dioceses reafirmaram e intensificaram suas posturas de isolamento, conclui-se que o que regia os purpurados era, em tese, o cioso zelo pastoral.

Ainda no bojo das notas, além das restrições, os bispos apresentaram um conjunto de orientações para que a prática e a vida eclesial fossem vividas no período pandêmico. Num plano geral, as orientações guiam-se, em quase todas as arquidioceses por motes comuns, claro que algumas singularidades despontam. As sedes metropolitanas, recomendam, entre outras coisas, que os presbíteros se dediquem em celebrar missas privadas, sem a presença do povo, mas transmitidas pelas *Mass medias*. Igualmente recomendam, a vivência de uma Igreja doméstica, indicando o recurso a piedade popular, a *Lectio Divina*, Rosários, a Oração familiar, Leituras espirituais como caminhos limpidos para consolidar uma Igreja nas casas. Nesse espírito, excepcional teor, goza a sugestão da Arquidiocese de Sorocaba, no interior paulista, recomendando que os pais recobrem o desempenho de “um quase ofício sacerdotal em relação aos filhos” desenvolvendo com eles no recolhimento, “a oração, a leitura orante da Palavra e a atenção ao mundo interior” (Arquidiocese de Sorocaba, 2020, p.1). Trata-se tacitamente do reviver da teologia do Vaticano II, por muito deixada de lado, acerca do sacerdócio régio dos fiéis, vivido no interior das pequenas comunidades.

Percebe-se ainda, entre as notas, algumas singularidades nas orientações. Há arcebispos que são enfáticos em recomendar que todas os fiéis sejam devotados em seguir as recomendações das autoridades civis que muitas vezes ultrapassam a seara eclesiástica. Nesse espectro, dentre as quarenta e cinco arquidioceses, Florianópolis (Arquidiocese de Florianópolis, 2020), Campo Grande (Arquidiocese de Campo Grande, 2020) e Palmas (Arquidiocese de Palmas, 2020, p.1),

são taxativas e textuais ao expressarem para os seus arqui-diocesanos que devem seguir atenciosamente as restrições das autoridades sanitárias. Um grupo ainda de sedes metropolitanas – Diamantina (Arquidiocese de Diamantina, 2020, p.1), Feira de Santana (Arquidiocese de Feira de Santana, 2020, p.1), Cuiabá (Arquidiocese de Cuiabá, 2020, p.1), Salvador (Arquidiocese Salvador, 2020, p.1) levantam a divisa da manutenção da Igreja, orientam que os fiéis encontrem meios para ajudar a manter as instituições. Ainda no campo econômico, contudo no plano caritativo, circunscrições eclesiais como Juiz de Fora (Arquidiocese de Juiz de Fora, 2020, p.1), Porto Velho (Arquidiocese De Porto Velho, 2020, p.1), Belém (Arquidiocese de Belém, 2020, p.1), Maringá (Arquidiocese de Maringá, 2020, p.1) são longânimes em sugerir que se divise neste momento de pandemia, um espaço privilegiado para o exercício da solidariedade e caridade. Por fim, como um tema único, desponta a orientação a Arquidiocese de Passo Fundo (Arquidiocese de Passo Fundo, 2020, p.1) que sugere, num contexto de pulverização de notícias de diversos matizes, que se evite a propagação de falsas notícias (*Fake News*) acerca da *Sarcs-cov-2*, causador do coronavírus. Grosso modo, das motivações as orientações inúmeras razões movem os arcebispos.

Do acatamento de decretos a preocupação com o zelo da vida, posturas foram tomadas. De medidas brandas a posicionamentos incisivos, ações foram executadas em consonância com as autoridades sanitárias no intuito de evitar a propagação do vírus. As orientações singularizaram-se por revelar, mesmo que tacitamente, um modelo de Igreja, que, não de maneira homogênea, dialoga e coopera – sem subserviência ou intransigência, com as autoridades civis. Igualmente, vislumbrou na Igreja doméstica, comprometida com os frágeis e presentes nos meios digitais um novo modelo eclesial.

### **Dois modelos eclesiais nas notas oficiais: uma hermenêutica possível**

As notas elaboradas pelas arquidioceses, objetivamente, são normativas e orientações que regulam a seu prazo e modo as ações que as sedes metropolitanas encetaram para fazerem frente a disseminação do novo coronavírus causador da pandemia. Não obstante, a função específica para qual foram designadas, as notas revelam cosmovisões e concepções eclesiais acerca dos que as assinam, produzindo “um novo acontecimento do discurso que já não se pode identificar com o acontecimento inicial” (Tavares, 2018, p. 454). Na perspectiva da teoria do texto, tal como entende Paul Ricoeur (1986), pode-se dizer que elas (notas enquanto

discursos) demonstram significado e revelam o mundo do texto (cf. Ricouer, 2019, p.129-132) seus traços distintivos, suas características peculiares, numa palavra um significado profundo e permanente.

Embora saiba-se que há pessoas envolvidas na redação do texto, entende-se que eles dizem em nome de uma instituição. Assim as notas revelam, na perspectiva do autor francês, o campo do texto daqueles que, em última instância, são os autores, isto é, as intuições (a Igreja Católica). Visto que as notas são Igrejas, poder-se-ia concluir que elas revelam, tacitamente, uma eclesiologia, um modelo de eclesial, um projeto futuro de Igreja que ganha pleno sentido com aqueles que a leem. Modelos estes, que a partir da leitura das notas oficiais serão amalgamados, neste texto, em dois aspectos: Igreja socialmente engajada e Igreja doméstica.

Eclesiologia é um modo de interpretar, compreender e propor um modelo de vivência de Igreja. Assim, partindo das notas e tendo como base a mundo dos textos (cf. Ricouer, 2019, p.129-132), mesmo que subliminarmente, revelam dos autores traços particulares, que adquirem sentidos múltiplos a partir daqueles que os leem (Tavares, 2018, p. 454), pode-se afirmar que numa hermenêutica das notas emitidas pelas arquidioceses, um primeiro modelo eclesial que se vislumbra é o de uma Igreja socialmente engajada e comprometida com a vida. Paulo Richard (1986, p. 204) nas suas ainda perenes reflexões sobre a cristandade, identificou quatro modelos de Igreja, dentre eles um que se entende em busca de um retorno as fontes primeiras, as origens primitivas do cristianismo. Igualmente, que se pretende evangélico e profético, gestado a partir de uma releitura do evangelho no contexto da transformação-libertação (Richard, 1986, p. 204). Esse modelo ele chamou de socialmente engajada.

Nesse sentido, não obstante as razões diversas que levaram os metropolitas a exararem documentos restringindo atividades, subjaz uma leitura da realidade num contexto que, senão de opressão, exige que se aponte caminhos de libertação. A adesão as orientações para supressão de atividades e a exortação para que a população obedecesse às autoridades sanitárias – mesmo que previsto por algumas poucas instituições – acusam o interesse das arquidioceses de que a Igreja defenda a vida. Tratava-se de uma orientação mínima que, caso subvertida, ou desorientada, resultaria numa mortandade, num mal para a sociedade. Ademais, nesse modelo de Igreja, o retorno as fontes evangélicas é um elemento

singular e o episcopado em quase todas as notas reforça o apelo para que as pessoas exercitem e vivam sua fé no interior dos lares, formando pequenas comunidades inspiradas a luz da Palavra (Lectio Divina), da oração comum (Terços, novena) e da fração do pão (caridade) a exemplo da Igreja primitiva dos séculos iniciais do cristianismo. Portanto, as notas apontam uma Igreja que, senão em sua totalidade, em muitas partes, propõe-se socialmente engajada, evangelicamente inspirada e comprometida com a vida.

Outro elemento singular que é vicejado a luz das notas dos arcebispados é um modelo eclesial que se apresenta como Igreja doméstica. A noção de Igreja doméstica ou familiar tem seus fundamentos na Sagrada Escritura, nas primeiras comunidades cristãs (Cf. Crußemann e Reimer, 2016, p. 179-190) as chamadas *domus ecclesiae*. Igualmente, as atuais paróquias, embora remodeladas pelo curso da história, tem sua origem fundamentada nesta ideia de Igreja-casa. (Souza, 2014, p. 164). Esse conceito é reassumido pelo Concílio Vaticano II, (LG, p. 11) evento que marcou o catolicismo no século XX, com uma guinada em sua autocompreensão. Largos traços, a definição mais recorrente de Igreja doméstica é da família como lugar de vivência e aprendizado da fé (LG, p. 11). Em sentido amplo, e recobrando a perspectiva bíblico-histórico pode-se dizer que nelas, se tornava “possível a vida comunitária”, a “acolhida dos pregadores itinerantes” e a formação de uma “plataforma missionária” (Souza, 2014, p. 164). Mais ainda, essas Igrejas-casas eram “espaços e experiências contraculturais” (Crußemann e Reimer, 2016, p. 187). Nesse sentido, as notas publicadas pelos arcebispos, embora acoçadas pelas circunstâncias de uma sociedade vivendo uma pandemia, quando apresentam orientações para viverem esse momento, enveredam por sugestões que evocam a ideia de uma Igreja doméstica.

Além da decisão de não promover eventos públicos com aglomerações, as sedes metropolitanas exortam seus interlocutores a permanência em casa. Diante dessa condição sugere que aprendam a “recuperar o sentido de família como Igreja doméstica” (CNBB- NE3, 2020) na qual os pais exercem o “ofício sacerdotal em relação aos filhos” (Arquidiocese de Sorocaba, 2020, p.1). Assim, dentre as quarenta e cinco dioceses, quase trinta seguiram explicitamente esse princípio. Apontaram que o tempo pandêmico de maior recolhimento, fosse momento para uma ampla “vivência comunitária”, para os “exercícios de piedade”, para “leitura orante da Palavra” ou para a “recitação da liturgia das horas”. Assim, percebe-se que há insinuações para que as casas fossem ambientes de vivência concreta da

fé. Igualmente, a sugestão da permanência em casa e da convivência dilatada, não obstante as dificuldades e o fato de não ser uma opção deliberada, reverte-se num ato de contracultura, em um mundo que cada vez mais opõe-se a convivência e prima pelo individualismo. Pondera-se, contudo que mesmo sendo uma opção viável as Igrejas domésticas não podem degenerar-se “em guetos, em comunidades personalistas e em fontes de discórdia.” (Guieri, 2002, p. 205), pois assim, tornar-se-iam em símbolos da cultura vigente e não uma configuração eclesial, a altura do Evangelho.

As notas dos arcebispos, são polissêmicas e poderiam apresentar ainda outras leituras eclesiológicas. Os modelos extraídos nesta leitura, além de ser parcial, é idealístico. Portanto, padece das vicissitudes concretas do confronto com a realidade. Sabe-se, ainda que não são a totalidade das arquidioceses que se pautaram por aqueles modelos apontados neste estudo e que muitos deram mais uma resposta sazonal do que efetiva. Fato que indica que, embora possível, os modelos não serão algo perseguido e vivido, caso o cenário seja alterado. No entanto, a pandemia e as notas são bússolas para caminhos que podem ser seguidos numa Igreja que visa viver à sombra do crisol evangélico.

## **Conclusão**

A maneira de conclusão, pode-se dizer que os posicionamentos das Arquidioceses ao longo da pandemia são resultados de uma conjuntura político-sanitária com risco real a vida das pessoas, fato que lhes obrigava a uma tomada clara e objetiva de posição. A postura dos Arcebispos católicos não foi de pioneirismo, antes o contrário, foi mais de sujeição a decretos públicos do que de livre proposição ante ameaças a vida de muitas pessoas.

A cronologia das notas revelou, diante da complexidade da pandemia que as instituições católicas, a exemplo de outras, não compreendiam as vicissitudes de uma pandemia. Somente com o agravamento dos quadros, o aumento do número de infectados e de mortos, os purpurados produziram diretivas que os comprometiam de maneira mais contumaz contra a proliferação do vírus. Assim, eles migraram de medidas brandas - inócuas - a posicionamentos incisivos, restritivos de mobilidade e inibidores de aglomerações.

Em resposta ao novo cenário ficou claro que os bispos apostaram nos meios de comunicação (*mass media*) como um caminho para seguir, sendo presença

na vida das pessoas. Igualmente, o apelo, mesmo que não homogêneo, para que os fiéis pudessem viver uma fé adulta e madura em suas casas, através da meditação da Palavra, da oração das liturgias das horas, entre outros, indicou a possibilidade de uma Igreja vivida, também no interior das casas, descentralizada do modelo paroquial vigente. Por fim, as notas dos arcebispos, mesmo que tacitamente, deixam entrever um modelo distinto de Igreja que pode ser, mesmo com alteração do ambiente que se viveu durante o tempo pandêmico, uma aposta para uma Igreja a altura do Evangelho, como sonha o Papa Francisco, isto é, uma Igreja nas casas, comprometidas com os frágeis e marginalizados. Resta saber se, alterado o cenário, os personagens seguirão insistindo no mesmo enredo.

### **Referências bibliográficas**

ALIGHIERI, Dante. *A divina Comédia*. São Paulo: Editora34, 2008. Canto XVIII a XXX

ARQUIDIOCESE DE BELÉM. *Mensagem Pastoral: “Tempo oportuno”*. 2020. Disponível em: [Arquidiocesepoa.org.br/coronavirus](http://Arquidiocesepoa.org.br/coronavirus). Acesso em 30 de setembro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE BOTUCATU. *Arquidiocese de Sant’Ana de Botucatu*. 2020a. Disponível em: [arquidiocesebotucatu.org.br/decreto21deabril.html](http://arquidiocesebotucatu.org.br/decreto21deabril.html). Acesso em 07 de outubro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE BOTUCATU. *Orientações da Arquidiocese de Botucatu para combater a disseminação do Coronavírus*. 2020b. Disponível em: [arquidiocesebotucatu.org.br/](http://arquidiocesebotucatu.org.br/). Acesso em 07 de outubro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE BRASILIA. *Novas Orientações Pastorais da Arquidiocese de Brasília para prevenção do Coronavírus*. 2020a. Disponível em: [arqbrasil.com.br/](http://arqbrasil.com.br/). Acesso em 01 de setembro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE BRASILIA. *Orientações Pastorais da Arquidiocese de Brasília para prevenção do Coronavírus*. 2020b. Disponível em: [arqbrasil.com.br](http://arqbrasil.com.br/). Acesso em 01 de setembro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS. *Nota oficial sobre o Covid-19*. 13.03.2020. Disponível em: [arquidiocesecampinas.com](http://arquidiocesecampinas.com). Acesso em 10 de junho de 2020.

ARQUIDIOCESE DE CUIABÁ. *Orientações da Arquidiocese de Cuiabá para o tempo de Pandemia do Novo Coronavírus*. 2020. Disponível em: [arquidiocesecuiaba.org.br/?p=21427](http://arquidiocesecuiaba.org.br/?p=21427). Acesso em: 07 de outubro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE FEIRA DE SANTANA. *Decreto Episcopal a respeito das celebrações e sacramentos em defesa da vida e prevenção do covid-19*. 2020a. Disponível em: <https://arquifeira.org/>. Acesso em: 08 de outubro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE FEIRA DE SANTANA. *COMUNICADO – Novas Orientações para a Arquidiocese de Feira de Santana a respeito da Pandemia Mundial COVID-*

19 (*novo coronavírus*).2020b. Disponível em: [arquifeira.org](http://arquifeira.org). Acesso em: 30 de setembro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE JUIZ DE FORA. *Novas orientações para evitar o Contágio*.2020a. Disponível em:[arquidiocesējuizdefora.org.br/dom-gil-determina-novas-orientacoes-para-evitar-o-contagio-com-coronavirus/](http://arquidiocesējuizdefora.org.br/dom-gil-determina-novas-orientacoes-para-evitar-o-contagio-com-coronavirus/).

ARQUIDIOCESE DE JUÍZ DE FORA. *Terceira nota da arquidiocese de Juiz de fora para evitar o contágio do Coronavirus*.2020b. Disponível em: [arquidiocesējuizdefora.org.br](http://arquidiocesējuizdefora.org.br). Acesso em 07 de outubro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE MANAUS. *Orientações Pastorais*. 2020. Disponível em: [arquidiocesedemanaus.org.br](http://arquidiocesedemanaus.org.br). Acesso em 07 de outubro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Comunicado*. 2020a. Disponível em: [arqmariana.com.br](http://arqmariana.com.br). Acesso em 20 de maio de 2020.

ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Novas orientações da Arquidiocese diante do agravamento da pandemia do Covid-19*.2020b. Disponível em: [arqmariana.com.br](http://arqmariana.com.br). Acesso em 30 de setembro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ. *Coronavírus – Dom João Mamede – Arquidiocese de Maringá*.2020. Disponível em: [youtu.be/IU30W-LZJBc](https://youtu.be/IU30W-LZJBc). Acesso em 09 de outubro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE NATAL. *Novas Orientações aos Católicos da Arquidiocese de Natal e das Dioceses de Caicó e de Mossoró*. 2020. Disponível em: [Arquidiocesedenatal.org.br/](http://Arquidiocesedenatal.org.br/). Acesso em 30 de setembro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE. *Novas Orientações aos católicos da Arquidiocese de Olinda-Recife*. 2020. Disponível em: [arquidiocesebolindarecife.org/](http://arquidiocesebolindarecife.org/). Acesso em 07 de outubro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE PALMAS. *Comunicado sobre o Coronavírus*.2020. Disponível em: [arquidiocesedepalmas.org.br/19647.html](http://arquidiocesedepalmas.org.br/19647.html). Acesso em 07 de outubro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE PASSO FUNDO. *Nota sobre a prevenção ao Coronavírus (Covid -19)*.2020. Disponível em: [arquidiocesedepassofundo.com.br](http://arquidiocesedepassofundo.com.br). Acesso em 01 de setembro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE PELOTAS. *Decreto 18.03.2020*. Disponível em: <https://www.arquidiocesedepelotas.org>. Acesso em 01 de setembro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE PORTO ALEGRE. *Nota Oficial sobre a suspensão das missas, catequeses e outras orientações*.2020a. Disponível em: [Arquidiocesepoa.org.br](http://Arquidiocesepoa.org.br). Acesso em 30 de setembro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE PORTO ALEGRE. *Nota sobre a abertura das igrejas e celebrações públicas da Santa Missa*.2020b. Disponível em: [Arquidiocesepoa.org.br](http://Arquidiocesepoa.org.br). Acesso em 30 de setembro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE PORTO ALEGRE. *Nota sobre o fechamento das igrejas*. 2020c. Disponível em: [www.Arquidiocesepoa.org.br](http://www.Arquidiocesepoa.org.br) Acesso em: 30 de setembro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE PORTO VELHO. *Coronavírus: Orientações às Comunidades de Fé*. Disponível em: [Arquidiocesedeportovelho.org.br](http://Arquidiocesedeportovelho.org.br). Acesso em 01 de setembro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE SALVADOR. *Coronavírus: Fé e Comportamento adequado*. 2020. Disponível em: <https://arquidiocesosalvador.org.br>. Acesso em 07 de outubro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE SOROCABA. *Comunicado Oficial Coronavírus*. 2020. Disponível em: [arquidiocesesorocaba.org.br](http://arquidiocesesorocaba.org.br). Acesso em 07 de outubro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE UBERABA. *Decisão sobre a suspensão da Eucaristia*. 2020. Disponível em: <https://www.arquidiocesedeuberaba.org.br>. Acesso em 09 de outubro de 2020.

ARQUIDIOCESE DIAMANTINA. *Orientações de Dom Darci a Arquidiocese de Diamantina*. Disponível em: <https://arquidiamantina.org>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE. *Normas e procedimentos em tempos de covid-19*. 2020. Disponível em: <https://arquidiocesedecampogrande.org.br>. Acesso em 07 de outubro de 2020.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANOPOLIS. *Decreto*. 2020. Disponível em: [arqui-fln.org.br/](http://arqui-fln.org.br/). Acesso em 07 de outubro de 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Brasil confirma primeiro caso da doença*. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>. Acesso em 29 de abril de 2020.

BROW, Dan. *Inferno*. São Paulo: Arqueiro, 2013. (e-book).

CNBB-NE3. *Se Deus é por nós, quem será contra nós?* Disponível em: <https://www.cnbbne3.org.br>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Lumen Gentium (LG)*. In.: *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações*. 29º ed. Petrópolis: Vozes. 2000.

CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA. *Coronavirus: La posizione della CEI*. Disponível em: <https://www.chiesacattolica.it>. Acesso em 30 de abril de 2020.

NOTÍCIAS, Google. *COVID-19*. Disponível em: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F015fr&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>. Acesso em 30 de setembro de 2020.

CRUSEMANN, Marlene; REIMER, Ivoni Richter. Igrejas domésticas: lugar de acolhida, partilha e celebração na casa de mulheres. In: *Caminhos*. Goiânia: PUC-GO, v. 14, n. 1, janeiro-junho de 2016. pp. 179-190. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/4835>. Acesso em 11 de outubro de 2020.

G1. *Justiça suspende missas no Santuário Nacional de Aparecida por causa do Coronavírus*. São Paulo, 2020. Disponível: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2020/03/14/justica-suspende-missas-no-santuario-nacional-de-aparecida-por-causa-do-coronavirus-sp.ghtml>. Acesso em: 07 de outubro de 2020.

MONASTERIO, Rafael Aguirre. *Del movimiento de Jesus a la Iglesia Cristiana; ensayo de exégesis sociológica del cristianismo primitivo*. Estella: Verbo Divino, 2001.

OMS. *Oms anuncia nome para doença causada por novo Corona vírus: Covid-19*. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6106:oms-anuncia-nome-para-doenca-causada-por-novo-coronavirus-covid-19-opas-apoia-acoes-de-preparo-na-america-latina-e-caribe&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6106:oms-anuncia-nome-para-doenca-causada-por-novo-coronavirus-covid-19-opas-apoia-acoes-de-preparo-na-america-latina-e-caribe&Itemid=812). Acesso em 29 de abril de 2020.

RIBEIRO Bruno; CAMBRICOLI Fabiana. Brasil registra primeira morte por Covid-19: país tem 290 Casos confirmados. *Estadão*. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-registra-primeira-morte-pelo-novo-coronavirus-em-sao-paulo,70003236434>. Acesso em 29 de abril de 2020.

RICHARD, Pablo. *Morte das cristandades e nascimento da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1982.

RICOEUR, Paul. *Du texte à l'action. Essai d'herméneutique II*. Paris: Éditions du Seuil, 1986.

RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70, 2019.

SOUZA, Ney. Da Igreja doméstica à paróquia: Aspectos históricos das origens à atualidade da paróquia. *Revista de Cultura Teológica*. São Paulo: PUC-RS, v. 22, n. 83, 2014. pp. 159-172.

TAVARES, Manuel. Paul Ricoeur e um novo conceito de interpretação: da hermenêutica dos símbolos à hermenêutica do discurso. *Veritas*. Porto Alegre: PUC-RS, v. 63 n. 2, 2018. pp. 436-457. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/30078>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

---

<sup>1</sup> Até o encerramento deste artigo, das 45 Arquidioceses, 8 não dispunham de notas em seus sites. Fez-se tratativas solicitando as respectivas notas, mas os secretariados dos bispados não forneceram. A dioceses são: Paraíba (PB), Pouso Alegre (MG); Ribeirão Preto (SP); Santa Maria (RS); Rio de Janeiro (RJ); Teresina (PI) e São Luís do Maranhão (MA).

*Recebido em 14/10/2020*

*Aceito para publicação em 16/02/2021*

# **Pandemia no Século XXI: o discurso religioso e científico em periódicos adventistas**

Pandemic in the 21st Century:  
religious and scientific discourse in adventist journals

Carlos Antônio Teixeira\*

Francisco Luiz Gomes de Carvalho\*\*

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-10>

## Resumo

Este artigo resulta de pesquisa documental em fontes primárias empreendida nas edições de abril de 2020 dos periódicos denominacionais *Revista Adventista*, *Revista Vida e Saúde* e na edição especial da *Revista Sinais dos Tempos*. Acessamos as edições utilizando os descritores *coronavírus*, *covid-19* e *pandemia* que apresentou um total de cento e sete ocorrências. O objetivo que conforma a pesquisa é apresentar os discursos científico e religioso postos em circulação nos periódicos, a fim de indicar a relação entre ciência e religião. Cabe informar que os dados resultantes da mesma recebem nesse texto um tratamento de análise tendo com referenciais teóricos Even-Zohar (2013), Martino (2003), Bardin (2011), Chartier (2003) no que se refere às *estratégias editoriais* e Barbour (2004) acerca da relação entre *ciência e religião*. O uso que fazemos das categorias de Barbour (2004) se dá nos moldes da *apropriação tópica* (Catani; Catani; Pereira, 2001).

Palavras-chave: Adventista. Ciência. Periódico. Religião.

## Abstract

This article is the result of documentary research on primary sources undertaken in the April 2020 editions of the denominational periodicals *Revista Adventista*, *Revista Vida e Saúde* and in the special edition of *Revista Sinais dos Tempos*. We accessed the editions using the descriptors *coronavirus*, *covid-19* and *pandemic*, which had a total of one hundred and seven occurrences. The objective of the research is to present the scientific and religious discourses put into circulation in the journals, in order to indicate the relationship between science and religion. It is worth mentioning that the data resulting from it receive an analysis treatment in this text, with theoretical references Even-Zohar (2013), Martino (2003), Bardin (2011), Chartier (2003) with regard to *editorial strategies* and Barbour (2004) about the relationship between *science and religion*. The use that we make of the categories of Barbour (2004) occurs along the lines of *topical appropriation* (Catani; Catani; Pereira, 2001).

Keywords: Adventist. Science. Periodical. Religion.

---

\*Pós-Doutorado pela Escola de Comunicação e Artes (ECA) e doutor em Saúde Pública pela da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Ensino em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e graduado em Pedagogia pela USP. E-mail: carlostx.br@gmail.com.

\*\*Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e mestre em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduado em Pedagogia na UNIP e em Teologia na FADBA). Docente do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), campus capital. E-mail: francisco.luiz@unasp.edu.

## **Introdução**

O ano de 2020 se assemelhou àqueles que entraram para a história da humanidade e, neste caso, por conta de uma pandemia cujos efeitos se fizeram notar em diversas áreas da sociedade. Segundo Schwarcz (*apud* Brandalise; Rovani, 2020), a pandemia de coronavírus (covid-19) que assolou o mundo era o símbolo que faltava para marcar o fim do século XX, que foi o século da tecnologia. Especialistas, por sua vez indicam que o mundo pós-pandemia será marcado pelo “novo-normal” no qual as transformações passarão pela política, economia, negócios, relações sociais, cultura, psicologia social, além da relação com a cidade e o espaço público (Oliveira; Lucas; Iquiapaza, 2020; Ghebreyesus, 2020).

No entanto, algo que tem grande debate refere-se à relação ciência e religião, que tem se apresentado de forma destacada nos tempos atuais (Barmania; Reiss, 2020), especialmente no Brasil. Por aqui, a relação entre esses dois campos de conhecimento ganhou contornos de batalha ideológica em diversos espaços da sociedade, seja por aqueles que se empenham em ir contra a ciência em alguns momentos valendo-se do discurso religioso, ou mesmo por outros que evocam os cânones da ciência em oposição à religião. Enquanto a discussão é pendular entre os extremos, há os que indicam a falta de ciência, enquanto outros denunciam a ausência da religião (Deus). Dada a situação por vezes problemática entre ciência e religião, em especial nos recônditos evangélicos, no artigo em tela nos propomos a identificar o discurso científico e religioso acerca da pandemia (Covid-19) em periódicos adventistas a fim de indicar as marcas da relação entre ciência e religião.

Ao abordar a mídia e sua relação com o poder simbólico, Martino (2003) informa que os periódicos religiosos obedecem a critérios específicos de cada denominação, tanto quanto à composição temática quanto ao ordenamento interno. Uma intencionalidade subjacentemente denominacional permeia a edição dos periódicos a fim de que os mesmos promovam uma reflexão sobre a realidade de acordo com os interesses do grupo produtor, sendo o foco dessa verdade direcionado para onde é mais conveniente (Martino, 2003).

Os periódicos denominacionais transmitem mensagens educativas por meio de suas páginas. Para isso se valem de parâmetros léxico-gramaticais com-

patíveis com o capital cultural dos leitores. Sendo assim, é possível compreender que os periódicos se constituem como veículos difusores de ideais de conduta, modos de pensamento e visão de mundo. Por meio das publicações, as igrejas tipificam papéis sociais para distintos atores (fiéis, opositores, instituições).

Ao se referir ao conjunto de atividades demarcadoras do sistema literário, Even-Zohar (2013) destaca que o conjunto é conformado por uma interdependência de alguns elementos, a saber: o produtor (o escritor), o consumidor (o leitor), a instituição (casas editoriais, periódicos, clubes, igrejas, academias, governo etc), o mercado (fatores envolvidos no comércio de produtos literários), o repertório (regras e materiais que regem a produção), o produto. Ao compreendermos as relações que são entrelaçadas no âmbito das publicações, seja de autores, editores, leitores ou qualquer outro componente presente neste circuito, Chartier (2003) destaca que as estratégias editoriais balizam o processo tipográfico e tem desdobramentos para algo muito mais subjacente do que se possa imaginar. Desta forma, ressaltamos que:

as estratégias editoriais engendram, portanto, de maneira despercebida, não uma ampliação progressiva do público do livro, mas a constituição de sistemas de apreciação que classificam culturalmente os produtos da imprensa, fragmentando o mercado entre clientelas supostamente específicas e desenhando fronteiras culturais inéditas (Chartier, 2003, p. 129).

Nas últimas décadas, as pesquisas historiográficas têm recorrido a uma profusão de fontes documentais, de modo que os periódicos denominacionais têm se mostrado importantes fontes como objeto de pesquisa. Nas páginas deste artigo, este tipo de publicação é apreendido como fonte de pesquisa a fim de indicar os elementos marcadores da explicitação da relação ciência e religião conforme apresentadas nas páginas das edições consultadas. As relações entre religião e ciência que aqui serão apresentadas não são tratadas do ponto de vista histórico, mas sim nos termos da conjuntura da época da pandemia de coronavírus (Covid-19), numa sociedade ocidental fortemente influenciada e construída sobre as bases da tradição cristã com destaque para a comunidade adventista. Para tanto, é pertinente indicar mesmo que em linhas gerais as concepções de Barbour (2004), posto que nos oferece referência teórica para o tratamento dos dados e baliza análises aqui elencadas. Barbour (2004) sustenta que as relações entre ciência e

religião podem ser compreendidas a partir de quatro posicionamentos: *conflito*, *diálogo*, *independência* e *integração*.

O *conflito* é representado por pessoas com os pontos de vista extremados que, em geral, se tratam como inimigas e tem na mídia um importante palanque para o acirramento das posições. No que se refere ao *diálogo*, nota-se uma aproximação cuja ênfase recai na procura pela identificação de semelhanças entre as áreas de conhecimento sejam nas analogias, os métodos e modelos conceituais empregados. Em geral, o diálogo se dá nas questões-limite de fronteira. Referente à *independência*, os que advogam essa posição afirmam que ciência e religião coexistem em separado, sendo estranhas e cuja relação se dá pela manutenção da distância de uma para outra. Em síntese, defende-se a ideia de que a ciência lida com fatos objetivos e investiga como as coisas funcionam. Nessa direção, a religião se limita aos valores de vida e o sentido último da pessoa humana. A posição da *integração* é considerada a mais amigável entre os campos de conhecimento e a base que alicerça a parceria entre religião e ciência de modo sistemático e abrangente. Sob essa perspectiva de abordagem, a integração advoga a necessidade de uma reformulação de certas crenças à luz das descobertas da ciência (Sanches; Danilas, 2012). Nas páginas deste artigo, nos valem das categorias de análise de Barbour (2004) nos moldes da apropriação tópica, o que implica em afirmar que nessa

[...] forma de apropriação, as aquisições conceituais [...] são mobilizadas, com maior ou menor intensidade, para reforçar argumentos ou resultados obtidos e desenvolvidos num quadro terminológico que não necessariamente é o do autor (Catani; Catani; Pereira, 2001, p. 65).

Também nos valem dos pressupostos teóricos advindos da análise de conteúdo com ênfase no enunciado propostos por Bardin (2011), segundo os quais é possível considerar a produção da palavra como um processo que parte do princípio de que o discurso não é um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração de modo a conformar o entendimento dos objetivos identificando resultados e interpretações. Sendo assim, procuramos identificar a frequência ou a constância de algumas unidades/categorias para fazer inferências e indicar os significados contidos no texto a partir de indicadores objetivos (Chizzotti, 2010). Nestes termos, partimos do pressuposto de que o texto con-

têm sentidos e significados que podem ser aprendidos por um leitor que interpreta a mensagem contida nele por meio de técnicas sistemáticas apropriadas.

### Primeiras aproximações: uma perspectiva metodológica

Neste artigo empreendemos uma pesquisa documental de abordagem qualitativa a fim de apresentar o discurso científico e religioso referente à pandemia em 2020. Para tanto, recorreremos aos periódicos denominacionais da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), a saber: *Revista Adventista* (RA), *Revista Vida e Saúde* (RVS) e ao número especial da *Revista Sinais dos Tempos* (RST) buscando identificar a relação entre ciência e religião esboçada nesses periódicos. No que se refere à metodologia aplicada para esta pesquisa informamos que a mesma consistiu em acessar as edições a partir da busca filtrada por descritores, analisar detalhadamente o conteúdo das revistas acima referidas em suas diferentes seções e apresentar o posicionamento acerca da relação ciência e religião conforme indicada nos periódicos.

Figura 1: Capas das revistas pesquisadas (RA e RVS, abril de 2020 e RST edição especial)



Fonte: <https://mais.cpb.com.br/revistas/>. Acesso em 20 de julho de 2020

As revistas que utilizamos como fonte de pesquisas são periódicos denominacionais adventistas e têm público específico direcionado ao alcance. A *Revista Adventista*<sup>1</sup> é direcionada ao público denominacional (membros em geral) e no caso específico deste periódico sua história de publicação em território nacio-

nal remonta aos primeiros anos do século XX. A publicação da *Revista Vida e Saúde* remonta ao ano de 1939<sup>2</sup> e em seu site há a seguinte informação referente à proposta editorial<sup>3</sup>: “divulga ciência com foco na saúde preventiva. Tem como filosofia editorial ‘oito remédios naturais’<sup>4</sup> e promove a saúde por meio da reeducação alimentar”. Com essa proposta editorial o alcance do público se amplia para leitores além da comunidade adventista. Por sua vez, a *Revista Sinais dos Tempos* se configura como periódico eminentemente de caráter evangelizador e o início de sua publicação no Brasil se deu ainda nas primeiras décadas do século XX. Já a versão denominacional da matriz estadunidense, inspiração para a publicação nacional, data do século XIX, com publicação mensal vigente, cujo título é *The Signs of the Times*<sup>5</sup>.

Tendo acessado as edições no sítio eletrônico da Casa Publicadora Brasileira, editora que publica as referidas revistas, utilizamos o recurso de busca aplicado aos textos inserindo os seguintes termos: coronavírus, covid-19 e pandemia. Como resultado, na edição da *RA* tivemos um total de cinquenta ocorrências, sendo: a) coronavírus (20), covid-19 (07) e pandemia (23). Na *RVS* constatou-se a ocorrência de dezenove registros: coronavírus (14), covid-19 (2) e pandemia (3). Já a edição especial da *RST* apresentou a presença dos termos coronavírus (13), covid-19 (21) e pandemia (4), num total de trinta e oito ocorrências. Abaixo segue uma tabela com a disposição dos dados para uma melhor visualização.

Tabela 1

PERIÓDICOS	DESCRITORES			TOTAL
	Coronavírus	Covid-19	Pandemia	
Revista Adventista –RA	20	07	23	50
Revista Sinais dos Tempos –RST	13	21	04	38
Revista Vida e Saúde –RVS	14	02	03	19

Fonte: Tabela criada pelos autores

### O discurso científico e religioso

Empreendemos uma exposição do discurso religioso e científico de cada uma das edições dos periódicos com a finalidade de identificar os indícios que nos sugerem apontar a relação entre ciência e religião e como tal se constitui. Sendo assim, detemo-nos àqueles artigos que compõem as edições pesquisadas

com especial destaque aos que se apresentam como indicativos da relação objeto de nossa pesquisa. Tal critério encontra-se justificado na escrita do artigo quando aborda cada uma das edições selecionadas.

No que se refere à edição especial da *Revista Sinais dos Tempos* temos um total de trinta e oito ocorrências dos termos *coronavírus* (13), *covid-19* (21) e *pandemia* (04). Destacam-se nesta edição os seguintes artigos: *Covid-19: definição da doença*; *A Covid-19 é o fim do mundo?*; *Prevenção e Imunidade*. Cabe ressaltar que os artigos informados não apresentam uma autoria, no entanto é feita uma indicação dos colaboradores da edição, a saber: Mark Finley (teólogo adventista), Lyndi Schwartz (médica, membro do American College of Physicians) e Rebecca Barnhurts (nutricionista).

O artigo que abre a edição especial da *RST* tem por título *Covid-19: definição da doença*. Nele são apresentadas algumas informações acerca do contexto sociohistórico que compreende o surgimento da doença e sinaliza o avanço em proporções globais no que tange ao contágio. Uma definição é dada e, para tal, recorre-se ao que a Organização Mundial de Saúde (OMS) sustenta afirmando ser essa “uma doença infecciosa causada por um tipo recém-descoberto de coronavírus” (*Sinais dos Tempos*, 2020, p. 02). Para além de uma visão geral sobre a *Covid-19*, o artigo sinaliza os sintomas e o poder de propagação do vírus, todavia um alerta é posto em destaque:

Um dos principais desafios dessa doença é que ela consegue se espalhar por meio de pessoas assintomáticas. [...] não apresenta nenhum dos sintomas clássicos e que continua a viver normalmente com a doença, mas, sem saber, está infectando outros (*Sinais dos Tempos*, 2020, p. 04).

Algumas imagens foram estrategicamente selecionadas para ilustrar o artigo que ressalta a ciência enquanto fonte de conhecimento confiável, seja pela pesquisa ou pela aplicação prática do conhecimento científico no tratamento de enfermidades. Destacamos o quadro síntese que é apresentado no artigo em questão, no qual duas colunas apresentam as informações: *Sintomas da Covid-19* e *Para se proteger*. Neste caso, a proposta editorial que baliza o artigo encontra seu ponto central na exposição do quadro que, sob nossa ótica apresenta conhecimento e busca instrumentalizar o leitor para identificação de sinais que

indiquem um possível diagnóstico, bem como promove a circulação de conhecimento de matriz preventiva.

Figura 2

<b>Sintomas da Covid-19</b>	<b>Para se proteger</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Febre</li> <li>* Tosse seca</li> <li>* Cansaço</li> <li>* Produção de muco</li> <li>* Falta de ar</li> <li>* Dor muscular ou nas juntas</li> <li>* Dor de garganta</li> <li>* Dor de cabeça</li> <li>* Calafrios</li> <li>* Náusea ou vômito</li> <li>* Congestão nasal</li> <li>* Diarreia</li> <li>* Perda temporária do paladar e do olfato</li> </ul> <p>Os sintomas mais comuns da Covid-19 coincidem com os da gripe ou do resfriado. Por isso, também é importante saber o que a Covid-19 tem de diferente: ela raramente gera coriza.</p>	<p>As recomendações do Ministério da Saúde para a prevenção são as seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Lave com frequência as mãos até a altura dos punhos com água e sabão, ou então higienize com álcool em gel 70%.</li> <li>* Ao tossir ou espirrar, cubra nariz e boca com lenço ou com o braço, e não com as mãos.</li> <li>* Evite tocar olhos, nariz e boca com as mãos não lavadas.</li> <li>* Ao tocar nessas partes do corpo, lave sempre as mãos, como já indicado.</li> <li>* Mantenha uma distância mínima de 2 metros de qualquer pessoa de fora da sua casa.</li> <li>* Evite abraços, beijos e apertos de mãos. Adote um comportamento amigável sem contato físico, mas sempre com um sorriso no rosto.</li> <li>* Higienize com frequência seu celular e os brinquedos das crianças.</li> <li>* Não compartilhe objetos de uso pessoal, como talheres, toalhas, pratos e copos.</li> <li>* Mantenha os ambientes limpos e bem ventilados.</li> <li>* Evite circulação nas ruas, estádios, teatros, shoppings, shows, cinemas e igrejas. Se puder, fique em casa.</li> <li>* Se estiver doente, evite contato físico com outras pessoas, principalmente idosos e pessoas do grupo de risco, e fique em casa até melhorar.</li> <li>* Durma bem e tenha uma alimentação saudável.</li> <li>* Quando sair de casa utilize máscaras caseiras ou artesanais feitas de tecido.</li> </ul> <p><small>Fonte: coronavírus.saude.gov.br</small></p>	

Fonte: Revista Sinais dos Tempos (2020, p. 05).

Informações acerca dos riscos de contágio e de morte são compartilhadas na parte final do artigo que se encerra com uma chamada para o artigo seguinte, *Prevenção e Imunidade*, de modo que o leitor seja direcionado a compreender que este último é a continuidade imediata do anterior. O artigo é iniciado com a seguinte frase: “Todos que têm pulmões estão suscetíveis à doença. Sem dúvida, você está preocupado com o que pode fazer para evitar a Covid-19, então abordaremos a questão com base em duas perspectivas: prevenção e imunidade” (Sinais dos Tempos, 2020, p. 05). Se bem que a ciência é a baliza para as informações que são postas em circulação na edição do periódico, no artigo *Prevenção e Imunidade* ela é apresentada na sua perspectiva mais pragmática de orientações para o cuidado cotidiano. Um dos tópicos que conforma a escrita do artigo destaca informações sobre o sistema imunológico, acerca do qual se propõe a premissa:

Se você desenvolver um sistema imunológico robusto, não só diminuirá o risco de contrair o vírus, como também, se for contami-

nado, a tendência será manifestar sintomas mais leves e se recuperar mais rapidamente (Sinais dos tempos, 2020, p. 07).

A abordagem da temática referente ao sistema imunológico se mostra como cunha da estratégia editorial de trazer à luz o discurso denominacional de estilo de vida propagado pelo Adventismo, que se encontra referido especialmente na mensagem dos oito remédios naturais. Desta forma, o artigo relaciona algumas dicas para o fortalecimento do sistema imunológico, tais como: 1) Descanse o suficiente; 2) Cultive uma alimentação saudável; 3) Beba bastante água; 4) Respire ar puro e faça exercícios; 5) Tome banho quente e frio. Nesse esteio e, visto que a descoberta de medicamentos antivirais ainda se encontra no horizonte das pesquisas científicas, o artigo conclui que “[...] o melhor caminho é enfatizar a prevenção e o uso dos remédios naturais que chamamos de princípios divinos de saúde” (Sinais dos Tempos, 2020, p. 09).

No artigo *A Covid-19 é o fim do mundo?*, percebe-se que o pêndulo da tônica se move notadamente em direção ao eixo do discurso religioso que revela nuances da perspectiva apocalíptica, mas que se funda na exposição da origem das doenças na Terra e na explicação da palavra “peste” conforme ocorrência na Bíblia e sistematização de quatro significados em que o termo é empregado. O tópico *Sinal do retorno de Cristo?* encerra o artigo e apresenta a compreensão denominacional relacionada aos eventos escatológicos buscando relacionar a pandemia de Covid-19 como sendo mais um dos sinais que apontam para o fim do mundo conforme entendimento adventista acerca dos livros bíblicos, Daniel e Apocalipse.<sup>6</sup>

Eventos como esses indicam que o tempo está se esgotando e que estamos vivendo muito próximos do estabelecimento final do reino de Cristo. O cenário está sendo montado para o clímax de acontecimentos descritos nos livros proféticos de Daniel e Apocalipse (Sinais dos tempos, 2020, p. 12).

Diante dessa exposição referente à presença do discurso científico e religioso constante na edição especial da *Revista Sinais dos Tempos* é possível assinalar a estratégia editorial de promover a circulação de informações científicas, especialmente aquelas que podem ser apreendidas pelo público leitor. De certa forma, os editores buscam delinear a função do periódico na divulgação científica a fim de que os leitores sejam instrumentalizados com orientações de saúde. Ao mesmo tempo em que fazem circular conhecimento científico, os editores do peri-

ódico destacam o caráter ainda inconclusivo dos estudos relacionados à doença, além do que sugerem a seguinte direção: “o melhor caminho é enfatizar a prevenção e o uso dos remédios naturais que chamamos de princípios divinos de saúde” (Sinais dos Tempos, 2020, p. 09).

Outra faceta da estratégia editorial é apresentar o discurso religioso como sendo aquele cuja verdade é absoluta e, cujo entendimento denominacional afiança uma elaborada compreensão da realidade. Neste esteio, a temática da religião se vale do conhecimento científico como contraponto à reflexão referente ao contexto sociohistórico numa intrincada confluência entre saberes religiosos e interesse na ciência sem que a convergência entre as áreas de conhecimento seja objetivo primordial, todavia subjaz uma intencionalidade de estabelecimento de pontos de ancoragem cujo destaque é a exaltação do discurso religioso, conforme entendido denominacionalmente.

No que toca à edição de abril da *Revista Adventista*, a contagem dos termos *coronavírus* (20), *covid-19* (07) e *pandemia* (23) totaliza a ocorrência de cinquenta vezes ao longo das páginas do periódico. A grande parte da ocorrência se concentra em três seções da edição: Editorial, Matéria de capa e Bem-estar. A seção *Editorial* é assinada por Marcos De Benedicto e tem por título *Virus Letal*. A matéria de capa intitula-se *Como Interpretar a Pandemia* e foi escrita por Glauber S. Araújo. Por sua vez, o artigo que figura na seção Bem-estar tem como título *Coronavírus* e é assinado pelos autores Peter Landless e Zeno L. Charles-Marcel.

O editorial *Virus letal* escrito por Benedicto (2020) dispõe informações científicas acerca da doença possibilitando entendimento ao leitor, especialmente acerca dos índices de letalidade da Covid-19 quando comparados com a SARS e a MERS<sup>7</sup> que são outras doenças virais causadas por diferentes coronavírus. Ainda em seu arcabouço de divulgação científica, Benedicto (2020) promove uma investida aligeirada na história das pandemias que já assolaram a humanidade.

Em 1918, a gripe espanhola contaminou mais de 500 milhões de pessoas e matou 50 milhões. A peste negra, cujo pico na Europa ocorreu entre 1347 e 1351, deixou entre 75 e 200 milhões de mortos. Matou de 30 a 60% da população da Europa da época. Somente na Inglaterra, cerca de mil vilas foram dizimadas (Benedicto, 2020, p. 02).

Nos encaminhamentos que sinalizam o final do texto do editorial, Benedicto (2020) sugere três ações a serem empreendidas no cenário que ele denomina

de desolação, a saber: a) continuidade da observância e ensino da mensagem de saúde; b) oferta de racionalidade, serviço e solidariedade; 3) lembrança de quem trouxe a cura para o pior vírus da história. Benedicto (2020) relaciona textos bíblicos (Rm 3:23; 6:23) a uma citação de Ellen G. White destacando que “[...] foi Jesus quem enfrentou nosso ‘supercoronavírus’ com a missão de descontaminar o Universo. O sangue Dele é a única vacina para essa doença mortal (p. 02).

A matéria de capa *Como Interpretar a Pandemia: ajustando nossa sensibilidade apocalíptica em tempos de crise do coronavírus* é assinada por Glauber S. Araújo e ocupa as páginas doze a quinze. O artigo em questão é proposto para oferecer respostas à seguinte pergunta: “Essa pandemia é um dos sinais dos tempos?” (Araújo, 2020, p. 12). No artigo, o discurso religioso identifica os adventistas como “[...] movimento profético que constantemente busca se manter atento ao cumprimento da profecia” (Araújo, 2020, p. 12) e, para tanto enfatiza a importância de evitar conclusões precipitadas ou alarmistas.

Dentre os tópicos delineados no artigo, Araújo (2020) nomeia aquele que finaliza o texto: *O Cenário Escatológico*. É nele onde o autor concentra as suas principais considerações. Informando que “[...] nosso objetivo ao chamar a atenção das pessoas para esses desastres naturais não deve ser o de criar alarmismo, mas mostrar que ainda não é o fim [...]” (p. 15). O destaque é posto nas oportunidades de evangelização que se abrem neste contexto de pandemia e que, por sua vez, devem orientar as atividades missionárias da membresia.

Momentos de epidemia como o que estamos vivenciando podem oferecer uma oportunidade única para alcançar pessoas que, em circunstâncias normais, nunca dariam ouvidos ao convite do evangelho eterno (Araújo, 2020, p. 15).

Neste contexto, a temática da pandemia é retratada como esboço para proporcionar aos leitores um aprofundamento da visão escatológica adventista, bem como pôr em circulação informações que atuem na contenção da pluralidade de interpretações bíblicas e no uso de textos de Ellen G. White sem a chancela da hermenêutica denominacional. Seguindo nessa direção, é possível afirmar que a denominação se vale de seu periódico oficial para destacar seu discurso religioso com vistas à inibição de dissonâncias na mensagem adventista que devem ter despontado nos mais diversos espaços e lugares. Indicativo dessa realidade é apresentado ainda na parte inicial do artigo, quando Araújo (2020) afirma:

Essas são apenas algumas das várias conjecturas que surgiram nas redes sociais durante os últimos meses. Afloraram também textos de Ellen White procurando explicar o papel das pandemias no palco escatológico ou identificando o autor por trás de toda essa calamidade (p. 12).

A estratégia editorial que conforma a publicação dessa edição da *Revista Adventista* se afirma no artigo de Araújo (2020), pois é a referência imediata ao artigo de chamada na capa, *A causa do vírus: uma visão teológica sobre a atual pandemia*. Apesar das imagens selecionadas para ilustrar a capa e o artigo da matéria principal, tanto o texto de Benedicto (2020) quanto o de Araújo (2020) apresentam poucas informações científicas referentes à doença e o tratamento indicado, de forma que o que se afirma é um uso apropriado das poucas informações científicas a serviço da estratégia editorial de afirmação do discurso religioso em alinhamento à hermenêutica denominacional.

Por fim, ainda referente à edição da *Revista Adventista* nos detemos a seção *Bem-estar* que traz o artigo *Coronavírus: como se proteger da nova pandemia* assinado por Landless e Charles-Marcel (2020), publicado na página trinta e cinco. É pertinente informar que os autores têm formação na área de saúde, Peter Landless é cardiologista e Zeno L. Charles-Marcel é clínico geral. O artigo se apresenta como um guia rápido de informações sobre a doença trazendo um breve contexto histórico do surgimento do vírus, além do que elenca informações sobre o contágio, transmissão e principais sintomas. Realce é feito sobre o grupo de pessoas consideradas vulneráveis ao vírus e um alerta é emitido acerca do tratamento e da probabilidade de imunização advinda de uma vacina.

Ainda não há disponibilidade de medicamento antiviral específico nem de vacina, restando apenas proceder com o tratamento dos sintomas. Apesar de ser prioridade, a produção de uma vacina pode demorar até 2021, a fim de que sua eficácia e segurança sejam comprovadas (Landless; Charles-Marcel, 2020, p. 35).

Um esclarecimento é destacado em relação ao significado do termo *pandemia*, o que pode sugerir a circulação de interpretações distorcidas acerca do mesmo. Tendo em vista, que quando o artigo foi publicado no mês de abril (2020) ainda era difícil precisar a taxa de mortalidade da covid-19 devido à provável subnotificação dos casos, Landless e Charles-Marcel (2020) apontam que “[...] a estimativa é de 2 a 3%, índice menor que o H1N1, por exemplo” (p. 35). O breve artigo se encerra com a indicação de algumas “recomendações internacionais”

para proteção e que sendo seguidas poderiam contribuir para prevenir o contágio: 1) Higiene pessoal; 2) Etiqueta social; 3) Cuidado pessoal. O tom positivo e religioso marca a parte final do artigo: “Há uma conscientização mundial em torno do problema. Por isso, este não é o momento para entrar em pânico, mas sim para se proteger e confiar em Deus” (Landless; Charles-Marcel, 2020, p. 35).

Acerca deste artigo, dentre as ponderações que podem ser esboçadas destaca-se a escrita cautelosa e moderada que baliza a disposição das informações, como também a secundarização do discurso religioso. É possível que essa demarcação esteja relacionada aos cargos ocupados pelos autores na hierarquia administrativa denominacional, posto que Landless e Charles-Marcel são respectivamente Diretor e Diretor Associado do Ministério da Saúde da sede mundial adventista. De fato, para uma denominação religiosa com presença em muitos países dos mais diversos continentes e com uma membresia marcadamente multicultural, a dupla de autores promove a circulação de conhecimento científico na sua dimensão mais simples com a finalidade de possibilitar fácil guarida entre os adventistas, além do que se resguarda de críticas ao não abordar outras dimensões desse saber científico em sua relação com o objeto de estudo em questão. Ao aplicarmos o recurso de busca por meio dos descritores (coronavírus, covid-19 e pandemia) na edição de abril de 2020 da *Revista Vida e Saúde* encontramos um total de dezenove ocorrências, sendo os seguintes registros: *coronavírus* (14), *covid-19* (2) e *pandemia* (3). Quando comparado ao número de ocorrências nas outras edições pesquisadas, na RVS é a que se dá a menor ocorrência.

Com relação ao artigo anunciado na capa da RVS, há uma representação asiática na foto de uma jovem com máscara. No texto que acompanha a chamada do artigo, destaca-se: *Coronavírus: lições de uma pandemia*. Curiosamente o artigo é publicado na sua íntegra sob o título *Made in China*. O artigo foi escrito por Liziane Nunes Conrad Costa e se encontra entre as páginas oito a treze da referida edição. A matéria *Made in China* apresenta a ocorrência de treze dos catorze registros do termo *coronavírus* dispostos na edição. No que se refere ao termo *pandemia*, as três ocorrências na edição foram identificadas neste artigo. Já o termo *covid-19* tem dois registros na edição, sendo um deles no Editorial e a outra ocorrência no artigo *Made in China*. Assim sendo, com base no quantitativo dos registros elencados e dada a presença expressiva do termo *coronavírus* no artigo em questão nos restringimos à análise do mesmo.



Numa breve introdução, algumas informações são apresentadas ao leitor e elas dão conta de dados referentes à China, de modo a evidenciar que acontecimentos ocorridos na China tiveram repercussões mundiais, tanto no âmbito comercial como na área da saúde. Tanto que,

O novo coronavírus 2019-coV foi capaz de suscitar uma agitação de ordem social e econômica mundial, refletindo em especulações sobre colapsos na assistência médica e a ascensão de uma pandemia mortal, disseminando pânico e medo (Costa, 2020, p. 08).

O texto escrito por Costa (2020) tem a sua forma organizada em três tópicos abrangentes: *Um berçário de epidemias*; - *Exótica e perigosa*; - *Dos animais para o ser humano*. O artigo é concluído por um subtópico com o seguinte título: *6 atitudes humanas que favorecem o desenvolvimento de doenças*. Uma linha cronológica é apresentada na borda inferior das páginas dez a treze com informações relacionadas às “declarações de emergência nos últimos anos”. Chamamos ainda a atenção para a exposição de um “gráfico comparativo entre número de casos e mortes de SARS e do novo Coronavírus” constante nas páginas doze e treze.

Ao dispor informações que constam no tópico *Um berçário de Epidemias*, Costa (2020) apoia a sua argumentação em dados advindos de um artigo<sup>8</sup> publicado na revista *Lancet* em 2008 que indicam que a China pode ser considerada “[...] como um dos principais contribuintes para a carga mundial de doenças infecciosas” (Costa, 2020, p. 08). Conforme sugere Costa (2020), dentre outros aspectos isso se deve especialmente ao fato de que os chineses têm uma gastronomia exótica na qual “[...] o hábito de consumir carne de qualquer gênero animal pode ter relação direta com a emergência de doenças” (Costa, 2020, p. 08). Afinal, a carne desses animais é ofertada em mercados que “[...] não possuem um controle de vigilância sanitária, o que favorece ainda mais a proliferação de micro-organismos e a propagação de doenças” (Costa, 2020, p. 08).

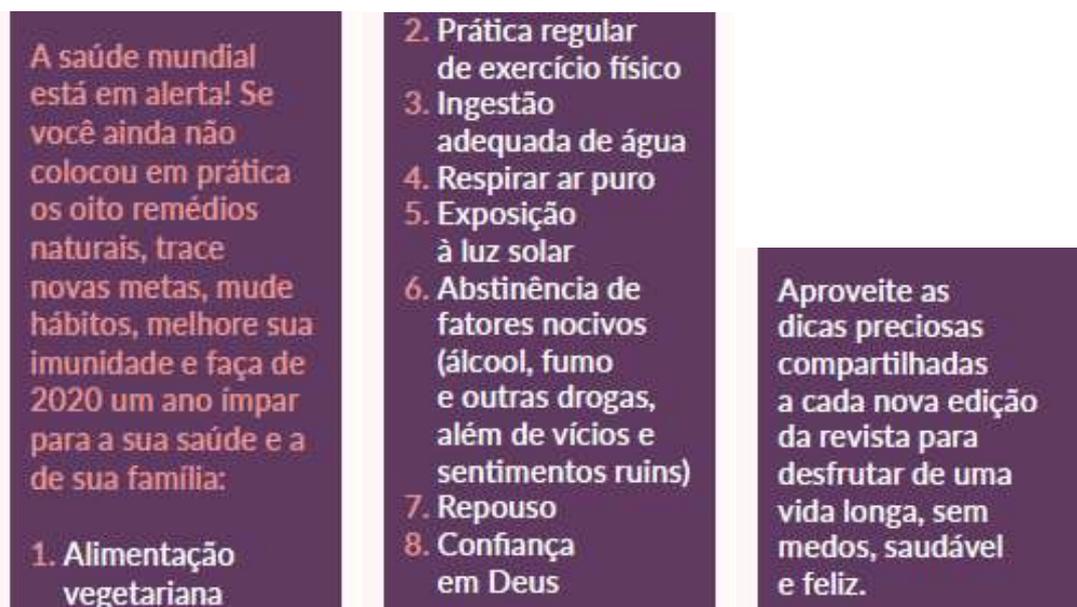
Ao abordar o tópico *Dos animais para o ser humano*, Costa (2020) recorre aos dados de pesquisa publicada na Revista *Emerging Infectious Diseases*<sup>9</sup> em 2007 cujo relatório<sup>10</sup> informa que “[...] mais de 75% das doenças humanas emergentes do último século são de origem animal” (COSTA, 2020, p. 09). A autora faz alusão a uma campanha lançada pelo governo chinês em 2015 com o objetivo de conscientizar a população sobre a propagação de viroses provocadas pela inges-

tão de animais ‘raros’ (p. 09). De acordo com Costa (2020), a Organização Mundial de Saúde (OMS) vem alertando sobre o aumento no ritmo do surgimento de doenças infecciosas.

Na continuidade do artigo, Costa (2020) informa que a “fragilidade de um grupo de pessoas para um patógeno depende não só de sua virulência e velocidade de transmissão, mas também da imunidade da população” (p. 12). Assim que, a autora encaminha sua argumentação destacando que a adoção de hábitos saudáveis fortalece o sistema imunológico deixando o “[...] corpo ‘preparado’ para se defender de invasores microscópicos” (Costa, 2020, p. 12). A autora destaca a relevância da *Revista Vida e Saúde* que nos últimos oitenta anos vem “[...] divulgando a ciência com foco na saúde preventiva” (Costa, 2020, p. 13). Para tanto, recorre à filosofia editorial da revista como base para a promoção da saúde por meio da reeducação de hábitos com ênfase na apropriação e prática dos “oito remédios naturais” (Costa, 2020, p. 13).

Ainda compondo as páginas do artigo *Made in China* na edição pesquisada da RVS, Costa (2020) apresenta *Seis Atitudes que Favorecem o Desenvolvimento de Doenças*, a saber: 1) sexo extraconjugal, casual e sem proteção; 2) Maus hábitos de saúde; 3) Uso indiscriminado de antimicrobianos (antibióticos); 4) Descaso com o meio-ambiente; 5) Relutância para vacinação; 6) Consumo de alimentos cárneos. Acompanha em cada um desses tópicos uma exposição concisa de informações científicas que foram selecionadas por conterem dados que fundamentam a sua inclusão no artigo em questão. Conforme indicado anteriormente, o artigo apresenta uma linha cronológica referente às “declarações de emergência nos últimos anos” e um “gráfico comparativo entre o número de casos e mortes de SARS e do novo Coronavírus”. Ao final, há uma chamada editorial para que os leitores adotem em seu estilo de vida aqueles hábitos que são considerados os “oito remédios naturais”, apresentados no quadro a seguir.

Figura 3



Fonte: Revista Vida e Saúde (2020, p. 13).

Alguns indícios nos permitem afirmar que o artigo *Made in China* apresenta em seu escopo informações que procedem de lavra da própria autora, bem como outras que resultam de inserção advinda de textos dos editores da revista. Enquanto este dado pode ser referido como hipótese de nossa parte, ele é indicador de uma estratégia editorial cujas nuances só são percebidas na leitura mais atenta e criteriosa. É pertinente, assinalar que como matéria de capa da edição, o artigo *Made in China* é utilizado como ponto de convergência para a exposição da maior quantidade possível de informações/dados que corroboram para enaltecer a linha editorial do periódico. Exemplaridade desta afirmação pode ser aludida inclusive no texto do artigo que se mostra comprometido com a filosofia editorial e culmina na afirmação da mesma.

Nestes termos, afirmamos que a edição da RVS em questão, evidencia o poder da comunicação que neste caso se calca por meio da (in)formação e que se utiliza de recursos editoriais para fomentar a modificação de significados que as pessoas atribuem na relação com o mundo. Ou seja, é “[...] através da modificação de significados, [que] a comunicação colabora na transformação das crenças, dos valores e dos comportamentos” (Bordenave, 1982, p. 92).

O periódico denominacional *Revista Vida e Saúde* é instrumentalizado no projeto de evangelização adventista por meio das publicações, todavia neste caso

atuando de forma indireta. Em suas páginas não tremula a bandeira da defesa das doutrinas bíblicas professadas pelos adventistas, mas sim a circulação do discurso religioso que em alguns momentos se transveste de científico e, em outros momentos dialoga com a ciência para a exaltação da mensagem adventista no que diz respeito ao estilo de vida e das premissas do viver saudável. Desta maneira, ciência e religião são postas em diálogo em função da afirmação da estratégia editorial denominacional que se vale do periódico como instrumento de evangelização indireta. A divulgação científica no contexto da pandemia é orientada pelo objetivo de conformação da mentalidade denominacional que subtrai elementos escatológicos e acrescenta informações/dados científicos caracterizando-se como importante elemento a ser apropriado no uso do poder da (in)formação.

### **Considerações finais**

A relação entre ciência e religião conforme esboçada nas páginas dos periódicos pesquisados encontra-se intrinsecamente apresentada em aderência às propostas denominacionais, calcada na estratégia editorial. Nesse sentido, ciência e religião são apresentadas sob as nuances do diálogo (Barbour, 2004) guardadas as devidas proporções de assimetria entre ambas. Para tanto, indicamos a estratégia editorial (Chartier, 2003) que se vale dos periódicos para promover a circulação do discurso científico e religioso como instrumento de conformação da cosmovisão adventista, demarcando o posicionamento denominacional ao público leitor.

Ao longo das páginas deste artigo, foi possível compreender como diferentes periódicos de uma denominação religiosa promoveram a circulação do discurso científico e religioso acerca da pandemia, Covid-19. Posto que, os três periódicos pesquisados têm propostas editoriais distintas a despeito da matriz denominacional ser a mesma, no que se refere à exposição da relação ciência e religião, conforme apontada na análise dos artigos em questão é perceptível uma exposição pendular que em alguns momentos se evidencia com ênfase no discurso religioso com marcas teológicas e escatológicas e, em outros com a apresentação estrita de informações científicas ou mesmo com a apropriação de dados científicos para apoio à mensagem denominacional de estilo de vida saudável.

Identifica-se que a exposição do discurso científico e religioso na *Revista Adventista*, conforme esboçados no texto de Benedicto (2020), que escreve o editorial *Vírus Letal*, apresenta um raro lampejo da temática da pandemia e o finaliza com a exposição de um texto bíblico e um texto de Ellen G. White. Informações científicas são apresentadas por Landless e Charles-Marcel (2020) no artigo *Coronavírus: como se proteger da nova pandemia*, ainda que incluído como um artigo, por nós identificado como secundário na edição de abril de 2020 do periódico pesquisado. Já a matéria de capa, essa é majoritariamente de perspectiva teológica. No artigo *Como Interpretar a Pandemia: ajustando nossa sensibilidade apocalíptica em tempos de crise do coronavírus*, Araújo (2020) se vale especialmente de uma argumentação com ênfase na exposição da análise dos termos *pestes, pragas e moléstias* em suas ocorrências na Bíblia destacando que “[...] nem sempre ocorrem pelos mesmos motivos ou agentes” (Araújo, 2020, p. 12). O autor busca firmar o entendimento que a pandemia do coronavírus não pode ser considerada o fim do mundo, mas “[...] parte de uma sequência de sinais que estão alertando a sociedade” (Araújo, 2020, p. 15). Os textos que compreendem a edição especial da *Revista Sinais dos Tempos* indicam uma linha editorial de assertividade quanto às informações referentes à pandemia, apresentando-as de imediato ao público leitor.

Os artigos *Covid-19: definição e Prevenção e Imunidade* abrem a edição e apresentam informações de fácil compreensão com destaque para a divulgação de conhecimento científico nos moldes da baixa complexidade, mas com grande utilidade na inter-relação homem e a realidade. Todavia, a relação ciência e religião conforme esboçada na edição do periódico apresenta uma estratégia editorial de pretensão diálogo entre ambas, mas que se funda no agenciamento da mensagem denominacional sobre saúde, posto que “[...] o melhor caminho é enfatizar a prevenção e o uso dos remédios naturais que chamamos de princípios divinos de saúde” (Sinais dos tempos, 2020, p. 9). Assim, os dois primeiros artigos preparam o caminho para o artigo *A Covid-19 é o fim do mundo?*, no qual fica evidenciada de forma tácita a estratégia de utilização do discurso científico para mediar uma situação de endosso do discurso religioso.

Por sua vez, a edição da *Revista Vida e Saúde* é aquela na qual se sobressai a maior exposição de informações científicas acerca da pandemia, notadamente pelas fontes utilizadas por Costa (2020) na escrita do artigo *Made in China*. Assim como todo fazer científico e dado o comprometimento da autora com a

filosofia editorial, as fontes são organizadas numa estrutura cuja intenção transpõe a promoção da circulação da mensagem denominacional com base em divulgação científica, de modo que ciência e religião são postas em diálogo em função de uma estratégia editorial.

É possível afirmar, baseado na análise dos artigos em questão, que as edições dos periódicos pesquisados, apresentam de modo geral a relação entre ciência e religião nos termos do *diálogo* (Barbour, 2004), segundo o qual há interações indiretas entre as áreas. Percebe-se que o discurso científico é referido nos periódicos não como baliza para a religião, mas nas tramas de uma possível relação em que ambas as áreas podem estar em uma relação de diálogo e de complementaridade dos saberes. Todavia, destaca-se a mobilização do discurso científico em busca de pontos de ancoragem para subsidiar as afirmações do discurso religioso. Tudo isto em alinhamento à filosofia de matriz denominacional que está inserida no escopo da estratégia editorial e que orienta o leitor para uma determinada forma de se apropriar do conteúdo do impresso ou do conjunto de saberes ao qual ele pertence.

Os periódicos estudados apresentam um ornamento cujas bases se fundam na estratégia editorial de conformar o discurso científico e religioso evitando o conflito entre ambos, mas que não se furta a apontar que a composição dos conteúdos encontra-se demarcada por indicadores formais de cada uma das matrizes referidas. Se por um lado isto facilita a compreensão da referenciação, por outro permite com que a análise do conteúdo sugira a influência de variáveis que participam na concepção do discurso com vistas a atenuar conflitos latentes entre as duas áreas de conhecimento (Bardin, 2011).

Conforme se pode depreender a partir do estudo da disposição do discurso em que a própria organização tem um sentido subjacente, a enunciação que conforma os discursos postos em circulação nos periódicos adventistas sugere que a enunciação permite a conexão entre ciência e religião no decorrer da produção tipográfica de forma que nos temas abordados haja o primado de uma em relação a outra, neste caso da religião sobre a ciência. Nesta direção, o leitor acessa o discurso sem indicativos claros das técnicas e variáveis que exercem influência sobre o conteúdo e a forma que, por sua vez tendem a silenciar "[...] as tensões, as pausas, as perdas de domínio, o controle, as contradições, os conflitos etc., que animam e estruturam o discurso (Bardin, 2011, p. 224).

O discurso científico e religioso apresentado nas edições pesquisadas são conformados pela estratégia editorial que os veicula como elementos fundamentais de um projeto editorial denominacional, em que ciência não figura com domínios unívocos de validade sobre a verdade. Suas descobertas e conhecimentos que emanam dessa área são apropriados por meio da relação de diálogo para ofertar elementos de diferentes perspectivas da realidade experimentada, mas que exaltem a cosmovisão adventista. Assim sendo, o *diálogo* entre ciência e religião se dá numa intenção de oportunizar ao leitor familiarização com o conhecimento científico, eclipsando os elementos que possam resultar em confronto com as questões da fé professada. Destaque pode ser referido à atenuação que subjaz a estratégia editorial denominacional que conforma os periódicos pesquisados no que tange à exposição da relação ciência e religião e o possível conflito epistêmico, inexistindo discussões acerca dos pressupostos metafísicos que balizam as duas áreas.

### Fontes

*Revista Adventista*. abril, 2020. Disponível em: <https://mais.cpb.com.br/wp-content/uploads/2020/04/revistaAbrill2020.pdf>. Acesso em de 10 de junho de 2020.

*Revista Sinais dos Tempos*. Edição especial. 2020. Disponível em: <https://mais.cpb.com.br/wp-content/uploads/2020/05/SinaisdosTemposCovid19.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2020.

*Revista Vida e Saúde*. abril, 2020. Disponível em: [https://mais.cpb.com.br/revistas/?utm\\_source=post&utm\\_medium=whatsapp&utm\\_campaign=revista-adventista-maio](https://mais.cpb.com.br/revistas/?utm_source=post&utm_medium=whatsapp&utm_campaign=revista-adventista-maio). Acesso em 10 de junho de 2020.

### Referências bibliográficas

ALFIERI, Fábio M.; ABDALA, Gina A. (org.). *A Ciência dos 8 remédios naturais*. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2019.

ARAÚJO, Glauber S. Como Interpretar a Pandemia: ajustando nossa sensibilidade apocalíptica em tempos de crise do coronavírus. *Revista Adventista*. Ano 115, n. 1356, abril de 2020. pp. 12-15. Disponível em: <https://mais.cpb.com.br/wp-content/uploads/2020/04/revistaAbrill2020.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2020.

BARBOUR, Ian. *Quando a ciência encontra a religião: inimigas, estranhas ou parceiras?* São Paulo: Cultrix. 2004.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARMANIA, Sima; REISS, Michael J. Religion and Science in a Time of COVID-19: Allies or Adversaries?. *Scientific American*. Disponível em: <https://blogs.scientificamerican.com/observations/religion-and-science-in-a-time-of-covid-19-allies-or-adversaries/>. Acesso em 29 de julho de 2020.

BENEDICTO, Marcos De. Editorial. Vírus Letal. *Revista Adventista*. Ano 115, n. 1356, abril de 2020. p. 02. Disponível em: <https://mais.cpb.com.br/wp-content/uploads/2020/04/revistaAbrill2020.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BORDENAVE, Juan. E. Diaz. *O que é comunicação?* 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRANDALISE, Camila; ROVANI, Andressa. *100 dias que mudaram o mundo*. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/coronavirus-100-dias-que-mudaram-o-mundo/>. Acesso em 10 de junho de 2020.

CATANI, Afrânio Mendes; CATANI, Denice Bárbara; PEREIRA, Gilson R. de M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPED, n. 17, maio-agosto de 2001. pp. 63-85. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-24782001000200006>. Acesso em 29 de julho de 2020.

CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2003.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais*. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

COSTA, Liziane Nunes Conrad. Made in China. *Revista Vida e Saúde*. Ano 84, n. 4, 2020. pp. 8-13. Disponível em: [https://mais.cpb.com.br/revistas/?utm\\_source=post&utm\\_medium=whatsapp&utm\\_campaign=revista-adventista-maio](https://mais.cpb.com.br/revistas/?utm_source=post&utm_medium=whatsapp&utm_campaign=revista-adventista-maio). Acesso em 10 de junho de 2020.

KOLATA, Gina. *Gripe: a história da pandemia de 1918*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

EVEN-ZOHAR, Itamar. O sistema literário. *Revista Translatio*. Trad. de Luís Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. Revisão Linguística de Raquel Bello Vazques. Porto Alegre: UFRGS, v. 5, 2013. pp. 02-21. Disponível em [www.seer.ufrgs.br/translatio/issue/download/2211/23](http://www.seer.ufrgs.br/translatio/issue/download/2211/23). Acesso em 10 de junho de 2020.

GHEBREYESUS, T. A. WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 – 11 March 2020. Geneva: WHO, 2020. Disponível em <https://www.who.int/dg/speeches/detail/whodirector-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em 28 de março de 2020.

LANDLESS, Peter; CHARLES-MARCEL, Zeno L. Coronavírus: como se proteger. *Revista Adventista*. Ano 115, n. 1356, abril de 2020. p. 35. Disponível e-

mhttps://mais.cpb.com.br/wp-content/uploads/2020/04/revistaAbrill2020.pdf. Acesso em 10 de junho de 2020.

MARTINO, Luis Mauro Sá. *Mídia e Poder Simbólico*. São Paulo: Paulus, 2003.

OLIVEIRA, Adriana Cristina de; LUCAS, Thabata Coaglio; IQUIAPAZA, Robert Aldo. O que a pandemia da covid-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução?. *Texto & Contexto Enfermagem*. Florianópolis: UFSC, v. 29, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2020-0106>. Acesso em 29 de julho de 2020.

SANCHES, Mário Antonio; DANILAS, Sergio. Busca de harmonia entre religião e ciência no brasil: reflexões a partir do ano de darwin. *Teocomunicação*. São Paulo: PUC-SP, v. 42, n. 1, janeiro-junho de 2012. pp. 98-118. Disponível em [mhttps://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/issue/view/595](https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/issue/view/595). Acesso em 29 de julho de 2020.

SMTH, Uriah. *Considerações sobre Daniel e Apocalipse*. Engenheiro Coelho: Centro White Press, 2014.

WANG, Longde; WANG, Yu; JIN, Shuigao; WU, Zünyou; CHIN, Daniel P.; KOPLAN, Jeffrey P.; WILSON, Mary Elizabeth. Emergence and control of infectious diseases in China. *The Lancet*. v. 372, november 2008. Disponível em [mhttps://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2808%2961365-3](https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2808%2961365-3). Acesso em 10 de junho de 2020.

---

<sup>1</sup>Esse periódico foi um dos primeiros lançados pelos adventistas no Brasil. O mesmo veio para substituir a *Revista Trimestral* que passou a ser publicada desde 1906. Entre os anos de 1908 e 1929o periódico denominacional recebeu o nome *Revista Mensal*, tendo depois recebido o nome de *Revista Adventista*. Todas as edições encontram-se disponibilizadas no site <https://acervo.cpb.com.br>. Acesso em 20 de maio de 2020.

<sup>2</sup>Para mais informações acerca da história do periódico e relato de tentativas anteriores a 1939, ver <https://www.revistavidaesaude.com.br/historia/>. Acesso em 10 de junho de 2020.

<sup>3</sup>Mais informações referentes à Filosofia Editorial estão dispostas em: <https://www.revistavidaesaude.com.br/filosofia-editorial/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

<sup>4</sup>Um resumo é apresentado no quadro disposto na página 15, no entanto para mais informações leia: ALFIERI; ABDALA, 2019.

<sup>5</sup>As edições deste periódico estão digitalizadas e à disposição no seguinte endereço <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/Forms/AllFolders.aspx>. Acesso em 10 de junho de 2020.

<sup>6</sup>Esses dois livros recebem especial atenção na conformação da compreensão escatológica denominacional desde a época dos pioneiros adventistas, de modo que procuram dar interpretação profética a eventos políticos, sociais e religiosos apresentando uma narrativa segundo a qual fontes históricas e exegéticas são sistematizadas num estudo reflexivo que revela o entendimento adventista. Para mais informações, leia: SMTH, 2014. Disponível em <https://www.unasp.br/ec/sites/centrowhite/wp-content/uploads/2019/02/Daniel-e-Apocalipse.pdf>. Acesso em 21 de agosto de 2020.

<sup>7</sup>Informações acerca dessas síndromes estão disponíveis em <https://www.msmanuals.com/pt/casa/infec%C3%A7%C3%B5es/v%C3%ADrus-respirat%C3%B3rios/coronav%C3%ADrus-e-s%C3%ADndromes-respirat%C3%B3rias-agudas-covid-19,-mers-e-sars>. Acesso em 29 de julho de 2020.

<sup>8</sup>WANG (et. al.), 2008. Disponível em [mhttps://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2808%2961365-3](https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2808%2961365-3). Acesso em 10 de junho de 2020.

---

<sup>9</sup>Disponível em: <https://wwwnc.cdc.gov/eid/>. Acesso em: 10 de junho de 2020.

<sup>10</sup>O relatório em questão intitula-se Emerging Pandemic Threats e está disponível em: <https://www.usaid.gov/news-information/fact-sheets/emerging-pandemic-threats-program>. Acesso em 10 de junho de 2020.

*Recebido em 25/09/2020*

*Aceito para publicação em 18/02/2021*

# **Diaconia, crises e COVID-19: da adversidade à transformação**

Diakonia, crisisand COVID-19: fromadversitytotransformation

*Dionata Rodrigues de Oliveira\**

*Márcia Eliane Leindecker da Paixão\*\**

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-11>

## Resumo

Este artigo se propõe a identificar as possibilidades da atuação diaconal da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil-IECLB diante da crise causada pelo COVID-19, que se instaura e que trará relevantes consequências para o contexto sócio-político no país. Ao início do artigo, há um relato da experiência diaconal do Sínodo Nordeste Gaúcho<sup>1</sup> e sua forma de atuação na pandemia de 2020. A partir de uma reflexão da relação entre crise e Diaconia transformadora, o artigo segue fazendo um retorno às origens e a fatos da história diaconal da IECLB, demonstrando como a Igreja atuou pela diaconia nestes tempos difíceis já ocorridos.

Palavras-chave: Diaconia. Crise. Pandemia. COVID-19.

## Abstract

This article aims to identify the possibilities of the diaconal action of the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil-IECLB in face of the crisis caused by COVID-19, which is taking place and which will bring relevant consequences for the socio-political context in the Country. At the beginning of the article, there is a report of the diaconal experience of the Sínodo Nordeste Gaúcho and its way of acting in the 2020 pandemic situation. Based on a reflection on the relationship between crisis and transforming diakonia, the article returns to the origins and facts of the diaconal history of the IECLB, demonstrating how the Church and its Diakonia has acted in these difficult times that have already occurred.

Keywords: Diakonia. Crisis. Pandemic. COVID-19.

## Introdução

Este artigo se propõe a estudar a relação entre a Diaconia e o enfrentamento de crises existentes, sejam elas de ordem social, política, econômica ou sanitária. O atual cenário mundial reflete muito bem este desafio que a sociedade vive, principalmente pelo enfrentamento e combate ao vírus COVID-19 e diversas medidas tomadas, que geram consequências quase que impossíveis de serem

---

\* Diácono, Doutorando em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade EST, São Leopoldo (RS). Bolsista CAPES E-mail: [dionataoliveira@yahoo.com.br](mailto:dionataoliveira@yahoo.com.br).

\*\* Diácona. Doutora em Educação e professora na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: [marciapaixao12@gmail.com](mailto:marciapaixao12@gmail.com)

evitadas, como o desemprego e o consequente empobrecimento da população, as divergências de opiniões, disseminação de *fakenews* e os embates entre diferentes posições político-partidárias.

A situação torna-se ainda mais conflitante se analisarmos a conjuntura de países que, a exemplo do Brasil, vivem uma crise pandêmica, mas não apenas. Esta é agravada no país pela inconsistência política do governo de Jair Bolsonaro, o qual promove uma irrefletida necropolítica com uma falta de uniformidade, bem como transparência e reflexão científica, quando se pensa em ações para se passar por esta crise de forma a evitar o agravamento de suas naturais consequências.

Para compreender como se dá a relação entre Diaconia e o COVID-19, precisaremos nos valer de uma história que evidencia uma prática e que a fundamenta na contemporaneidade, aqui expressada na prática diaconal havida no contexto do Sinodo Nordeste Gaúcho. Também se sabe de que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), desde o que é conhecido como o marco oficial de sua chegada ao país em 1824, atravessou muitas crises de diferentes ordens.

A primeira delas foi logo em sua chegada. As pessoas que imigraram de regiões da Europa para ao Brasil, vinham na maioria das vezes em busca de um novo local para recomeçar a vida e de melhores condições para vivê-la, enfrentando uma série de adversidades. Entretanto, se apenas delimitamos as crises para questões sanitárias, o Brasil enfrentou, bem como o restante do mundo, quatro grandes conhecidas pandemias: A Gripe Espanhola, de 1918, bem como duas das variações do vírus influenza, H2N2, Gripe asiática, em 1957, e 1968, Gripe de Hong Kong, a gripe H3N2, e em 2009, a Gripe H1N1, inicialmente chamada Gripe suína. (Sanarmed, sem página, 2020).

A pergunta que norteia este artigo é: Qual a relação da ação diaconal da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil com a superação de crises como a pandemia de 2020, que possui reflexos mútuos na política cristofascista atual e sua ação que promove a morte?

### **A diaconia em tempos de COVID-19: relato de experiência do Sinodo Nordeste Gaúcho**

Segundo fontes da Organização Mundial de Saúde, o coronavírus tornou-se a maior pandemia já conhecida e que, ao menos até a data de 15 de maio de

2020, apenas 12 países não haviam registrado nenhum contágio.<sup>2</sup> Diante deste cenário, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil decidiu, em reunião de pastores e pastoras sinodais<sup>3</sup> e presidência da Igreja, suspender suas atividades presenciais por tempo indeterminado. Entretanto, um setor da Igreja recebeu especial atenção e destaque. A Diaconia foi rapidamente associada a uma resposta da Igreja para atendimento e acolhimento de pessoas em situação de dificuldades ou vulnerabilidades causadas pela pandemia.

A partir deste panorama, o Sínodo Nordeste Gaúcho, possuindo uma coordenação sinodal de Diaconia<sup>4</sup> e um diácono contratado como assessor de Diaconia<sup>5</sup> decidiu adotar uma forma de ação diaconal. Na impossibilidade de centralizar as ações, devido a que cada contexto e cada município possui suas necessidades e urgências, bem como regras próprias baseadas nos resultados das pesquisas da Universidade Federal de Pelotas, sobre o distanciamento controlado, o Sínodo decidiu atuar a partir de campanhas diaconais, para que cada Paróquia também possa avaliar seu contexto e aplicar a ideia de uma campanha diaconal a ele. Entretanto, antes de iniciar a primeira Campanha, a Coordenação Sinodal de Diaconia emitiu uma carta sobre a urgência e necessidade de ações diaconais, bem como sua capacidade não só de atuar no combate, mas na eliminação de suas causas.

A carta enviada pela Coordenação Sinodal da Diaconia, no dia 7 de abril de 2020, inicia com as seguintes palavras:

Pois o próprio Filho do Homem, veio, não para ser servido, mas para servir e dar Sua vida em resgate por muitos”. (Marcos 10.45) Vivemos dias difíceis! Entretanto, devemos seguir o exemplo de Jesus Cristo e servir em resgate por muitas pessoas. Pensando nesse momento delicado, a assessoria sinodal de Diaconia e Coordenação Sinodal de Diaconia tem um convite para você e sua Comunidade: o de servir e atuar no combate ao vírus COVID-19(Sínodo nordeste gaúcho, 2020, p. 1).

A partir de uma fundamentação bíblica, o que reflete a identidade diaconal e que está no pano de fundo das ações, a carta fala brevemente sobre o contexto que se vive e evidencia nossa responsabilidade enquanto pessoas que servem em amor, por fé, baseadas no exemplo de Jesus Cristo. Isto é a identidade diaconal! Na sequência, a carta segue frisando que é necessária toda forma de cuidado profilático, desde o pensar até o executar das ações diaconais. Contudo, há um convite que a teoria teológico-diaconal nos faz. A carta continua dizendo:

De antemão, reforçamos que toda forma de cuidado deve ser adotada (lavar as mãos rotineiramente, evitar aglomerações, isolamento social havendo ou não sintomas). Entretanto, há uma inquietação no ar: onde podemos vivenciar Diaconia neste período em que tanto precisa ser feito? A Diaconia pode e deve atuar para a prevenção da doença e redução dos danos que podem ser causados. Cada contexto possui necessidades específicas que devem ser observadas, assim sendo, convidamos a você e sua comunidade para verificar se algumas destas ações podem ser desenvolvidas como forma de colocarmos nossos DONS A SERVIÇO DA VIDA (Sínodo nordeste gaúcho, 2020, p.1).

O documento é enfático: a teologia prática evidenciada em viés diaconal, a partir da Igreja e suas comunidades de fé, as motiva para agir, pois elas podem atuar não só em combate direto ao vírus, mas desde a prevenção ao contágio e proliferação do COVID-19. A carta segue enunciando ideias de ações diaconais possíveis e necessárias, fornecendo ferramentas para que cada paróquia possa avaliar sua situação, a de seu contexto e assim estabelecer as conexões e diálogos necessários, quer seja com o município, a associação de bairro, os Centros de Referência em Assistência Social, Fundações Hospitalares, etc.

Exercita-se assim, a Diaconia em sua esfera pública e incidência social ou como diria Kjell Nordstokke, em sua palestra sobre Diaconia, na Reunião da Regional Sul da Comunhão Diaconal da IECLB: a Diaconia em sua *vocação, provocação e advocação*. Brevemente explanado, quer dizer que se reflete o papel diaconal de ação e transformação na sociedade, provocando ao diálogo com o contexto e suas necessidades materializadas em pessoas, o que naturalmente conduz à advocação, o chamado para agir em defesa da vida.<sup>6</sup>Em outras palavras, quando se combate a fome ou se trabalha para a conscientização de que medidas de cuidado com a higiene são um caminho para a prevenção, está se trabalhando em frentes de combate prevenindo o contágio.

Há que se mencionar também que trabalhar contra as situações de extrema pobreza é também promover o cuidado com a imunidade e a saúde. Uma alimentação saudável também fortalece o corpo, prevenindo contágio ou reduzindo os danos diante de uma contaminação, evitando mortes, por exemplo.

Junto a esta primeira carta, veio a primeira Campanha Sinodal de Diaconia em Tempos de COVID-19. Esta primeira mobilização visou à atuação direta para provimento dos itens de maior necessidade na época: equipamentos de proteção individual (EPI's). Já nos primeiros dias de medidas restritivas no Brasil, o

que ocorreu por volta da terceira semana de março de 2020, o *Jornal Zero Hora online*, de Porto Alegre, noticiou o seguinte (Zero hora, 2020, sem página): “Farmácias de Porto Alegre registram falta de álcool gel e máscaras”. Neste contexto de falta de equipamentos, a campanha pelas máscaras e jalecos auxiliou na doação para locais que permitiam o uso de máscaras de tecidos como Instituições de Longa Permanência para pessoas idosas ou Casas de Apoio. Foram confeccionadas até a data de 27 de julho de 2020, segundo estimativa do Sínodo Nordeste Gaúcho, 6 mil máscaras em diversas localidades e paróquias pertencentes à IE-CLB. Há também iniciativas apenas informadas ao Sínodo e por consequência não quantificada, sobre a produção de máscaras e jalecos. Sobre os jalecos, o que já é de maior complexidade na confecção, houve menos iniciativas, porém, há que se frisar que, pelo menos 100 foram feitos.

A segunda campanha sinodal visou a doação de alimentos e itens de higiene. Uma das principais celebrações anuais de comunidades evangélico-luteranas é a celebração de Ação de Graças ou Festa da Colheita (geralmente associado ao término de um período de colheitas). Como as celebrações em diversos locais ainda estão suspensas e o Sínodo tem respeitado de forma muito cuidadosa ao mapa do Distanciamento Controlado do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2020, sem página), as Festas da Colheita estão suspensas.

Desta forma, pensou-se se numa atuação que quer promover o cuidado com as pessoas que vivem perdas financeiras e que mais do que nunca viverão em dificuldades e privadas de um dos mais básicos direitos humanos que é de ter, ao menos, 3 refeições diárias.

Assim sendo, concomitantemente à confecção de máscaras, a coordenação sinodal de Diaconia lançou a Ação de Graças Diaconal. No dia 18 de junho de 2020 foi enviada a motivação para as Paróquias, Ministras e Ministros do Sínodo, Conselho Sinodal e lideranças sinodais. Quando da redação deste artigo, o Sínodo ainda estava no período em que usualmente se celebram cultos de ação de graças nos meses de agosto e setembro. Porém, já se possuía o registro de 7 Paróquias que já aderiram à campanha e estavam destinando o que é doado e arrecadado para instituições e famílias de seus municípios.

A última campanha diaconal do sínodo foi em prol da motivação para a doação de sangue. Em função do medo de contágio e distanciamento social, os estoques de doação de sangue têm diminuído em diversas regiões. Basta uma

pesquisa rápida em jornais e mídias para entender o contexto. Diversos meios de comunicação têm noticiado esta baixa nos estoques de sangue de todos os tipos (Gaúcha ZH, 2020, sem página). Alguns municípios com maior carência dispunham inclusive de pessoas encarregadas pela locomoção de doadores e doadoras. Esta campanha foi lançada no dia 7 de julho de 2020 e ainda está em fase de organização por Paróquias e Coordenações Sinodais.

Há outras ações em nível sinodal que continuam acontecendo, mesmo em tempos de pandemia e outras que brotaram da mobilização diaconal do Sínodo Nordeste Gaúcho. Há grupos que já há tempos estão organizados pela Diaconia e outros como da Paróquia do Vale Real/RS que se organizou para distribuir marmitas a pessoas em situação de rua na cidade de Caxias do Sul/RS. Toda esta Diaconia acontecendo no sínodo desperta uma vocação que nos é inerente e brota da fé em Jesus Cristo, a vontade de servir, a Diaconia. Há ações ainda em nível apenas emergencial e pontual, mas que atuam em combate e prevenção ao COVID-19.

### **Diaconia e crise, um diálogo antigo, porém atual...**

Embora não seja possível aprofundar o tema, é impossível continuar o diálogo sem minimamente explicar a palavra *crise*, ainda que esta seja muito conhecida. De acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa temos a seguinte definição da palavra crise: “Momento perigoso ou difícil de uma evolução ou de um processo; período de desordem acompanhado de busca penosa de uma solução.” ou ainda “Momento crítico ou decisivo; Situação aflitiva; fig. Conjuntura perigosa, situação anormal e grave; Momento grave, decisivo.”

Entretanto, o Dicionário Brasileiro de Teologia aproxima a morfologia da palavra crise com sua dimensão espiritual e teológica, o que definiremos a seguir. Sua definição primeira é bastante morfológica:

do grego *Krisis*, ou do latim *crisis*. Na língua portuguesa, refere-se a uma mudança brusca no estado evolutivo de uma pessoa. Pode ser um estado considerado perigoso ou difícil para o processo pessoal evolutivo. Trata-se de um estado de desordem e confusão, conflito ou tensão, porém acompanhado de busca de solução para uma situação (Santos, 2008, p. 217).

Entretanto, ao aproximar o termo do conhecimento teológico, a autora define em algumas palavras o que também é conhecido como uma das dimensões da Diaconia, abordado por Kjell Nordstokke. Vejamos primeiro a definição de Rosylene Alves dos Santos após, façamos a comparação com Kjell Nordstokke.

Em termos teológicos, crise se relaciona com os termos consciência, [...], crescimento e conversão. Crise é um termo usado para expressar etapas evolutivas de desenvolvimento da vida. Trata-se de momento de tomada de consciência que pode ter sido influenciado por momentos de crise que, por sua vez, podem ter sido influenciados pela busca de crescimento. Este crescimento é passível de crises, pois vai do menor para o maior, do imperfeito para o perfeito, de iniciado para consumado. A Bíblia usa a noção de progresso do estado natural para o sobrenatural (Allmen, p. 74) como se o acesso à salvação fosse dado como recompensa. Ou seja, a crise é como possibilidade transformadora em seu processo de fé (Santos, 2008, p. 217).

Sendo a Diaconia a ação que deseja promover a dignidade da vida, mediante ações de amor pela fé, ela visa a um processo de autonomização de pessoas, transformando-as em protagonistas de sua transformação pessoal que a conduz de um local de sofrimento para a vida em abundância (Gaede, 2008, p. 288.). Ou seja, assim como ressalta Rosylene Alves no verbete do dicionário brasileiro de teologia, há imbricado um processo de transformação e fé. É nesta perspectiva que Kjell Nordstokke define a expressão Diaconia Transformadora:

A fé cristã tem sua base na transformação. Martim Lutero dizia: “A Igreja está sempre em reforma”. Transformar pressupõe mudanças. [...] A transformação implica ação. Sair do casulo, deixar o velho e tornar-se nova criatura é ação concreta. O agir em nome de Deus não pode ficar na boa vontade ou na teoria. Transformar pressupõe alterar. Neste processo de alterar, mudar, transformar, é muito importante não agir sem reflexão. Por isso, quem atua na transformação precisa de “clareza teórica e paixão existencial”. [...] Sim, é preciso transformar estruturas quando estas servem como geradoras de morte (Nordstokke, 1995. p. 66).

Desta forma, a teoria diaconal que tem como objetivo a formação para se atingir uma Diaconia Transformadora em diálogo com o verbete crise do Dicionário Brasileiro de Teologia nos permite vislumbrar que a crise é sempre uma oportunidade para a transformação de situações conflituosas, situações essas que podem até mesmo ser motivadoras para a morte e a injustiça como é o caso da crise pandêmica da COVID-19.

É impossível negar, após esta explanação dos termos, que a IECLB e outras igrejas, ao reforçarem sua dimensão diaconal em meio à crise, vão na contramão de boa parte daquilo que pensa o mundo evangélico no contexto brasileiro. Sendo a IECLB uma Igreja Evangélica, ela destoa da visão negacionista, conservadora e cúmplice do cenário que vai se intensificando no país rumo ao caos e sobrecarga do sistema público e privado de saúde. Entretanto, é necessário dizer que a postura diaconal de cuidado é resguardada por lideranças e direção da Igreja.

Há, em diversos locais do país, pessoas membras da IECLB que corroboram com a visão cristofacista do presidente Jair Bolsonaro o qual defende uso de medicamentos não comprovados cientificamente, o não uso de máscaras, pois se trata de uma “focinheira ideológica” e em meio ao caos prefere negar a vacina colocando pautas de interesse necropolítico à frente na votação em sessões da Câmara e do Senado Federal em detrimento de políticas públicas de combate ao cenário que se cria mediante tal conjuntura. Desta forma, em sua pauta conservadora, ele angaria uma parcela expressiva de pessoas católicas e evangélicas brasileiras.

A precariedade de políticas sociais e solidariedade se tornou parte da agenda do governo Bolsonaro desde sua implementação. E se evangélicos são parceria nesta precariedade, isto significa que a solidariedade perdeu espaço entre aquelas que deveriam ser suas promotoras (Almeida 2019; Brugot e Cormeru 2019; Oliveira 2020). Desde que religiosos evangélicos são mantenedores da popularidade de necropolíticas (Mbembe 2018), se tornaram vetores da modalidade de Cristofacismo, ou sobrescitofacismo, defenderam e o proclamaram como parte da vida dos valores do cristianismo. (Py 2009). Assim sendo, não é surpresa (mas é lamentável) que, no enfrentamento de uma sem precedentes crise na saúde, a pandemia de COVID-19, a maior parte de evangélicos tem sucumbido ao discurso que cria falsos impasses, baseados em suas crenças que, se as políticas públicas de saúde necessárias para combater o COVID-19 são aplicadas, isso irá causar danos à economia (Kibuuka, 2020, sem página).

Entretanto, estas pautas conservadoras trazidas à tona por Bolsonaro e sua relação com o COVID-19 brota da existência de outros fatos diretamente relacionados. Conforme Kibuuka em seu artigo *Complicity and Synergy Between Bolsonaro and Brazilian Evangelicals in Covid-19 Times*, uma agenda neoliberal promotora da corrosão da solidariedade, que empodera um Estado mínimo de direitos e fortalece a noção da meritocracia está presente desde o surgimento do neoli-

beralismo e afeta massas de pessoas evangélicas, pois muitas vezes os meios de comunicação de ambos se cruzam, sendo midiáticos por essência. Não obstante, nos períodos de pandemias, ambos são negacionistas e temem políticas públicas e ações que promovam justiça social, pois elas equacionariam uma balança que de acordo com a meritocracia e com a teologia neoliberal está aí por alguma razão.

Bênçãos e riquezas, de acordo com ambas se alcança por mérito ou por trabalho árduo. O contexto da pandemia de 2020 trouxe novamente todos estes desafios à tona.

Caracterizando a arquitetura do Messias criado pela liderança do governo de Bolsonaro, eu sublinho alguns elementos conceituais que eu chamo de “Cristofascismo Brasileiro”. O Cristofacismo da gestão bolsonarista é promovido no contexto de uma “teologia política autoritária” (Schmitt 1988), baseado na atmosfera apocalíptica do coronavírus, com base no “ódio da pluralidade democrática” (Ranciêrie 2014). Seu ódio é expresso nas técnicas de promoção da discriminação e, principalmente, por instâncias discriminatórias e atitudes em direção ao setor “heterodoxo” (Bolsonaro 2020a; Bolsonaro 2020b). Isto foi visto na expansão do coronavírus no Brasil que amplificou seu apelo antidemocrático habitual de fôlego econômico que justifica a “política de morte” (“necropolítica”; Mbembe 2014; Butler 2020) – contra a população mais pobre, pessoas idosas, diabéticas, e pacientes hipertensas (Bolsonaro 2020a; 2020 b) (Py 2020, sem página).

Assim sendo, este Jair Messias é entendido por alas conservadoras evangélicas como o salvador, criando-se assim, um cristofacismo brasileiro, que olha, não pela doença ou pela pandemia, mas para que as estas alas, juntamente com grandes empresários não tenham seus privilégios mitigados em prol de uma população à margem e que historicamente teve seus direitos cerceados (pobres, LGBTQI+, pessoas negras, mulheres, pessoas com deficiência, pessoas idosas). Bolsonaro encontrou forças nestas alas, cujos alguns interesses se cruzavam, que por sua vez se sentiram legitimadas a lutar por suas agendas misóginas, homofóbicas, racistas e a uma só voz proclamaram “Brasil acima de todos. Deus acima de tudo”, em coro com o slogan nazista de Hitler que também usava o nome de Deus em seus pronunciamentos (Py, 2020, sem página).

Neste intento de compreender em que contexto a IECLB está inserida no cenário religioso nacional, mencionamos agora os sete atos do cristofascismo de Bolsonaro em sua atuação na pandemia, trazido por Fábio Py no livreto *Pande-*

mia Cristofascista empoderando a si e à Frente Parlamentar Evangélica aliada a alas conservadoras de outras Igrejas como a Católica Romana, conquistando “fiéis” em sua atuação. O primeiro ato foi o de convocar a população para que no dia 5 de abril de 2020 fizesse um #JejumoPeloBrasil para que Deus livrasse a nação do vírus COVID-19. Seu segundo ato já ocorreu no dia 8 de abril, quando este recebe uma expedição de pessoas católicas com a imagem de Nossa Senhora de Fátima, para que esta livre o Brasil do Comunismo.

Pessoas inclusive demonstraram este ato como sua redenção diante da Teologia da Libertação que teve forte movimento em seio Católico Romano na América Latina. O terceiro ato foi também em 8 de abril, quando ele afirma que o país vivia um momento “ímpar na história, e ser presidente é olhar todo e não apenas as partes”. (Py, 2020, p.33). Assim ressaltou que trataria da economia e da pandemia e que se deveria seguir João 8.32: E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. O quarto ato foi na Sexta-Feira Santa quando o presidente posta uma imagem de Cristo crucificado.

O quinto ato do cristofascismo foi no Sábado de Aleluia, quando Bolsonaro postou o vídeo que indicava sobre sua fachada tendo como fundo uma música evangélica e em sua fala na postagem diz: “o momento mais difícil da minha vida (pausa), eu só pedia que Deus não deixasse órfã a minha filha de sete anos” (Py 2020, p.36). O sexto ato foi no domingo de Páscoa pela manhã. Ele postou o versículo de João 3.16, uma foto do túmulo aberto e vazio e um dizer “Ele ressuscitou”. O sétimo ato foi também no domingo de Páscoa, uma reunião com lideranças religiosas em que no fim do vídeo ele refaz a trajetória de sua faca, comparando-a com o martírio de Cristo. Também afirma que como milagre sobreviveu para vencer as eleições e que a Páscoa, para ele tem um sentido todo especial por isso, pois estava destinado a “salvar o país”. (Py 2020, p. 31-37)

Nesse sentido e com este cenário como pano de fundo do contexto atual, podemos nos perguntar que conhecimentos decorrem da Diaconia que podem potencializar a vida de forma profética e libertadora, bem como em ações que resgatem a solidariedade, a justiça, a igualdade e os direitos das pessoas. A crise é excepcional e passageira, ainda que esta esteja sendo mais longa do que o esperado, mas pode ser um potencial de superação e compreensão pelos fatores que a provocam. Assim, a seguir, recorreremos à história da diaconia na IECLB e

como se viveu diaconia como fator de superação de crises, projetando pistas para ações neste momento de pandemia.

### **A diaconia na primeira crise do luteranismo em solo brasileiro**

Ainda que sob algumas discordâncias sobre o que tange ao assunto é aceito e ensinado que o luteranismo chega ao Brasil em 1824, constituindo assim, formalmente, a sua história em terras brasileiras, a partir das primeiras pessoas que imigraram de países como a Alemanha.<sup>7</sup> Aliado a este luteranismo sempre esteve a leitura e análise dos contextos, ou simplificando, a tentativa de imigrantes de entenderem como viver neste novo país. A pergunta que norteava os e as imigrantes era, segundo Gisela Beulke (Beulke, 2007, p. 144): Como viver e ser igreja neste novo contexto?

Advindos de muitos locais da Alemanha e até mesmo de outros países, muitas das pessoas imigraram para o Brasil, fugindo de um contexto de guerras, fome ou miséria (Prien, 2001, p. 25). O trajeto percorrido de navio já havia sido uma verdadeira peregrinação, pois as condições sanitárias, falta de alimentação minimamente nutritiva ou acesso às necessidades básicas humanas eram condições adversas que se apresentavam. Ao chegarem ao Brasil estas pessoas recebiam terras para cultivar, mas na maioria das vezes a realidade estava longe das promessas que receberam.

Como orientação recebiam apenas a direção para onde deveriam ir e como chegar até o local, em meio às precárias estradas ou matas fechadas, onde deveriam abrir espaço e passagem (Prien, 2001, p. 25). Diante de toda dificuldade e problemas enfrentados para a adaptação ao novo contexto, uma possível solução encontrada foi a partir da solidariedade ou nas palavras de Gisela Beulke: na prática diaconal espontânea.

Os imigrantes que mais tarde formariam a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), alemães, suíços, holandeses, dinamarqueses e outros, quando vieram ao Brasil a partir de 1822, trouxeram suas diferentes tradições e sua vida religiosa. Considerando as condições adversas encontradas na nova terra, um aspecto comum da sua vivência deve ter sido a solidariedade. O apoio mútuo entre os vizinhos era também a forma de concretizar sua fé no cotidiano. Essa Diaconia era espontânea, e sua aprendizagem também acontecia espontaneamente. Para as partei-

ras, por exemplo, não havia cursos que elas pudessem frequentar. Seus conhecimentos eram passados de pessoa para pessoa e de uma geração à outra. Não sabemos precisar o tempo em que a Diaconia no Brasil passou para um nível mais profissional. Essa história ainda carece de um estudo científico mais aprofundado (Beulke, 2007, p. 144).

Scheila dos Santos Dreher também aponta para a solidariedade:

A sobrevivência nas primeiras décadas na nova pátria só foi possível graças aos laços de solidariedade que se criaram entre famílias teuto-brasileiras. Sempre que necessário, homens e mulheres organizavam mutirões: para o plantio e para a colheita, para a construção das casas ou do “prédio” que abrigaria a escola e/ou a igreja, para o preparo dos festejos nas comunidades evangélicas (Dreher, 2016, sem página).

Com o passar dos anos esta prática de solidariedade espontânea passou a chamar-se de Diaconia, quando a reflexão ao redor do assunto recebeu maior compreensão teológica. Entretanto, sabe-se que esta preocupação pelo bem-estar, baseada inicialmente na solidariedade e aliada à fé que imigrantes trouxeram consigo, materializada em catecismos, hinários e a Bíblia, gerou comunidades locais com características fortemente diaconais. Atendendo a necessidades pontuais, atuaram, e de forma concreta transformaram contextos de sofrimento em força e resiliência para a continuidade da vida social e religiosa, até então não separadas de forma tão evidente (Prien, 2001, p. 50). Aqui se evidencia algo que merece ser salientado: com a Diaconia na forma de ações solidárias espontâneas pessoas aprenderam a lidar com os imprevistos que aconteciam, exigindo de imigrantes uma postura nova e solidária.

Aqui já há fortes argumentos para salientar que, se crise é, segundo o dicionário, momento conflitivo, difícil, mas também decisivo, a chegada da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil foi uma crise vivida. Crise que conduz a muitas outras consequências de diferentes ordens. Embora diferente da crise do vírus corona de 2020, esta crise de 1824 e anos posteriores, representou também um momento decisivo, inclusive para o posterior desenvolvimento ou ruptura da religiosidade e confessionalidade que imigrantes trouxeram consigo. A crise que esta chegada ao país representou culminou em diversas dificuldades. Os locais que estas famílias recebiam eram remotos e longe dos grandes centros urbanos, o que dificultava acesso aos recursos possíveis e necessários naquela época. As crianças não conseguiriam receber a educação básica. As doenças, na maior parte das vezes eram tratadas com o que se conhecia da medicina popular.

Assim sendo, a exemplo da pandemia hoje vivida, havia dificuldades de ordem sanitária e social.

Duas soluções foram imediatamente trazidas para a reorganização do caos trazido pela crise. Uma delas foi a busca pela educação, para as crianças e jovens, mas a de atuação imediata foi a prática da solidariedade espontânea, assim mencionada por Gisela Beulke em seu artigo. Esta prática acontecia mediante conhecimentos da área do cuidado que as pessoas trouxeram consigo por experiências em seus países.

Os conhecimentos na área da enfermagem e parteiras, mesmo que de forma precária e com instrumentos diferentes do usual eram passados adiante para que não se perdesse o cuidado e que minimamente isto estivesse garantido. Entretanto, a prática solidária espontânea não se baseou apenas nisto. Houve muita solidariedade acontecendo como partilha de alimentos, cuidado com as crianças da vizinhança, enquanto a família preparava a lavoura, apoio para a construção de casas, galpões, celeiros e estrebarias. A esta prática solidária (Beulke, Gisela, 2007, p. 144), anos mais tarde, deu-se o nome de Diaconia. Assim concluímos que, desde que a IECLB se reconhece em sua história, a ação diaconal esteve lá como elemento quase que imprescindível para o enfrentamento de crises.

Não é possível conferir precisão de quando a prática solidária espontânea recebeu o nome de Diaconia na história da IECLB. Entretanto, toda esta prática recebeu uma nova organização com a necessidade e a chegada das primeiras diaconisas no Brasil, enviadas da Casa Matriz de Kaiserswerth, na Alemanha. Diante deste exposto, seguiremos identificando elementos diaconais da Igreja Evangélica de Confissão Luterana e sua atuação nas pandemias de 1918, 1957 e brevemente, 2009.

### **A diaconia em outras situações de crise**

Se já na primeira crise, que foi a chegada de imigrantes, houve a necessidade de prática diaconal solidária, há no que tange ao assunto de como pode ter sido a atuação diaconal em outros períodos de crise e podemos nos referir a algumas crises pandêmicas ocorridas na história, uma atuação mais especializada, o que não exclui a solidariedade como expressão da ação diaconal. Salientamos que não mencionamos todas as doenças e pandemias ocorridas desde 1824, porém, escolhemos algumas, utilizando-as como fonte de referência para exemplificar crises vividas. Em 1918 houve o que foi chamado de Gripe Espanhola, men-

cionada como a *mãe das epidemias*. Em 1957 e 1968, houve variações desta gripe, menos expressivas do que a de 1918, mas que também atingiu a muitos países e que viralizou pelo Brasil, iniciando seu contágio pelos portos de Recife, Salvador e Rio de Janeiro, através de uma embarcação vinda de Lisboa. Em pouco mais de duas semanas, a doença já havia chegado em São Paulo e no interior do Nordeste.

A gripe espanhola instaurou terror no Brasil, acabou matando o presidente eleito Rodrigues Alves e paralisou o comércio e as escolas. Segundo historiadores, essa foi a maior pandemia do século XX e fez 50 milhões de vítimas. O jornal *Gazeta de Notícias* estampava notícias sobre a grande epidemia. Na edição do dia 15 de novembro de 1918, trazia, na capa, que o Rio de Janeiro era um vasto hospital (Migalhas, 2020, sem página).

Se, por um lado, esta citação menciona apenas o fato ocorrido no Rio de Janeiro, este exemplifica um cenário que não foi diferente do restante do país. No período de duração da pandemia, de outubro a dezembro de 1918, estima-se que 65% da população brasileira tenha sido atingida, bem como ocasionou, no Rio de Janeiro, 14.348 mortes, contabilizando ainda outras 2.000 na cidade de São Paulo (Rocha, [201-], sem página). O ano de 1957 trouxe consigo uma nova pandemia, o vírus H2N2, embora fosse uma variação do vírus influenza, que assolou o mundo em 1918. Esta nova gripe ficou conhecida na história como gripe asiática.

A pandemia de Gripe Asiática começou em fevereiro de 1957 na China e se difundiu em duas ondas com alta morbidade e letalidade que, mesmo sendo menor que a de 1918, levou a óbito cerca de 4 milhões de pessoas. Em 4 de maio de 1957, a OMS recebeu as primeiras notificações de casos e, em 17 de maio, anunciou a ocorrência da gripe no Oriente, prevendo uma epidemia com ampla extensão geográfica. Amostras do novo vírus foram encaminhadas aos laboratórios para produção de vacinas. A gripe asiática afetou entre 40 e 50% das pessoas no mundo, sendo que, destas, 25 a 30% apresentaram a forma clínica típica da doença, benigna, e a maior parte dos óbitos foi por pneumonia bacteriana secundária, predominantemente em pessoas muito jovens ou muito idosas. A mortalidade estimada foi de 1 em 4.000. A incidência foi maior de 50% na faixa etária de 5 a 19 anos de idade (Costa; Merchan-Hamann, 2016, p. 16).

Não desmerecendo a relevância das pandemias da Gripe de Hong Kong (1968-1969), Gripe Russa (1977-1978) ou Gripe Aviária (2003-2004), porém, não

poderemos explaná-las, pois precisamos dar sequência ao artigo, cujo foco é a Diaconia nestes tempos de crise. Continuando a caminhada histórica, temos um registro de atuação diaconal da igreja em situações de crise, vinculada às situações pandêmicas, nos arquivos *online* da IECLB<sup>8</sup>, em 2009, com a gripe suína, H1N1. Quando pesquisado, nos espaços de pesquisa do Portal Luteranos sobre Gripe Suína ou H1N1, os primeiros resultados alcançados são relacionados ao tema Diaconia – Saúde e Alimentação.

Para compreender como IECLB atuou diaconalmente nestes tempos de pandemia brevemente descritos anteriormente, necessitamos fazer uma busca na própria história da Diaconia. Com a chegada das diaconisas luteranas de Kaiserswerth, em 1912 ao país, um novo movimento em relação à Diaconia surgiu. Passou-se a pensar mais em criação e manutenção de instituições e formação mais especializada para algumas áreas do cuidado. Entre estas instituições esteve a atuação junto a hospitais. Além disso, segundo a Coordenadora de Diaconia da IECLB, Diácona Ma. Carla Vilma Jandrey, houve algumas iniciativas comunitárias na área da saúde, pois eram montados quase que *mini postos de saúde popular* na área do cuidado, fitoterapia, tinturas e alimentação. Isso nos faz perceber que o cuidado com a saúde popular e o respeito para com a criação é uma antiga marca diaconal da IECLB (Jandrey, 2020, p. 01).

A seguir, denominamos locais onde houve atuação e contribuição de irmãs diaconisas, no período anterior à fundação da Casa Matriz de Diaconisas em São Leopoldo, em 1939. Conforme relata Ruthild Brakemeier (Brakemeier, 2019, p. 63-68.)

- a) Blumenau, SC, 1920: fundação do Hospital Evangélico de Santa Catarina. Em 1929 já havia oito irmãs trabalhando no hospital. Em 1923 ficou pronta a maternidade deste hospital, onde também atuaram irmãs que atendiam não só partos no hospital, mas também nas casas, como era de praxe na época;
- b) Timbó, SC, 1937: um grupo de mulheres desta comunidade fundou uma pequena maternidade onde, por 29 anos, atuou a Irmã Helene Süss;
- c) Brusque, SC<sup>9</sup>: a Irmã Margarethe Spieweck trabalhou por muitos anos na área da saúde e no cuidado nesta cidade;
- d) Rio do Sul, SC, 1930: neste ano uma irmã já atuava neste hospital. Em 1932, Irmã Louise Simon foi encarregada como diretora interna;

- e) Joinville, SC, 1916: com a criação da Associação Beneficente de Senhoras Evangélicas, também se investiu na finalidade de manter um lar de idosos e um jardim de infância. Para abrigar irmãs, foi criada a Vila Helena e ao lado, o próprio Hospital. Neste hospital, hoje chamado de Dona Helena, atuaram muitas irmãs vindas inclusive de outras congregações da Alemanha;
- f) Sinimbu, RS, 1922: neste ano e local foi construído um hospital. Porém, para auxiliar na reestruturação do mesmo, que se encontrava em estado deplorável, foram enviadas em 1929 duas irmãs, quais foram Marta Schreiber e Ilse Stallbaum;
- g) Montenegro, RS, 1911: neste ano foi fundado um hospital na cidade, que, em 1931, passou a ser gerenciado pela irmandade de Wittenberg. Como não havia irmãs disponíveis em Wittenberg, o Hospital Alemão de Porto Alegre cedeu a Irmã Clara Wieser para este serviço;
- h) Agudo, RS, 1936: a Irmã Ella Harz atuou neste hospital por 21 anos. Além da atuação hospitalar, a irmã fazia partos em casa;
- i) Rio de Janeiro, RJ, 1934: já no ano de 1938, vinte e três irmãs de Wittenberg compunham o quadro de pessoas trabalhando no Hospital Alemão do Rio de Janeiro. Além disto, desde 1912, o Amparo Feminino já atuava na cidade. Em 1924 este já abrigava maternidade, lar de idosos e casa de passagem;
- j) Braço do Trombudo, SC, 1936: após muita dedicação, inaugurou-se o chamado *Asilo de Velhos*. Irmã Luise Simon assumiu a direção deste em 1951.

Embora algumas destas instituições hospitalares fundadas sejam em contextos rurais, nem esta pandemia de 2020, nem as outras ocorridas deixaram de contagiar pessoas no contexto rural. Contudo, havia hospitais e irmãs atuando nestes em grandes cidades quando estas gripes e seus contágios aconteceram. Aqui podemos afirmar que o perfil de atuação diaconal da IECLB nas pandemias que de formas severas atingiram o Brasil, 1918, 1957 e 1968 foi a partir do cuidado, enfermagem e assistência à saúde, até mesmo com a motivação para a criação de hospitais que deram conta deste atendimento.

### **Considerações finais**

Traçando um perfil da atuação diaconal da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em linhas gerais temos a seguinte perspectiva: Quando da chegada das primeiras pessoas imigrantes de confissão luterana ao Brasil, a forma de enfrentamento da crise a por estas encontradas foi a prática da solidariedade. Esta foi uma grande marca para enfrentar os impasses encontrados, pois nem tudo ocorreu como o planejado. A própria viagem da Europa ao Brasil já é passível de ser classificada como uma crise, pois as condições sanitárias e de alimentação não eram boas. Assim sendo, os primeiros anos de luteranismo no Brasil já foram fortemente marcados pela Diaconia, na forma de solidariedade e cuidado.

Infelizmente, não há registros encontrados de relatos especificamente de pessoas que atuaram em pandemias, e aquelas que por estas passaram, no século passado, já não estão mais vivas para alguma entrevista. Entretanto, este artigo quer deixar algumas pistas para evidenciar a forma que a IECLB praticava Diaconia durante as crises pandêmicas, se envolvendo nelas, a partir de hospitais, enfermagem e cuidados. Se partimos para evidências históricas, havendo contágio por todo o país do vírus influenza e suas variações, e, em havendo hospitais, alguns fundados por irmãs diaconisas ou que tiveram em sua trajetória atuação em hospitais, esta é uma evidência de como a Igreja atuou diaconalmente nestes outros tempos de crises.

Ainda que não foi possível encontrar relatos que confirmem esta atuação, os argumentos estão postos, houve doença, houve hospitais e houve quem atuasse na Diaconia, tendo a bênção para este ministério, nestes hospitais. A conclusão a que se chega é a de que a Igreja atuou na diaconia, durante estas outras crises pandêmicas, principalmente na área da enfermagem e cuidado, mas também, na forma da solidariedade com as diversas comunidades evangélico-luteranas em processo de crescimento e expansão no século XX.

Com a mudança no perfil da Igreja e no cenário social e civil, há um desafio para as comunidades de fé agirem e *diaconarem*<sup>10</sup> nesta pandemia do COVID-19. Temos um governo cristofascista e pessoas que dentro da própria IECLB o seguem. Porém, também temos o desafio da dimensão profética da diaconia, a qual indica que se atue denunciando as injustiças que ocorrem, não importando se esta seja promovida pelo presidente do país e suas frentes conservadoras. É

necessário atentar que houve avanços na compreensão teórica e prática da Igreja sobre Diaconia.

Já não se é apenas prática solidária espontânea, pois a IECLB avançou como Igreja na compreensão do que é Diaconia, ainda que há provas de que há muito assistencialismo sendo confundido com Diaconia. Também não se tem mais aquele mesmo perfil de formação para quem atua na Diaconia de forma tão focada e especializada na enfermagem e cuidados. Entretanto, a ação diaconal-comunitária e institucional desde a teoria até a prática não consegue fugir do diálogo com os contextos e sofrimentos para eliminar suas causas, sendo uma destas, no momento, uma necropolítica defensora de um Estado mínimo de direitos que segrega e exclui pessoa negras, LGBTQI+, mulheres, pessoas com deficiência, pessoas idosas, tornando a estas vítimas em potencial, não apenas da pandemia do COVID – 19, mas a partir de todo um entorno que a compõe, a exemplo dos feminicídios que aumentaram com o isolamento social.

O exemplo do Sínodo Nordeste Gaúcho quer servir de motivação para a ação diaconal. É necessário saber que a motivação para a diaconia na Igreja é epistemologia cristológica que conduz à ação e que esta é a identidade diaconal. É necessário, contudo, um olhar contextualizado para a ação, sabendo assim, que em tempos de forças contrárias ao evangelho de amor e misericórdia, se une forças a outras pessoas e instituições que também visam ao mesmo alvo, a superação da crise pandêmica de 2020 e que se estenderá por 2021. O que não se pode, contudo, como Igrejas, é deixar este momento passar e de forma inerte assistir silenciosamente às injustiças, corrupção, mortes e irresponsabilidades acontecendo em nosso país.

A crise permanente de injustiças e corrupção é deixar tudo como está, permitindo que pessoas sejam vítimas deste desgoverno que promove fome, doença e morte. A Igreja é um espaço de produção de saber e prática de ações diaconais transformadoras e proféticas denunciando a essas crises que acontecem ciclicamente para discutir alternativas. E, para isso, mediante planejamento e reflexão teológica pode se mostrar mais na sociedade e estabelecer parcerias.

Uma Igreja diaconal se coloca no lugar da vanguarda, atenta às vulnerabilidades das pessoas e partir delas para teorizar. Contribuir com a vida digna, proposta por Jesus, não combina com a manutenção das injustiças (capitalistas, patriarcais, coloniais, racistas e homofóbicas). Uma Igreja diaconal caminha de

superar necropolíticas tem espaço aberto em organizações sociais variadas para pensar nas alternativas de vida digna.

Temos vivido muitas crises e quarentenas. A superação passa por pensarmos em conjunto todas as demais crises: política, cultural, ideológica, de gênero e racial. Não há receita pronta, mas partindo da realidade e das dores do mundo e estabelecendo parcerias podemos contribuir em práticas diaconais com as palavras de Jesus: Eu vim para que tenham vida e vida em abundância.

### Referências bibliográficas

BEULKE, Gisela. A história do ministério diaconal na IECLB. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo: EST, v.47, n.1 junho de 2007. pp. 144-165. Disponível em: [http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos\\_teologicos/vol4701\\_2007/et2007-1h\\_gbeulke.pdf](http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4701_2007/et2007-1h_gbeulke.pdf). Acesso em 06 de julho de 2020.

BRAKEMEIER, Ruthild. *Um ramo na videira: a Casa Matriz de Diaconisas*. São Leopoldo: Sinodal, 2019.

COSTA, Ligia Maria Cantarino da; MERCHAN-HAMANN, Edgar. Pandemias de influenza e a estrutura sanitária brasileira: breve histórico e caracterização dos cenários. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*. Ananindeua: IEC, v. 7, n. 1, março de 2016. pp. 11-25. Disponível em [http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S21766223201600010002&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S21766223201600010002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 21 de julho de 2020.

CRISE. *Dicionário online de Língua Portuguesa Michaelis*. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/crise/>. Acesso em 19 de julho de 2020.

DREHER, Scheila dos Santos. *Em memória delas: A atuação de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil*. 2016. (sem página). Luteranos. Disponível em <https://www.luteranos.com.br/conteudo/em-memoria-delas-a-atuacao-de-mulheres-teuto-brasileiras-evangelicas-no-sul-do-brasil>. Acesso em 10 de julho de 2020.

FLUCK, Marlon Ronald. 500 anos de evangelização na América Latina. *Boletim Teológico.FTL*, vol./n. 19, 1992. pp. 43-64.

GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson; MUELLER, Enio R.; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler; ADAM, Júlio César; HOCH, Lothar Carlos; WACHS, Manfredo Carlos; STRÖHER, Marga Janete; BOBSIN, Oneide; KLEIN, Remí; RIETH, Ricardo Willy; ZWETSCH, Roberto E.; GAEDE NETO, Rodolfo; SINNER, Rudolf Eduard von; WEGNER, Uwe; SCHAPER, Valério Guilherme; HOEFELMANN, Verner. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

GAÚCHA ZH. *Junho Vermelho lança um alerta: doação de sangue não pode parar*. 2020. (sem página). Disponível em

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2020/06/junho-vermelho-lanca-um-alerta-doacao-de-sangue-nao-pode-parar-ckb19w1i3003d015n7ptcvu9x.html>. Acesso em 23 de junho de 2020.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Modelo de Distanciamento Controlado*. 2020 (sem página). Disponível em <https://distanciamentoccontrolado.rs.gov.br/>. Acesso em 23 de junho de 2020.

JANDREY, Carla Vilma. *Diaconia e saúde popular*. 2020. (Acervo pessoal da pesquisadora).

KIBUUKA, B.G.L. ComplicityandSynergyBetween Bolsonaro andBrazilianEvangelicals in COVID-19 Times: AdherencetoScientificNegationism for Political-ReligiousReasons. *InternationalJournalofLatinAmericanReligions*. v.4, 2020. pp. 288-317.

MIGALHAS. *Há 102 anos, gripe espanhola paralisou o Brasil*. 2020 (sem página). Disponível em <https://www.migalhas.com.br/quentes/323030/ha-102-anos-gripe-espanhola-paralisou-o-brasil>. Acesso em 20 de julho de 2020.

NORDSTOKKE, Kjell (org.). *Diaconia: fé em ação*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

PRIEN, Hans-Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a IECLB*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001.

PY, F. Bolsonaro'sBrazilianChristofascismduringtheEasterperiodplaguedby Covid-19. *InternationalJournalofLatin American Religions* v.4, 2020. pp. 318-334.

PY, F. *Pandemia Cristofascista*. São Paulo: Recriar. 2020.

ROCHA, Juliana. *Pandemia de Gripe de 1918*. [201-]. (sem página). Disponível em <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=815&sid=7>. Acesso em 20/07/2020.

SANARMED. *Pandemias na História: o que há de semelhante e de novo na Covid-19*. 2020 (sem página). Disponível em <https://www.sanarmed.com/pandemias-na-historia-comparando-com-a-covid-19>. Acesso em 18 de julho de 20.

SANTOS, Rosyleni Alves dos. Verbete Crise In.: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson; MUELLER, Enio R.; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler; ADAM, Júlio César; HOCH, Lothar Carlos; WACHS, Manfredo Carlos; STRÖHER, Marga Janete; BOBSIN, Oneide; KLEIN, Remí; RIETH, Ricardo Willy; ZWETSCH, Roberto E.; GAEDE NETO, Rodolfo; SINNER, Rudolf Eduard von; WEGNER, Uwe; SCHAPER, Valério Guilherme; HOEFELMANN, Verner. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. Crise. p. 217.

SÍNODO NORDESTE GAÚCHO, Coordenação Sinodal de Diaconia. Carta: *Diaconia e COVID-19*. Destinatário: Ministras e Ministros do Sínodo Nordeste Gaúcho. Estância Velha (RS). 07 de abril de 2020.

ZERO HORA. *Farmácias de Porto Alegre registram falta de álcool gel e máscaras*. 2020 (sem página). Disponível em

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/03/farmacias-de-porto-alegre-registram-falta-de-alcool-gel-e-mascaras-ck7zc6q74064p01oa3qlqwj3x.html>. Acesso em 23 de julho de 20.

---

<sup>1</sup>A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil é estruturada em 18 regiões no Brasil, chamadas de Sínodos.

<sup>2</sup> Dez desses países são pequenas ilhas remotas da Oceania. Coreia do Norte e Turcomenistão são países autocráticos que segundo dados avaliados pela Organização Mundial de Saúde, não são fontes confiáveis de pesquisa sobre o COVID-19.

<sup>3</sup> Termo utilizado pela IECLB para designar a função de um pastor ou pastora que se dispõe a exercer a função de liderança de uma destas regiões em que a Igreja está dividida, os Sínodos.

<sup>4</sup> Esta coordenação é formada por duas pessoas na assessoria teológica, a diácona Marli Blos e o pastor Cláudio Rehsig, uma diácona emérita Vera Nunes, duas pessoas voluntárias na Diaconia do Sínodo, Iloiva Schmidt e Marli Petry. Esta coordenação ainda conta com a assessoria do diácono Dionata de Oliveira e da pastora sinodal Tânia Cristina Weimer.

<sup>5</sup>Dionata Rodrigues de Oliveira, um dos autores deste artigo é o assessor de Diaconia do Sínodo Nordeste Gaúcho.

<sup>6</sup> Fala do professor Kjell Nordstokke, na palestra *Diaconia*, no Encontro Regional da Comunhão Diaconal da IECLB, na Casa Matriz de Diaconisas, em São Leopoldo/RS, em 06 de julho de 2020.

<sup>7</sup> De origem alemã, pois sabe-se que a partir de 1822 vieram outros imigrantes holandeses, suíços, dinamarqueses. Há também autores como Marlon Ronald Fluck que contestam a data da chegada dos primeiros imigrantes alemães. Teriam chegado alguns anos antes em Petrópolis (RJ). FLUCK, 1992.

<sup>8</sup>Precisamos salientar que não foi possível acessar o arquivo histórico da IECLB em função da pandemia de coronavírus. Entretanto, isso não nos prejudica em termos de pesquisa, havendo muito material digitalizado.

<sup>9</sup>Não há registros sobre em que ano esta irmã atuou na área da saúde e cuidado.

<sup>10</sup> O termo diaconar é um neologismo utilizado nos últimos tempos por autoras e autores da área da Teologia prática e diaconia.

*Recebido em 14/10/2020*

*Aceito para publicação em 26/02/2021*

# **Economias morais evangélicas e governo Bolsonaro em tempos de pandemia**

Evangelical moral economies and Bolsonaro government in pandemic times

Silas Fiorotti\*

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-12>

## Resumo

O artigo aborda alguns discursos de líderes evangélicos brasileiros relativos à liberdade religiosa e à saúde pública. Buscou-se a identificação de alguns elementos da *cultura pública evangélica* e alguns valores morais partilhados por diversos grupos evangélicos que se conjugam com estratégias de poder do governo do presidente Jair Messias Bolsonaro e com as estratégias de poder dos líderes das grandes igrejas pentecostais. Em tempos de pandemia da Covid-19, fica ainda mais evidente que as chamadas *economias morais evangélicas* são mobilizadas em prol do oportunismo e da irresponsabilidade.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Discursos morais. Religião e política. Saúde pública.

## Abstract

The paper focuses on some speeches by Brazilian evangelical leaders regarding religious freedom and public health. It sought to identify some elements of *evangelical public culture* and some moral values that are shared by several evangelical groups that combine with the power strategies of the government of President Jair Messias Bolsonaro and with the power strategies of the leaders of the largest Pentecostal churches. In times of Covid-19 pandemic, it becomes even more evident that so-called *evangelical moral economies* are mobilized in favor of opportunism and irresponsibility.

Keywords: Pentecostalism. Moral speeches. Religion and politics. Public health.

## Introdução

A sociedade brasileira viu, ao longo de muitos anos, os evangélicos protagonizarem uma redefinição do religioso e parece que tornou-se um caminho sem volta. Conforme pesquisa do Datafolha, divulgada no início de 2020, os evangélicos já representam aproximadamente 31% da população brasileira (Balloussier, 2020), há uma grande *cultura pública* dos evangélicos, a ideia de que as igrejas evangélicas só fazem bem ao país está amplamente disseminada, e no horizonte não há nenhum movimento no sentido de fiscalizar as atividades das igrejas evangélicas, de fiscalizar as movimentações financeiras das igrejas, de fiscalizar os amplos repasses de dinheiro para empresas, de restringir a atuação das igrejas

---

\*Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e professor colaborador no Centro de Pesquisa e Pós-Graduação do Centro Universitário FMU (CPPG-FMU), São Paulo. E-mail: silas.fiorotti@gmail.com.

nos meios de comunicação, de restringir a atuação de líderes evangélicos na política e de impedir que partidos políticos sejam controlados por igrejas evangélicas (Guimarães *et al.*, 2020; Prazeres, 2020; Ward *et al.*, 2020).<sup>1</sup>

A redefinição do religioso e o crescimento dos evangélicos, principalmente dos diversos grupos pentecostais, têm desafiado as análises dos res<sup>2</sup>. Os pesquisadores apontam diversos fatores para este crescimento do pentecostalismo brasileiro, por exemplo: a presença de lideranças carismáticas; a flexibilidade nos usos e costumes e nos padrões morais; as liturgias mais descontraídas, com muita música e cheias de emocionalismo; a presença na mídia; a pregação da chamada confissão positiva ou da vida vitoriosa; o apego à cura divina e a oferta de serviços mágicos; a teologia da prosperidade; a ênfase na batalha espiritual e no combate ao mal; o papel das igrejas pentecostais como redes de ajuda mútua e de integração social; a racionalização empresarial das igrejas; entre outros.

Algumas linhas interpretativas enfatizam mais as mudanças culturais, sociais e econômicas que supostamente propiciam o crescimento do pentecostalismo, assim o pentecostalismo seria uma espécie de “resposta” aos problemas econômicos, sociais e pessoais. Outras linhas interpretativas enfatizam mais as próprias estratégias das igrejas e dos líderes pentecostais, assim como a concorrência entre si e entre outras vertentes religiosas no sentido de atrair frequentadores e membros, e também enfatizam as “regulações” ou “desregulações” das atividades das igrejas por parte do estado. Estes fatores e estas linhas interpretativas não são excludentes entre si, mas talvez não seja possível analisar o pentecostalismo contemporâneo sem olhar para estas formas pelas quais o estado se relaciona com as igrejas e com os líderes pentecostais (Mariano, 2003; 2008).

Diversas análises apontam para a emergência, a partir da década de 1990, da *cultura pública evangélica* no Brasil (Giumbelli, 2014). Esta cultura pode ser ilustrada por alguns fatores: a presença evangélica nos meios de comunicação; as personalidades evangélicas que publicitam sua fé; os eventos públicos dos evangélicos; a música gospel que é muito difundida; a presença evangélica nas grandes cidades brasileiras, especialmente nas periferias; a presença crescente de exemplares da Bíblia em estabelecimentos públicos; a criação de praças e monumentos dedicados à Bíblia; a existência de placas e de decretos declarando que municípios pertencem a Jesus; a instituição do Dia do Evangélico em diversos municípios e estados brasileiros; entre outros. Dentro desta cultura pública

evangélica, destaca-se a presença da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) através de suas diversas emissoras de rádio e de televisão, do jornal Folha Universal, das telenovelas bíblicas produzidas pela Rede Record, dos grandes lançamentos de livros e filmes, e de suas grandiosas catedrais.

Há quem diga que a maior parte dos grupos evangélicos pentecostais é fundamentalista (Marton, 2020). Tenho minhas dúvidas. Talvez seja o momento de abandonar as compreensões que simplesmente associam os pentecostais brasileiros ao fundamentalismo. O movimento dos evangélicos pentecostais contemporâneos –se é que cabe generalização deste tipo– não é propriamente um movimento que vai no sentido do fundamentalismo ou do literalismo bíblico inflexível. Os líderes pentecostais vão mudando seus discursos, há uma maleabilidade relativamente grande, e até mesmo o bem e o mal podem ser transmutáveis nos discursos e nas práticas. Pode-se combater alguma prática religiosa e, ao mesmo tempo, incorporar diversos elementos desta prática religiosa (Almeida, 2009; Silva, 2007). Pode-se demonizar algum grupo político quando convém e depois estabelecer aliança com este mesmo grupo, pode-se apoiar governos de esquerda e depois apoiar um governo de direita (Almeida, 2019; Resende, 2018). Neste sentido, acredito que os discursos dos líderes pentecostais e suas alianças políticas estão especialmente comprometidos com o projeto das grandes igrejas pentecostais rumo a uma hegemonia religiosa no Brasil (Giumbelli, 2007).

Por mais que se defenda que os grupos evangélicos não constituem um bloco monolítico e que os crentes evangélicos muitas vezes adotam posicionamentos distintos das lideranças de suas igrejas, este artigo volta-se aos elementos comuns que provavelmente apontam para a existência de um movimento predominante e hegemônico entre os mais diversos grupos evangélicos, principalmente entre os pentecostais. A intenção não é negar toda a diversidade que há no meio evangélico e até mesmo entre os diversos grupos pentecostais, mas sim enfatizar que os discursos sobre os evangélicos em geral e enunciados por diversos evangélicos apontam para a existência de um grande contingente de evangélicos que se deixa penetrar por determinadas lógicas que lhe são exteriores e que busca se expandir para além dos espaços religiosos<sup>3</sup> (Giumbelli, 2007).

Com relação aos elementos comuns, pode-se mencionar as chamadas formas sensoriais pentecostais que moldam o conteúdo e as normas dos grupos pentecostais e, neste sentido, contribuem para a conformação de uma *economia*

*moral* dos evangélicos brasileiros em geral<sup>4</sup>. Mas, diante da maleabilidade dos discursos dos líderes pentecostais, será que é possível identificar e compreender alguns princípios morais de distinção entre bem e mal que são amplamente partilhados no meio evangélico?

Pode-se partir da noção de *moral* utilizada por Didier Fassin: a “crença humana na possibilidade de diferenciar certo de errado e na necessidade de agir em favor do bem e contra o mal” (Fassin, 2019, p. 36). É uma *economia moral*, por sua vez, representaria a produção, circulação e apropriação de valores morais e sentimentos em relação a uma determinada questão social (Fassin, 2015). Neste sentido, seguindo a abordagem de D. Fassin para analisar alguns valores morais partilhados por diversos evangélicos, talvez seja mais apropriado falar em termos de *economias morais evangélicas* no plural: uma economia moral da liberdade religiosa, uma economia moral da família, uma economia moral da sexualidade, uma economia moral da educação, e assim por diante.

Esses valores morais partilhados por diversos evangélicos estão cada vez mais sendo apropriados pelos políticos, principalmente nas campanhas eleitorais. É difícil estabelecer uma distinção clara entre o que é considerado estritamente político e o que é considerado estritamente religioso, mesmo com o reconhecimento de que algumas práticas são próprias dos atores e dos espaços religiosos. Os discursos morais e os discursos religiosos confundem-se com os discursos políticos. Assim, ao invés de tentar definir algo que é estritamente religioso, é mais útil enfatizar as formas pelas quais o estado se relaciona com os agentes religiosos, “regula” ou “desregula” as atividades religiosas.

A análise seguirá essa abordagem e contará com o auxílio dessas ferramentas. Busca-se responder algumas questões: Quais são os elementos da cultura pública evangélica e quais os valores morais partilhados por diversos evangélicos que se conjugam com estratégias de poder? Quais questões morais, políticas e estéticas estão em jogo? Para isto, serão analisados alguns discursos de líderes evangélicos relativos à noção de liberdade religiosa e relativos à saúde pública.

### **Economia moral da liberdade religiosa**

A liberdade religiosa não deixa de ser um princípio ambíguo e ambivalente que muitas vezes é defendido para privilegiar grupos cristãos. Até mesmo os gru-

pos não cristãos que defendem uma determinada concepção de *laicidade* do estado frequentemente utilizam a linguagem cristã<sup>5</sup>. Por exemplo, utiliza-se as palavras de Jesus: “Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mc 12,17 - ARC)<sup>6</sup>, no sentido da defesa do pressuposto moderno da separação entre religião e política (Barone, 2020). Este tipo de utilização do texto bíblico coloca o cristianismo como uma religião superior, mais avançada, mais sintonizada com a laicidade e com a liberdade religiosa, algo que alimenta o preconceito em relação aos grupos não cristãos, principalmente os muçulmanos (Asad, 2018).

A Constituição brasileira de 1988 estabelece um regime jurídico de princípio laico com a separação entre Igreja e Estado e o não comprometimento do Estado com nenhum grupo religioso. Isto se estabeleceu formalmente, mas não impediu o estabelecimento de relações estreitas entre os poderes públicos e a Igreja Católica e, nos últimos anos, de relações estreitas entre os poderes públicos e as igrejas evangélicas (Giumbelli, 2014; Oro, 2011).

Na esteira das ambiguidades e ambivalências das concepções de liberdade religiosa e de laicidade, diversos evangélicos promovem uma confusão semântica para inviabilizar as discussões e as utilizações destas concepções no sentido de promover a diversidade religiosa. Estes são aspectos centrais da estratégia dos evangélicos das grandes igrejas pentecostais para levar adiante o seu projeto de hegemonia religiosa no Brasil: promover a confusão semântica e inviabilizar as discussões sobre liberdade religiosa e laicidade.

Os evangélicos brasileiros de um modo geral alimentam a ideia de que ainda constituem uma minoria religiosa que está continuamente ameaçada, que precisa ser defendida com vigor, que precisa afirmar sua identidade, e que precisa ter o seu lugar reconhecido e respeitado no espaço público. É uma ideia questionável neste momento em que os evangélicos constituem aproximadamente 31% da população brasileira e caminham para ser o maior grupo religioso (Baloussier, 2020). Por conta dessa ideia de minoria, líderes evangélicos pentecostais controversos como o televangelista Silas Malafaia, que fazem discursos eloquentes em defesa dos evangélicos, gozam de grande prestígio até mesmo entre os líderes evangélicos mais moderados das igrejas históricas:

[...] O Silas Malafaia, eu penso que ele é um desses líderes evangélicos que milita pela afirmação da identidade evangélica, da moral evangélica, da doutrina evangélica. Penso que o Silas Malafaia é uma dessas pessoas que trabalha por localizar a igreja evangélica

no espaço público da sociedade brasileira. (Ed René Kivitz, pastor da Igreja Batista de Água Branca, São Paulo, 09 out. 2018).<sup>7</sup>

Isto mostra que há uma condescendência difusa e muitos líderes evangélicos sentem-se impedidos de fazer qualquer crítica aos seus pares para não agir contra o próprio grupo que é tomado como minoritário e perseguido. Por mais que possa haver divergências, estes líderes moderados provavelmente não querem expor suas comunidades e querem continuar se beneficiando do prestígio dos líderes pentecostais que fazem uso massivo das mídias. Por outro lado, diante do grande crescimento de atos de intolerância religiosa dos evangélicos contra os religiosos afro-brasileiros, adeptos dos candomblés e das umbandas, muitos líderes evangélicos simplesmente se recusam a sair publicamente em defesa destes grupos religiosos porque só aceitam se manifestar publicamente contra a intolerância religiosa sofrida pelos evangélicos, só querem ter suas imagens associadas com a defesa dos próprios irmãos evangélicos. Quando questionados sobre os atos de intolerância encabeçados por evangélicos, estes líderes moderados dizem simplesmente que trata-se de casos isolados e que a mídia tende a demonizar todos os evangélicos:

[...] A TV no Brasil, de forma geral, ainda se preocupa muito mais com o circo, com o sensacional, com os embates e os extremos, do que com o diálogo e a discussão construtiva. A mídia tem um papel muito forte nisso. Os movimentos LGBT, por exemplo, são pintados sempre como mocinhos e os evangélicos todos demonizados como homofóbicos, o que é uma inverdade. [...] A face evangélica que está exposta para o imaginário coletivo do brasileiro é a face mais grotesca, mais triste e que não representa a índole da igreja evangélica brasileira, com a mais absoluta certeza. (Ed René Kivitz, pastor da Igreja Batista de Água Branca, São Paulo, 23 jun. 2015).<sup>8</sup>

A confusão semântica e a ideia de minoria religiosa também são utilizadas como estratégias pelos parlamentares evangélicos. A atuação dos parlamentares evangélicos é fundamental para que a discussão sobre liberdade religiosa continue hegemonizada no Brasil: fazendo lobby para ninguém mexer com as grandes igrejas pentecostais e suas movimentações financeiras, fazendo lobby para ninguém mexer no estatuto jurídico das igrejas, etc. Pode-se citar como exemplo a grande aliança entre diferentes grupos evangélicos, ao longo de 2002 e 2003, no sentido de combater as regras do novo Código Civil (lei 10.406) que ampliavam o controle jurídico-político do Estado sobre as organizações religiosas, exigiam mudanças estatutárias, transparência e democratização decisória nas organizações

religiosas (Mariano, 2006). O Ministério Público poderia atuar com mais rigor em relação às atividades das grandes igrejas pentecostais, porque há muitos indícios de irregularidades e muitas investigações não são concluídas (Guimarães *et al.*, 2020; Prazeres, 2020; Ward *et al.*, 2020); e os líderes mais moderados das igrejas evangélicas históricas e os políticos evangélicos de linha progressista têm medo de discutir efetivamente esta questão. A concepção de liberdade religiosa defendida pelos parlamentares evangélicos de um modo geral é de uma liberdade religiosa irrestrita para o benefício exclusivo dos evangélicos. Neste sentido, a liberdade religiosa tem sido utilizada como uma desculpa para os líderes pentecostais estimularem ataques contra minorias com seus discursos públicos: ataques misóginos, homofóbicos, xenófobos, racistas e de intolerância religiosa (Fiorotti, 2019; Silva, 2007).

Uma boa definição dessa concepção de liberdade religiosa irrestrita defendida pelos políticos evangélicos está nas palavras de um parlamentar evangélico da cidade de São Paulo, que pode ser considerado um líder evangélico moderado:

[...] Sou contra qualquer iniciativa que queira cercear nosso direito de expressar a fé em Jesus ou queira calar nossa voz profética nessa nação, sou contra tentativas de rebaixamento moral da família e de desvalorização da vida, sou contra projetos que queiram obrigar pastores a fazer coisas que contrariem nossa fé, o Estado tem de saber que as igrejas têm suas próprias regras. Eu estou atento e vigilante. Se algo assim ameaçar avançar em São Paulo, levantarei minha voz e agirei para impedir. (Carlos Bezerra Jr., parlamentar e pastor da Igreja Comunidade da Graça, São Paulo, 25 out. 2014).<sup>9</sup>

Estas palavras estão no contexto da busca pelos votos dos pentecostais em geral, assim o líder evangélico mais moderado reafirma o compromisso com a liberdade religiosa irrestrita. Mesmo que isto não seja algo central na sua atuação como parlamentar, ele não se permite abandonar este compromisso ou relativizar esta concepção de liberdade religiosa que toma qualquer proposta de mudança no estatuto jurídico das igrejas como perseguição aos evangélicos.

A intenção até aqui foi destacar que, ao voltar-se somente aos líderes das grandes igrejas pentecostais e aos políticos fisiológicos da chamada bancada evangélica, a Frente Parlamentar Evangélica (FPE)<sup>10</sup>, qualquer análise corre o risco de restringir-se aos interesses e objetivos práticos das grandes igrejas pentecostais. Contudo, ao pensar em termos de uma economia moral da liberdade religiosa, pode-se olhar para aspectos que são compartilhados por um contingente

maior de evangélicos. Neste sentido, destacou-se a presença da ideia de que os evangélicos constituem uma minoria perseguida e da defesa da liberdade religiosa irrestrita nos discursos de lideranças evangélicas mais moderadas e de linha política progressista e que, por sua vez, estão sintonizados com os discursos dos líderes das grandes igrejas pentecostais e dos políticos fisiológicos da Frente Parlamentar Evangélica. Por exemplo, no mesmo sentido, os parlamentares da FPE costumam repetir que “o Estado é laico, mas a sociedade é religiosa” ou “o Estado é laico, mas não é ateu” (Almeida, 2019).

Agora a análise volta-se aos discursos evangélicos relativos à saúde pública.

### **Evangélicos, governo Bolsonaro e saúde pública**

A defesa da liberdade religiosa irrestrita muitas vezes considera que quaisquer discursos proferidos a partir dos púlpitos evangélicos são totalmente aceitáveis, porque são considerados simplesmente como “expressões da fé em Jesus” (Bezerra Jr.; Cavallera, 2014). Mas o que dizer quando estes discursos evangélicos colocam-se frontalmente contra a saúde pública? O que dizer quando os discursos evangélicos colocam em risco a saúde de toda a população?

O fato é que diversos discursos evangélicos vão contra a saúde pública. Isto é ainda mais problemático quando estes discursos são muito difundidos no contexto brasileiro em que grande parte da população não tem acesso aos serviços públicos de saúde (de atenção primária) e de saneamento básico. Pode-se citar os discursos sugerindo que atendimentos espirituais das igrejas podem substituir serviços médicos; os discursos que promovem a ideia de que a abstinência sexual defendida pelos evangélicos trata-se de método eficaz para prevenir doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce; os discursos contrários à educação sexual voltada para adolescentes e jovens; os discursos contrários à distribuição de preservativos; os discursos contrários à vacinação de adolescentes para prevenção de infecções do HPV. Há grupos evangélicos que, seguindo estes discursos, organizam campanhas contra materiais didáticos, contra planos educacionais, contra cartilhas e campanhas do Ministério da Educação e do Ministério da Saúde, entre outras (Almeida, 2019; Bulgarelli e Marreiro, 2020; Motta, 2018).

A ministra Damares Alves, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), membro do governo de Jair Messias Bolsonaro, é uma

liderança evangélica que tem atuado no sentido de atender essas demandas evangélicas. Seus discursos defendem os valores morais partilhados pelos evangélicos em duas direções. Por um lado, há uma defesa da privatização de algumas atribuições estatais para o âmbito familiar ou religioso; por outro lado, há uma defesa da transformação de alguns valores morais em políticas públicas. As argumentações de Damares Alves são simplesmente fugas dos problemas sociais brasileiros com a recorrente utilização dos valores morais como subterfúgio.

“A escola não é mais um lugar seguro. [...] O único lugar seguro para as crianças nessa nação é a igreja” (Damares Alves, Belo Horizonte, 03 mai. 2016)<sup>11</sup>. No sermão proferido em uma grande igreja pentecostal, em 2016, Damares Alves não convoca os evangélicos a lutarem por uma escola pública de qualidade, ela não menciona quais seriam as medidas necessárias para resolver os problemas da educação brasileira, nem cogita a possibilidade de cada igreja evangélica adotar uma escola pública para contribuir financeiramente e fazer trabalhos voluntários. Não. Ela é contundente em seu pessimismo com o intuito de gerar adesão a partir da frustração e do ressentimento do público evangélico. A mensagem é de que não adianta fazer nada pela escola pública, ela simplesmente está dominada pelo mal, ela está fadada ao fracasso, tudo para as crianças deve ser feito somente no âmbito da igreja evangélica. Isto tende a colocar os evangélicos contra as iniciativas de professores no sentido de promover o ensino da cultura afro-brasileira, o respeito à diversidade, o respeito aos direitos humanos, as discussões sobre relações de gênero, a educação sexual, entre outras (Almeida, 2019; Fiorotti, 2019). A retórica populista de políticos como Jair Messias Bolsonaro também trabalha com a mobilização da frustração e do ressentimento para gerar adesão, sem a proposição de alternativas.

Em relação à saúde pública, desde o início de 2020, Damares Alves tem levado adiante uma campanha moralista de abstinência sexual com o argumento de prevenir a gravidez precoce (Alves, 2020a; Ferreira; Mariz, 2020). Trata-se de campanha governamental que conta com dinheiro público do Ministério da Saúde, mesmo não apresentando estudos científicos sobre sua eficácia. O líder evangélico Maurício José Silva Cunha, secretário nacional dos direitos da criança e do adolescente, atua diretamente na implementação desta campanha:

[...] Para nós, isso é uma ampliação de direitos. Ou seja, a gente não está de forma alguma renunciando outros métodos contraceptivos. A gente quer que seja um componente a mais do leque que temos de redução ao risco sexual precoce. O fortalecimento da

criança e adolescente e suas famílias como uma opção, não como imposição ou agenda única de redução da gravidez. (Maurício José Silva Cunha, Brasília, 23 jan. 2020)<sup>12</sup>.

Cunha diz que o governo federal não está renunciando outras campanhas em prol desta campanha moralista. No entanto, a campanha utiliza o dinheiro público do Ministério da Saúde. Ou seja, tira-se efetivamente dinheiro da promoção da saúde, das campanhas de educação sexual e dos métodos contraceptivos para promover uma campanha moralista que não tem base científica e que se colocará em concorrência com as outras campanhas. Trata-se de algo muito problemático, mas Damares Alves vai além, ela se coloca frontalmente contra as campanhas de educação sexual elaboradas pelos técnicos do Ministério da Saúde ao dizer: “Pode espernear os ‘ólogos’ [especialistas], os pais e mães estão concordando comigo”<sup>13</sup>(Damares Alves, Brasília, 17 jan.2020). Ela deixa claro que não se importa com a opinião dos especialistas e dos pesquisadores da área da saúde pública, entre outras; o que interessa é estar em sintonia com aquilo que ela acredita ser a moralidade da maioria das famílias brasileiras que, por sua vez, supostamente é semelhante à moralidade evangélica. Aqui não há referência à minoria religiosa que precisa ser respeitada, mas sim à vontade da maioria, à moralidade da maioria e, conseqüentemente, à moralidade evangélica que será imposta através da política pública.

Há uma tentativa de impor determinada moralidade sobre toda a população através da implementação de uma política pública, principalmente sobre a população pobre. A justificativa é que isto trará benefícios para as vidas dos cidadãos. As escolhas dos cidadãos pobres sobre suas próprias vidas vão sendo limitadas pelo poder público. A noção de *biopoder* é uma ferramenta importante para a reflexão sobre as formas como o poder público interfere nas vidas e principalmente nos corpos das pessoas<sup>14</sup>. Ou seja, o controle dos governos sobre as sociedades e suas populações começa nos corpos, o corpo pode ser entendido como uma realidade biopolítica, e a saúde pública, neste sentido, pode ser entendida como um controle da saúde e do corpo da população pobre para torná-la menos perigosa (Foucault, 2008). De uma forma geral, a população pobre é vista como um “problema” a ser enfrentado e o poder público brasileiro impõe quaisquer medidas, muitas vezes violando a legislação e os direitos fundamentais, para resolver este “problema”. A redução de potenciais “marginais” é algo central nos planos de diversos governos em relação à população pobre, mas nem sempre

estes planos se conjugam com os valores morais partilhados pelos evangélicos, como no caso de promover o acesso ao aborto e à esterilização massiva para mulheres negras e pobres<sup>15</sup>(Carneiro, 2011). A campanha de abstinência sexual, por sua vez, conjuga estes valores morais com os planos de redução do nascimento de potenciais “marginais”, com os planos de tornar a população pobre menos perigosa para a elite.

A ministra Damares Alves e os líderes das grandes igrejas pentecostais são hábeis em conjugar a defesa da liberdade religiosa irrestrita e dos valores morais com a retórica populista e o biopoderdo presidente Jair Messias Bolsonaro. Constatou-se isto em discursos proferidos durante a pandemia da Covid-19.

Durante os primeiros casos da Covid-19 no Brasil, os líderes evangélicos de grandes igrejas pentecostais –Silas Malafaia, José Wellington Jr, Edir Macedo, Valdemiro Santiago, R.R. Soares, Estevam Hernandez, entre outros– adotaram posições extremamente irresponsáveis em relação à saúde pública. Em meados de março, alguns discursos foram proferidos por estes líderes: (a) discurso de que o novo coronavírus é só mais um vírus e que a pandemia envolve interesses econômicos; (b) discurso de que a Covid-19 é só uma estratégia de Satanás e da mídia para induzir as pessoas ao pânico; (c) discurso de que a Covid-19 só atinge quem não tem fé; (d) discurso de que igrejas não podem fechar suas portas e cancelar reuniões presenciais; (e) discurso com críticas diretamente voltadas às recomendações do Ministério da Saúde e das secretarias de saúde; (f) discurso de que uma grande contribuição financeira ou “oferta de sacrifício” pode evitar a Covid-19<sup>16</sup>. Como se pode ver nos seguintes exemplos:

[...] Meu amigo e minha amiga, não se preocupe com o coronavírus. Porque essa é a tática, ou mais uma tática, de Satanás. Satanás trabalha com o medo, o pavor. Trabalha com a dúvida. E quando as pessoas ficam apavoradas, com medo, em dúvida, as pessoas ficam fracas, débeis e suscetíveis. Qualquer ventinho que tiver é uma pneumonia para elas. (Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, São Paulo, mar. 2020).<sup>17</sup>

[...] Cobrindo meu altar de oferta eu saio e luto a tua guerra com a arma que você não tem. Eu te defendo. Sua empresa está bloqueada? Faz a Mezuzah [referindo-se à história do êxodo do povo hebreu] do Santuário, divide em 10 vezes [...] faz um desafio com Deus, você pode fazer um desafio de mil reais, de trezentos reais, você pode cobrir sua casa especificamente contra essa praga [coronavírus]. (Sônia Hernandez, bispa da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, São Paulo, mar. 2020).<sup>18</sup>

[...] não é para o povo de Deus ficar com medo desse vírus que tá vindo por aí chamado coronavírus. [...] ele é a coroa do diabo mas nós temos a coroa de Jesus sobre nós. [...] Nós não podemos ter

medo de jeito algum. (Romildo Ribeiro Soares ou R.R. Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, São Paulo, mar. 2020).<sup>19</sup>

Estes discursos das lideranças evangélicas representam fugas ao enfrentamento da pandemia e se conjugam com a retórica populista e o biopoderde Jair Messias Bolsonaro a favor do direito de ir e vir, a favor de uma liberdade irresponsável, no momento em que os especialistas e técnicos recomendaram o isolamento social como única medida eficaz de frear o contágio do coronavírus e de impedir o colapso do sistema de saúde.<sup>20</sup> O biopoderde Bolsonaro se coloca contra o suposto autoritarismo estatal, contra o autoritarismo da legislação, contra o autoritarismo positivista dos crédulos na ciência, contra as intervenções estatais na economia, contra os programas de renda básica para as famílias pobres e, no momento de pandemia, obrigou grande parte da população a sair de casa em busca de renda e alimentação, agiu contra as medidas de distanciamento social e colocou as vidas dos cidadãos pobres em risco.

Destaca-se a nota emitida pela Frente Parlamentar Evangélica (FPE), no dia 25 de março de 2020, pedindo a reabertura dos templos evangélicos para enfrentar a “pandemia maligna”:

[...] O País está paralisado devido à pandemia, e os templos religiosos precisam ser preservados, pois a fé será a principal fonte de cura nesse momento de desespero da população e os templos religiosos devem ser enquadrados como atividades essenciais do Estado, preservando a abertura e o funcionamento dos locais destinados aos cultos religiosos, a fim de assegurar a liberdade religiosa protegida constitucionalmente. (Silas Câmara, deputado federal e presidente da FPE, Brasília, 25 mar. 2020).<sup>21</sup>

E destaca-se a convocação dos líderes evangélicos para um *Jejum Pelo Brasil*, que ocorreu no dia 5 de abril de 2020.<sup>22</sup> O deputado Marco Feliciano fez a intermediação entre as lideranças evangélicas e o presidente:

[...] Ele [Jair Messias Bolsonaro], como cristão e temente a Deus, sabe a força do jejum e da oração, foi extremamente tocado. Pessoal, nunca antes vimos um presidente agir assim. (Marco Feliciano, deputado federal e líder da Igreja Assembleia de Deus Catedral do Avivamento, Brasília, 01 abr. 2020).<sup>23</sup>

A ministra Damares Alves defendeu o *Jejum Pelo Brasil* mencionando a ciência:

[...] A ciência já mostrou que a fé alcança, renova a esperança. Precisamos falar em esperança, por favor, precisamos renovar a esperança donossopovo(Damare Alves, Brasília, 03 abr. 2020).<sup>24</sup>

A concepção de liberdade religiosa irrestrita é utilizada de forma oportunista e irresponsável nestes discursos, no sentido que vai totalmente contra a saúde pública. Estes líderes evangélicos não se preocupam efetivamente com a saúde das pessoas que frequentam os templos de suas igrejas, nem com a saúde dos brasileiros em geral. A defesa da fé os dispensa de qualquer responsabilidade com relação à saúde pública, ou simplesmente esconde os interesses econômicos destes líderes de grandes igrejas que são também líderes de conglomerados empresariais. O presidente Jair Messias Bolsonaro é tomado como cristão sinceramente a Deus, que se comove com as iniciativas dos líderes evangélicos, isto é um sinal de que seu governo está no caminho certo e deve ser apoiado, independentemente de suas posições em relação à pandemia da Covid-19.

A atuação do presidente Jair Messias Bolsonaro mostra como as percepções do público e do privado se confundem, ele coloca seus interesses particulares acima dos interesses públicos<sup>25</sup>. Bolsonaro é um governante que conduz sua vida pública a partir das experiências e dos sentimentos do âmbito privado. Pelo fato de supostamente tratar com cortesia as mulheres e os amigos negros no âmbito privado, ele considera que pode proferir discursos públicos misóginos e racistas sem ser efetivamente preconceituoso. Ele não segue as liturgias dos cargos públicos, as formalidades das instituições republicanas, ele considera que tudo isto é autoritarismo estatal que deve ser combatido, mas sua falta de decoro confunde-se com desvio de finalidade da função pública e improbidade administrativa. Em relação à saúde pública, Bolsonaro também age de acordo com seus interesses particulares e suas emoções. Ele não está pessoalmente preocupado com a pandemia da Covid-19, provavelmente não é algo que atinge dramaticamente seus amigos e seguidores mais próximos, então ele considera que não é algo importante, considera que não é algo que deve ter a atenção de seu governo, mesmo que esteja matando milhares de cidadãos brasileiros.

Para além da conjugação dos valores morais partilhados por diversos evangélicos com a retórica populista e o biopoder de Jair Messias Bolsonaro, há formas sensoriais utilizadas por Bolsonaro que são semelhantes às formas sensoriais pentecostais, formas sensoriais que criam uma identificação direta de Bolsonaro com muitos evangélicos. A noção de *estética da persuasão* (Meyer,

2018) é útil para abordar estas formas sensoriais pentecostais, para entendê-las como modos autorizados de organizar e invocar o transcendental que moldam o conteúdo e as normas religiosas, formas sensoriais que também estão presentes na chamada cultura pública evangélica. São formas sensoriais mobilizadas por Bolsonaro. Ele é casado com uma mulher evangélica, uma mulher virtuosa<sup>26</sup>, e seu casamento foi celebrado por pastor evangélico. Ele foi batizado no Rio Jordão, em Israel, por um pastor evangélico. Ele é o presidente que declara publicamente sua intenção de defender e beneficiar os evangélicos. Ele apoia publicamente as iniciativas das lideranças evangélicas e vai aos eventos evangélicos. Ele repete o lema: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Ele recebe orações em público, orações com imposição de mãos e palavras proféticas de líderes evangélicos dizendo que ele é uma autoridade constituída por Deus. Ele utiliza uma linguagem coloquial e simples, algo que denota simplicidade e autenticidade. Ele se apresenta como aquele que combate muitos privilégios como se estivesse combatendo poderes espirituais das trevas, algo que remete à guerra espiritual pentecostal. Ele é considerado aquele que se sacrifica pela nação porque sofreu um atentado durante a campanha eleitoral de 2018. Ele rompe com o decoro do cargo, algo que denota uma descontinuidade radical, um novo nascimento (conversão em termos cristãos) da nação<sup>27</sup>. Ele age de acordo com suas emoções, algo que o aproxima do emocionalismo pentecostal. Com isso, Bolsonaro alimenta de forma recorrente os evangélicos com estas formas sensoriais e, conseqüentemente, com emoções.

Agora o artigo caminha para a sua conclusão.

### **Considerações finais**

As grandes igrejas pentecostais se aproximam do governo Bolsonaro e minimizam o perigo da Covid-19 por outros motivos além daqueles enfatizados neste artigo. Pode-se citar os motivos fiscais, os interesses no sentido de ampliar as isenções fiscais e de perdão de dívidas, os interesses financeiros das empresas ligadas a estas igrejas e a seus líderes, os interesses de manter cultos presenciais para manter as arrecadações e para maior controle dos fiéis e fortalecimento dos laços das comunidades, os interesses que envolvem o descrédito na ciência e na saúde pública para manter a busca aos serviços mágicos e à cura divina, etc. Estes elementos são importantes, não devem ser ignorados, são elementos que dizem respeito aos interesses e objetivos práticos das grandes igrejas pentecos-

tais, e podem explicar a legitimidade das lideranças pentecostais e a atuação dos políticos fisiológicos da Frente Parlamentar Evangélica.

A opção, aqui neste artigo, foi enfatizar alguns valores morais que são compartilhados por um contingente maior de evangélicos. A hipótese é de que as chamadas *economias morais evangélicas* são conjugadas com a atuação do presidente Jair Messias Bolsonaro.

A idéia de que os evangélicos devem defender prioritariamente seus pares, porque constituem uma minoria religiosa que precisa ser defendida, é conjugada com a atuação de Bolsonaro que favorece sua família, seus amigos e seus seguidores mais próximos. Por outro lado, os evangélicos e o presidente Bolsonaro consideram que defendem os valores morais da maioria da população brasileira. Os evangélicos consideram que sua própria moralidade é semelhante à moralidade da maioria da população brasileira, assim como o biopoder de Bolsonaro que, por sua vez, impõe a moralidade evangélica sobre a população brasileira através da implementação de políticas públicas. Há um compartilhamento de formas sensoriais: as formas sensoriais pentecostais guardam diversas semelhanças com as formas sensoriais utilizadas por Bolsonaro. E, por fim, a retórica populista e o biopoder de Bolsonaro se aproximam da concepção de liberdade religiosa irrestrita defendida por diversos evangélicos. Bolsonaro não é um governante autoritário que visa fortalecer o Estado, ele age no sentido de enfraquecer as instituições republicanas e combater o aparato jurídico estatal para beneficiar sua família, seus amigos e seus aliados das grandes igrejas pentecostais. A defesa da concepção de liberdade religiosa irrestrita abre a possibilidade para a atuação de oportunistas no meio evangélico que desenvolvem até mesmo atividades criminosas juntamente com as atividades religiosas.

No momento de pandemia da Covid-19, se vê o oportunismo e a irresponsabilidade dos líderes das grandes igrejas pentecostais e do governo do presidente Bolsonaro. O oportunismo e a irresponsabilidade dos líderes pentecostais vai no sentido de buscar a abertura dos templos de qualquer maneira e da disseminação de todo tipo de charlatanismo, e o biopoder de Bolsonaro vai no sentido de incentivar a população a sair às ruas e correr o risco de se contaminar.

Diversos líderes evangélicos se posicionaram contra a abertura dos templos e contra qualquer tipo de oportunismo e irresponsabilidade diante da pandemia. No entanto, estes mesmos líderes evangélicos que defendem um posicio-

namento responsável em relação à saúde pública são minoritários no meio evangélico e, ao que tudo indica, continuam cautelosos e omissos em relação às discussões sobre a liberdade religiosa e sobre a imposição da moralidade evangélica através das políticas públicas.

### Referências bibliográficas:

- ALMEIDA, Ronaldo. *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.
- ALMEIDA, Ronaldo. *Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelicalismo e a crise brasileira*. In: *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, v. 38, n. 1, janeiro-abril de 2019. pp. 185-213.
- ALVES, D. Infância protegida: ministração da pastora Damares Alves. *Igreja Batista da Lagoinha*. Belo Horizonte, 03 de maio de 2016.
- ALVES, D. Damares fala de polêmica sobre abstinência sexual. *Programa Pra Cima Deles*, Rádio Jovem Pan. São Paulo, 17 de janeiro de 2020 [2020a].
- ALVES, D. Damares pede oração e jejum e cita ciência: “Fé renova esperança”. *Uol Notícias*. São Paulo, 03 de abril de 2020 [2020b].
- ASAD, T. *Genealogies of Religion: Discipline and Reasons of Power in Christianity and Islam*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1993.
- ASAD, T. *Secular Translations: Nation-State, Modern Self, and Calculative Reason*. New York: Columbia University Press, 2018.
- BALLOUSSIER, A.V. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. In: *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 13 de janeiro de 2020.
- BARONE, I. Juristas evangélicos repudiam uso da religião para obter poder e apoio irrestrito ao governo. *Gazeta do Povo*. Brasília, 11 de maio de 2020.
- BARRETO FILHO, H.; LOPES, N. MP identifica movimentação atípica de quase 6 bi em igreja de Crivella. *Uol Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 2020.
- BEZERRA JR., C.; CAVALLERA, R. Em entrevista exclusiva, deputado pastor Carlos Bezerra crava: “O Estado tem de saber que as igrejas têm suas próprias regras”. In: *Gospel Mais*. Curitiba, 25 de outubro de 2014.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Almeida revista e corrigida (ARC). Brasília: SBB, 1969.
- BÍBLIA. Português. *Nova Bíblia Pastoral (NBP)*. São Paulo: Paulus, 2014.
- BILENKY, T. Meu pirão primeiro: o empenho dos líderes evangélicos para cobrar o dízimo em plena quarentena. *Revista Piauí*. São Paulo, v. 164, maio de 2020.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 11° ed. Campinas: Papyrus, 2011.

- BULGARELLI, L.; MARREIRO, F. “Campanha antigênero nas escolas dificulta detectar abuso contra menores de idade”: entrevista com o pesquisador Lucas Bulgarelli. *El País*. São Paulo, 23 de setembro de 2020.
- CARNEIRO, S. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- DAMÉ, L. Em crescimento, bancada evangélica terá 91 parlamentares no Congresso. *Agência Brasil*. Brasília, 18 de outubro de 2018.
- DIP, A.; MACIEL, A.; CORREIA, M.; NASCIMENTO, G. O lobby dos evangélicos contra o fechamento das igrejas. *A Pública*. São Paulo, 07 de abril de 2020.
- ELLUL, J. A ambivalência das técnicas. In: *Anais do I Seminário Brasileiro Sobre o Pensamento de Jacques Ellul*. Araraquara: UNESP, 2009. pp. 259-294.
- ESPOSITO, R. *Bíos: biopolítica y filosofía*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.
- FASSIN, D. Maintaining Order: The Moral Justifications for Police Practices. In: FASSIN, D. (et. al.). *At the Heart of the State: The Moral World of Institutions*. London: Pluto Press, 2015. pp. 93-116.
- FASSIN, D. Além do bem e do mal?: questionando o desconforto antropológico com a moral. In: RIFIOTIS, T.; SEGATA, J. (org.). *Políticas etnográficas no campo da moral*. Porto Alegre: Ed. UFRGS/ABA, 2019. pp. 24-50.
- FERREIRA, P.; MARIZ, R. Campanha do governo federal pela abstinência sexual começa em fevereiro. In: *O Globo*. Brasília, 23 de janeiro de 2020.
- FIOROTTI, S. Intolerância religiosa dos evangélicos na educação básica: breve análise de alguns casos. *Interritórios: Revista de Educação*. Recife: UFPE, v. 5, n. 9, 2019. pp. 213-231.
- FIOROTTI, S. Liberdade religiosa dos evangélicos em tempos de pandemia. In: *A Pátria*. Funchal, 22 de março de 2020.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-79)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. (et. al.). *Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. pp. 67-159.
- GIUMBELLI, E. Um projeto de cristianismo hegemônico. In: SILVA, V. G. (org.). *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007. pp. 149-169.
- GIUMBELLI, E. *Símbolos religiosos em controvérsias*. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.
- GUIMARÃES, A.; LEITÃO, L.; MARTINS, M.A. MP diz ter encontrado indícios de que a Igreja Universal foi usada para lavar dinheiro da corrupção na Prefeitura do Rio. *G1*. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 2020.

HORSLEY, R.A. *Jesus e o império: o reino de Deus e a nova desordem mundial*. São Paulo: Paulus, 2004.

KIVITZ, E.R.; BONFÁ, M. Entrevista do pastor Ed René Kivitz no programa Pingue-Pongue com Bonfá. *Pingue-Pongue com Bonfá*. São Paulo, 09 de outubro de 2018.

MACIEL, A.; DIP, A.; RIBEIRO, R. Megaigrejas continuam abertas e dizem que fê cura coronavírus. In: *A Pública*. São Paulo, 19 de março de 2020.

MARIANO, Ricardo. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. *Civitas*. Porto Alegre: PUC-RS, v. 3, n. 1, junho de 2003. pp. 111-125.

MARIANO, Ricardo. A reação dos evangélicos ao novo Código Civil. *Civitas*. Porto Alegre: PUC-RS, v. 6, n. 2, julho-dezembro de 2006. pp. 77-99.

MARIANO, Ricardo. Usos e limites da teoria da escolha racional da religião. In: *Tempo Social*. São Paulo: USP, v. 20, n. 2, novembro de 2008. pp. 41-66.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. *Civitas*, Porto Alegre: PUC-RS, v. 11, n. 2, maio-agosto de 2011. pp. 238-258.

MARTON, F. Por que os evangélicos fundamentalistas usam Jesus para justificar a brutalidade militar. *The Intercept Brasil*. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 2020.

MENDONÇA, A.G. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. 2º ed. São Bernardo do Campo: UMESP, 2008.

MEYER, B. A estética da persuasão: as formas sensoriais do cristianismo global e do pentecostalismo. *Debates do NER*. Porto Alegre: UFRGS, n. 34, agosto-dezembro de 2018. pp. 13-45.

MOTA, C.V. HPV: por que vacinação de adolescentes contra vírus de transmissão sexual que causa câncer não avança no Brasil. In: *BBC Brasil*. São Paulo, 18 de julho de 2018.

NUNES, A. Denúncias de intolerância religiosa desmentem “cristofobia” de Bolsonaro. *Uol Notícias*. Salvador, 25 de setembro de 2020.

ORO, Ari Pedro. A laicização no Brasil e no Ocidente: algumas considerações. *Civitas*. Porto Alegre: PUC-RS, v. 11, n. 2, maio-agosto de 2011. pp. 221-237.

PRANDI, R. Os 12% do presidente: em que lugar da sociedade habita o bolsonarista convicto? *Jornal da USP*. São Paulo, 13 de setembro de 2019.

PRAZERES, L. Dívida de igrejas com a União cresce no governo Bolsonaro, mas cobranças caem pela metade. In: *O Globo*. Brasília, 11 de outubro de 2020.

PUFF, J. Tom “bélico” de alguns líderes evangélicos cria clima propício à intolerância, diz pastor. In: *BBC Brasil*. Rio de Janeiro, 23 de junho de 2015.

RESENDE, S.M. Hoje aliado de Bolsonaro, Magno Malta já foi cabo eleitoral de Dilma. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 05 de novembro de 2018.

ROBBINS, J. El pensamiento de la continuidad y el problema de la cultura cristiana. *Apuntes de Investigación del Cecyp*. Rioja, n. 18, 2010. pp. 111-144.

SCOTT, J.C. Afterword to “Moral Economies, State Spaces, and Categorical Violence”. *American Anthropologist*. American Anthropological Association, v. 107, n. 3, set. 2005. pp. 395-402.

SILVA, V.G. (org.). *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007.

WARD, R.; MUylaert, B.; ALBASI, M.; SEGNI, G. Líderes religiosos são investigados, mas raramente condenados. *A Pública*. São Paulo, 16 de agosto de 2020.

---

<sup>1</sup>As entidades religiosas em geral devem 460 milhões de reais ao fisco [brasileiro], a maior parte decorrente de pendências previdenciárias. Do total, cerca de 80% é dívida de organizações evangélicas” (Bilenky, 2020).

<sup>2</sup>Ver: Giumbelli, 2007; 2014; Mariano, 2003; 2011 e Silva, 2007.

<sup>3</sup>Com relação aos diversos grupos evangélicos brasileiros, incluindo os diversos grupos pentecostais, e suas principais características e distinções, ver: Almeida, 2009; 2019; Balloussier, 2020; Freston, 1994; Giumbelli, 2007; 2014; Mariano, 2003; 2006; 2011 e Mendonça, 2008.

<sup>4</sup>Com relação à noção de *economia moral*, ver Fassin, 2015; 2019 e Scott, 2005.

<sup>5</sup>O termo *laicidade* foi escolhido por ser mais utilizado nas línguas latinas, como sinônimo de secularização ou *secularidade* (*secularity*), significando aqui, neste artigo, o arranjo político que ocorre com as “regulações” ou “desregulações” das religiões. Ver também: Asad 1993; 2018; Giumbelli, 2007; 2014; Mariano, 2003; 2011; Oro, 2011, entre outros.

<sup>6</sup>Esta tradução das palavras de Jesus no texto bíblico de Mc 12,17 (ARC), assim como nos textos paralelos em Mt 22,21 e Lc 20,25, é uma tradução que dá espaço para a leitura no sentido da aceitação dos impostos por parte de Jesus e da aceitação do pressuposto moderno da separação entre religião e política. A tradução da *Nova Bíblia Pastoral* (NBP) deste mesmo texto: “Devolvam a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”, é uma tradução que se aproxima mais da leitura no sentido da afirmação de que o governante imperial não tem direitos sobre o povo israelita (Horsley, 2004).

<sup>7</sup>Ver Kivitz; Bonfá, 2018.

<sup>8</sup>Ver Puff, 2015.

<sup>9</sup>Ver Bezerra Jr.; Cavallera, 2014.

<sup>10</sup>A Frente Parlamentar Evangélica (FPE) possui atualmente 91 parlamentares, entre deputados e senadores, no Congresso Nacional. Ver Almeida, 2019, Damé, 2018 e Mariano, 2006.

<sup>11</sup>Ver Alves, 2016.

<sup>12</sup>Ver Ferreira; Mariz, 2020.

<sup>13</sup>Dameres Alves intitula de forma pejorativa os especialistas e pesquisadores, chama-os de “ólo-gos”. Ver Alves, 2020a.

<sup>14</sup>Com relação à noção de *biopoder*, ver: Carneiro, 2011; Esposito, 2006 e Foucault, 2008.

<sup>15</sup>Em 1980, o governo estadual de Paulo Maluf, em São Paulo, propôs a esterilização massiva de mulheres pretas e pardas. Em 2007, o governo estadual de Sérgio Cabral Filho, no Rio de Janeiro, explicitou o desejo de uma política de controle de natalidade e facilitação do aborto para as mulheres das favelas (Carneiro, 2011).

---

<sup>16</sup>Ver: Alves, 2020b; Bilenky, 2020; Dip *et al.*, 2020; Fiorotti; 2020; Maciel; Dip; Ribeiro, 2020.

<sup>17</sup>Ver Maciel; Dip; Ribeiro, 2020.

<sup>18</sup>Ver Maciel; Dip; Ribeiro, 2020.

<sup>19</sup>Ver Maciel; Dip; Ribeiro, 2020.

<sup>20</sup>Uma boa crítica às perspectivas positivistas sobre a ciência e as técnicas está presente na obra do sociólogo Jacques Ellul (2009).

<sup>21</sup>Ver Dip *et al.* (2020).

<sup>22</sup>A convocação ao *Jejum Pelo Brasil* (05 abr. 2020) contou com o apoio de 32 líderes evangélicos de aproximadamente 25 denominações diferentes, incluindo 3 líderes de igrejas evangélicas históricas. Entre eles: Silas Malafaia, Edir Macedo, R.R. Soares, Valdemiro Santiago, José Wellington Jr., Samuel Ferreira, Samuel Câmara, Estevam Hernandes, Marco Feliciano, Márcio Valadao, Luiz Hermínio, Juanribe Pagliarin, Abe Huber, Renê Terra Nova, Robson Rodovalho, Mário de Oliveira, Lourival de Almeida, Roberto de Lucena, Hernandes Dias Lopes, etc. Ver: Dip *et al.* (2020).

<sup>23</sup>Ver Dip *et al.* (2020).

<sup>24</sup>Ver Alves (2020b).

<sup>25</sup>Em conferência a respeito do campo burocrático, proferida em 1991, o sociólogo Pierre Bourdieu menciona os casos de “utilização privada do serviço público” (Bourdieu, 2011).

<sup>26</sup>A mulher virtuosa do poema bíblico de Pv 31,10-31 não é uma mulher que vive em função do marido. É simplista considerar que as imagens bíblicas contribuem diretamente para a subserviência das mulheres, ou considerar que as mulheres evangélicas são mais subservientes do que as mulheres brasileiras em geral. Ver as notas da *Nova Bíblia Pastoral* (NBP).

<sup>27</sup>Com relação ao aspecto da descontinuidade da conversão ao cristianismo, ver: Robbins (2010).

*Recebido em 19/10/2020*

*Aceito para publicação em 10/02/2021*

## **Igreja, “serviço essencial”?**

### **Compreendendo argumentos de parlamentares evangélicos**

Church, “essential service”? Understanding the arguments of evangelical  
Parliamentarians

*Emanuel Freitas da Silva\**

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-13>

#### Resumo

A presença de atores do campo religioso na esfera pública brasileiro tem sido atestada por uma série de estudos no campo das diversas ciências. A pandemia de Covid-19, no ano de 2020, possibilitou a tais sujeitos uma mobilização ainda mais intensa com vistas a modificar o status de serviço social prestado pelos tempos religiosos: a intensa mobilização, nas diversas Casas Legislativas do Brasil, em busca da inclusão de igrejas entre os “serviços essenciais” assegurados pelo poder público durante momentos de pandemias. O presente artigo busca apresentar e analisar, os argumentos postos em circulação por três deputados estaduais evangélicos, do estado do Ceará, que, ao proporem tal inserção, opunham-se ao governador do estado e se alinhavam a um certo negacionismo do presidente da República na condução da referida pandemia.

Palavras-chave: Pandemia. Evangélicos. Serviço essencial.

#### Abstract

The presence of actors from the religious field in the Brazilian public sphere has been attested by a series of studies in the field of various sciences. The Covid-19 pandemic, in 2020, made it possible for such subjects to mobilize even more intensively with a view to changing the status of social service provided by religious times: the intense mobilization, in the various Legislative Houses of Brazil, in search of inclusion of churches among the “essential services” provided by the public authorities during pandemic times. This article seeks to present and analyze the arguments put into circulation by three state evangelical deputies, from the state of Ceará, who, when proposing such insertion, opposed the state governor and aligned with a certain denialism by the President of the Republic in the conduct of the referred pandemic.

Keywords: Pandemic. Evangelicals. Essential service.

#### **Introdução**

A compreensão da política latino-americana, em geral, e da brasileira, em particular, nas últimas três décadas passa, necessariamente, pela compreensão da atuação de lideranças evangélicas no cenário político, seja quando dos momentos eleitorais (sobretudo nas disputas presidenciais, quando têm imposto o

---

\* Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Planejamento e Políticas Públicas da Universidade do Estado do Ceará (UECE). Pesquisador das áreas de Religião e Política no Laboratório de Estudos em Processos Eleitorais e Mídias (LEPEM-UFC). E-mail: emanuel.freitas@uece.br.

debate em torno de uma agenda moral), seja nas situações de governos e de trabalhos legislativos, quando têm imposto suas pautas na forma de projetos de lei ou de “freios” a projetos de viés progressistas que julguem ser “ameaças à fé”. No ano de 2020 um incremento a mais seria acionado para fazer prosperar a atuação dessas lideranças como atores importantes do jogo político<sup>1</sup>: a pandemia de *Covid-19* que, por ocasião das políticas de confinamento social e suspensão de diversas atividades, dentre elas o funcionamento de cultos, acionou o ativismo evangélico em busca do status de “serviço essencial” para os templos religiosos.

Quando se lança um olhar para a gestão do governo brasileiro no que diz respeito à pandemia da *Covid-19*, especialmente à gestão pública da crise de saúde que teria o primeiro caso confirmado da doença ainda no mês de fevereiro de 2020, pudemos observar movimentos do presidente Jair Bolsonaro que o levaram a guiar-se a partir de alguns elementos constantes: a negação da gravidade da pandemia, deslocando o interesse prioritário à questão da economia; a oposição às medidas de isolamento social recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e levadas a cabo por prefeitos e governadores; a narrativa de que a crise tinha por objetivo desgastá-lo frente à opinião pública; a recomendação de um medicamento ainda sem comprovação científica, a hidroxicloroquina, com a autorização para a sua produção em massa pelo Exército brasileiro; o lançar dúvidas sobre a quantidade de óbitos e internações por causa da doença, dentre outras coisas.

Parte considerável, senão toda, desta agenda discursiva – que se efetivou em tomadas de decisão por parte do governo brasileiro – foi incorporada e reproduzida por parlamentares ligados ao presidente nas Casas Legislativas dos diversos estados da federação, com destaque especial para os autodenominados “deputados evangélicos” que, além de fazerem coro aos discursos presidenciais (em especial em torno da suposta eficácia e do custo barato da cloroquina), juntaram-se a ele em uma outra pauta: a mobilização pela inclusão de igrejas dentre aqueles serviços tidos como “essenciais”.

Ao pensar nas mobilizações produzidas pelos atores aqui analisados, além das problemáticas em torno das “tensões” entre as religiões de salvação e mundo moderno (sobretudo, por meio das decisões do estado, conforme analisa Weber [1979]), que as faz rejeitarem os pilares da secularização e reivindicar o retorno do fundamento do religioso para a vida social (Schelegel, 2009), nos foi possível também compreender tais movimentos no sentido da construção de uma “cida-

dania religiosa”, conceito cunhado por Vaggione (2017) para a análise das atuais mobilizações políticas de atores do campo religioso.

Segundo o autor, a noção de cidadania não pode ser compreendida sem a ideia de Modernidade, que envolve o direito, da parte dos cidadãos, de participar ativamente das decisões públicas das principais agências políticas. Nesse sentido, “o religioso tem tido uma influência relevante nas práticas e opiniões cidadãos”, o que não impossibilitou, na história da própria construção cidadã, “uma tensão da religião com a política democrática” (Vaggione, 2017, tradução nossa). Se a concepção clássica da cidadania “implicava a exclusão das crenças religiosas”, uma vez que a particularidade da crença fazia perecer a noção universal de “cidadão”, a questão da possibilidade de cidadãos expressarem suas preferências alicerçados em crenças religiosas, particulares, põe-se como elemento importante da análise política contemporânea.

Apesar de não definir precisamente o que seria a “cidadania religiosa”, o autor assegura a ideia de que “diferentes formas de argumentação e sentidos religiosos” têm sido acionadas por sujeitos diversos para tomarem parte “no debate público” (*Idem*), levando-os a verem na “política religiosa contemporânea uma fonte de direitos e obrigações”, no sentido de que a pertença a uma religião legaria uma série de direitos a serem reconhecidos pelo Estado. Nesse sentido, nos seria possível compreender como, entre lideranças evangélicas, se articula a ideia de que, sendo maioria dentro da sociedade brasileira, as igrejas cristãs deveriam compor os gabinetes de crise, atualmente, e no futuro virem a constar entre os serviços essenciais, como pudemos observar durante a pesquisa para a escrita deste artigo.

O objetivo deste artigo é analisar os elementos discursivo-mobilizadores de três deputados estaduais do Ceará que, durante a vigência dos decretos de isolamento social, trataram de incorporar a agenda política do presidente da República, criticando as medidas de isolamento social adotadas no âmbito do estado e fomentando uma intensa campanha pela inclusão das igrejas entre aquelas atividades tidas como essenciais, produzindo discursos que posicionariam o governador como “inimigo das igrejas” e o presidente como “auxílio dos cristãos” e “defensor da fé”.

### **Pandemia, Bolsonaro e as lideranças evangélicas**

Era o dia 14 de março, dia em que o Brasil já contava com 121 casos confirmados de Covid-19, quando o Pastor Silas Malafaia, líder da Igreja Assembleia

de Deus Vitória em Cristo, anunciaria em suas redes sociais, em tom de ameaça, que não obedeceria às ordens vindouras de autoridades públicas que viessem a obrigá-la a fechar as portas de sua igreja. A razão de sua mensagem era a certeza que se avizinhava com a chegada e a transmissão do vírus no país, que exigiria cumprir recomendações já efetivadas em outros lugares do mundo, em especial com relação à suspensão de atividades que viessem a produzir aglomerações, como era o caso das igrejas e templos.

Para o pastor, apesar de o vírus “ser real”, assim como a “doença” por ele causada, sua igreja ficaria “de portas abertas”, mesmo que “os governadores” quisessem impedir seu funcionamento, pois a igreja deveria permanecer “como o último reduto de esperança para o povo”<sup>2</sup>. Cinco dias depois, o pastor voltaria a questionar as medidas de isolamento social, quando atingiam o funcionamento das igrejas, ao dizer durante um culto o seguinte:

O que eu tô falando para as autoridades, e eu falo com autoridades, é que assim como o hospital não pode fechar porque ele cuida do corpo e do combate da doença, a igreja, se não tiver culto, tem que ter uma porta aberta. Porque a igreja é um hospital emocional.<sup>3</sup>

Dois elementos parecem ser importantes do discurso de Malafaia: primeiro, a ideia a ser referendada pela população e pelas autoridades políticas de que a igreja teria um lugar, ao lado dos hospitais (leia-se “ciência” e “medicina”) no combate à pandemia que se avizinhava (argumento este que seria reverberado por Bolsonaro e pelos deputados evangélicos aqui em questão); segundo, a ideia de que este “socorro” a vir a ser oferecido pelas igrejas, dirigido às emoções, inscrevia-as entre as instituições que, mesmo laicas, ocupavam-se do espírito em um sentido mais lato, daquilo que se opõe ao corpo, o que legitimava um possível recuo destas instituições em relação às igrejas, devolvendo um terno que seria destas, mesmo em meio ao mundo secular.

Esta será exatamente a argumentação central da mobilização pela inclusão de igrejas entre os serviços essenciais, que dispensará, à primeira vista, a legitimação religiosa e tentará produzir uma outra legitimação, de viés mais social ou laico, acerca do serviço a ser prestado pelos profissionais da fé. Em 21 de março, durante entrevista ao apresentador Carlos Massa (Ratinho), em seu programa transmitido pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Jair Bolsonaro

se mostraria indignado com atitudes “absurdas” de governadores, nomeando dentre tais atitudes o funcionamento de igrejas:

O quê que eu vejo no Brasil, aqui. Não são todos, mas muita gente. Para dar uma satisfação para o seu eleitorado, toma providências absurdas. Como eu te falei agora há pouco. Fechando shopping. Tem gente que quer fechar igrejas, o último refúgio das pessoas. Lógico que o pastor vai saber conduzir lá o seu culto. Ele vai ter consciência, o pastor, o padre, se a igreja está muito cheia, falar alguma coisa, ele vai decidir lá.<sup>4</sup>

Observe que, na argumentação do presidente, caberia ao líder espiritual (pastor, em primeiro lugar, depois o padre)<sup>5</sup> decidir as formas de acesso ao templo, dando mostras de sua incompreensão acerca das relações entre esfera pública e privada e de como devem ser regidas a partir da soberania estatal. Assim sendo, buscando responder às demandas de autoridades religiosas evangélicas<sup>6</sup> pela manutenção de funcionamento dos templos e igrejas, uma vez que o segmento evangélico foi de suma importância para sua eleição e sua manutenção no governo, como apontam Nobre (2020) e Camurça (2020), o presidente Bolsonaro incluiu igrejas e templos entre as atividades consideradas essenciais em decreto presidencial assinado em 26 de março, sinalizando apoio irrestrito de seu governo às demandas do segmento. Assim, templos e igrejas poderiam continuar funcionando mesmo durante o período de restrição de circulação durante a pandemia.

A atitude do presidente, contudo, daria início a uma batalha judicial em torno da resposta à pergunta de a quem caberia as decisões em torno do que poderia ou não ser considerado atividade essencial. A luta começaria com a decisão, em 31 de março, do juiz federal Manoel Pedro Martins, da 6ª vara de Brasília, de que o presidente adotasse medidas para “impedir que atividades religiosas de qualquer natureza permaneçam incluídas no rol de atividades e serviços essenciais para fins de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus”.<sup>7</sup> O movimento final da luta se daria com a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), em 15 de abril, de que caberia aos governadores e prefeitos decretar isolamento social em tempos de pandemia e incluir ou retirar atividades da lista de serviços essenciais.<sup>8</sup>

Apesar da derrota judicial, Bolsonaro legitimar-se-ia como defensor da agenda cristã, a favor da “abertura dos templos”, e os governadores e prefeitos se deslegitimariam como aqueles que impediam o funcionamento das igrejas, responsáveis por “fechar igrejas”,<sup>9</sup> inscrevendo-se assim a narrativa de legitimação

de Bolsonaro frente ao segmento. Seria neste contexto, pois, que deputados estaduais do Ceará mobilizar-se-iam pela inclusão das igrejas como atividades essenciais, questionando as recomendações das autoridades sanitárias e os decretos estaduais do governo, estreitando relações de identificação com o presidente e produzindo rompimentos com o governador do estado.

Somente para ilustrar, basta lembrar da convocação feita em suas redes sociais, por parte de Jair Bolsonaro, no dia 02 de abril para um “dia de jejum e oração” a ser feito no domingo, 05 de abril, em que se celebraria o “domingo de ramos”. Apesar de ignorado pelo catolicismo, pois os domingos não são dias para o jejum, o ato foi prontamente recepcionado e legitimado nas hostes evangélicas, sendo reproduzida em diversas redes sociais e celebrada como um compromisso do presidente para com “os cristãos”. Em entrevista à Rádio Joven Pan o presidente assim se expressou:

Sou católico e minha esposa, evangélica. É um pedido dessas pessoas. Estou pedindo um dia de jejum para quem tem fé. Então, a gente vai, brevemente, com os pastores, padres e religiosos anunciar. Pedir um dia de jejum para todo o povo brasileiro, em nome, obviamente, de que o Brasil fique livre desse mal o mais rápido possível.

Lançando, pois, à responsabilidade de cristãos, evangélicos e católicos, a libertação “desse mal”, o corona vírus, o presidente legitimava-se ainda mais o segmento e legitimava-o frente à opinião pública, dando a este a oportunidade de postar-se como responsável pela “libertação”. Vejamos, abaixo, um dos *cards* utilizados para a divulgação do ato:

Figura 1



Em seu *Facebook*, a deputada Silvana publicaria, em 03 de abril, um vídeo em que seu esposo, o deputado federal Jaziel Pereira, dizia: “*Nunca ocorreu na história desse país. Nunca se viu um presidente chamar, convocar, fazer um dia de jejum e oração, e isso é glorioso. Igreja, irmãos, cristãos, vamos seguir a orientação do nosso presidente. É por isso que ele é o nosso presidente, é um presidente que teme a deus, é o princípio da sabedoria, está naqueles que teme a deus*”. Por sua vez, Silvana dizia: “*Junte-se ao presidente da República. Que dia histórico será o dia 05 de abril, quando o presidente, o chefe maior da nação, convoca o povo para jejuar e clamor junto com ele*”.

Uma semana após isso, exatamente no domingo de páscoa, o presidente reuniria algumas lideranças evangélicas e católicas, numa conferência virtual que seria transmitida ao vivo pela TV EBC. Sob a mediação de Iris Abravanel, a solenidade contou com a presença de Silas Malafaia, André Valadão, Eyshila Santos e Padre Reginaldo Manzotti. Seria nela que o presidente faria sua declaração, entre um tom mágico, de proclamação do fim da pandemia, e negacionista, ao mais uma vez menosprezar os efeitos trágicos da perda de vidas frente ao drama da economia: “*Parece que está começando a ir embora essa questão do vírus, mas está chegando e batendo forte a questão do desemprego*”.<sup>10</sup>

Importante estudo sobre o estreitamento das relações entre o presidente Jair Bolsonaro e lideranças evangélicas foi realizado por Silva e Silveira (2020). Os autores realizaram uma apurada análise acerca da comunhão discursiva entre Bolsonaro, pastores e parlamentares estaduais (do Ceará e de Pernambuco), identificando na oposição aos decretos de confinamento assinados por prefeitos e governadores, na receita da cloroquina e da hidroxicloroquina como tratamento a ser adotado por médicos e no funcionamento normal das atividades comerciais

importantes meios de negacionismo das recomendações científicas e de propagação de pós-verdades.

Por sua vez, Py (2020), acionando o conceito de “cristofascismo” (por compreender as relações entre Bolsonaro e evangélicos como próprios de uma teologia do poder autoritário, em que o presidente instrumentalizaria seu mandato a partir de gramáticas próprias dos fundamentalismos católico e evangélico), analisa os movimentos do presidente, em continuidade ao que fora produzido durante sua campanha eleitoral em 2018, como legitimados pela atuação da Frente Parlamentar Evangélica durante os dois primeiros anos de seu governo. Compreendendo “as grandes estruturas evangélicas” como peças fundamentais do bolsonarismo (Py, 2020), o autor analisa uma espécie de “coroamento” dos movimentos da referida Frente, potencializados com o afastamento de Dilma Rousseff (PT) em 2015, que teria ocorrido com a vitória de Bolsonaro, funcionando tais parlamentares como o sustentáculo por excelência, no plano ideológico, da marcha do presidente rumo ao autoritarismo por ele almejado. Assim sendo, depois de pontuar sete momentos em que, durante os primeiros meses da pandemia no Brasil, o presidente demonstraria postura negacionista frente aos nefastos efeitos da propagação da doença, contando para isso com o apoio explícito de importantes lideranças evangélicas, o autor assevera que

[...] a FPE aparelha teologicamente a política de Bolsonaro e o blinda nos tempos de pandemia indo contra a Organização Mundial da Saúde. Mesmo não sendo tão explícitos, nos momentos mais tensos do mandato, a organização da FPE protege o presidente teologicamente, para assim ajudar no sustento do mandato presidencial autoritário de Bolsonaro (PY, 2020).

Inserindo-se nesse debate, com pretensões de ingressar como ator no campo político do estado do Ceará, a Ordem dos Ministros Evangélicos do Estado do Ceará (ORMECE) publicou uma “nota pública”, em 24 de abril, em que se manifestava contrária aos “sucessivos decretos” do governo por meio dos quais igrejas e templos “se mantinham fechados. Valendo-se do artigo 5º, inciso VI da Constituição Federal, sobre “o livre exercício de cultos religiosos”, a nota lembrava o fato de ser vedado às autoridades públicas vedar o funcionamento de cultos religiosos. Além disso, valia-se do “decreto da Presidência da República”, que concedera o *status* de essencial aos templos.

“Mais do que nunca, as pessoas precisam do abrigo da igreja e da comunidade de fé”, dizia a nota em um de seus parágrafos. Seus trechos finais são elucidativos:

Não podemos reduzir a atividade religiosa ao atendimento individual por pastores. A religião é social e comunitária, é presencial e calorosa [...] cremos na eficácia da oração conjunta e do cântico congregacional [...]. Assim como as pessoas precisam de suas famílias nesse momento, elas precisam da igreja [...] Para muitas pessoas, a igreja é a família que lhe resta.

Assim sendo, os pastores que assinavam a nota, em número de dezoito, buscavam que o Estado ratificasse a crença conjunta de que a igreja era essencial. A busca por tal reconhecimento, nesse sentido, extrapolava os limites do estado ao exigir deste que afirmasse, por meio de decreto, serem as igrejas (e não a religião em geral) instituições de serviço essencial, aquele do qual os indivíduos sob sua jurisdição não poderiam abrir mão, mesmo em momentos de calamidade e pandemia. Observe-se, pois, que o que estava em disputa não era a necessidade da religião em si, o que já poderia ser temerário exigir do estado, mas o funcionamento de templos e igrejas e a prestação dos serviços ali disponíveis. Por isso mesmo é que a nota se encerra nestes termos: “*notificamos o Governo do Estado para remover de seu decreto o fechamento dos templos e o impedimento dos cultos*”. Ora, quem pode notificar alguém é o Estado, mas os pastores, se viram na autoridade, sabe-se lá de quem ou de quê, para notificar o ente máximo e legítimo de controle da vida social<sup>11</sup>; notificar sem ser parte institucional do estado. O que isso revela?

Antes de avançar para o próximo tópico, gostaria de apontar mais um elemento que auxilia na compreensão de posicionamentos de atores do campo religioso, durante a pandemia, acerca da tomada de decisões por gestores públicos a partir das recomendações das autoridades sanitárias. No dia 04 de maio, um grupo de 17 pastores<sup>12</sup>, de todas as regiões do país, assinariam uma nota, em nome do “Coalizão pelo Evangelho”,<sup>13</sup> em que criticavam o “endeusamento da ciência” durante a pandemia de Covid-19. O manifesto, intitulado *Pela pacificação da nação em meio à pandemia*,<sup>14</sup> inicia apresentando o que nomeia como “efeitos colaterais inevitáveis” produzidos pelo isolamento social então em curso no país, começando pela “estagnação da economia”, que segundo dizem, começava a melhorar,<sup>15</sup>e prosseguindo com outros:

Também se percebe um crescente comprometimento na saúde mental de muitos brasileiros, no aumento da violência doméstica, do consumo de pornografia, e no de perversões, tais como a pedofilia virtual ou intrafamiliar. Estas mazelas, além de nos entristecerem, devem mobilizar nossos melhores esforços em oração e serviço.

Registre-se que a referência contínua aos problemas supostamente trazidos pelo confinamento social reiteradas vezes aparece no discurso de lideranças religiosas, durante esse tempo, ao que parece no intuito de deslegitimar aqueles que o decretaram, governadores e prefeitos, uma vez que, sempre que pôde, o presidente se mostrou contra tais medidas. Números de violência doméstica, de empresas que faliram, de pessoas desempregadas e até de casos de pedofilia são utilizados para mostrar que tal política de confinamento não havia sido acertada, produzindo mais efeitos nefastos do que benéficos para o conjunto da população. O texto, pois, também faz uso dessa argumentação, deslegitimando, assim, prefeitos e governadores como e fossem estes os autores de tais ações. Alertando para o clima de “conflito político”<sup>16</sup> pelo qual o país então passava, produto de uma “crise de autoridade”, os signatários do manifesto advertem:

Testemunhamos nesses dias, até mesmo, *a triste politização e en-deusamento da ciência*. Dentro da comunidade científica, inclusive, que poderia e deveria se apresentar de forma mais objetiva, há conflitos de dados e interpretações sobre como tratar a pandemia. O ambiente político, por sua vez, está contaminado por uma infundável luta ideológica e de poder que torna difícil para o brasileiro comum viver “*vida tranquila e mansa*”, em oração, como nos manda a Escritura.

Seria na data de 19 de março, feriado estadual, que o governo do Ceará publicaria o primeiro decreto de isolamento social, que se estenderia até o dia 05 de abril, podendo vir a ser prorrogado por mais dias caso os números da Covid-19 (casos confirmados, internações e óbitos) viessem a se ampliar. Seguiu, assim, uma das recomendações da OMS já em curso em diversos lugares do mundo. “Templos, igrejas e demais instituições religiosas” constavam entre aquelas atividades que deveriam ser suspensas imediatamente, conforme se lia o inciso segundo do artigo 1º. Antes mesmo de o decreto vencer, mas já com uma campanha em curso pela reabertura das igrejas, o deputado federal Jaziel Pereira (PL), esposo da deputada Silvana, realizou uma *live* no dia 1º de abril com o também

deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL) e dentre outras coisas, tratou da questão das igrejas. Ao falar do tema, disse, em tom de ameaça, o seguinte:

Aqui no Ceará estamos de baixo de um decreto que não vamos suportar. Se esse decreto continuar, vamos na próxima semana abrir nossas igrejas de forma ordenada e se tiver que prender prendam, porque não somos agentes do mal, somos colaboradores.<sup>17</sup>

Além da suposta ameaça de desobedecer ao decreto, com a natural consequência de ir preso – o que não se desenhava como possibilidade, mas operava o desiderato semântico de “ir preso pela fé”, ou de um “governo que prende cristãos” -, não houve qualquer referência ao número de casos confirmados, que já chegava a 444 em pouco mais de 16 dias, internações, falta de leitos ou mortes. A grande questão era a reabertura das igrejas.<sup>18</sup>

Com a aproximação da data de vencimento do primeiro decreto, que se daria em 05 de abril, e a real possibilidade de vir a ser renovado, dado o avançar da pandemia no estado, que chegava a 824 casos confirmados e 26 mortes, os deputados estaduais começaram uma campanha orquestrada para pressionar o governador a autorizar a reabertura das igrejas. Matéria publicada no jornal Diário do Nordeste, de 03 de abril, trazia uma série de declarações de deputados ligados à denominações evangélicas, e também da Igreja Católica (o deputado Walter Cavalcante, do MDB), em que cobravam a reabertura, mas para a prestação de serviços outros, que não o culto, por parte das instituições. Vejamos um trecho da matéria:

Silvana Oliveira (PL) frisou que as igrejas evangélicas têm respeitado a quarentena até aqui, mas pediu, ao governador e ao comitê de crise, mudanças no novo decreto. “Não estamos pedindo aglomeração de pessoas, estamos pedindo, dentro da normativa do Ministério da Saúde, para que a igreja possa estar aberta, para socorrer os fiéis. Culto online não substitui imposição de mãos, é bíblico, e estamos falando do povo todo de fé, das missas, atividades religiosas. Estamos pedindo que respeitem e entendam que a igreja é para colaborar, inclusive para apoio psicológico”, disse a deputada.

Também representante da comunidade evangélica, Apóstolo Luiz Henrique (PP) reconheceu a importância de a população permanecer em casa, mas disse que “logo” as igrejas têm que voltar a abrir as portas. “Muitas pessoas já estão sofrendo de depressão. Algumas pessoas já temos passado mensagens pedindo orações, porque são pessoas que saíram das drogas, são pessoas que estão

sendo libertas também na área das emoções, pessoas com síndrome do pânico, pessoas que já tentaram suicídio e que precisam ir à igreja”, revela.<sup>19</sup>

Começaria, ali, uma longa batalha entre os deputados evangélicos e as autoridades do governo estadual, com destaque para Camilo Santana, em torno dos interesses das igrejas e das recomendações de saúde pública, batalha esta que sairia da alçada do estado e se conformaria nos moldes de uma “batalha espiritual”. Vejamos no próximo tópico.

### **Quando a tribuna vira púlpito: o *mise-en-scène* pelos interesses da igreja**

Passemos, nesse tópico, a apresentar e analisar os principais argumentos dos deputados em torno da questão da inclusão das igrejas (cristãs) como atividades essenciais no Estado do Ceará, a partir de postagens em suas páginas no *Facebook*.

#### **Deputado Apóstolo Luiz Henrique (PP)**

Fundador e líder da Igreja do Senhor Jesus, com sede na cidade de Fortaleza e uma filial na cidade de Eusébio, foi eleito em 2018 para seu primeiro mandato como deputado estadual com um total de 31.130 votos. Desde o início, tem dedicado seu mandato à defesa de questões ligadas ao cristianismo evangélico, sempre iniciando, inclusive, seus discursos na Assembleia com a recitação de versículos bíblicos, em tom messiânico. Apesar disso, dos três deputados aqui apresentados foi o que menos transformou o pedido da inclusão de igrejas na categoria serviço essencial em discurso de oposição ao governador Camilo Santana. Vejamos alguns exemplos, todos retirados de sua página oficial no *Facebook* (<https://www.facebook.com/apostololuizhenriqueoficial>).

Sua primeira manifestação em relação ao temo se deu no dia 03 de abril, em que, durante sessão virtual da ALCE, destacou o papel social das igrejas e associações beneficentes e solicitou a inclusão destas na política de isenções de contas de água e luz que estava sendo proposta pelo Executivo estadual. Em seu discurso, apontou os seguintes elementos justificativos:

As igrejas e associações beneficentes, os templos de qualquer natureza estão sofrendo prejuízos neste momento, estamos de portas fechadas [...] de ordem financeira [...] mas eu creio que o governo vai agir em favor das igrejas e das associações de caridade. O go-

verno podendo ajudar [...] eu peço [...] podemos trazer benefícios não somente para as igrejas mas para as casas de recuperação e as instituições de caridade.

Em 07 de abril, o deputado protocolou o Projeto de Lei 86/2020, de sua autoria, que reconhecia a atividade religiosa “como essencial para a população do estado do Ceará em tempos de crises ocasionadas por moléstias contagiosas ou catástrofes naturais”. O projeto ainda encontra-se em tramitação na data de escrita desse texto. No dia 08 de abril, adotando um tom mais religioso-profético, o deputado apresentou uma leitura espiritualizada do momento de pandemia pelo qual o Ceará e o mundo atravessavam, mostrando-o como algo dentro de planos divinos, e tentou convencer seus colegas de Casa do papel social que deveria ser ocupado pelas igrejas. Segundo ele:

*Deus tá dando 40 dias para a humanidade se voltar para ele. Deus tá dando a oportunidade para nesses 40 dias as pessoas se converterem. [...] a importância da igreja [...] que o governo reconheça a atividade religiosa como essencial no nosso estado [...] deus colocou todo mundo pra dentro de casa[...] deus disse: vocês vão parar e escutar minha voz[...] eu não estou calado [...] eu defendo a verdade e a palavra de deus [...] o dano da primeira morte não é nada para deus, o pior é a segunda morte. [...] Estão chacoalhando a nossa fé e deus está dando sinais do céu. Então, que haja temor no parlamento [...].*

Como “sinal do céu”, “resposta” aos supostos movimentos contra a fé, a pandemia de Covid-19, obra de Deus que “colocou todo mundo pra dentro de casa”, deveria causar “temor do Parlamento” e fazê-lo colaborar com a ideia de que as igrejas eram serviço essencial. Por sua vez, no dia 23 de abril o deputado voltaria à questão da inclusão, mas desta vez com um reclame por não terem sido, ele e outras autoridades evangélicas, até aquela data, recebidos pelo governador e pelo gabinete instalado para o combate à pandemia para tratar dos interesses da igreja.

*Tem alguns dias que a gente pede [...] o governador poder nos escutar [...] eu vejo que a igreja cristã votou, tem seus deputados na Casa, principalmente com respeito à liderança evangélica, nós queremos ter acesso ao comitê de crise, queremos falar a respeito de como é que as igrejas poderiam voltar a funcionar [...] temos alguns conselhos a dar ao governador [...] a igreja precisa ser vista pelo governador.*

No dia 13 de maio, com uma grande bíblia aberta diante de si e à mostra de quem o estivesse vendo, o deputado voltou a discursar espiritualizando o

momento de pandemia e reiterando o desejo de ver as igrejas funcionando, dada a necessidade que seus membros teriam de estar dentro das estruturas dos templos, o que exigia uma pronta resposta do governo estadual:

*O espírito santo me iluminou [...] eu posso falar para a população cearense, da importância dos membros estarem na igreja [...] eu quero pedir mais uma vez ao governador do Ceará, vou aqui pra Bíblia [...] é necessário nós podermos saber da parte do governo as providências que estão sendo adotadas [...] que seja falado pra nós [...] as providências para que a igreja possa voltar a funcionar [...] tem que haver o estudo [...] tá todo mundo ansioso, tem gente se matando, tem gente matando os outros [...] Só vai lá pra junho? Precisamos de uma palavra de fé para animar as pessoas [...] pela fé, eu quero profetizar, declarar, e decretar que vai dar certo, vamos ver a flexibilização no nosso estado.*

### **Deputado David Durand (Republicanos)**

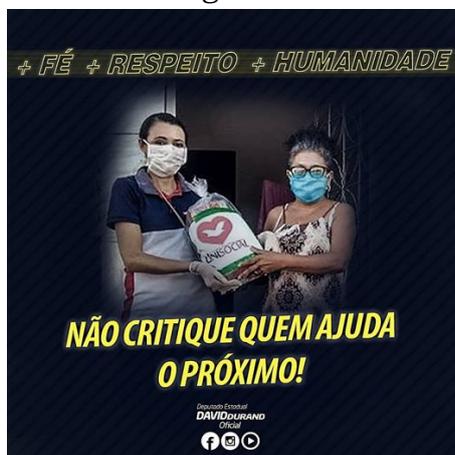
Exercendo seu segundo mandato como deputado estadual, tendo sido reeleito em 2018 com 45.795 votos, Durand é membro da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e tem pautado seu mandato, dentre outras coisas, pela “defesa da liberdade de culto e a garantia das prerrogativas e dos direitos constitucionais das diversas expressões cristãs”, como se pode ler em sua página no site da ALCE. Todas as postagens aqui analisadas foram retiradas de sua página oficial (<http://facebook.com/david.durand.129>), selecionadas entre as que foram publicadas entre março e junho de 2020. Já em 27 de março, quando se votava um projeto de lei que versava sobre auxílio ao setor cultural do estado por conta da pandemia, o deputado, mostrando-se favorável à causa, solicitou que o mesmo esmero fosse conferido às igrejas que, funcionando, poderiam ajudar mais pessoas:

Sou de pleno acordo, vou votar favorável a todos os projetos de lei que vier socorrer as pessoas que estão clamando [...] As igrejas tem se mobilizado de uma forma muito grande. Temos feito um trabalho de assistência às pessoas que estão na rua, a favela, no abandono [...]. Gostaríamos muito de continuar estendo a mão para ajudar estas pessoas [...] mas as portas da igreja estão fechadas. Nossa catedral sede está fechada [...] os fiscais da prefeitura mandaram colocar cadeados na porta. A igreja está fechada com cadeados e correntes. Estamos impossibilitados de ajudar mais pessoas [...] O governo não tem tido como alcançar a quantidade de pessoas que estão nessa situação [...].

Uma imagem publicada em seu *Facebook* ilustra essa ideia da igreja como instituição que pode ajudar. Ao mesmo tempo em que propagandeia a ação da

igreja, inibe seus críticos de se pronunciar opostamente ao trabalho por ela realizado:

Figura 2



No dia 03 de abril o deputado deu entrada, como autor, no Projeto de Lei 82/2020, que “estabelece as igrejas e os templos de qualquer culto como atividade essencial no estado do Ceará”. Em seu artigo 1º, a lei estabelece que “as igrejas e templos de qualquer culto como atividade essencial no Estado do Ceará, sendo vedada qualquer determinação de fechamento total ou parcial”. Apesar de fazer referência às igrejas e templos, de todas as denominações, e de avocar artigos da Constituição Federal que tratam da liberdade de culto<sup>20</sup>, em sua justificativa o texto refere-se diretamente à Igreja Universal, da qual o deputado é membro, para ilustrar a “essencialidade” do serviço por ela prestado, sobretudo na pandemia:

Atualmente, com a pandemia do COVID-19, popularmente chamado de novo coronavírus, tem-se mais um exemplo em que as igrejas e atividades religiosas são essenciais para a sociedade. É público e notório, por exemplo, que a Igreja Universal do Reino de Deus, neste ano de 2020, foram mais de 22mil doações de sangue, alcançando mais de 90mil pessoas beneficiadas com essas doações. Esse trabalho não pode parar. A sociedade brasileira ou a sociedade cearense não possui o luxo de ficar sem as atividades sociais das igrejas ou templos.<sup>21</sup>

Realizado o processo burocrático de apresentação do projeto, o deputado passaria à mobilização nas redes em busca da legitimação popular por sua aprovação, o que se daria a partir do dia 03 de abril. Em postagem intitulada “Igrejas abertas podem fazer mais”, o deputado falava de seu projeto e conclamava o apoio da cristandade:

Apresentei um projeto de lei onde todas as igrejas serão reconhecidas como atividade essencial. Assim sendo, o Ceará ficará alinhado com o decreto federal que diz que todas as igrejas podem ficar abertas sem realizar cultos ou missas. Se as igrejas fechadas têm ajudado muita gente carente, imagine você ela de portas abertas.

A imagem abaixo ilustra sua propositura, dando mostras, ao apelar para “o nome de Jesus”, de que a semântica a ser adotada seria não a da lógica da aprovação de um projeto parlamentar, mas a de uma “luta espiritual”:

Figura 3



Em 09 de abril, depois de perguntar a seus seguidores se, para eles, a igreja era essencial, o deputado postou um vídeo de uma suposta mulher, fiel da Igreja Universal, em que ela dizia que a igreja era “importante demais”, pois somente com ela de portas abertas se poderia “tocar no altar”. Ao fazer a fiel dizer isso, pensamos nós, o deputado deixava entrever que a ideia de prestação de serviços, que não o culto, do qual se buscava a liberdade para realizar por parte das igrejas não era o que a mulher tinha em mente, uma vez que “tocar no altar” diz respeito a ritual realizado durante cultos. Ao fim do vídeo, a mulher terminava com uma súplica/ordem/deslegitimação: “eles têm que incluir a igreja no essencial, que pra eles não é essencial, pra gente é essencial”. À medida em que o tempo avançava e seu projeto não encontrava apoio entre os deputados governistas, e era ignorado pelo governador nos novos decretos que eram publicados, o deputado passou a vocalizar a defesa do mesmo com um tom de oposição, passando a falar de uma suposta “ditadura” que estaria impedindo o funcionamento das igrejas, com destaque para a Universal, no estado. Vejamos algumas de suas falas:

Escute o que está acontecendo aqui no estado do Ceará: somente da Igreja Universal, fora as outras instituições, 63 igrejas foram notificadas e 9 igrejas o pastor não pode nem sequer abrir a porta do templo para fazer o culto *on line*. O mais absurdo é que existem casos em que o pastor reside na própria igreja e mesmo assim foi impedido de abrir a porta de sua casa. [...] *isso está acontecendo aqui no Ceará* [...] (07 de maio de 2020).

Estou aqui com uma lista de alguns serviços que não são considerados essenciais: bares, restaurantes, lanchonetes, centro comercial, academia, igrejas, museus cinemas [...] Agora, escuta essa matéria que acabei de ler aqui: “motéis estão funcionando normalmente e ainda oferecem descontos” [...] *Sair de casa para trabalhar, não pode; sair de casa para ir pra igreja, não pode [...] mas ir por motel, não tem problema algum* (16 de maio).

Eu tenho aqui nas minhas mãos a relação com alguns estados em que as igrejas são consideradas como atividade essencial [...] Amazonas, Mato Grosso do Sul, paraná, Rondônia. Mas a pergunta: *porque aqui no Ceará as igrejas não são consideradas atividade essencial? Por que hein?* [...] Alguns políticos dizem o seguinte: quer orar? Ora em casa, não precisa de igreja, não. E aí? O poder do povo é mostrado nas urnas (30 de maio de 2020).

*Vou me dirigir aqui aos políticos do estado do Ceará que não consideram a igreja como atividade essencial* [...]. Eles dizem que cada um deve fazer suas orações em casa, para eles não há necessidade de igreja. Vou fazer um pedido a eles: *quando chegar as eleições não procura a igreja não, tá?* (03 de junho de 2020).

Observemos que, de apoiador que se mostrou no início da pandemia das ações do governo do Ceará, o deputado passou a um franco opositor por não ver neste o apoio devido àquela que era sua demanda *par excellence*: a inclusão das igrejas entre os serviços essenciais. Como parte de sua estratégia discursiva de localizar Camilo Santana como “inimigo da fé”, pois não fizera o que outros governadores haviam feito, o deputado enumera igrejas impedidas de funcionar (o que significaria desobediência aos decretos), utiliza-se do exemplo de motéis funcionando (como a sugerir que o governador, ao passo que impede pessoas de trabalhar ou de cultuar permitem que pratiquem “devassidão”) e anuncia a resposta dos crentes aos “políticos do Ceará”: a não-acolhida nas igrejas e o resultado das urnas da eleição municipal que se aproximava. O tom de oposição que seu discurso tomou ao longo do período de isolamento pode ser observado nesta postagem, que segue abaixo, compartilhada pelo deputado a partir de uma matéria no jornal local:

#### Figura 4



A ideia de que igrejas estariam “sofrendo abusos” (da parte do governo estadual), em desrespeito à Constituição Federal, é complementada pela afirmação de que as igrejas não estariam cumprindo seu “papel religioso”, mesmo não sendo a este papel – religioso – que a mobilização pela inclusão nos serviços essenciais pretendia dar continuidade, mas ao papel social, por assim dizer; além do fato de não ser verdade que o “papel religioso” das igrejas, ou seja, o pastoreio em termos de crença e mistagogia, não estar sendo, de modo algum, “impedido” pelos decretos estaduais. Além do mais, ao dizer que “as igrejas são sagradas” e tentar inculcar em seu seguidor a ideia de que estão sendo impedidas de funcionar, produz a ideia de “sacrilégio” por parte das autoridades estaduais. Por fim, sua última mensagem é de “imparcial e independente”, o que dava mostras de seu rompimento, às vésperas do pleito municipal, com o governador.

### **Dra. Silvana (PL)**

Deputada em segundo mandato, tendo sido reeleita em 2018 com 61.244 votos, preside a Comissão de Segurança e Saúde da ALCE no momento em que esse texto é produzido. Forte opositora de pautas progressistas na Casa, a deputada se define como “conservadora e antifeminista” e, desde 2019, tem sido uma das mais ardorosas defensoras do presidente Jair Bolsonaro, o que se intensificou ainda mais durante a pandemia de Covid-19, quando, por meio de postagens, entrevistas e *lives*, utilizou tempo considerável para reproduzir pautas do presidente, como o uso da cloroquina, questionamento das medidas restritivas, superdimensionamento da questão econômica, problematização do número de

internações e mortes e mesmo a utilização da máscara como meio de prevenção à contaminação.

Durante a pandemia, apresentou o Projeto de Lei 85/2020, que estabelece como atividade essencial “igrejas de qualquer crença ou denominação em períodos de calamidade pública no Ceará”. Novamente, a ideia de “igreja” limitando o espectro daquilo que se entende como “religião”, uma vez que a terminologia “igreja” aplica-se ao cristianismo. Como justificativa do projeto, a deputada expressa-se nos seguintes termos:

A história tem registrado à saciedade que nos momentos de calamidade pública em vários momentos catastróficos por que passou a humanidade, sob as pestes ou nas guerras, a Igreja sempre esteve presente com os seus fiéis para a amainar a dor da população; a religião sempre deu forças aos seres humanos para arrostar as mais violentas tempestades. Neste momento em que o mundo, o Brasil e o nosso Estado se defronta com uma peste pandêmica, popularmente chamada corona vírus, *devemos assegurar a liberdade de culto e de ação das igrejas em suas várias denominações religiosas*, posto que em assim fazendo estaremos confirmando o legislador constituinte, defendendo os princípios garantistas da nossa Constituição e, sobretudo, *assegurando uma ação espiritual e social decisiva nessa luta contra a pandemia*.

Vejamos, a seguir, algumas de suas postagens, publicadas em sua página (<https://www.facebook.com/drjazieldrasilvana>). A primeira delas, em 30 de março, dizia que “*não se pode decretar sobre igrejas, pois a Constituição Federal assegura a liberdade de culto*”, em vídeo que respondia a declarações do ex-deputado Ciro Gomes (PDT) sobre a possível prisão de pastores e padres que desrespeitassem o decreto de isolamento. Encerrando o vídeo, a deputada diz aos líderes: “*segure a chave da sua igreja, a sua igreja não é do estado, a sua igreja é do Senhor Jesus. Faça, pastor, o seu vídeo, abra a sua boca e diga que a igreja é do senhor Jesus*”. No dia seguinte, publicaria parte de um vídeo do então ministro da saúde, Luiz Mandetta, em que ele se dizia favorável à manutenção das igrejas.

Em 1º de abril, um vídeo com o deputado Jaziel seria publicado, em que ele dizia que o fechamento das igrejas era uma violação ao artigo 5º da Constituição, mas que pastores estariam respeitando por “serem um povo ordeiro”. “*A igreja é um agente colaborador*”, dizia ele. Depois disso, a deputada realizaria uma *live* sobre o direito “essencial a culto”, que estaria sendo violado, cujo convite po-

de ser visto abaixo, nos dando mostra da compreensão do decreto de isolamento como um “silenciamento dos cristãos”:

Figura 5



A partir de então, a deputada cerraria forte oposição às políticas de isolamento social e as demais medidas adotadas pelo governo do Ceará, tentando identificar o governador com uma severa perseguição aos cristãos. “Acabar com os cultos” seria a grande ação do governo, segundo se pode observar em diversas postagens, sobretudo com a aproximação, como dito anteriormente, da primeira renovação de decreto estadual, quando a pressão pela inclusão de igrejas entre os serviços essenciais e de lideranças evangélicas no comitê de crise passaram a ser a pauta *par excellence* da deputada.

Em 24 de abril, data em que seria criado o comitê que discutira o plano de flexibilização do isolamento social no estado, a deputada compartilhou um vídeo em que dizia que havia “solicitado que fosse incluído os nosso líderes religiosos que pudessem representar as pessoas de fé”. Tal presença seria importante, segundo ela, “a igreja está sendo oprimida e perseguida nesse momento de pandemia”. Ainda insistindo na ideia de “desrespeito à Constituição”, mesmo com a decisão do STF anteriormente referida, a deputada repete o argumento para mostrar o governador como um fora da lei cujo intuito é “perseguir a igreja”. “Não é justo que a igreja fique de fora desse comitê de crise”, disse ela. “Como embaixadora de Cristo, eu mando recado para essas autoridades: senhor governador, senhor prefeito, escute as igrejas, porque a igreja tem título de eleitor também”.

Em 15 de maio, um vídeo com a legenda “Recado do deputado Dr Jaziel para o governador Camilo Santana” seria publicado. Com conteúdo que versava sobre o comitê de flexibilização, dentre outras coisas o deputado dizia o seguinte:

O meu recado é para o governador Camilo Santana, e ele com certeza falará com esse comitê [...] A população do Ceará está em pânico, foram retirados de nós direitos irremovíveis, a não ser no estado de sítio, mas no estado de direito não podia acontecer o que está acontecendo. Nós perdemos a liberdade [...] de estarmos no templo, adorando o nosso deus, de forma organizada [...] os templos devem estar abertos para receber os adoradores que vão adorar o deus verdadeiro, que um dia vai julgar todos os homens, independente de querer ou não querer. O que foi feito aqui foi tirar nosso direito [...] trabalhar, adorar o seu deus [...] vamos enfrentar essa pandemia trabalhando [...].

Como se pode ver, além de mostrar incompreensão acerca do papel do estado no que tange à religião, buscando obrigá-lo a reconhecer um “deus verdadeiro” frente aos muitos cultuados, o deputado ainda utiliza-se de argumentos para, alinhado com o presidente Jair Bolsonaro, questionar as medidas de isolamento social e exigir a rápida retomada das atividades econômicas; num exercício retórico muito bem articulado, fala à duas categorias precisas: cristãos (“adoradores do deus verdadeiro”) e empregados (“trabalhadores”)<sup>22</sup>. A imagem abaixo, compartilhada nesse contexto, evidencia a postura da deputada:

Figura 6



Em outro vídeo, publicado em 21 de maio, a deputada volta a falar a seus seguidores-eleitores sobre a flexibilização para igrejas e sobre a luta por incorporá-las ao leque de atividades essenciais. Dizia ela:

Aqui é a deputada Silvana, eleita pelo estado do Ceará [...] temos recebido muitas críticas de que defendemos de maneira cega a igreja como essencial e estaríamos desrespeitando a vontade ou um decreto governamental. Me embaso aqui em Daniel 6,22, em que Daniel explica e já testemunha que FOI MELHOR OBEDECER A DEUS QUE A UM DECRETO GOVERNAMENTAL<sup>23</sup>. [...] Já mais atrás vimos o exemplo daquelas parteiras hebréias que se negaram a executar aqueles pequenos bebês, denovo, por um decreto de faraó, eles preferiram OBEDECER A DEUS que obedecer a faraó [...] Pedro e João deixam bem claro, quando eles estavam proibidos de pregar o evangelho, que É MELHOR OBEDECER A DEUS QUE AOS HOMENS. A igreja é essencial e só cabe ao líder, padre, pastor, o seu líder religioso, e não o estado, o momento que deve ser decretado que ele execute o culto on line, o que quer que seja. Eu, doutora Silvana, não aceito que o estado venha intervir na igreja [...]. A igreja é, sim atividade essencial.

Como se pode perceber, mais uma vez, uma série de confusões entre estado e religião, pondo em risco a laicidade republicana do estado. Ao mesmo tempo em que recorre ao estado para fazer parte do comitê de crise e para que este reconheça as igrejas como atividades essenciais, nega, a priori, qualquer intervenção deste, por meio de decreto constitucional (frise-se bem), quando de momentos de pandemia ou calamidade. Além disto, o uso anacrônico de passagens bíblicas conferem um tom fundamentalizado para qualquer funcionamento de igrejas tido como “obediência a deus”; não por acaso, a ênfase no exemplo do faraó, tido como “inimigo do povo de deus”, “perseguidor”, para ilustrar o que estaria sendo a posição do governador. Assim sendo, que tipo de cidadão é possível ser produzido com tais mobilizações?

Figura 7



### Considerações finais

O conjunto de postagens e discursos aqui analisados buscaram apresentar ao leitor um pouco dos movimentos de atores do campo religioso, enquanto atores também do campo político, com vistas a assegurar um espaço legítimo para suas crenças, ou para suas igrejas, no mundo pós-pandemia. Sim, pensamos que ao propor legislações e modificações em decretos estaduais durante a atual pandemia de Covid-19, buscando inscrever-se entre as atividades tidas como “essenciais”, era sobretudo ao cenário de possível normalidade a posteriori que tais atores apontavam com seus interesses. Longe de incluírem-se “no próximo decreto” ou de “deverem ser chamadas para a próxima reunião do gabinete de crise”, por assim dizer, a luta foi travada para “situações de pandemia, de calamidade pública” futuras que, desde já, *a priori*, garantissem um assento para as igrejas (sempre elas, cristãs) entre aqueles que decidiriam o que fecharia ou não em tais temporalidades. Um assento, pois, entre as autoridades públicas do estado. A religião, as igrejas, espalhando-se seu leque de atuação para fora dos templos, em todos os tempos.

Em um texto publicado em 1996, Pierucci analisava, naquele contexto, a reclamação de igrejas pentecostais por mais “liberdade religiosa”, por meio do que ele apontava como sendo um “mecanismo discursivo de retorsão”, por meio do qual tais igrejas reclamavam aquilo de que já gozavam – “a liberdade de culto numa sociedade de serviços” (Pierucci, 1996). Para o autor, à medida em que as igrejas deixavam seu papel meramente religioso – de realizar cultos – e se dedicaram a atividades outras, sobretudo de “prestação de serviços”, passaram a sofrer interferências das autoridades estatais, cuja legitimidade frente a tais serviços é constitucional. Quando tais interferências se dão, observava ele, acionava-se o discurso da “perseguição religiosa” às igrejas. O argumento elencado pelos deputados aqui analisados, ao que nos parece, atua no mesmo sentido: requeria-se o funcionamento “social” das igrejas, enquanto “prestadora de serviços”, desintegrando-a, por assim dizer, mas não se queria o ônus de, como tal, ter seu funcionamento regulado pelo estado. Pretende-se sair, como igreja, do campo religioso e adentrar o campo sócio-político, o que exige regulação estatal; quando isso ocorre, reclama-se da interferência de atores do campo político no terreno da fé.

Não nos esqueçamos que a ideia de “serviço essencial” diz respeito àquilo que deve ser prestado pelo Estado, direta ou indiretamente, tais como serviço de água, energia, medicamento, alimento, transporte, e que devem ser garantidos

por Este quando de momentos de pandemia. Logo, é como tal que as igrejas buscavam inscrever-se. Bem longe de querer incorporar apenas a lógica da “sociedade de serviços”, representando-se a si mesmas como tais prestadoras de auxílio social para os indivíduos, as igrejas evangélicas atuaram, por meio de lideranças com assento nos Parlamentos,<sup>24</sup> para legitimarem-se como verdadeiras autoridades públicas a serem consultadas em momentos de crise, reservando para si mesmas o direito de direcionar decisões políticas que, nesses momentos, dizem respeito à coletividade.<sup>25</sup>

### Referências bibliográficas

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Filosófica Politéia, 2019.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Um poder evangélico no estado brasileiro? Mobilização eleitoral, atuação parlamentar e presença no governo Bolsonaro. *Revista do NUPEM*. Campo Mourão: UNESPAR, vol. 12, n. 25, 2020.

CARRANZA, Brenda. Evangélicos: o novo ator político. In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luis. *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos no século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

GEERTZ, Clifford. O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder. In: GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GUADALUPE, José Luis. Brasil e os novos atores religiosos da política latino-americana. In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luis. *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos no século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

NOBRE, Marcos. *Ponto final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia*. São Paulo: Todavia, 2020.

PEREIRA, Paulo José dos Reis. A influência da religiosidade sobre as políticas públicas no governo Bush. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos Estados Unidos*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Liberdade de cultos na sociedade de serviços. In: PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

PY, Fabio. *Pandemia Cristofascista*. Serie: contágios infernais. São Paulo: Recriar, 2020.

SCHLEGEL, Jean-Louis. *A lei de Deus contra a liberdade dos homens: integrismos e fundamentalismos*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SILVA, Emanuel Freitas da; SILVEIRA, Emerson Sena da. A pandemia de covid-19 sob a benção de Bolsonaro e evangélicos. *Revista Inter-Legere*. Natal: UFRN, v. 3, n. 29, 17 de dezembro de 2020.

VAGGIONE, Juan Marco. La Iglesia Católica frente a la política sexual: la configuración de una ciudadanía religiosa. *Cadernos Pagu*. Campinas: Unicamp, n. 50, 2017.

VALADIER, Paul. *Fraqueza do político, força do religioso*. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

WEBER, Max. Rejeições religiosas do mundo e suas direções In: WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

---

<sup>1</sup>Carranza (2020) e Guadalupe (2020) estão entre os diversos autores que tem apontado o ativismo político de evangélicos, no Brasil e na América Latina, em busca de construção de uma nova hegemonia político-religiosa na região.

<sup>2</sup>Sobre isso ler: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/14/silas-malafaia-diz-que-nao-vai-fechar-igreja-por-cao-do-coronavirus.htm>. Acesso em 05 ago.2020.

<sup>3</sup>Ler <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/malafaia-usa-cultos-para-criticar-restricoes-por-coronavirus-igreja-um-hospital-emocional-24316674>. Acesso em 05 de agosto de 2020.

<sup>4</sup> Ver <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-reclama-de-fechamento-de-igrejas-providencias-absurdas/>

<sup>5</sup>Sempre importante perceber nessa ordem as inúmeras referências de Bolsonaro à religião ou ao país de “maioria cristã”: em primeiro lugar, são os evangélicos sempre os acionados discursivamente para ancorar seus acenos à religião, daí a ideia de um “ministro terrivelmente evangélico”, e não apenas “cristão” que promete nomear para o STF, sendo o catolicismo um “detalhe” menor em suas referências; depois, religião para Bolsonaro é somente, e tão somente, o cristianismo. Isso o legitima, ainda mais, no campo evangélico, pois aciona a ideia, tão cara a este campo, da “verdadeira religião”.

<sup>6</sup>A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), reproduzindo a postura do Papa Francisco, esteve por todo o tempo da pandemia ao lado das recomendações sanitárias e legitimando os decretos governamentais, indo além deles em alguns casos, como no Ceará, em que o Arcebispo de Fortaleza, Dom José Antonio, não autorizou a reabertura das igrejas católicas mesmo depois que o decreto estadual permitira. Junte a isso o vazamento de uma carta apócrifa, em 27 de julho, assinada por mais de 150 bispos católicos se opondo à gestão de Bolsonaro durante a pandemia.

<sup>7</sup>Ver <https://www.istoedinheiro.com.br/juiz-manda-bolsonaro-excluir-igrejas-da-lista-de-servicos-essenciais/>. Acesso em 05 de agosto de 2020.

<sup>8</sup>Ver <https://oglobo.globo.com/brasil/stf-decide-que-governadores-prefeitos-podem-decretar-isolamento-na-pandemia-24373750>. Acesso em 05 de agosto de 2020.

<sup>9</sup>A ideia de “fechar igrejas”, mais do que a de “restringir circulação de pessoas”, foi a mais utilizada por deputados evangélicos em diversos estados do país. Ao que nos parece ela produz mais efetivamente uma deslegitimação de governadores frente ao eleitorado evangélico como aqueles que impediriam o funcionamento dos cultos, daí a ideia de “fechar”. Ora, quem “fecha igrejas” o faz por não querer seu funcionamento, ou seja, que o culto que se faz ali se realize. Logo, a operação discursiva busca produzir a seguinte equação: *governador não inclui igreja como serviço essencial; ele quer a igreja fechada; ele não quer nossa fé em ação*.

<sup>10</sup> Um último importante aceno do presidente Jair Bolsonaro ao segmento, neste aspecto, seria o veto à obrigação do uso de máscaras em igrejas previsto na Lei 14.019 aprovada pelo Congresso Nacional, veto publicado em 03 de julho de 2020.

<sup>11</sup> Uma apurada análise em torno de questões que versam sobre os limites do estado e da religião foi elaborada por Valadier (2007). Nela, o autor apela a uma ideia de “fraqueza do político” cada vez mais atuante a partir da retomada do espaço público por atores do campo religioso, algo também pensando por Rollet (2001). Por sua vez, Geertz (2001) também analisa a crescente predominância da religião como “variável predileta” do mundo contemporâneo. A análise de Pereira (2012), embora em se tratando de um contexto específico, traz elementos importantes para a compreensão das relações entre religião e política no mundo contemporâneo e sugere que “ainda que a institucionalização do secularismo tenha feito com que a religião fosse alocada como questão de foro íntimo, ela continuou como uma protagonista do jogo político, mas agora democrático” (p. 201).

<sup>12</sup> Membros das seguintes igrejas: Presbiteriana do Recife, Batista de Fortaleza, Presbiteriana Paulista, Presbiteriana Semear, O Brasil para Cristo, Palavra da Vida Brasil, Batista da Palavra, Batista Nações Unidas, Presbiteriana da Gávea, Presbiteriana Barra Funda, Cristã da Aliança, Batista Central de Campinas, Batista da Graça, Batista Reformada de São Paulo, Batista da Liberdade.

<sup>13</sup> Em sua página oficial, o grupo se apresenta assim: “O Conselho da **Coalizão pelo Evangelho** é formado por pastores e presbíteros que fornecem direcionamento, liderança e resguardam a visão teológica deste ministério no Brasil. Este conselho se encontra regularmente para comunhão, planejamento, diálogo teológico e oração, visando oferecer respostas bíblicas e pastorais para as demandas e pressões contemporâneas da igreja brasileira, bem como conteúdo centrado no Evangelho para a comunidade cristã evangélica do Brasil e demais países lusófonos”. Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/sobre/conselho/>. Acesso em 31 de julho de 2020.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/pela-pacificacao-da-nacao-em-meio-a-pandemia/>. Acesso em 28 de julho 2020.

<sup>15</sup> O que, segundo dados oficiais divulgados em maio, não corresponde aos fatos, pois o PIB do primeiro trimestre do ano caíra 1,5% em relação ao ano anterior voltando ao patamar de 2012 (conforme: <https://oglobo.globo.com/economia/pib-cai-15-no-1-trimestre-de-2020-volta-ao-nivel-de-2012-24451939> Acesso em 08 de agosto de 2020.

<sup>16</sup> Publicada em maio, a nota faz referência aos embates quase cotidianos entre os membros do governo (com destaque para o então ministro da saúde, Luiz Mandetta, e o então ministro da justiça, Sergio Moro) com o presidente, deste com o STF e com órgãos de imprensa. Acusações de interferência na Polícia Federal, divulgação de dados da Covid-19, publicação de resultado de exames do presidente, competência para decretos foram alguns dos temas que produziram fortes momentos de tensão política entre abril e maio de 2020.

<sup>17</sup> Ver: <https://pontopoder.verdesmares.com.br/deputado-cearense-aliado-de-camilo-critica-fechamento-de-igrejas-em-live-com-eduardo-bolsonaro/17986/>. Acesso em 31 de julho de 2020.

<sup>18</sup> E, registre-se tal informação: apesar de o decreto alcançar igrejas, templos e demais instituições religiosas, a preocupação de lideranças evangélicas era estritamente com as “igrejas”, e eram estas, e tão somente estas, que deveriam ser incluídas entre os serviços essenciais.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/coronavirus-deputados-da-bancada-religiosa-pressionam-camilo-pela-reabertura-de-igrejas-1.2230114>. Acesso em 22 de julho de 2020.

<sup>20</sup> Além de transcrever, *ipisi literis*, o decreto assinado pelo presidente Jair Bolsonaro, em março, que incluía as igrejas entre os serviços essenciais, mas que fora invalidado por decisão da Justiça; pondo-o dentro do texto de seu projeto, o deputado apenas dá mostras da importância de mostrar-se alinhado, ele, seu partido e sua igreja, com o presidente.

<sup>21</sup> Texto do projeto disponível na página do deputado no site da ALCE: <https://www.al.ce.gov.br/index.php/deputados/nomes-e-historico/20-partidos/221>.

---

<sup>22</sup> A relação entre discurso neoliberal e pentecostalismo foi analisada por Brown (2019).

<sup>23</sup> O vídeo traz essa frase em destaque, letras maiúsculas, tal como a pusemos.

<sup>24</sup> Fato que se observou em vários estados, como Ceará, Pernambuco, Amazonas, dentre outros.

<sup>25</sup> Também consideramos estar em jogo o lugar do protestantismo no interior da sociedade brasileira, que vai deixando de ser nomeada como de maioria católica para ser tida como de maioria cristã; assim sendo, quem tomará a frente desta maioria? Quem por ela falará? Pensamos ser essa uma das importantes facetas desta disputa.

*Recebido em 24/10/2020*

*Aceito para publicação em 15/02/2021*

## Pós-Editorial

### **Covid-19 e religião: sindemia, sindemônio e o desafio de compreender o religioso**

Covid-19 and religion: syndemic, syndemonium and the challenge of understanding the religious

*Emerson José Sena da Silveira\**

*Waldney de Souza Rodrigues Costa\*\**

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-14>

*Deus disse ainda:*

*‘Chore, povo de Jerusalém.  
Corte os seus cabelos e jogue fora.  
Cante música triste no alto dos montes,  
pois eu, o Senhor, estou irado  
e abandonei o meu povo.’ [...]  
A terra ficará deserta.*

*E eu acabarei com os gritos de alegria e de felicidade e com o barulho alegre das festas de casamento, tanto nas cidades de Judá como nas ruas de Jerusalém.*

*Jeremias 7, 29-30, 34*

A cada vez que trabalhamos nesse ensaio reiniciamos a contagem. Na última passávamos de 420 mil mortos e 15 milhões de casos. Na data da publicação provavelmente será muito mais. Meio milhão é logo ali. Um loop interminável nos coloca, provisoriamente, num platô altíssimo. Os dados são assustadores, mais ainda que os descritos no próximo parágrafo. Era impossível preparar um comentário ao dossiê que a Plura entrega nesse novo número, sem uma atualização mínima de como segue a nossa situação. Uma passagem de olhos pelos portais dos grandes veículos de comunicação e lê-se: *TCU acusa governo de 'abuso de poder' e omissão com kit intubação...*<sup>1</sup>. Parece um pesadelo surreal e sem fim o que vivemos em nossa terra natal. A tarde dominical está morna, nublada e da janela se contempla alguns pássaros que cantam. Diante da hecatombe intencio-

---

\*Doutor em Ciência da Religião, antropólogo, professor associado do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: emerson.pesquisa@gmail.com.

\*\*Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor e chefe do Departamento de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: professorordney@gmail.com.

nalmente provocada desde as altas esferas federais (leia-se presidência da República e sua família), as religiões estão afetadas grandemente, em efervescência, atravessadas por pressões pela abertura de templos, conflitos internos entre lideranças e liderados, negações massivas da ciência, recomendações sanitárias e médicas, adaptações online e embrionários movimentos de crítica política entre evangélicos, espíritas e católicos, estendendo-se pelo campo religioso brasileiro.

Desse começo, voltamos ao primeiro concebido numa noite de 25 de março. Perdoe-nos se a leitura se alongar e destoar do que foi comentado acima, mas estamos em condições históricas singulares. Sob o sol de outono no hemisfério sul, no Ano Segundo da Desolação, terceiro mês, vigésimo quinto dia: 303,7 mil mortos olham espantados e incrédulos para aqueles que ainda estão vivos e para aqueles que governam, assentados em suas cadeiras de marfim e mogno. Mais 97.586 mil contaminados<sup>2</sup> são engolfados num tsunami que, em 24 horas, trouxe em suas asas biopolíticas a morte para 2.639 brasileiros: danos aos pulmões, incapacidade de respirar, implosão ensanguentada do sistema respiratório e, daí, as reações em cadeia devoraram os corpos<sup>3</sup>. 6.370 brasileiros jazem em leitos, quase jazigos provisórios, ansiosos por alguma sobrevida viabilizada pelo anjo da morte presidencial, segundo o Conselho de Secretários de Saúde dos Estados.<sup>4</sup> Morreram no chão de Unidades de Saúde uns tantos; morreram em casa, outros, ainda sem contagem exata. Os cemitérios realizaram enterros noturnos, a evocar recordações imagéticas de pestes que atravessaram séculos e, como ondas, reba-teram sobre as aldeias e cidades europeias; ou doenças contagiosas em outros países, culturas e civilizações ao longo de suas próprias temporalidades. E, nesses casos, com grande participação dos sistemas religioso-míticos. É imensa, ainda por se contar e compreender, a legião humana com graves danos neurológicos, nefrológicos, hepáticos, circulatórios, psicológicos e psiquiátricos que arrastarão suas cicatrizes por uma vida inteira.

São os dados oficiais. Não se contam as suspeitas de Covid-19, e as mortes e contaminações decorrentes. Uma doença política em essência. Ou uma expressão do biopoder, para lembrar um importante conceito de Michel Foucault (1999; 2010) que às Ciências da Religião e às Ciências Sociais compete urgência para levá-lo ao primeiro plano de discussão acadêmica e de interlocução com a sociedade brasileira. A falsa dicotomia entre natureza/cultura, ou biologia/sociedade, dentre muitas outras, não permitem uma compreensão adequada dos dilemas de nossa época. Porém, à luz de autores como Roberto Esposito

(2010), Tony Negri e Michael Hardt (2018), dentre outros, talvez possamos melhor deslindar as tramas tecidas entre religião, poder e vírus.

Com essas chaves de leitura percebemos que, na Modernidade, o poder político-econômico é exercido como feixe de relações sobre a vida nua, como corpo coletivo (biopoder) e como corpo individual (anátomo-política), regulando-a, subordinando-a, gerindo-a, de formas menos eugenistas, socialdemocratas, ou mais fascistas: a celebração da vida dos “fortes”, da “nação”, a “imunidade de rebanho” ou natural. Sob dois pontos de vista essa ideia é um grande equívoco e um horror. Do ponto de vista moral-ético, expor propositadamente uma população inteira ao vírus, para que essa adquira como um todo e “naturalmente” a imunidade (desenvolvimento de anticorpos contra o coronavírus), é levar milhares de vidas à morte por sufocamento e milhares de outras a duradouras e sérias sequelas incapacitantes. E do ponto de vista técnico-científico, a ideia de “imunidade de rebanho” se mostra inviável para doenças em geral, especialmente em relação às causadas por vírus, porque, submetidas a grande circulação, sem controle, produzem novas cepas e variantes. Acredita-se que são dezenas em circulação agora, sendo três delas violentas e mais contagiosas que a versão inicial: a brasileira (de Manaus), a inglesa e a hindu. Em janeiro, o colapso da capital amazonense, após líderes religiosos, empresários e comerciantes resistirem e protestarem contra decretos estaduais e municipais que anunciavam fechamento em dezembro de 2020, foi agônico e trágico. De lá para cá, foi abalada a ideia de grupo de risco: idosos e pessoas com as ditas “comorbidades” (diabetes, cardiopatias, pneumopatias, etc.). Jovens e pessoas sem comorbidades se tornaram maioria nas UTIs e entre os que morrem. Dentro desse grupo, aumentou o número de mulheres gestantes mortas a ponto de o Ministério da Saúde recomendar que se evite a gravidez enquanto durar o enfrentamento da Covid-19. Regiões e cidades inteiras registraram decréscimo populacional: mais mortes do que nascimento.

Mas sabemos que, enquanto durar o atual governo, essa situação não tem data para terminar e quanto mais ele permanece, mais a ideia de imunidade de rebanho se aprofunda com todas as suas consequências nefastas. Essa ideia é o pilar no qual Bolsonaro e seu séquito de apoiadores radicais assentam a biopolítica da devastação. Incluem-se aqui, os cristãos reacionários (evangélicos e católicos), pois aqui intervém ideia de “vontade de Deus, Ele tira, Ele põe, Ele deixa perecer”. Daí não deve haver fechamento ou lockdown, todos devem trabalhar e devem ser livres para usar máscaras ou não, vacinar-se ou não. As expressões

presidenciais: “gripezinha”, “não ser maricas” e “enfrentar de frente”, “vamos todos morrer mesmo”, dentre muitas outras, evidenciam o arraigamento dessa noção. Bolsonaro se associou a um filamento de RNA através do qual escoia a biopolítica desejada por uma parte da sociedade.

Muitas igrejas evangélicas pentecostais/neopentecostais e seus líderes, grupos espíritas kardecistas e católicos reacionários, são ardorosos defensores dessa política e a base ideológica é a da liberdade individual acima de tudo e todos, contra o Estado e contra as leis e regras por ele impostas para controlar o contágio ou tentar alguma redistribuição de riqueza. Vimos algo disso nos artigos desse número, mas há muito mais o que registrar. Essas ideias podem ser encontradas em poderosos políticos, como Margaret Thatcher que, repetindo uma certa história enviesada, nominalista, uma meia-verdade com muito de ideologia, afirmou que a sociedade não existia, apenas o indivíduo, interpretando o economista Friedrich Hayek. Entre os católicos brasileiros esse apoio parece ser bem menor devido a uma conjugação de elementos, do Papa Francisco às dinâmicas históricas e estruturais do catolicismo. Em 27 de março, diante de uma praça de São Pedro, vaticano, sede do papado, vazia, em fim de tarde e um começo de noite chuvoso, nublado, o Papa Francisco celebrou sozinho um ato litúrgico dos mais impressionantes, que correu mundo, por sua força moral, estética, afirma, a benção *Urbi et Orbi*.<sup>5</sup>

Cabe destacar que o costume de ver as doenças como algo da natureza, o desabar de um golpe, o proferir de um oráculo certo do destino, o amargor entravado de uma leitura religiosa fatalista, a marcha de castigo divino na mão canhotada da divindade, é o que precisa ser suspenso, retraído, passado ao fogo do crivo de uma reflexão fina e crítica. Alia-se a ele um certo senso-comum, advindo do cientificismo, que separa em gavetas a doença, a natureza e a sociedade.

Diante disso, sem prejuízo do largo uso do termo pandemia, consagrado pela imprensa e pela sociedade em geral, após a observação de tudo o que foi apresentado nesse número da Plura, pensamos que o conceito de sindemia criado por Merrill Singer (2009) e ventilado em periódicos da área da saúde na segunda metade de 2020 para se referir à situação com a Covid-19, descreve de maneira mais precisa aquilo que vivemos. E, assim, propomos outro termo, sindemônio, um neologismo para caracterizar o agravamento vivido no Brasil, cuja descrição de sua face religiosa pode ser encontrada nesses dossiês.

O conceito de sindemia, vindo da antropologia médica e suas investigações no campo da antropologia da doença e da saúde (em especial AIDS, Ebola, Influenza e doenças viróticas ou infecciosas de longa permanência), foi re-proposto pela prestigiosa revista científica *The Lancet*. Em seus editoriais, foi uma das primeiras revistas consagradas a criticar Trump e Bolsonaro pela condução do poder estatal na gestão da Covid-19. Algo pouco visto no contexto da grande área das *Hard Sciences*, que geralmente se movem na esteira da velha dicotomia natureza/cultura, incapaz de iluminar as dinâmicas que geram uma doença, fazendo interagir, de maneira simultânea e inseparável, um sem-número de elementos: urbanos, econômicos, sociais, políticos, sanitários, epidemiológicos, biológicos, arquiteturais, religiosos, numa sinergia que potencializa seus danos e impactos, encavalando-se com outras doenças e problemas sociais. Daí, *syn/sin*, do grego, tudo junto, produzindo a enfermidade, na tentativa de melhor caracterizar processos cuja situação tem sidodescrita, ora como epidemia, uma doença, em geral infecciosa e transitória, que ataca ligeiro, ao mesmo tempo e lugar, grande número de indivíduos; ora como pandemia, que se refere a uma epidemia que atinge um vasto território.

Sindemônio, por sua vez, é um neologismo proposto nesse comentário final ao dossiê para caracterizar a concorrência, a interação, o entrelaçamento e a retroalimentação entre problemas estruturais ou conjunturais, anteriores ou posteriores, à sindemia de Covid-19: depauperação profunda da sociedade, racismo, falhas da democracia representativa, inação política das oposições institucionais, fome, desmatamento, *polimilícia* (fusão entre milícias e polícias, aquelas compostas por ex-policiais ou policiais, e estas em relação sinérgica com a criminalidade), *narco-milico-evangelismo* (mistura do tráfico com igrejas evangélicas e milícias ou grupos de extermínio e exploração), enfraquecimento dos canais clássicos de participação política, atomização social, educação com falhas estruturais, exaustão do sistema público de saúde, sobrecarga e desestruturação em cadeia das ações de saúde e políticas públicas, desindustrialização, inflação e estagnação, perda de riqueza e renda por parte das classes populares e média. Ou seja, trata-se de efeitos sindêmicos encavalados numa proporção devastadora. Não se ignora, decerto, as tantas histórias de superação da Covid-19, de solidariedade nesse momento difícil, dos tantos movimentos de luta social, de combate à fome e ao racismo, inclusive com forte participação religiosa, dentre outros aspectos, que também constam nesse dossiê. Mas queremos destacar as dimensões da gravidade da conjuntura em que estamos.

Quandoos dois conceitos, sindemia e sindemônio, são associados à ideia de biopolítica e biopoder, a compreensão de nossa situação aumenta e se percebe como o vírus funde-se a contextos globo-locais, governos, pessoas, potencializando os poderes de destruição das entidades fundidas, pois, por elas, a doença respiratória-infecciosa vive – contaminando os organismos humanos, entrando em mutação. O mero vírus da gripe comum, de alta propagação e, felizmente, baixa letalidade, se comparado, a outros, mostra que se, um estado de mutação for atingido, a possibilidade de erradicação é fraca. Basta pensar que as vacinas contra a gripe comum saíram dos laboratórios, mas são válidas apenas para aquele ano no qual a variante impera, pois logo depois surgem variações devido à circulação de pessoas em contato intenso. Algo parecido pode ocorrer com a Covid-19 e teremos não apenas dois anos de desolação, mas vários, caso a vacinação em massa (entre dois e três milhões por dia), fechamentos mais severos e apoio social e financeiro (aos que não tem renda ou que ficarão prejudicados fortemente, pessoas ou empresas) e protocolos sanitários rígidos (máscaras e distanciamento social) não forem adotados com um plano de gestão multissistêmico da crise. Mas isso significaria tirar o *bolsovírus* do poder...

Mas, o que é Bolsovírus? O primeiro autor que se tem notícia a usar a ideia de fusão entre vírus e presidente, e teorizar a respeito, inspirado nas ficções de Stan Lee (Marvel), é o filósofo Paulo Ghiraldelli (CABELO; GHIRALDELLI, 2020). Um uso que aponta para o potencial de compreensão que as modernas ficções de quadrinhos guardam para situações inquietantes e terríficas. Ainda, tirar o *bolsovírus* não é algo que se possa deixar para as eleições de 2022, precocemente discutidas pelos partidos de centro, direita e esquerda. O mecanismo de impeachment, usado duas vezes, derrubou dois presidentes, Collor e Dilma, por evidências pequenas se as comparamos com as evidências de crime cometidas dia sim e dia também, por Bolsonaro. A ideia de impeachment sofre um claro bloqueio na imprensa e na ação prática dos partidos de centro e de esquerda. São mais de uma centena de processos de impeachment que estão na fila, represados pelo presidente da câmara que se omite, o anterior e o atual. Parece haver um pacto tácito para obstaculizar ao máximo o impeachment: o centrão que tenta extrair o máximo de cargos e dinheiro; parte do empresariado (ruralistas, mineiros selvagens etc.) e líderes e partidos de oposição. Grandes líderes de esquerda disseram que não há tempo, o que não é verdade, pois durante a sindemia tivemos o impeachment de um governador, o do Rio de Janeiro, e dois pro-

cessos contra o governador de Santa Catarina. Não se mobiliza uma grande frente, não se criam formas de luta, já que as ruas não podem ser ocupadas fisicamente por aglomerações. Há iniciativas isoladas que tentam vencer esse bloqueio, mas rebatem numa parede. Os órgãos de imprensa criticam acerbamente o governo, mas poucos pedem e insistem no mecanismo político-jurídico que usamos em um curto período (em 1992 e em 2016). Fica uma pergunta, crucial e grave: por que tantos crimes cometidos por um presidente não estão dando, por enquanto, origem a um processo como o que já ocorreu em nossa história duas vezes, com participação, a favor e contra, das religiões e igrejas? A situação poderá mudar e termos uma solução mais rápida do que uma lenta agonia, ou seja, a aposta nas eleições de 2022, apesar das milhares de mortes que ocorrerão? Só o processo histórico vivo vai mostrar...

A permanência do quadro sindemônico sem uma intervenção e reorganização mais rápida, ainda este ano, significa o prolongamento da doença e consequências imprevisíveis para 2023, quando assumiria um novo governo. Se hoje estamos com mais de 400 mil mortos e um rastro de destruição, imagine até chegar janeiro de 2023, num governo hipoteticamente diferente do atual... Há um quadro dantesco, mas, paradoxalmente, os analistas insistem em categorias de entendimento claramente deficitárias e incapazes de dar conta de fenômenos agigantados sob os nossos olhos e guiam-se os militantes políticos por palavras de ordem defasadas, encarquilhadas, de outras épocas. Aumenta-se a confusão, a desorientação e a inércia. Não sabem o mundo em que estamos vivendo, de fato. Aumenta-se com isso, a esperança messiânica na democracia representativa liberal que, justono Brasil, está em crise, encalacrada num sem-número de problemas que vão da inconsistente democracia partidária interna à incapacidade dos partidos de dialogarem com a sociedade e suas transformações, dos vícios estruturais do presidencialismo de coalização às barreiras ao aumento da democracia participativa.

Tome-se em termos de estopim, elemento que, atizado sobre uma massa de cadeias causais, uma rede de forças sociais e políticas em movimento, acende um pavio que só acaba com a destituição, por vias legais, do mandatário máximo. Um Fiat Elba foi capaz de fazer nascer um movimento de indignação popular – os cara-pintadas, jovens em sua maioria – eretirar uma rede de criminosos que ameaçava tomar conta do governo federal e aprofundar o assalto neoliberal às conquistas socioeconômicas da Constituição de 1988. Uma pedalada fiscal polê-

mica foi motivo para afastar uma presidenta num tumultuado contexto de ruptura de um pacto de classes e seus agentes (esquerda e elites agrárias, financeiras, burguesas, religiosas) no processo de globalização financeira e neoliberalismo em crise.

Um modo de produzir a vida, e influenciá-la em suas mais diversas áreas, política cultural, subjetiva, religiosa, em curva crescente no mundo desde o ano 1970 e no Brasil desde os anos 1990, não à toa, convergentes com o mássico crescimento de correntes cristãs pentecostais e carismáticas, aclimatadas ao mundo moderno urbano-capitalista, como uma Hidra de Lerna, monstro mitológico.

2020 e 2021 tem sido anos de completa desolação. O bolsonarismo, essa espécie de religião política tingida de populismo de extrema-direita a serviço do avanço do capital, no sentido marxiano-contemporâneo, saiu do controle dos líderes e partidos da situação. Pulularam negacionismo rampante, celebração de remédios prejudiciais (cloroquina, ivermectina, hidroxicloroquina), embates religiosos contra as medidas sanitárias (lockdown, máscaras, vacinas). E os milhares de lutos familiares incrustados na temporalidade interminável ainda não foram capazes de mover os maiores líderes da oposição e seus partidos. Possuem experiência contra e a favor da remoção legal de presidentes, dinheiro (verbas parlamentares e verbas de gabinete), militância engajada e bancada (o segundo partido da Câmara, com 55, é do Partido dos Trabalhadores). No momento que escrevemos, até falam do afastamento do presidente, mas sem entusiasmo. A própria Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dedicada à apuração da gestão da crise ocasionalmente é desacreditada por comentários ventilados na imprensa. Há parlamentares de direita interessados no impedimento que relatam dificuldades com o envolvimento de representantes da esquerda institucional. Estes últimos encontram-se travados por *não-sei-o-quê* de pruridos e *agora-nãos*, alguns claramente eleitorais, mais exatamente eleitores...

Em meio à tempestade negra que dura mais de ano, ouve-se aqui, ali e acolá, algumas vozes fortes, roucas de gritar, mas firmes, vindas de grupos de esquerda não partidários, comunidades e coletivos diversos (indígenas, negras, sindicatos), alguns políticos esparsos. Vozes que pedem desesperadas o remédio legal para casos extremos, como o que vivemos, o impeachment, como forma de impor um freio e uma reorganização ao cenário desolador.

O modo neoliberal em ascensão globo-local, se espraiando pela cultura e a sociedade, decorrendo daí, um pouco de caldo narcisista e liberticida (ilusão da liberdade absoluta, acima de tudo e todos), combinado ao caldo religioso reacionário-conservador, uma reação amargurada e agressiva às perdas materiais e simbólicas vividas aos longo dos tempos, a ocupação progressiva da esfera pública e do Estado por essas hostes religioso-reacionárias, a fragilidade da democracia-liberal representativa e a constante emersão da democracia participativo-popular, expressa em rebeliões, revoltas e movimentos de massa de cunho igualitarista em nossa centenária história, sendo junho de 2013, um acontecimento plural e singular nesse aspecto.

Desde o Ano I do sindemônio daCovid, contabilizou-se três senadores mortos, um deles importante liderança evangélica conservadora; um cantor-ve-reador negro, baiano, com grande fama no mundo gospel; padres, bispos, pastores, médicos, prefeitos, vereadores, lideranças religiosas, professores e enfermeiras ceifadas. Uma maioria de corpos idosos pobres, negros, moradores de periferias, desempregados, indígenas, quilombolas. Na boca do *bolsovírus*, crianças, jovens e adultos sem comorbidades começam a ser mastigados em número crescente, 20, 30 a 40% do total registrado, e cuspidos em covas, os cemitérios não param sua expansão.

As cepas, as variações e as mutações, tornam mais perigosa a sindemia de Covid-19 aqui, somos um risco global. Quanto mais a doença biopolítica circula, mais entra em mutação e mais desorganiza o ordenamento social, sanitário e econômico. O capital – hoje transnacional e global, muito além do Estado-Nação – falou algumas notas pela boca de economistas, poderosos banqueiros e empresários. Dia 22 de março de 2021, a carta-manifesto evidenciou o descolamento da junção provisória e instável, formada em 2018, entre populismo de extrema-direita, religião bolsonarista e o ordenamento neoliberal a serviço do capital transnacional.<sup>6</sup>É verdade que tal manifesto contém ideias refutadas na prática por conta de efeitos negativos severos em países europeus, como a de que as escolas devem ser as últimas a fechar e as primeiras a abrir em casos de isolamento social. Porém, em linhas gerais, o texto se coaduna com alguns dos diagnósticos elaborados por filósofos, economistas, sociólogos, médicos sanitaristas, pensadores e pesquisadores, do centro e à esquerda, institucional e não institucional. O que se pode fazer para cortar a cabeça exata da Hidra de Lerna da Covid-19, de onde brotam mil outras, cheias de dentes longos e afiados: lockdown seve-

ro, quiçá nacional, por um período curto, mas suficiente para desarmar as engrenagens biológicas de transmissão, porém, com auxílio financeiro amplo, digno e suficiente às rendas dilapidadas de grupos socialmente mais vulneráveis e setores econômicos mais afetados. Soma-se a isso uma coordenação nacional para vacinação massiva e acelerada, urbanização, saneamento e arejamento de áreas insalubrememente amontoadas, e intensificação do uso de máscaras adequadas.

Em outras palavras, o capital transnacional percebeu que a crise da Covid-19 só pode ter fim se tiver fim em todos os lugares. Quem escreve isso é um economista liberal, Celso Ming (2021), um dos porta-vozes orgânicos das elites burguesas brasileiras, com essas exatas palavras. O que se tentou aqui, em termos políticos, foi um arranjo interventivo, uma intervenção branca no governo do bolsovírus: após uma série de aproximações, iniciadas em maio/junho de 2019, coroado com um pacto de governabilidade em janeiro/fevereiro de 2021, o centrão e os presidentes do Senado e da Câmara impuseram um comitê de gestão e pressionaram os setores bolsonaristas radicais a serem despedidos do governo, o chanceler Ernesto Araújo e o assessor internacional da presidência, Felipe Martins.

Entre maio-julho de 2020, se lembramos bem, tomou corpo uma revolta popular, após a ressaca das ruas ocupadas pela extrema-direita e direita entre 2015 e 2018. Essa revolta foi inflamada por três estopins: a morte de George Floyd, um afro-americano que, sob o joelho de um policial branco, gritou, “não consigo respirar”, mote apropriado pelos movimentos negros; o protesto das torcidas organizadas de futebol, e a greve dos entregadores de comida. Pediam impeachment. A reação dos ideólogos da direita foi criticar e distorcer o sentido correto de terminologias. O pastor Marcos Feliciano criticou-os. Gabriela Prioli, ex-jornalista da CNN-Brasil, emissora com as digitais da Igreja Universal do Reino de Deus em seu projeto de poder, chamou os manifestantes negros de “genocidas”, uma completa perversão do conceito que, hoje, pegou no presidente Jair Bolsonaro ao ponto de sua mais fiel escudeira, deputada Bia Kicis, guindada pelo acordo Centrão-Bolsonaro à presidência da importante Comissão de Constituição e Justiça, tentar proibir seu uso por deputados nas sessões parlamentares. Nenhum partido político ou sindicato envolvido, apenas alguns deputados de esquerda. Ao contrário, a maioria dos líderes e partidos de oposição censurou e largou mão, assim como se desengajaram do movimento de impeachment que esboçou algo em janeiro de 2021.

As religiões diante da sindemia e do sindemônio agiram de modo diverso. Alguns agentes foram de encontro às ideias da extrema-direita populista, outros vieram ao encontro. A favor da abertura da economia, contra o fechamento de templos, tem-se líderes como Silas Malafaia, líder de parte das Assembleias de Deus (maior grupamento pentecostal brasileiro). O pastor Valdomiro Santiago passou a vender feijões mágicos como forma de combater a Covid-19. Espíritas e católicos bolsonaristas acompanharam esse movimento geral. Mashá muitos grupos religiosos que procuram adaptar-se aos protocolos sanitários e às medidas de fechamento. Pipocaram os cultos online, missas, orações e reuniões adaptadas e reinventadas. Muito disso foi relatado nesse dossiê.

Urge resgatar o núcleo das ideias de Peter Berger (1989), importante sociólogo da religião; o círculo dialético projeção-exteriorização-interiorização, ou seja, os produtos humanos – economia e religião – brotam coletivamente de nossas mãos, sendo exteriorizados em instituições e realidades que são por nós interiorizados e, exatamente por isso, nos aparecem como naturais e dados desde sempre. A religião, nessa perspectiva bergeriana, entra como selamento da plausibilidade, pois firma o arbitrário, o histórico e o temporal, no plano cosmológico e mítico, além deste mundo, como vontade sagrada, imutável e contrária às mudanças. Esse mundo da sindemia e do sindemônio pode parecer natural, mas foi criado por nós, em sociedade, e por nós pode ser mudado.

Na secularização, em que pese a própria revisão bergeriana, o mundo religioso e o mundo não-religioso não se isolam um do outro, mas se misturam de modo específico, se entrechocam, mutuamente se influenciam: este empresta àqueletécnicas, estratégias e discursos (marketing digital, individualismo narcisista, capitalismo financeiro, consumo gospel); e aquele empresta a estas ideias e metáforas religiosas legitimadoras de campanhas culturais e políticas (BERGER, 2017). Como exemplo podemos citar a guerra cultural da “ideologia de gênero” ou o mote da campanha presencial, “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, tirado da profecia bíblica, no Evangelho de João. Quanto a isso, o pior é que na medida em que o *bolsovírus* foi colocado em marcha, a verdade realmente foi aparecendo. Em um ano, o presidente promoveu 40 aglomerações, minimizou e desprezou o novo coronavírus inúmeras vezes, debochou dos mortos, tentou impor sua ideia de “imunidade de rebanho”, disse que não se vacinaria. Papagaiou a liberdade absoluta de todos: a de médicos de receitarem remédios comprovadamente prejudiciais, a de comerciantes e empresários abrirem suas lojas e

estabelecimentos, a de líderes religiosos considerarem templos serviços essenciais, ainda que, com isso, os contágios aumentem, a doença se agrave e milhares morram. Houve até confusão que o presidente fez questão de fazer entre o lockdown e o estado de sítio. O cume da montanha trevosa se vislumbrou. Em transmissão online dia 25 de março, um ato falho deixou evidente o quanto a figura de Bolsonaro e seu Governo transpiram a fusão com o vírus causador da Covid-19, quando suas palavras foram: “as medidas tomadas contra a vacina tomadas lá atrás” (BOLSONARO, 2021, 1:13). Em live presidencial, mais uma vez contra as medidas de fechamento e isolamento social, salta à vista a ideia perversa, narcísica, belicosa e infantil de liberdade bolsonarista. Uma confrontação contra a autoridade, seja ela sanitária, afirmando o desejo mágico que brota da vontade individual: “não quero usar máscara”, “não sou obrigado”, “não quero usar cinto de segurança na cadeirinha, não sou obrigado”. Por uma alquimia ideológica, essa ideia mistura-se à da liberdade neoliberal e à da liberdade religiosa, como comenta Emanuel Freitas em seu artigo nesse dossiê. Aqui, a ambiguidade aumenta, pois, se de um lado, afirma-se a independência do indivíduo, o poder mágico da evocação do nome de Deus (confissão positiva), a aceitação individual da salvação; por outro, celebra-se a constante subordinação individual a um poder divino maior e superior, manifestado de diversas formas, diante do qual cada um deve curvar-se, (“todo joelho se dobrará, toda língua proclamará”!) e que se manifesta pelos mediadores, o pastor, o ungido de Deus, o intocável, na leitura reacionária-conservadora.

Em Karl Marx, a filosofia da história é brincalhona e mordaz, acontece como tragédia e farsa e, dentro desta, pode vir como grotesco-burlesco ou como bufão-drama. Assim, um dos mais instigantes exemplos, por mesclar estupidez, limitação cognitiva, religião mágica, culto político-reacionário, ideia de liberdade infantil absoluta e sujeição acrítica, ocorreu na quinta-feira outonal de março, 25. Um grupo realizou uma espécie de ato de culto da religião bolsonarista em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, contra o lockdown e pelo “tratamento precoce”. Não existe tratamento precoce contra Covid-19. Sabe-se, por larga comprovação de estudos médico-científicos, que os remédios recomendados de forma mágico-celebrativa pelo presidente mesem a fio afetam o fígado, os rins e o coração; no limite, seu uso descuidado causa a morte. A convocação do ato pregava a “luta por liberdade” e “contra a tirania do prefeito” Ary José Vanazzi (PT), defensor de medidas restritivas. Numa praça perto da sede da prefeitura, um pequeno grupo

de manifestantes bate continência para uma caixa gigante de cloroquina. Erguem paus com a bandeira nacional ou a jogam sobre os ombros, tornando-a um objeto sagrado de sua religião mágico-liberticida. Por fim, executaram o hino nacional durante a homenagem. A religião e a Covid-19, entrelaçam-se. No ápice, tem-se a religião da quarentena mal feita, o cloroquinismo.

Há obstas, sabe-se, à narrativa que aqui se contata como está. Condições sociais e políticas distintas, agentes coletivos e redes de poder em diferentes configurações, incluindo religiosas. Mas, há linhas estruturais ou de continuidade atravessando múltiplas temporalidades e contextos que, por hora, propomos, mas sem desenrolar todo o papiro, deixar para comentar em outra ocasião. Assim como fez o documentário *Evangélicos e a Covid-19: “Por Suas Palavras Sereis Condenados”*, do Laboratório de Improbabilidades Infinitas (LABI<sup>2</sup>), optamos por enfatizar nesse comentário final as expressões religiosas que sussurram aos ouvidos do poder. Há coisas feitas em matéria de religião que têm consequências gerais, para todos, e não apenas aos da mesma fé. Nesses tempos de sindemia em que vivemos, algumas tomaram proporções sindemônicas.

### **Referências bibliográficas**

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1989.

BERGER, Peter. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017.

CABELO, Mariangela; GHIRALDELLI JR., Paulo (Org.). *Pandemia e Pandemônio: Ensaio sobre biopolítica no Brasil*. São Paulo: CEFA Editorial, 2020.

ESPOSITO, Roberto. *Bios: biopolítica e filosofia*. Lisboa. Edições 70, 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de se saber*. 13<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da biopolítica*. Lisboa: Edições 70, 2010.

NEGRI, Tony; HARDT, Michael. *Assembly: organização multitudinária do comum*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2018.

SINGER, Merrill. *Introduction to syndemics: a critical systems approach to public and community health*. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.

### **Fontes Documentais Digitais**

BOLSONARO, Jair. Live Semanal do Presidente Jair Bolsonaro. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=g8lBcbOVy5c&t=73s&ab\\_channel=UOL](https://www.youtube.com/watch?v=g8lBcbOVy5c&t=73s&ab_channel=UOL) Acesso em 25 de março de 2021.

FRAGÃO, Luísa. Bolsonaroistas batem continência para caixa gigante de cloroquina no RS. 26 de março. Disponível em <https://revistaforum.com.br/coronavirus/bolsonaristas-batem-continencia-para-caixa-gigante-de-cloroquina-no-rs/> Acesso em 26 de março de 2021.

MING, Celso. A pandemia não terá ido embora enquanto não for extirpada em todo o planeta. *Estado de São Paulo*, 26 de março de 2021. Disponível em <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,quinze-meses-de-pandemia,70003661929>. Acesso em 26 de março 2021.

---

<sup>1</sup><https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/04/18/cpi-da-covid-tcu-relatorio-senado-ministerio-da-saude-pandemia-coronavirus.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 25 de março de 2021.

<sup>2</sup>Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/25/brasil-registra-recorde-com-quase-100-mil-novos-caos-de-covid-em-um-dia-mortos-chegam-a-3037-mil.ghtml>. Acesso em 25 de março de 2021.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/25/brasil-tem-63-mil-pacientes-com-covid-19-na-fila-por-leitos-de-uti-aponta-conselho-de-secretarios.ghtml>. Acesso em 25 de março de 2021.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/25/brasil-tem-63-mil-pacientes-com-covid-19-na-fila-por-leitos-de-uti-aponta-conselho-de-secretarios.ghtml>. Acesso em 25 de março de 2021.

<sup>5</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=VUIDliD2MVo&ab\\_channel=REDEVIDA](https://www.youtube.com/watch?v=VUIDliD2MVo&ab_channel=REDEVIDA). Acesso em 25 de março de 2021.

<sup>6</sup>Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56485687>. Acesso em de 25 março de 2021.

<sup>7</sup>Disponível em [https://youtu.be/RvUASfKB\\_-s](https://youtu.be/RvUASfKB_-s). Acesso em de 25 março de 2021.

**Interface entre Mídiação e Mercado Religioso  
a partir do estudo da emissora católica Rádio São José**

Interface between Mediatization and Religious Market  
from the study of the Catholic broadcaster Rádio São José

*Antonio Carlos Sardinha\**

*Marcos Vinícius de Freitas Reis\*\**

*Danilo Silva de Oliveira\*\*\**

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-15>

Resumo

O artigo procura apresentar uma análise sobre a inserção da Rádio São José no cenário midiático religioso amapaense, observado sob uma perspectiva histórica e conceitual que envolve pensar esse campo em um cenário de concorrência religiosa e midiática. Para tal, apresentamos uma abordagem histórica que observa a comunicação na interface com a Igreja Católica, destacando as perspectivas comunicacionais que orientam os protocolos de comunicação dessas instituições religiosas com a sociedade. Por meio da análise das entrevistas com atores que integram a Rádio São José e da grade de programação, indicamos as matrizes gerais que orientam a ação midiática deste veículo no Amapá. Como considerações gerais, destacamos na atuação da Rádio São José a predominância de um modelo de comunicação que privilegia o fazer, na apropriação instrumental dos meios de comunicação em um processo educativo pela mídia voltado à evangelização do tipo difusionista da doutrina da Igreja, que se distancia dos desafios conceituais, técnicos e políticos observados em estratégias e políticas de comunicação que marcam a relação do campo religioso e do campo midiático em um contexto de concorrência no mercado religioso.

Palavras-chave: Comunicação. Religião. Mídiação. Mercado Religioso. Rádio São José. Amapá.

---

\* Professor do Curso de Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas (PCULT) e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutor em Comunicação, integra o Grupo de Pesquisa Estudos Interdisciplinares em Cultura e Políticas Públicas e o Observatório da Democracia, Direitos Humanos e Políticas Públicas. E-mail: sardinhajor@yahoo.com.br

\*\* Docente do Curso de Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas (PCULT), do Mestrado Acadêmico em História Social (UNIFAP) e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Líder do Centro de Estudos de Religião, Religiosidades e Políticas Públicas (CEPRES-UNIFAP). Integra o Grupo de Pesquisa Estudos Interdisciplinares em Cultura e Políticas Públicas e o Observatório da Democracia, Direitos Humanos e Políticas Públicas. E-mail: marcosvinicius5@yahoo.com.br.

\*\*\*Licenciado em Sociologia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Integra o Centro de Estudos de Religião, Religiosidades e Políticas Públicas (CEPRES-UNIFAP). E-mail: danilo.deoliveira@hotmail.com

## Abstract

This article seeks to present an analysis on the insertion of Rádio São José in the Amapá religious media scene, observing from a historical and conceptual perspective that involves thinking about the religious field in a scenario of religious competition and mediatization. To this end, we present a historical approach that observes communication at the interface with the Catholic Church, highlighting the communicational perspectives that guide the communication protocols of these religious institutions with society. Through the analysis of interviews with actors who are part of Rádio São José and analysis of the programming grid, we indicate the general matrices that guide the media's action in Amapá. As general considerations, we highlight in the role of Rádio São José the predominance of a communication model that favors doing, in the instrumental appropriation of the means of communication in an educational process by transferential media aimed at evangelization of the diffusionist type of church doctrine, which is distant the conceptual, technical and political challenges observed in communication strategies and policies that mark the relationship between the religious field and the media field in a context of competition in the configured religious market.

Keywords: Communication. Religion. Mediatization. Religious Market. Radio São José. Amapá.

## **Apontamentos teóricos iniciais**

O estudo da inserção do campo midiático deve ser observado, na contemporaneidade, atrelado a um cenário de disputa que caracteriza o mercado religioso (BERGER, 2003). Como dispositivos, as mídias (sobretudo eletrônicas e digitais) estabelecem uma interface complexa com o campo religioso a partir de fenômeno caracterizado pela mediatização (GOMES, 2016). Em linhas gerais, a mediatização se caracteriza como um fenômeno que marca a ação dos campos das mídias na produção da sociabilidade, na particular forma de inserção desses dispositivos na construção de sentidos que organizam a tessitura das relações sociais na contemporaneidade.

A presente pesquisa tem por objetivo fazer uma análise da presença e natureza da atuação da Rádio São José da Diocese de Macapá no cenário midiático do estado do Amapá, considerando a histórica relação entre mídia e campo religioso. O estudo parte da programação da Rádio e, de forma complementar, da realização de entrevista com integrantes da emissora que se dispuseram a atender os pesquisadores.

Na mediatização, mais do que meios para fazer circular sentidos oriundos de outros campos sociais, as mídias são parte constitutiva dos processos de compreensão elaborados individual e coletivamente (GOMES, 2016), em um movimento

marcado pela produção e circulação de sentidos que se retroalimentam de uma interface de dupla incidência entre os campos midiáticos e demais campos sociais, incluindo o religioso.

O fenômeno da midiatização apresenta-se, do ponto de vista comunicacional, como uma abordagem que insere de modo central o campo midiático em um contexto de concorrência do disputado mercado religioso e nos permite compreender os fenômenos religiosos midiatizados, reconfigurando a prática religiosa no que se refere a modos de fazer, promover e pensar a experiência religiosa.

De acordo com Berger, o mercado religioso é a concorrência entre segmentos religiosos por fiéis, influência da sociedade e disputa política, ideológica e teológica (BERGER, 2003, p. 45). A Igreja Católica não mais detém o monopólio do campo religioso brasileiro, cujo perfil se modificou sensivelmente nas últimas décadas. Mariano (2013, p. 120) salienta que a Igreja Católica vem perdendo fiéis e destaca o crescimento dos evangélicos e dos sem religião. O pluralismo religioso e a competição religiosa são características do campo religioso brasileiro (TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 23).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam a mesma tendência em nível nacional no estado do Amapá a respeito do panorama religioso. Segundo Reis e Carmo (2015), houve aumento substancial dos evangélicos na Amazônia Amapaense. Percebemos a lógica concorrencial imposta pelos pentecostais à Igreja Católica nas últimas décadas (REIS; CARMO, 2015). Entretanto, com o tempo, o mercado religioso recebeu novas instituições, a exemplo do Espiritismo, Adventista, Islamismo, Hinduísmo, religiões ayahuasqueiras, Judaísmo, religiões de matriz africana, ateus, agnósticos, dentre outros atores. Dito de outra forma, o Amapá é caracterizado pela pluralidade e pela competitividade em matéria de religião e religiosidade.

É neste campo em disputa religiosa que a Diocese de Macapá desenvolve estratégias para evitar a estancada da perda de fiéis e da influência da sociedade (CARVALHO; REIS, 2016). O protagonista de reação católica são os padres da Pontifício Instituto das Missões Exteriores (PIME) que, desde 1943, estão à frente da gestão e da evangelização no estado do Amapá<sup>1</sup> (CARVALHO; REIS, 2016).

De acordo com Oro (1996), a Rádio São José nasce neste contexto de disputa entre as instituições religiosas. Na tentativa de divulgar os ideários católicos, a a-

genda institucional da Diocese de Macapá serve de espaço para outros organismos católicos divulgarem suas atividades e a programação da Rádio torna-se necessária para que as informações alcancem católicos fervorosos, católicos não praticantes e até mesmo pessoas de outras religiões ou comunidades do interior e das ilhas, que pouco têm acesso a atividades paroquiais ou a padres (REIS; CARMO, 2015).

As atividades da Rádio São José se iniciaram em 2013. A gestão das suas atividades ficou a cargo do padre que é identificado com a espiritualidade do movimento da Renovação Carismática Católica (RCC). Silveira aponta que as rádios de inspiração católica no Brasil ou são gerenciadas pela RCC ou sua programação tem influência deste movimento católico (SILVEIRA, 2014).

Os conteúdos vinculados nos meios de comunicação católicos (sobretudo as rádios) são voltados para músicas religiosas, catequeses, entrevistas, orações e aconselhamentos (CAMURÇA, 2001). A referida proposta de programação é amplamente defendida pelos carismáticos amapaenses. Os programas são essencialmente voltados para espiritualidade, proselitismo e disseminação da doutrina católica (ORO, 1996). Uma das apostas da programação é o espaço para padres cantores ou conhecidos do grande público. De acordo com Souza (2001, p. 34), a popularidade dos sacerdotes é utilizada para angariar audiência e expansão da espiritualidade carismática, uma vez que a maioria destes padres são vinculados à RCC.

Prandi (1997, p. 23) aponta que as rádios católicas controladas pela RCC possuem duas finalidades. A primeira, um movimento “para dentro”, o que significa o combate à presença e à influência da Teologia da Libertação nas comunidades católicas. Na Rádio São José, o padre, ao tomar posse, suspendeu as atividades do conselho da Rádio, pois este era composto majoritariamente pelas Pastorais Sociais, Comunidades Eclesiais de Base e outros organismos católicos progressistas. E um segundo movimento, “para fora”, que constitui uma reação ao crescimento dos evangélicos. A programação, na qual é proibida a execução de músicas evangélicas, foi pensada para evitar a fuga de fiéis para outras igrejas. Como podemos perceber, a Rádio é assumida institucionalmente pela Diocese de Macapá como uma estratégia na competição entre instituições religiosas.

Sobre as mídias católicas, especificamente, Gomes (2002) pontua a dubiedade como uma característica da relação entre a Igreja e as mídias eletrônicas, considerando a tradição dessa instituição com a imprensa escrita. A ambiência, demandas e configuração do sistema de mídia, com o surgimento do rádio e da televisão

(final do século XIX e início do século XX), são a origem da dubiedade por desafios envolvendo a apropriação/incorporação dos então novos meios de comunicação à ação pastoral.

Em uma atualização do sistema midiático, em funcionamento sob um novo paradigma de produção e circulação de informação a partir de meios sociotécnicos que marcam a chamada “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999), entendemos que essa relação de dubiedade ganha contornos mais complexos e se potencializa quando observamos as instituições religiosas católicas inseridas em um cenário digital de comunicação instantânea.

No tocante ao objeto da análise, que observa a inserção da rádio católica São José no cenário midiático religioso amapaense, o foco da reflexão consiste em observar os meios eletrônicos na relação com a religião, nos termos definidos por Gomes (2002) para avaliar as diretrizes e perspectivas que, historicamente, a Igreja Católica adotou para compreender e orientar o uso das mídias eletrônicas, gerando o que o autor caracteriza como posição dúbia, na medida em que não obedeceram a uma estratégia uniforme em um dado percurso histórico.<sup>2</sup>

A compreensão da Igreja para a comunicação midiática, para Gomes (2002), acabou sobreposta, coexistindo com posições pouco uniformes ao longo dos anos de 1990. Entendemos, no entanto, que a configuração que o autor sistematiza para observar os protocolos e diretrizes de comunicação na Igreja Católica é importante para perceber a ação de algumas emissoras, mesmo em um contexto de demandas para o uso dos meios de comunicação envolvendo a disputa neste mercado e em um contexto de mídiatização do campo religioso, protagonizado pelas religiões evangélicas como exemplo mais representativo.

E para entendermos essa compreensão e as sobreposições que subsidiam ou subsidiaram as diretrizes de atuação da Igreja Católica no campo da comunicação eletrônica que marcaram o início da inserção das mídias eletrônicas no contexto católico até os anos de 1990 (com resquícios nos dias atuais), Gomes (2002) apresenta uma configuração interessante para orientar a observação do nosso objeto de análise. De acordo com ele, a dimensão educativa orientou o protocolo comunicativo da Igreja no uso dos meios de comunicação em três tipologias distintas: saber, fazer e pensar. Cabe destacar que cada tipologia incorpora um conceito particular sobre a educação e o papel da comunicação, dos seus usos e apropriações pela sociedade. Resumidamente, conforme o autor, no primeiro caso, a preocupação era

com o saber, em perspectiva educativa e depositária, preocupada com o conteúdo veiculado e focada na ideia de que os meios eram instrumentos de transferência de conhecimento. A ação da Igreja, nesse caso, era voltada a observar o conteúdo veiculado pelos meios de comunicação e as eventuais interfaces em facilitar ou prejudicar os ensinamentos de uma moral e valores religiosos, focando sua atenção em educar os usuários para lidar com as ameaças da comunicação eletrônica.

No segundo caso, foca-se no processo em que comunicação é um instrumento para educar, na perspectiva da Igreja, pela sua capacidade de gerar efeitos na transmissão de conteúdos de interesse católico e atingir um público amplo, em uma ação behaviorista de mudar atitudes pela presença de mensagens potentes de sentido orientado aos emissores. Nesta vertente, fazer a comunicação capaz de usar o potencial de difusão dos meios para atingir os fiéis marca a relação da Igreja para pensar o uso das mídias.

Já no terceiro caso, observando a importância que não mais o saber e o fazer assumem em um processo educativo, a perspectiva é valorizar o pensar, entendendo a educação como instrumento de promoção da reflexão e o uso dos meios para tal finalidade deve assumir a proposta de promover o pensamento indagador, o que presume uma mudança crítica na relação entre Igreja e fiéis. Nesse caso, o que vale é a perspectiva dialógica para construir uma comunicação com a comunidade, favorecendo processos participativos que garantam o envolvimento comunitário na produção da comunicação religiosa.

Ao observar essas perspectivas sobre comunicação eletrônica, atrelando os meios ao processo educativo, a década de 1990 foi, para Gomes, o período em que essas fases conviveram, sobrepondo-se uma à outra, predominando a “primeira postura, mais preocupada em doutrinar” (Gomes, 2002, p. 341). No início dos anos 2000, o autor já chamava a atenção para o fenômeno da mídiatização do campo religioso e as novas formas de inserção/ apropriação da religião nessa esfera, abordando o desafio de pensar a evangelização considerando as restrições, especificidades e modos de produzir e circular sentidos em um dispositivo midiático.

### **Comunicação na Igreja Católica no Amapá: O caso da Rádio São José**

A preocupação com a presença da Igreja Católica nos meios de comunicação de forma oficial foi apontada pelo Concílio Vaticano II (1962-1965). As decisões tomadas aí tinham por objetivo que as comunidades católicas modernizassem sua

forma de comunicar e dialogassem mais com as questões contemporâneas. Foi incentivado que os organismos católicos investissem em programas em rádio, jornal ou televisão. A ideia era expandir o ideário católico por meios das mídias e atingir um público maior. Isto é, documentos como o “*Communio et progressio*”, publicado em 23 de maio de 1971 pelo papa Paulo VI, que finalizou o Concílio Vaticano II, em 1965,<sup>3</sup> mostram a manifestação da Igreja Católica afim de se apropriar desse meio para propagar sua visão de mundo e se incluir na sociedade que se modernizava. No documento, o papa destaca a importância do papel social nos meios de comunicação.

A seguir, os principais documentos da Igreja que posicionam a necessidade das expressões católicas utilizarem os meios de comunicação (sobretudo o rádio) para disseminação de suas atividades e posicionamentos em relação aos problemas políticos, econômicos, sociais e espirituais:

- Instituição da celebração para o Dia Mundial das Comunicações Sociais – 1967;
- *Communio et progressio* – 1971;
- Documento de Puebla – 1979;
- *Evangelii Nuntiandi* – 1975;
- Encíclica *Redemptoris Missio* – 1990;
- A 26<sup>a</sup> Campanha da Fraternidade teve como tema “Fraternidade e Comunicação”, buscando despertar a consciência crítica do receptor no uso da mídia, como atitude interior necessária para a comunicação da verdade e da paz – 1989.

A partir dos anos de 1990, os organismos católicos aumentam o seu rol de obtenção de concessão de rádio e televisão ou de compra de espaços em emissoras não religiosas para apresentação de seus programas, missas, terços ou outros momentos oracionais. A ideia de Igreja Eletrônica é pensada neste contexto. A Igreja Católica opta pelo uso dos meios eletrônicos – nesse período, rádio e televisão – para inserção de seus interesses institucionais. Tanto o rádio quanto a televisão passam a ser instrumentos de promoção do conteúdo católico, de posicionamentos políticos e sociais da Igreja, assim como uma forma para que diretrizes pensadas pelos organismos católicos possam atingir públicos que por alguma razão possuem dificuldades de ir até as paróquias (ASSMANN, 1986).

Camurça (2009) reforça a ideia que as rádios que surgem a partir das décadas de 1990, vinculadas e administradas por setores da Igreja Católica, optam por uma linguagem simples, objetiva, uma programação musical, oracional, transmissão de missas e outros eventos católicos, programas de entrevistas sobre conteúdo doutrinal católico e interação ao vivo com os ouvintes. Isto é, uma tentativa de pensar uma estratégia radiofônica que consiga despertar o interesse no público em acompanhar a programação das rádios católicas.

A proposta de analisar a inserção da Rádio São José no cenário midiático religioso amapaense observando a emissora sob uma perspectiva histórica e comunicacional considerou, para efeitos metodológicos, a pesquisa documental e de campo (com entrevistas à equipe que presentemente atua na Rádio) como instrumentos de coleta de dados.

Com relação à análise, procuramos avaliar, em uma primeira dimensão histórico-institucional, a constituição e o funcionamento da emissora. Articulada a essa perspectiva, tratamos de um segundo aspecto de análise, o conceitual, observando – a partir dos processos de produção dos conteúdos veiculados – as características, marcas e vestígios das perspectivas e diretrizes de comunicação deliberadas pela Igreja Católica, bem como as tipologias que orientam o protocolo comunicativo entre igreja e os meios de comunicação, definidos por Gomes (2002), ensaiando apontamentos para dimensionar a inserção da emissora no contexto da mídia-tização e da concorrência do mercado religioso.

Antes de esboçarmos o quadro de análise, é importante uma breve contextualização sobre a constituição do campo midiático religioso católico no Amapá. O instrumento de comunicação da Igreja, de 1959 até 1974, foi o jornal impresso *A Voz Católica*, editado pelo padre Jorge Basile e o cônego Ápio Campos. O jornal, que circulava aos domingos, teve um total de 15 volumes, 662 números e 2.659 folhas (PIMENTEL, 2015).

A primeira experiência de comunicação em mídia sonora do Amapá foi em 1961, com a entrada da emissora Rádio Equatorial (ZYD-11, ondas médias, 1.490 kHz), pertencente à Sociedade Anônima Rádio Técnica do Amapá (SATRA) (CUNHA; FREIRE, 2007, p. 5). Em 1964, a emissora foi fechada. A prelazia de Macapá concedeu outorga de rádio AM, o que tornou possível inaugurar, em 1968, a Rádio Educadora São José LTDA., operando em ZYA-52, 1.460 kHz – ondas médias; e 2.400

kHz – ondas tropicais, regulamentada pelo Decreto nº 58.544, de 30 de maio de 1966, e pelo Decreto nº 53.938, de 2 de agosto de 1966.

Cunha e Freire (2007) afirmam que o projeto de comunicação da Igreja Católica no então Território Federal objetivava criar uma emissora de rádio alternativa. Em Macapá existia apenas a Rádio Difusora, emissora oficial do governo do território. A Rádio Educadora São José, então, assumiu um papel de destaque e de grande expressão de audiência.

A emissora católica tinha o caráter religioso em seus princípios basilares, mas não definiu toda a sua grade, que contava com uma programação variada, desde radioteatro, passando por noticiário, esporte e programas de auditório e crônicas, com conteúdo exclusivamente voltado para o catolicismo.

Durante a Ditadura Militar, a linha editorial da Rádio seguiu para o lado mais politizado, assumindo um viés progressista em um momento de fortalecimento da Teologia da Libertação, traduzindo-se em uma posição crítica local em relação ao governo. A Rádio Educadora permaneceu no ar por mais de uma década, encerrando em 1978 as suas atividades. Nesse mesmo período, o jornal *A Voz Católica* também foi fechado. No final dos anos de 1970 até a década de 1980, a Rádio Difusora de Macapá assumiu o papel de divulgação dos informativos da Igreja Católica local. Semanalmente eram transmitidas missas, terços, catequese do bispo ou de padres e festas católicas, a exemplo da Festa de São José – padroeiro da Diocese de Macapá – e do Círio de Nazaré. A Rádio Difusora divulgava o posicionamento oficial da Igreja em relação a temas da sociedade local.

Cunha e Freire (2007) apontam que as causas do fechamento da Rádio Educadora foram políticas, em função dos embates com os censores do governo militar, e financeiras. Lideranças católicas que trabalhavam na Rádio Educadora neste período afirmam que o motivo tenha sido apenas de ordem financeira. Sem ter uma emissora de rádio própria, a Igreja procurou introduzir programas em outros canais, como na emissora vinculada ao governo do território, a Rádio Difusora – o programa “A Prece da Ave Maria”, produzido pela Pastoral da Comunicação, no ar até os dias de hoje.

Em 1998, chegou a Macapá como repetidora a Rede Vida de Televisão. Já em 2004, passou a funcionar, também como repetidora, a TV Nazaré. Apesar de ser uma programação nacional, a Rede Vida foca na propagação de evangelização nos

valores morais e éticos de famílias; a TV Nazaré tem uma proposta de evangelização mais regionalizada, voltada à Amazônia Legal.

Neste contexto de ampliação dos canais católicos, no final dos anos de 1990 e o início dos anos 2000, o então bispo, Dom João Risatti, começou a planejar o projeto para a aquisição da concessão educativa de uma rádio, seguindo uma linha pastoral mas operando na mesma proporção que a antiga Rádio Educadora. Em 2003, Dom João faleceu na Itália, local onde nasceu. O projeto técnico da Rádio já estava caminhando para entrar em trâmite legal. Em 2005, Dom Pedro José Conti, bispo da Diocese de Santíssima Conceição do Araguaia, assumiu a Diocese de Macapá e, entre tantos desafios, deu continuidade ao projeto de seu antecessor, alimentado pelos leigos da diocese.

A Rádio São José FM 100.5 começou a funcionar em 7 de abril de 2013, sendo caracterizada no seu estatuto como uma emissora sem fins lucrativos mantida pela Fundação Educadora São José, dirigida pelo clero. Sua frequência alcança 8 municípios e parte da mesorregião do Marajó (Afuá, Breves, Chaves e Gurupá), no estado do Pará. A outorga de Serviço de Radiodifusão Sonora está na categoria educativa.

A Rádio São José está filiada à Rede Milícia SAT e retransmite a produção jornalística da Rede Católica de Rádio (RCR) e da Rede Notícia da Amazônia (RNA). A estrutura administrativa da Rádio é composta por seis pessoas e dividida entre a direção, três operadores de áudio, uma auxiliar de serviços gerais e uma secretária. A direção-geral da emissora é de responsabilidade do sacerdote Fábio Rogério Pereira Bezerra, adepto da espiritualidade carismática e membro da Comunidade Católica Carismática Shalom. O público-alvo são ribeirinhos que moram nas ilhas do Pará, na região do Marajó e nas comunidades distantes as quais a Igreja Católica tem dificuldades de acessar devido à escassez de padres. A Rádio São José é mantida financeiramente por doações de fiéis, inserções comerciais, rifas, bingos e por investimentos da cúria da Diocese de Macapá. Na nossa pesquisa não identificamos a compra de horários por parte de nenhum organismo católico ou organismos não católicos. As inserções oracionais do bispo e dos padres presentes na programação da Rádio são iniciativas da direção que assumem os custos da execução destes programas. Ao longo da programação semanal, as atividades paroquiais e diocesanas são divulgadas.

### **Sobre a Programação da Rádio São José FM de Macapá**

O quadro a seguir mostra como está organizada a grade de programação da Rádio São José FM e foi elaborado com base em informações do site da Rádio e do encarte de 2019 do seu programa A Hora Santa, bem como pelo acompanhamento da programação.

Para fins de organização da natureza dos conteúdos veiculados, enquadraremos os programas listados na grade de programação da emissora em três gêneros: entretenimento; jornalístico; e confessional. No primeiro gênero estão os programas de músicas ou conteúdos que retratam o mundo da cultura da religião católica (seus atores, eventos, produtos e processos tradicionais que caracterizam essa prática religiosa). No gênero jornalístico estão os programas onde predominam a proposta de divulgar informação factual e de interesse público ligada à sociedade em geral, como também aqueles com função informativa orientada a agendar e destacar ações institucionais da Igreja. No terceiro gênero, confessional, estão as programações com foco na evangelização e difusão de conhecimentos e ensinamentos religiosos, marcadas por valores e perspectiva católicos. É importante destacar que alguns gêneros se entrecruzam na proposta de alguns programas (conforme quadro).

Observando a programação, o que se destaca é que a emissora tem concessão para operar como rádio educativa, o que a insere em um contexto particular no que se refere à sustentabilidade financeira e aos compromissos com a produção de conteúdo na comparação com rádios comerciais ou comunitárias – outras duas modalidades de outorga prevista no marco legal brasileiro. Na programação da Rádio, temos a presença institucional de programas e informações da Diocese de Macapá, programas ligados a grupos carismáticos: RCC, Comunidade Shalom e os programas musicais. Há também programas vinculados à Pastoral Familiar, grupos da Juventude Católica, Pastoral Vocacional, Pastoral Catequética e da Pastoral da Liturgia.

De acordo com Lopes (2011), a regulamentação da radiodifusão educativa está compreendida no Decreto-Lei nº 236/1967; no Decreto nº 2.108/1996; e na Portaria Interministerial nº 651/1999. O foco dessa modalidade de radiodifusão não é o lucro, como as emissoras comerciais; ao contrário, deve veicular programas educativo-culturais e atividades de natureza educacional, cultural, pedagógica e de orientação profissional (LOPES, 2011, p. 8). A essas emissoras está permitido o uso por sistemas de ensino como instrumento de apoio à formação básica, superior e

profissional, o que vincula a sua maioria a instituições e/ou fundações com atuação e vínculo com a educação.

A sustentabilidade de uma emissora educativa está na possibilidade de financiamento pela Lei Rouanet (Lei nº 8.313/1991) e pela Lei nº 9.637/1998, especificamente seu artigo 19, regulamentado pelo Decreto nº 5.396/2005, que permite a publicidade institucional de entidades de direito público e privado, que não pode ser confundida com comercial nos intervalos, como é comum em rádios comerciais, mas atender ao princípio educativo-cultural próprio das emissoras educativas (LOPES, 2011; LOPES, 2015).

O foco educativo-cultural marca a programação em uma emissora educativa, sendo a característica que obrigatoriamente deve constar inclusive em outros conteúdos divulgados (esportivo, entretenimento, informativo). Nesse aspecto, percebemos que a Rádio São José atua com uma agenda educativa que observa a religião como fenômeno cultural, e a ação comunicativa do veículo é atuar sob a perspectiva educativa na transferência de conhecimentos e saberes acumulados e (re)produzidos na apropriação da cultura católica por agentes inseridos na religião. Em linhas gerais, exercitam a evangelização acionando elementos da cultura católica em programas formatados para o entretenimento, para a difusão de informação jornalística e nos próprios programas confessionais, elaborados na perspectiva discursiva nos moldes estéticos (do ponto de vista da linguagem e formato) sob a lógica do espaço religioso tradicional (a Igreja).

Neste último caso, o protocolo de comunicação adotado no processo de evangelização acontece, sobremaneira, através da mídia (GOMES, 2002), na transposição de discursos, práticas e protocolos de comunicação constituídos por atores e na lógica do espaço institucional tradicional – a Igreja e seus respectivos circuitos sociais. Essa perspectiva segue com restrições uma ação no campo da comunicação distante da ação evangelizadora que não se dá *pela* e *através*, mas *nas* mídias (GOMES, 2002).

Essa ação evangelizadora nas mídias, exigindo recursos, linguagens e formatos mais específicos, é uma tendência hegemônica de comunicação midiática religiosa com pioneirismo das igrejas pentecostais que, observada na perspectiva da mídiatização, instaura um processo que marca a utilização pelo campo religioso do campo midiático como instância de realização e atualização da questão da fé (Gomes, 2002, p. 343).

Nesse processo, na lógica de produção e circulação de sentidos própria dos espaços midiáticos, a religião ressignifica o processo de oferta do serviço religioso, incorporada sob o paradigma de fiel que é massivo e homogêneo, que se articula a partir dos dispositivos midiáticos (com estética, linguagem e narrativa próprios), promovendo o consumo da experiência religiosa pautada em componentes discursivos emocionais, com pouca ou quase nenhuma participação no processo de comunhão e interação necessários à vivência religiosa espetacularizada (GOMES; FAUSTO NETO, 2005).

Na Rádio São José, a perspectiva da Igreja orienta a abordagem editorial para o agendamento e enquadramento dos temas e questões do campo da cultura e do campo jornalístico, em uma tentativa de educação (religiosa) pela mídia (GOMES, 2002), o que indica uma tradição predominante da comunicação eletrônica católica na evangelização do tipo difusionista da doutrina da Igreja sob uma perspectiva do fazer, compreendendo o potencial educativo da mídia radiofônica como instrumento que não pode ser evitado ou condenado, mas potencializado pela capacidade de difusão de um conhecimento produzido pelo campo religioso católico, conforme indicações de Gomes e Fausto Neto (2005).

Em entrevista, a direção da emissora afirmou que o perfil de atuação da Rádio acompanha o da Igreja Católica. Os estilos musicais tocados, a difusão de cultura com a veiculação de repertório musical vai além do gênero católico e da música popular – neste último caso, desde que não atentem para valores da religião, como apologia a aborto, morte, violência, entre outros.

A programação jornalística, como um eixo de conteúdos importantes e obrigatórios na programação de um veículo de natureza educativa, é predominantemente retransmitida por emissoras organizadas em redes: a Rede de Notícias da Amazônia (RNA) e a Rede Católica de Rádio. Sobre a programação, destacamos a produção informativa factual e voltada à prestação de serviços; o jornalismo se torna, assim, um instrumento para difundir informação sobre a atualidade sob o enquadramento da Igreja.

A RNA, que pensa a comunicação privilegiando a Amazônia, é constituída por 12 emissoras de rádio na região, com postura editorial atrelada à formação da consciência crítica, com proposta voltada a democratizar a comunicação considerando as especificidades da Amazônia. A Rádio São José não integra a rede, mas retransmite o conteúdo jornalístico produzido pelas emissoras integradas.

O conteúdo jornalístico retransmitido da RNA, para além de ser institucional, que informa sobre a ação da Igreja (como é o conteúdo jornalístico predominante produzido pela Rádio São José), adota postura crítica. Segundo Silva, na constituição da RNA, os bispos responsáveis pelas emissoras integrantes foram informados de que esta seria uma rede amazônica, e não católica, sendo “as emissoras convidadas ligadas às dioceses e prelazias por serem mais independentes do poder político e econômico” (SILVA, 2016, p. 57).

O conteúdo jornalístico retransmitido da RNA pela Rádio São José como parte de sua programação jornalística – *Caminhos da Amazônia e Jornal Notícias da Amazônia* – assume uma vertente crítica que destoa da produção jornalística local, pouco atrelada a observar o cotidiano e a agenda pública regional em um processo de enquadramento sob a ótica da Igreja, assumindo uma postura jornalística para divulgar as ações da instituição. Essa postura renuncia a outra estratégia de inserção do campo religioso quando pensada sua intersecção com as mídias: a inserção e disputa junto à opinião pública em torno de enquadramentos e sentidos construídos pelo discurso jornalístico demarcadamente significado pela perspectiva religiosa (como são emissoras comerciais geridas por grupos ou instituições religiosas pentecostais que imprimem na cobertura jornalística a narrativa definida por uma linha editorial aliada a estratégias e interesses das instituições religiosas que as controlam indiretamente).

O radialista, apresentador e operador de áudio da emissora, Fábio Tomaz, afirmou que a direção da Rádio orienta os locutores a não tomarem partido (no que se refere à preferência político-partidária). A recomendação é de que, quando forem citar algum problema político-social, que se fale no plural – “os políticos” – para não citar nomes e para que não comprometa a Rádio e a fundação educadora São José.

### **Rádio, Igreja e Concorrência Religiosa**

Nesse aspecto, destacamos a relação da mídia religiosa com a Igreja em um contexto de concorrência neste mercado que tem no campo midiático dispositivo para operar essa disputa. De imediato, é importante ressaltar que a inserção da Rádio São José no cenário midiático religioso do Amapá como canal educativo caracteriza-se, conforme exposto no item anterior, em uma ação comunicacional predominante da Igreja Católica na relação com os meios eletrônicos: a observância ao papel educativo dos meios para expandir os valores e ensinamentos católicos em

uma prática de evangelização através da mídia, focando a atenção nos aspectos produtivos (fazer) que envolve a comunicação.

Isso significa que a evangelização na mídia, que presume considerar a expertise e a especificidade de pensar a ambiência midiática para dela se apropriar estrategicamente para a oferta religiosa em um contexto de concorrência, está muito aquém do que é a produção de conteúdos e estratégias editoriais da Rádio. Para além dos conteúdos produzidos e registrados no mapa de programação evidenciarem essa caracterização geral que marca a inserção da emissora no campo midiático religioso local, essas considerações se amparam na configuração institucional que sustenta as estratégias e decisões editoriais. Isso nos leva a observar a relação da Rádio São José com a instituição religiosa, observando como se inter-relacionam na construção de uma esfera pública midiática católica no âmbito local.

O corpo técnico é reduzido. Os locutores são leigos voluntários participantes de pastorais e movimentos que passam por formação realizada pela Rádio sobre técnicas de locução, de programações e como produzir um programa. A avaliação da programação é feita pela direção da Rádio junto com os funcionários, principalmente com os operadores de áudio. Permanecem no ar os programas que estão, na avaliação do diretor, de fato respondendo à necessidade da emissora e alguns outros saíram do ar pela falta de audiência. A maioria dos leigos voluntários que está colaborando com a programação da Rádio são envolvidos em realidades sociais da diocese, mas não fazem parte das pastorais sociais.

A emissora mantém um processo decisório centralizado, sem a participação de agentes vinculados a pastorais sociais ou de grupos e movimentos internos que compõem a Igreja Católica. Há dificuldades para articular estratégias com as pastorais sociais para ocupação do espaço da Rádio, especialmente com a Pastoral da Comunicação (Pascom). A decisão da centralização deu-se em função de manter o caráter proselitista e confessional da Rádio São José por parte da direção da emissora. Havia um entendimento que a programação deveria ser totalmente de conteúdo católico, evitando-se programas, músicas e diálogos de outros credos religiosos, músicas secularizadas ou assuntos que não fossem de interesse institucional de grupos conservadores ligados à diocese de Macapá.

Houve uma tentativa frustrada de abrir espaço para a Pascom na grade de programação. Logo no início das atividades da emissora, a pastoral teve papel importante na formação de locutores e na sugestão dos programas que ainda hoje es-

tão no ar. Essa vertente aproximou-se do paradigma de ação comunicacional da Igreja centrado na promoção do saber, conforme indicado por Gomes (2002), valorizando um fazer comunicacional-educativo problematizador e crítico.

Para o jornalista Oscar Filho, a linha editorial dos anos de 1960 era mais educativa, mais proativa, mais preocupada com a qualidade, a informação, a opinião e a conscientização. A Rádio São José FM de Macapá não tem nada da Rádio Educadora São José AM; é outra emissora, é outra concessão, é outra sintonia:

Como nós tivemos que colocar a Rádio São José 100.5 no ar logo depois da concessão, assumiu inicialmente a direção o padre Lourenço, que depois se afastou, ele estava fazendo um curso de comunicação nas Paulinas, um jovem sacerdote, acho que até para vencer um pouco a timidez. O padre Lourenço me surpreendeu muito, ele era muito participativo, envolvia todo mundo na discussão. Hoje mais da metade da programação que está na São José FM no ar foi sugestão da Pascom, nome de programas, estruturas, propostas, ele pedia sugestão e cobrava, “estou precisando de uma ideia assim, mandem projetos para cá, vamos discutir, vamos sentar”, e essa coisa toda. E aí a gente foi organizando a programação da Rádio São José. Os meninos que estão hoje aí apresentando programa, o Angley, a Vovó Zete, sei lá, tantos outros lá, Angleson... A gente estava apresentando o programa “Fé na Vida”, e eles sentavam lá, na parede do estúdio, ficavam olhando para aprender, que também a Pascom fez oficina né? São pessoas mais jovens, mais interessadas em contribuir com a Rádio, teve um grupo de formação, uma ideia só? Também ajudou um pouquinho, era o que Dom Pedro pedia pra gente. Pela visão de Dom Pedro... ele chegou a pensar em a Rádio ser dirigida por leigos com a permissão do sacerdote mais a comunidade. Mas o clero vetou.<sup>4</sup>

Sobre a relação da emissora com os grupos internos da Igreja, como Comunidades Eclesiais de Base (CEBs),<sup>5</sup> e com os Organismos Católicos de inspiração carismática – RCC, Comunidade Católica Shalom<sup>6</sup> e Amigos da Canção Nova<sup>7</sup> –, o que se observa é a inserção restrita desses grupos no conjunto da programação da emissora, sem a participação nas decisões editoriais e gestão participativa da emissora. A Renovação Carismática Católica só tem espaço no programa “Cura-me Senhor”, às segundas-feiras, mas não atua nas decisões da emissora. Já a com relação às CEBs, a inserção na grade é com o programa “Círculo Bíblico no Rádio” (originalmente um quadro do programa “Fé na Vida”). O entendimento é que setores mais progressistas da Igreja Católica não estão de acordo com a linha editorial proposta pela direção da Rádio. Tais setores, que propõem uma programação voltada para abordagens das questões sociais e políticas do estado do Amapá, são contrá-

rios a uma visão mais confessional e proselitista e favoráveis a um diálogo maior com outros credos religiosos a partir da programação da Rádio.

### **Considerações finais**

A inserção da Rádio São José no cenário midiático religioso do Amapá está distante dos desafios concernentes à comunicação midiática religiosa em tempos de midiática (como marco conceitual para pensar mídia e religião) e de concorrência religiosa (como contexto para observar a ação institucional das igrejas no campo religioso) na contemporaneidade.

Os protocolos e estratégias de comunicação da Rádio estão calcadas, predominantemente, em uma agenda para a comunicação que observa a dimensão do fazer em uma proposta de evangelização através dos meios, deslocada de uma abordagem editorial ligada ao saber, em uma perspectiva educativa crítica tanto para o uso como para subsidiar diretrizes da comunicação, quando produzida pela Igreja. Ainda mais distante está de um protocolo de comunicação capaz de orientar a ação midiática mediada por uma postura que privilegie o pensar como diretriz para observar os processos comunicacionais e concebê-los quando produzidos pela Igreja, o que presume uma agenda mais participativa e integrada ao espaço não exclusivamente institucional da instituição religiosa, e sim da comunidade católica como um todo. Em nosso entendimento, essa constatação resulta da pouca capacidade de inclusão de outros atores no espaço decisório que define a perspectiva editorial da emissora, capaz de incorporar outros discursos e percepções que não se restrinjam à institucionalidade da Igreja.

Os discursos reiterados coletados na pesquisa de campo destacam a neutralidade, o não envolvimento político, a predominância de uma responsabilidade com uma agenda endógena (da instituição), a evangelização centrada na difusão da doutrina católica e enfatizada por um fazer que aproveita o canal midiático para falar a um público que a Igreja acredita atingir pelo potencial de difusão do veículo. Essa configuração revela o estágio de inserção que se mostra predominante ainda na comunicação católica na contemporaneidade. Esse cenário local reflete a falta de uma política de comunicação estratégica da Igreja Católica, permeada pela instabilidade e contradição identificada por Gomes (2002) ao observar a produção dos documentos sobre comunicação pela Igreja na década de 1990. A falta de atualização das

ações e estratégias de comunicação diante dos desafios que envolvem a ação da Igreja, que passam obrigatoriamente pela sua inserção no campo midiático contemporâneo são, em resumo, o diagnóstico para atuação da Rádio São José no âmbito local.

A própria programação revela uma fragilidade da emissora, como rádio educativa, de imprimir à produção local uma identidade que não se restrinja ao foco comum da ação comunicativa da Rádio, que é a prática predominante da evangelização eletrônica através do rádio sob ritos, discursos e linguagens que desconsideram o próprio papel da comunicação eletrônica em um contexto informacional. Cenário marcado pela organização dos dispositivos tecnológicos sob a lógica em rede e de apropriação do campo midiático pelo religioso, sob termos, estratégias e processos específicos orientados pelos próprios dispositivos midiáticos situados em um cenário concorrencial que não prescinde da ação dos meios de comunicação.

Somado a isso, a inserção da Rádio São José no campo midiático religioso local conta com uma frágil estrutura profissional, com forte presença de voluntários, por uma estratégia editorial que não incorpora no processo decisório e produtivo de conteúdos a diversidade e o conjunto das potencialidades em saber, fazer e pensar a religião que permeia a própria Igreja. Somada a isso está a vigência de uma prática comunicacional que pensa a comunicação católica de forma institucional, dependente da estrutura de poder da Igreja, até mesmo quando a instituição não exerce diretamente controle do veículo midiático.

### **Referências:**

ASSMANN, Hugo. *A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 2003.

CAMURÇA, Marcelo. Renovação Carismática Católica: entre tradição e modernidade. *Rhema*. Juiz de Fora: CES, v. 7, n. 25, 2001. pp. 169-186

CARVALHO, Joel Pacheco; REIS, Marcos Vinicius de Freitas. A Igreja Católica na Amazônia: diversidade religiosa e intolerância. *O Observatório da Religião*. Belém: UEPA, v. 3, n. 1, 2016. pp. 157-172.

CASTELLS, Manoel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CUNHA, Rodrigo do Espírito Santo; FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. *Rádio Educadora São José: O recurso rádio fônico na comunicação católica durante os Anos*

de Chumbo no Amapá, 2007. Disponível em: [www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/5º-encontro-2007-1/Radio%20Educadora%20Sao%20jose%20%20recurso%20radiofonico%20na.pdf](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/5º-encontro-2007-1/Radio%20Educadora%20Sao%20jose%20%20recurso%20radiofonico%20na.pdf). Acesso em 20 de maio de 2018.

GOMES, Pedro Gilberto. Decifra-me ou te devoro... Sobre a evangelização e a mídia do ponto de vista da comunicação. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte: FAJE, v.34, 2002. pp. 335-350.

LOPES, Ivonete da Silva. Televisão pública e modelos de financiamento: análise do caso brasileiro. *Eptic On-Line*. Aracaju: UFS, v. 17, n.1, 2015. , pp. 33-48.

LOPES, Cristiano Aguiar. *Regulação da radiodifusão educativa (Estudo)*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2011.

PIMENTEL, Walbi Silva. *A igreja dos pobres: Origem e desenvolvimento das CEBs no Amapá (1966-1983)*. Monografia (Especialização em História e Historiografia da Amazônia). Macapá: Universidade Federal do Amapá, 2015.

PROGRAMA A HORA SANTA 24 ANOS (encarte). A Conquista 6 anos em sintonia com a sua fé. Macapá: Arquiplan Projetos, 2019.

REIS, Marcos Vinicius de Freitas; CARMO, Arielson Teixeira. O Campo Religioso Amapaense: Uma análise a partir do Censo do IBGE de 2000 e 2010. *Revista Observatório da Religião*. Belém: UEPA, v. 2, n. 2, 2015. pp. 176-197.

SILVA, Antonia Costa da. *Belo Monte: Vozes que clamam o jornalismo ambiental e a Rede de Notícias da Amazônia*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016.

SILVEIRA, Emerson. José. *Catolicismo, mídia e consumo: Experiências e reflexões*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

TEIXEIRA, Faustino. MENEZES, Renata. *Religiões em movimento: O Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

---

<sup>1</sup>Os missionários do PIME também destacaram-se pela presença no interior do estado do Amazonas, no município de Parintins. Há padres do PIME também nos estados de São Paulo, Paraná, Pará e em algumas regiões do nordeste brasileiro.

<sup>2</sup>A orientação dos documentos oficiais da Igreja Católica é de que as rádios tenham programação de acordo com os valores católicos, sejam espaços de divulgação das atividades paroquiais e diocesanas e tenham por objetivo a atração de novos fiéis ou a manutenção dos que já dizem católicos.

<sup>3</sup>O Concílio Vaticano II foi iniciado em 1962 e concluído em 1965.

<sup>4</sup>Entrevista realizada com o jornalista Oscar Filho, no dia 4 de janeiro de 2020, nas dependências do Centro Diocesano de Macapá.

<sup>5</sup>As Comunidades Eclesiais de Bases são grupos de fiéis católicos organizados em comunidades que promovem diálogos e participação nos movimentos populares em defesa da vida e participam das discussões políticas e sociais. Teve início entre as décadas de 1970 e 1980, influenciado pela Teologia da Libertação.

<sup>6</sup>A Comunidade Católica Shalom, com presença em vários países, foi fundada em 1982, na cidade de Fortaleza, estado do Ceará. Os fundadores são Moyses Filho e Emir Nogueira. No Amapá, está presente desde os anos de 1990. As atividades desenvolvidas são projetos sociais, formações, retiros espirituais e missas

<sup>7</sup>A Comunidade Canção Nova foi fundada em 1979 pelo Pe. Jonas Abib, na cidade de Cachoeira Paulista, interior do estado de São Paulo. Com presença em vários países, no Amapá as atividades são desenvolvidas desde os anos 2000.

*Recebido em 25/09/2020*

*Aceito para publicação em 26/03/2021*

**Anexo I:**Tabela de Programação Rádio São José FM de Macapá

<b>Programa</b>	<b>Apresentador</b>	<b>Dia da semana</b>	<b>Horário</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Gênero</b>
<b>Despertar da Fé</b>	Elielson Lacerda (Movimento Eucarístico Jovem) e convidados	Segunda a sexta-feira	6h – 7h	Incentivar os ouvintes a criarem o hábito de fazer oração pela manhã, ler o evangelho do dia e refletir sobre a palavra diária.	Confessional
<b>Jornal Brasil Hoje</b>	Produzido pela Rede Católica de Rádio	Segunda a sexta-feira	7h – 8h	Levar ao ar um jornal produzido por emissoras que trabalhem de forma conotativa mantendo a mensagem do evangelho e a responsabilidade jornalística, bem como difundir informações da Igreja Católica no Brasil.	Jornalístico
<b>Jornal Amapá Hoje</b>	Atualmente sem apresentador e sem produção	Segunda a sexta-feira	Atualmente fora do ar	Levar ao ar um jornal com responsabilidade jornalística mantendo a mensagem do evangelho e informando sobre a ação da Igreja Católica no Brasil.	Jornalístico
<b>Clube do Ouvinte</b>	Zeth Carvalho (Membro da Liturgia da Diocese de Macapá)	Segunda a sexta-feira	8h30 – 10h	Interação com o ouvinte, pedido musical católico e informações sobre as atividades realizadas nas igrejas da cidade e do interior.	Entretenimento
<b>De Bem com a Vida</b>	Angley Pantoja (Juventude Missionária)	Segunda a sexta-feira	10h – 12h	Levar entretenimento, participação do ouvinte, informações sobre eventos locais e dicas de saúde, esporte, lazer, direitos, meio ambiente etc.	Entretenimento
<b>Santo do Dia</b>	Padre Gerso Lucio	Segunda a sexta-feira	6h; 12h; 17h e 23h	Apresentar a história e testemunho de vida do santo ao qual a Igreja faz memória naquele dia.	Confessional
<b>Palavra do Bispo</b>	Dom Pedro José Cont	Segunda a sexta-feira	6h; 12h; 17h e 23h	Levar aos ouvintes reflexões da vida cristã, explicações sobre o cotidiano da vida em Igreja, bem como aproximar o bispo do ouvinte católico, em especial os ouvintes das ilhas.	Confessional
<b>Fé na Vida</b>	Fábio Tomaz (Radialista Católico) e Danilo Oliveira (Pastoral Carcerária)	Segunda a sexta-feira	12h15 – 14h	Interação com ouvintes e propagação da música católica.	Entretenimento
<b>Catequese em Família</b>	Solange Santos (Catequista e Ministra da Eucaristia) e Claudio Lima (Ministro da Eucaristia)	Segunda a sábado	14h – 15h	Catequizar e evangelizar as famílias por meio da reflexão do evangelho, leituras bíblicas e orações.	Confessional
<b>Terço da Divina</b>	Grupos Paroquiais do	Segunda a sex-	15h	Rezar o Terço da Divina Misericórdia.	Confessional

<b>Misericórdia</b>	Terço da Divina Misericórdia	ta-feira			
<b>Canção Mariana</b>	Rodrigo Brito e Gilberto Pires	Segunda a sexta-feira	15h30 – 17h	Busca propagar testemunhos de fé a Maria, catequese, terço mariano e música mariana.	Confessional
<b>Transmissão ao vivo da novena e missa direto do Santuário Nossa Senhora do Perpétuo Socorro</b>	-	Terça-feira	17h – 18h	Oportunizar que os ouvintes do interior, das ilhas e aqueles impossibilitados de se deslocar até uma igreja participem da missa.	Confessional
<b>Terço da Divina Providência + Novena de São José</b>	Pe. Fábio Rogério Pereira e Marinete Pires	Segunda, quarta, quinta e sexta-feira	17h15 – 17h30	Rezar o terço da Divina Novena de São José, alcançando os ouvintes do interior, das ilhas e aqueles impossibilitados de se deslocarem até uma igreja ou outro local onde possam fazer seus pedidos e intenções. A Novena de São José alcança os ouvintes do interior, das ilhas e aqueles impossibilitados de se deslocarem até uma igreja ou local onde possam fazer seus pedidos e intenções.	Confessional
<b>Programa Viva a Vida</b>	Pastoral da Criança Nacional	Segunda-feira	17h30 – 18h	Levar informações sobre saúde, educação infantil, maternidade, gestação e transformação social.	Jornalístico
<b>Círculo Bíblico no Rádio</b>	Izabel Campos (CEBS), Áurea Maria (CEBS) e Maria do Rosário (CEBS)	Quarta-feira	17h30 – 18h	Evangelizar as famílias por meio da leitura orante, meditação, oração, contemplação e ação. Também busca dar a oportunidade aos ouvintes do interior, das ilhas e aqueles impossibilitados de se deslocarem até uma igreja ou local onde acontece o círculo bíblico.	Confessional
<b>Alegria e Fé</b>	Antônio Saraiva (Escola Diaconal) e João Pires (Músico de Banda Católica)	Segunda a sexta-feira	18h – 19h	Reflexão do evangelho do dia, interação e pedido de oração pelos ouvintes.	Confessional
<b>Jornal A Voz do Brasil</b>	Programação obrigatória produzida pela Empresa Brasil de Comunicação				Jornalístico
<b>Jornal Notícias da Amazônia</b>	Produção da Rede Notícias da Amazônia (RNA)	Segunda a sexta-feira	8h – 8h30	Noticiário que divulga os acontecimentos da Igreja e os fatos sociais, políticos e econômicos dos municípios da Amazônia onde estão localizadas as emissoras associadas.	Jornalístico
<b>Escola da Fé</b>	Elton Favacho	Segunda a sexta-feira	21h – 22h	Reviver em forma catequética os documentos, personalidades e acontecimentos da Igreja Católica.	Confessional/ Entretenimento

<b>Cura-me, Senhor</b>	Membros dos Movimentos RCC, Amigos Canção Nova Macapá e Meninos de Fátima	Segunda a sexta-feira	22h – 0h	Levar a oração, meditação do evangelho e músicas aos ouvintes que passam por algum tipo de problema pessoal. Cada dia da semana um grupo fica responsável pela produção e apresentação do programa.	Confessional
<b>Vocação e Vida Deus te Chama</b>	Irmão Josimar (Religioso), Irmã Carmelita Luciana (Religiosa), Anderson, Nilma e José Menezes  Padre Edvaldo (Sacerdote) e Seminaristas do Seminário São José	Sábado	8h – 9h	Fazer reflexão e animação para divulgar e incentivar a vida vocacional. Cada sábado do mês, um grupo fica responsável pela produção e apresentação do programa.	Confessional/ Entretenimento
<b>Catecrista</b>	Cintia Batista	Sábado	9h – 10h	Programa voltado para as crianças ouvintes da programação.	Entretenimento
<b>Espaço MPB</b>	Edinete Moraes e Cristina Homobono, Josiane Calazans e João Ataíde	Sábado	10h – 12h	Valorização e divulgação da música popular brasileira e amapaense (MPB e MPA) e entrevistas voltadas para temas relacionados à cultura amapaense e brasileira, música, poesia e leitura.	Entretenimento
<b>Caminhos da Amazônia</b>	Produzido pela Rede de Notícias da Amazônia – RNA	Sábado	12h – 13h	Divulgar informações e orientações sobre a preservação da Amazônia por meio de personagens do cotidiano amazônida.	Jornalístico
<b>Caminhos da Missão</b>	Membros da Comunidade – Infância e Juventude Missionária: Angleson Pinheiro, Marcell Coimbra e Artur Diego	Sábado	13h30 – 15h	Refletir a palavra e temas voltados para a missão na infância, adolescência e juventude missionária; também divulga ações e atividades do grupo que acontecem na diocese e no mundo.	Confessional
<b>Clube do Ouvinte Especial de Sábado</b>	Marinete Pires	Sábado	15h – 17h	Uma continuidade do programa da semana, com interação com o ouvinte e dando destaque para as músicas católicas mais tocadas ao longo da semana.	Entretenimento
<b>Pastoral Familiar em Missão</b>	Os casais membros da Pastoral Familiar: Admilson e Mariza, José Maria e Ana Virginia, Pena e France	Sábado	17h – 18h30	Levar reflexão sobre a vida familiar a partir de temas do cotidiano da Igreja. Também divulga as ações e atividades realizadas pela Pastoral Familiar na cidade de Macapá e em todos os municípios, bem como nas ilhas do estado do Pará.	Jornalístico/ Confessional

<b>Aquarela Musical</b>	Graça Penafort (Pascom) e Luiz Tadeu Magalhães	Sábado	18h30 – 20h	Propagar a história de compositores de música erudita, clássica e popular.	Entretenimento
<b>Rádio Saudade</b>	Fábio Tomaz, Dayse Sá e Suellen Fagundes	Sábado	20h – 23h	Compartilhar saudade e sentimento nostálgico por meio da música antiga a partir da interação com o ouvinte.	Entretenimento
<b>Transmissão da Missa Direto de uma Paróquia</b>	-	Domingo	7h30 – 8h30	Oportunizar aos ouvintes do interior, das ilhas e aquelas impossibilitado de se deslocar que participem da missa em alguma igreja.	Confessional
<b>Remix 100.5 FM</b>	Músicas programadas	Domingo	8h30 – 9h	Propagar as músicas católicas a partir da mixagem.	Entretenimento
<b>#Juventude</b>	Elizângela Picanço (Focolares)	Domingo	9h – 11h	Programação voltada para a juventude, levando informações de interesse jovem, reflexão do evangelho e informações dos acontecimentos na igreja voltados para a juventude, católica ou não.	Entretenimento
<b>Antenados São José</b>	Elton Favacho, Elielson Lacerda e João Pires	Domingo	11h – 12h	Propagação de bandas, cantores e projetos musicais católicos.	Entretenimento
<b>Agita 100.5</b>	Edineusa Matos (Líder de Comunidade) Alberto Santos (Juventude Missionária)	Domingo	12h – 13h30	Propagar ritmos musicais católicos, bem como levar ao conhecimento dos ouvintes os mais diversos ritmos da música católica.	Entretenimento
<b>A Hora Santa</b>	Reginaldo Santos e Antônio Santos (Ministros da Eucaristia)	Domingo	13h30 – 15h	Busca levar a reflexão do evangelho e fazer interação com o ouvinte.	Entretenimento
<b>Para Ver a Paz Acontecer</b>	Nielton Trindade Comunidade Católica Shalom	Domingo	16h30 – 18h	Reflexão dos temas tratado pela igreja sobre a paz e interação com ouvinte.	Entretenimento
<b>Transmissão ao Vivo – Missa Direto da Catedral de São José de Macapá</b>		Domingo	19h – 20h	Oportunizar que os ouvintes do interior, das ilhas e aqueles impossibilitados de se deslocar até uma igreja participem da missa.	Confessional
<b>Festival de Sucesso</b>	Casal Radialista Celso Rabelo e Marleide Lima	Domingo	20h – 23h	Interação com o ouvinte e seleção de músicas de estilos não católicos.	Entretenimento

Fonte: Elaborada com base nas informações do site da emissora e naquelas escutas da programação durante 4 meses no ano de 2019

## Religião, política e pandemia

Religion, politics and the pandemic

Kamisson Danyel de Azevedo Silva\*

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-16>

PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo (org.). *Religiões em tempo de crise*. São Bernardo do Campo: Ambigrama, 2020. 108 p. Disponível em: [https://www2.ufjf.br/ppcir/wpcontent/uploads/sites/145/2020/09/Religiao\\_em\\_tempos\\_de\\_Crise-livro-final](https://www2.ufjf.br/ppcir/wpcontent/uploads/sites/145/2020/09/Religiao_em_tempos_de_Crise-livro-final).

Em 2020 o mundo viu surgir, se espalhar e devastar rapidamente a pandemia da Covid-19. Sua origem, cura, tratamento eficaz e meios profiláticos ainda são incertos. De forma repentina as rotinas foram alteradas. O uso de máscaras e constante higienização das mãos, seja com água e sabão, ou com o, hoje inseparável, álcool em gel, passaram a fazer parte de nossos cuidados rotineiros. Até mesmo o aperto de mão ou saudações mais afetuosas, como os calorosos abraços, sempre acompanhadas pelos dois beijinhos, tão comuns a nós brasileiros, foram deixadas de lado. Em março de 2020, obedecendo às orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), em meio a uma forte disputa política em nosso país, muitos governadores e prefeitos decretaram isolamento social e até *lockdown* em seus respectivos estados e municípios. Tal medida se justifica visando evitar o colapso do já tão frágil sistema de saúde. Indústrias, comércio, serviços, instituições de ensino tiveram que fechar suas portas. Hora de se reinventar. Buscar uma maneira de “fugir” do isolamento social, cuidando da saúde, não se colocando em risco de contágio e, de certa forma, protegendo a todos.

Dentro dessa nova realidade que a pandemia nos impunha, o grupo de pesquisa Estudo em Teorias da Religião (ETER) do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, valendo-se das tecnologias, criou o *Religando: Curso de extensão da quarentena*. É desse projeto

---

\* Graduado em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: [kamisson@gmail.com](mailto:kamisson@gmail.com).

que nasce o livro *Religião em tempos de crise*, organizado por Frederico Pieper e Danilo Mendes.

O livro é composto por quatro capítulos, escritos por autores diferentes, que não precisam ser lidos em sequência, deixando o leitor à vontade para escolher por qual capítulo dar início a leitura da obra, pois um não depende do outro para ser compreendido. No primeiro capítulo, assinado pelos organizadores, é apresentado e debatido o tema *Religião e necropolítica*, alicerçados no termo cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, necropolítica, os autores refletem sobre as medidas adotadas pelos governantes, refletindo sobre algumas falas e atitudes por eles assumidas, colocando (ou permitindo) que algumas classes sociais estejam mais propensas a morte que outras. Entre as justificativas para as ações que avalizam a necropolítica se insere, também, a religião, corroborando com a “dicotomia nós e eles” (p. 18). Segregação capaz de tornar não apenas aceitável, mas cotidiana a união de grupos que se formam não “a partir da identificação de projetos comuns, mas a partir do medo e do ódio a um inimigo comum” (p. 14).

Neste capítulo encontramos ainda dois termos, que seriam derivados da necropolítica: necroteologia e necroreligião. São as definições utilizadas pelos autores para explicar essa intrínseca relação. A primeira se apresenta quando “a religião também serve como sustentação mitológica da lógica necropolítica” (p. 31) e, a segunda quando a religião age em defesa de opressores, sejam esses, pessoas, instituições ou políticas, dizimando através da prática religiosa imposta memórias e crenças. O texto tem por finalidade apresentar a forma como religião e necropolítica se articulam, evidenciando essa realidade no Brasil, buscando fazer conhecer, para, só assim, poder denunciar.

*Pentecostalismo, política e conservadorismo* é o tema do segundo capítulo, das autoras Elisa Rodrigues e Ana Gouvêa. A laicidade dos poderes públicos aqui é fortemente questionada, e as autoras buscam na teologia e na origem do pentecostalismo as explicações para como esse conservadorismo se fez tão presente na política, não só a nível nacional. Os Estados Unidos, com o forte apoio dos pentecostais à eleição e, conseqüentemente, ao governo de Donald Trump, também é apresentado. A forma como a “moral evangélica” pauta decisões importantes na política nacional, e a dicotomia “filhos da luz” x “filhos das trevas”, também são amplamente discutidos neste capítulo. As autoras evidenciam a maneira como temas defendidos por grupos pentecostais conservadores se assemelham ou, co-

mo elas definem, “caminham de mãos dadas com aqueles que defendem o liberalismo econômico” (p. 56).

Edson Almeida e Gustavo Martins, no terceiro capítulo, nos levam a conhecer ou, para os que já o conhecem, proporcionam uma nova maneira de compreender o “singular pensamento” do psicanalista, teólogo, educador, pastor e escritor Rubem Alves. O título, *Variações sobre Rubem Alves*, é uma paráfrase de um livro do próprio Rubem, o *Variações sobre o Prazer*. Os autores subdividem o capítulo em três partes e em cada uma evidenciam uma face do gênio. Primeiro, o teólogo. Apresentam o início dos estudos no Seminário Presbiteriano do Sul, sob a forte influência sofrida do professor Richard Shaull, e como as mudanças no estudo teológico entre os séculos XIX e XX impactaram a teologia de Rubem Alves.

Segundo o cientista da religião, com sua forma suave de escrita e sua pedagogia reflexiva. Tão saborosa quanto os morangos frescos, como diria o próprio Rubem. Encerrando as multifaces de Rubem Alves, o *teopoeta*. Aquele que fez da imaginação o eixo de sua teologia. Entretanto, é oportuno colocar que o capítulo destoa do contexto da obra. Não apresenta, ao contrário dos demais, uma conexão direta com o contexto pandêmico, que serviu de alicerce aos temas abordados no projeto. Por fim, *Espiritualidade em tempos de pandemia* encerra a obra. Esse capítulo apresenta como, em meio a momentos difíceis, a espiritualidade tanto serve de conforto ao seu enfrentamento, como pode influenciar negativamente. Tornando-se uma “barreira” que fomenta discursos negacionistas.

Os autores, Cláudio Ribeiro e André Abijaudi discutem o que é espiritualidade e apresentam um prognóstico de como ela se desenvolverá dentro do processo pandêmico. *Religiões em tempo de crise* destaca-se como uma obra atual, clara, fluida e perspicaz. Os autores não se descuidam do referencial teórico, fazendo uso de comparativos e citações, atrelando ao texto não apenas suas opiniões, mas, de forma segura, apresentam reflexões que, ao leitor, servem de janela para observar mais além. É um convite a se debruçar de maneira mais atenta sobre a ciência das religiões e perceber como a religião, perpassando os altares e os muros dos templos, está totalmente inserida em nossos dias.

*Recebida em 12/02/2021*

*Aceita para publicação em 10/03/2021*